
Marcela Serrano
Dez mulheres

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

© Marcela Serrano, 2011
c/o Guillermo Schavelzon & Asoc., Agencia Literaria
www.schavelzon.com
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Diez mujeres

Capa
Marianne Lépine

Imagem de capa
Radius Images/Latinstock

Revisão
Taís Monteiro
Mariana Freire Lopes
Ana Kronemberger

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

PRISA EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S498d

Dez mulheres [recurso eletrônico] / Marcela Serrano;
tradução Paulina Wacht e Ari Roitman. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
recurso digital

Tradução de: *Diez mujeres*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
233p. ISBN 978-85-7962-155-0 (recurso eletrônico)

1. Romance chileno. 2. Livros eletrônicos. I. Wacht, Paulina. II. Roitman, Ari. III. Título.

12-5157 CDD: 868.99333

Para Horacio Serrano,
in memoriam

A vida na terra sai bastante barata.
Pelos sonhos, por exemplo, não se paga nem um tostão.
Pelas ilusões, só quando se perdem.
Por possuir um corpo, paga-se com o corpo.

Wislawa Szymborska, Aquí

As doidas, lá vêm as doidas, devem dizer os trabalhadores do lugar, espiando atrás das árvores. Natasha não sabe muito bem o que a diverte mais, observar o desconcerto desses homens fortes com picaretas e enxadões na mão, ou as mulheres que nesse momento estão descendo de uma enorme caminhonete. Uma por uma, elas desembarcam e pisam com firmeza na terra polvilhada de areia, como se quisessem manter os pés bem apoiados nela.

Talvez alguma delas goste da ideia de ser objeto de observação ou de desconfiança, pensa, e lembra de Andrea dizendo alegremente ao se despedir na quinta-feira passada: avise a eles, Natasha, que nós somos apenas um pouco neuróticas e não loucas de pedra!

Sem pudor, os homens pararam de trabalhar e, apoiando-se nas ferramentas, ficam olhando para elas. Há para todos os gostos. Os que preferem morenas têm mais o que escolher. Baixas, altas, jovens, velhas, magras e cheias de carne. São nove mulheres. São muitas mulheres. A relva já foi cortada, os sacos plásticos pretos cheios de grama estão nos troncos de dois abacateiros enormes. O aroma fresco chega até a casa principal do instituto e para Natasha o cheiro da grama se mistura com o da cordilheira. Quando lhe emprestou o lugar, o diretor tinha avisado: aos sábados fazem a manutenção do jardim. Para Natasha, mais que um jardim isto é um parque. Ela gostaria de saber o nome de todas as árvores, só reconhece a magnólia, as acácias e os jacarandás, tem iguais na sua casa de campo no vale do Aconcagua. Mas aqui está nos arredores de Santiago, e a cordilheira dos Andes parece uma devassa mostrando seus atributos.

Um pouco titubeantes, as mulheres vêm andando até a casa. Algumas olham entusiasmadas o parque e o colorido das flores, outras conversam. Mané deu o braço a Guadalupe, inclinando-se sobre o ombro dela. Que par: a mais velha e a mais nova. Natasha pensa que a curiosidade sempre vai salvar Mané, não tem a menor dúvida de que a essa altura ela já descobriu tudo sobre os piercings no nariz e na orelha da outra e passou a mão por sua cabeça quase raspada. E que Guadalupe se divertiu, ela que é tão propensa a dar risadas. Estão todas juntas há pelo menos meia hora, desde que entraram na caminhonete em frente à saída do metrô Tobalaba. Calcula que na altura da avenida Ossa, Juani ou Simona devem ter quebrado o gelo e que, entrando na Peñalolén, conseguiram descontrair as mais inibidas. Talvez tenham arrancado um sorriso de Layla. Ou a voz de Luisa. Andrea ficou para trás, o que está fazendo? Natasha sorri: assinando um autógrafo. O jardineiro que pouco antes estava podando umas roseiras jogou as

tesouras no chão e num rompante de ousadia foi atrás dela. Acontece a mesma coisa no consultório ou no hospital, Andrea vive dando autógrafos, é o seu carma. Ana Rosa ficou no meio do caminho, tinha que avançar junto com as outras, mas ficou fascinada olhando para Andrea, não consegue tirar os olhos dela. Francisca, com a bolsa de crocodilo aberta — nunca a fecha —, acende um cigarro, com medo de que a proíbam de fumar o dia todo. Francisca parece menos pálida, dá vontade de deixá-la no sol em vez de mandá-la para dentro de uma sala. E hoje veio de jeans, é a primeira vez que a vê com uma roupa mais informal. Simona, com um poncho de alpaca branca, se aproxima dela e pede fogo. As duas aspiram a fumaça com prazer, recebendo o sol no rosto, para aproveitar o último minuto em que podem fazê-lo. Minhas duas pacientes mais antigas, diz Natasha para si mesma, e é a primeira vez que as vejo juntas. Irracionalmente pensa, como eu gostaria que tivessem contato além deste dia, que uma pudesse contar com a outra.

Atrás da janela, segurando uma cortina de filó, Natasha observa todas com atenção. Tenta imaginar a manhã deste dia, cada uma delas se preparando para vir ao encontro. Embora procure manter uma certa distância, é sempre difícil ignorar as lufadas de ternura que essas mulheres lhe provocam. Imagina algumas saindo de uma cama vazia quando ainda estava escuro, outras deixando nela um corpo morno e amigo. Deviam estar cansadas depois da semana toda, um pouco mais de sono cairia muito bem. Prepararam o café da manhã, um café forte no caso de Simona, um chazinho aguado no de Ana Rosa. Francisca só comeu uma fruta, como sempre, e Juani um pão com manteiga e geleia. Alguma devia comer em pé na mesa da cozinha, preparando o dia da casa para sua ausência, outra sentada na sala, uma delas talvez tenha levado a xícara ou uma bandeja para a cama junto com o jornal que apanhou debaixo da porta. O mais provável é que todas estivessem um pouco apressadas. Não era ocasião para se chegar tarde. E a caminhonete as esperava às nove. Nenhuma ia querer decepcioná-la, a ela, Natasha, atrasando as outras ou não aparecendo. Tomaram os remédios que tomam toda manhã, na esperança de combater este ou aquele mal. Quase todas, um antidepressivo receitado por ela mesma. Todas se esforçando para ser um pouquinho mais felizes. Para se curar. Todas honestamente aplicadas em viver a melhor das vidas dentro do que lhes coube. Umas tomaram banho e lavaram o cabelo, alguma pode ter entrado na banheira e todas se olharam no espelho porque tinham um dia especial pela frente. Sabem que não são apenas palavras o que as espera. Uma quis se maquiar um pouco, mostrar a sua melhor cara. Outra achou que era inadequado. Cada uma trazendo quem inevitavelmente é. Com uma pequena dor em determinada parte do corpo, com algum incômodo, com o que os cansados músculos e ligamentos estão acostumados a carregar. Na hora

de se vestir, de escolher o que usar, uma hora em que muitas mulheres se detestam, quantas delas trocaram de roupa porque não gostaram do que viram? Entre La Dehesa e Maipú, existe alguma diferença nesse minuto em frente ao espelho? Que venha a cegueira, que venha, pensa Natasha, qualquer coisa para evitar a contaminação inevitável, brutal, que toda mulher sofre nas dificuldades do cotidiano. Dos dezenove anos de Guadalupe aos setenta e cinco de Mané, alguma delas titubeou no esforço de ter a melhor aparência possível? Atrás do colete preto ou da blusa rosa, não estavam todas cheias de brios, acumulando fôlego para o dia que as esperava? A aparência que elas têm hoje é definitivamente honesta, não há trabalhos, escritórios ou formalidades para enquadrá-las, como vieram hoje é como elas realmente são.

E estão todas tão lindas, pensa Natasha.

Como me comovem as mulheres. Como me entristecem. Por que metade da humanidade suportou um peso tão grande e deixou a outra descansar? Não tenho medo de ser boba, pensa Natasha, sei o que digo. Sei por que estou dizendo.

Não as vê mais no caminho. Devem ter entrado na casa. Natasha solta a cortina da janela por onde estava olhando as nove mulheres e sai da sala. É hora de recebê-las.

Francisca

Odeio a minha mãe. Ou me odeio, sei lá. Acho que é por isso que estou aqui. O ódio cansa. E acostumar-se com ele não resolve nada.

Ou melhor: você nunca se acostuma.

Não sei por que Natasha me pediu para ser a primeira, fico constrangida de começar. Talvez por ser a paciente mais antiga. Ninguém tem mais tempo de terapia que eu! Além do mais, vocês me dão uma curiosidade enorme. Vamos ser francas: aqui os ciúmes voam pelo ar. Todas nós devemos estar bastante enciumadas umas das outras. Observei como nos olhamos ao entrar na caminhonete, a tensão com que nos cumprimentamos, como se fôssemos campeãs olímpicas que vão disputar a medalha de ouro e como se cada uma que passa pela linha de entrada fosse sua concorrente. Talvez eu esteja exagerando, não liguem. A terapia tem essa coisa cruel: para você o terapeuta é único, mas não o contrário. Que injustiça! É a relação mais desigual que se pode imaginar. Eu gostaria de pensar que Natasha não gosta de ninguém mais além de mim, que ninguém a diverte tanto quanto eu, que não sente tanta pena e compaixão, não se envolve tanto com mais ninguém. Afinal de contas, toda a intimidade de que sou capaz está nas suas mãos, e minha fantasia é de que ela só tivesse a minha. Como suportar que também tenha a intimidade de cada uma de vocês? Será que ela faz cada uma sentir-se tão amada e valorizada quanto a mim? Será que inventa para cada uma o mesmo lugar aconchegante, o mesmo refúgio à prova de balas no seu consultório? Terá realmente espaço interno para amar a nós *todas*?

Um dia li num jornal espanhol: “Presos por abandonar a filha no carrinho para ir beber.” Esse era o título. Logo abaixo explicavam que o filho de doze anos de um casal de Lérida chamou a polícia porque seus pais voltaram para casa embriagados e sem sua irmã. Essa notícia me deixou abalada e me fez procurar Natasha. Até então eu sempre pensava, para que mudar, para que mexer nas coisas se posso viver paralisada. Estava convencida de que um coração gelado era uma grande virtude.

Quando entrei no consultório de Natasha já sabia que minha terapia era de vida ou morte: precisava cortar a minha linhagem materna pela raiz, parar a repetição. Entendam bem, não é um problema de genes ou de DNA, é uma questão de criação. Tudo estava confabulado para que eu própria fosse perversa, uma abusadora ou maltratadora. Sem saber, lancei mão de uma enorme energia interna, casei e tive filhos, lutando por isso todo dia, todo santo dia. Às vezes me

pergunto de onde tirei tanta energia. Do meu pai? De Deus, a quem amo e rezo apesar de tudo? Da graça do meu irmão Nicolás, que de algum lugar me ditava os meus próprios perigos? Acho que foi o instinto, o simples instinto. Eu não tinha uma imagem interna de como era uma família normal. Na verdade sou um milagre.

Estava nua quando entrei no consultório de Natasha.

Meu nome é Francisca — até o meu nome é comum, quantas Franciscas cada uma de vocês conhece? — e acabei de fazer quarenta e dois anos, uma etapa complicada. Você é jovem, mas nem tanto, ainda não é velha, mas já é um pouquinho, nem uma coisa nem outra, transição de uma coisa para a outra, começo de decadência. Às vezes me dá vontade de *já* ter envelhecido, de ser uma anciã que já resolveu todas as suas expectativas.

Sou sócia de uma imobiliária e as coisas vão bastante bem. Mas, isso sim, trabalho muito, muito mesmo. Fiz o caminho clássico, comecei como assistente de um arquiteto importante até me tornar seu braço direito e terminar sendo insubstituível. Temos um escritório em Providencia com quatorze funcionários fixos e bastante movimento. Eu também sou arquiteta, o espaço é a minha grande paixão. Sou casada com Vicente, engenheiro civil, e temos três filhas, que maldição, só mulheres. Também neste aspecto tudo caminha bastante bem. Dizem que o meu marido é um homem difícil e provavelmente seja mesmo, mas eu me dou muito bem com ele. E, por mais que pareça estranho, o amo e sou fiel.

A paralisia é um dos meus estados mais frequentes. O que chamo de paralisia é a vida diária: acordar cedo toda manhã, deixar as meninas no colégio, passar na academia e fazer quarenta e cinco minutos de pilates, ir para o escritório, ter lucidez na discussão com o advogado da empresa, supervisionar as tarefas de todo o pessoal, controlar o movimento dos vários edifícios que administramos, brigar com a nova encarregada de vendas com quem não me dou bem, almoçar — de preferência com uma amiga e não um sanduíche às pressas —, usar dois neurônios diante do computador, mais dois com os clientes, visitar algum apartamento quase sempre feio, entrar em agonia com essas verdadeiras caixas de fósforos sem imaginação que constroem hoje em dia embaladas em palavras forâneas e grandiloquentes como *walk-in closet*, *loggia*, *home office*, nos dias de sorte assinar um contrato, voltar para casa torturada pelo trânsito de merda de Santiago, conversar um pouco com meu marido, ver os deveres das meninas, esquentar qualquer coisa para o jantar, alguma coisa fácil e rápida, ver as notícias, esbravejar um pouco diante de tal ou qual declaração, tentar entender direito a parte econômica, enfim... abraçar minhas filhas, dar muitos beijos nelas

e ir para a cama. Sexo algumas noites, mas de preferência quando não tenho que acordar muito cedo. E, tudo bem, reconheço que nem sempre é uma paixão desenfreada, às vezes faço amor sem muita empolgação, mas faço.

Quantas mulheres têm essa mesma rotina? Milhares e milhares em volta do globo terrestre. Todas as quarentonas com suas vidinhas nas costas, no fundo insignificantes e inofensivas, umas um pouco mais inteligentes, outras mais amáveis, outras mais ambiciosas, outras mais divertidas, mas afinal de contas todas iguais. Mergulhadas numa luta feroz para serem vistas como seres especiais, legitimamente combativas para marcar sua diferença. Todas exaustas. Pode-se fazer delas um padrão bastante preciso. Dá até para se pensar que, quando viu uma, viu todas. Certos dias você não tem assunto com o marido, as histórias dos seus filhos enchem a sua paciência e então você sonha que vai para a cama com o George Clooney. Outras vezes, simplesmente não sente nada. Faz tudo do melhor jeito que pode, mas sempre no automático. E se for atropelada atravessando a rua talvez nem perceba. Você não sofre, é uma pedra de gelo. Quando esses dias se prolongam muito, começo a chamá-los formalmente de "Os Dias da Paralisia", se bem que, acreditem, demoro um bocado para perceber que estou metida neles porque a própria imobilidade me cega.

Deixem-me contar uma coisa. Um dia meu marido me acusou de ser frígida. Coitadinho, demorou para notar! Neguei, para acalmá-lo. Eu nunca tinha me perguntado se era frígida ou não, nem me interessava por uma definição a respeito disso. Só sabia dos estados de absoluta indiferença em que mergulhava. Mas também conheço outros estados: os de paixão, os de indignação. Como todo mundo! E me apego às minhas coisas, e morro de amor e de gratidão e de masoquismo quando não estou paralisada. Vou dar um exemplo.

Só existem dois machos na minha vida. Meu marido e meu gato. Cheguei à conclusão de que ambos saíram do mesmo molde e de que há algo insano na minha maneira de amá-los.

Meu gato é um antipático. Ele é enorme, barrigudo, tem listras vermelhas e amarelas (eu o chamo de "meu tigre" por mais que as minhas filhas me gozem). Não tenho dúvida de que me ama, mas está sempre fugindo, como se achasse que fora de casa tudo é melhor. Não é fácil retê-lo, acho revoltante que ele viva a melhor das vidas à minha custa: é dono de uma casa com comida, afeto e calor, e além disso tem todo o quarteirão para correr pelos tetos e brigar. É um brigão nato. Sempre aparece ferido, com arranhões, sangue ou com menos pelo. Eu cuido dele mais que de mim mesma, passo álcool nas feridas, levo ao veterinário por qualquer coisa. Toda noite vou até o meio da rua e começo a chamá-lo, às vezes numa hora bastante avançada, de pijama, e nesse momento as minhas

filhas juram que não me conhecem. Não consigo dormir enquanto ele não aparece e me levanto mil vezes até tê-lo nos meus braços. Podem dizer que é inútil amar esse gato, mas não é: uma vez que ele se entrega, é o gato mais doce do mundo. Sua principal e mais surpreendente característica é que responde quando eu o chamo. Só responde a mim, a mais ninguém. Sempre me responde, e por isso sempre o encontro. Digamos assim: se não fosse por esta particularidade — porque ninguém vai me negar que *é* uma particularidade —, ele já teria sumido faz tempo. O que nos permitiu ficar quase oito anos juntos foi a minha tenacidade somada ao seu comportamento singular. Ele dorme comigo e no meio da noite levanta uma das patas — que usa como se fossem mãos humanas — e me faz um carinho no rosto. Quando estou com frio, aperto-o contra mim e ele se entrega, com absoluta docilidade.

Também é medroso: lá fora, na rua, é um valentão, mas em casa basta ouvir um ruído fora do cotidiano que imediatamente vai se esconder correndo. Quando a campainha toca, se a voz na porta é masculina ele fica apavorado e se enfia embaixo da minha colcha. Como era de se esperar, mais de uma vez alguma das meninas se sentou em cima dele porque se jogou na minha cama e não o viu. Em poucas palavras, é fóbico, tem pavor de homens. Além disso, é arrogante. A situação mais típica é a seguinte: ele sai de manhã para as suas tropelias diárias e não chega até de madrugada. Eu fico quase doida procurando-o e já estou desesperada pensando que foi atropelado por um carro a dez quadras de casa, quando ele aparece, todo contente, pousa os olhos em mim com uma indiferença profunda e se pudesse falar me diria, sem o menor sinal de arrependimento: a culpa é toda sua.

Bem, quando me perguntam por que escolhi, dentre todos os gatos que povoam o universo, aquele que mais me faz sofrer, eu respondo: porque vale a pena, acreditem. Ele me ama.

Exatamente o que diria do Vicente.

Nasci numa casa bastante confortável e decente — nenhuma maravilha — na zona leste de Santiago, na rua Bilbao. Meu pai é um economista que sempre trabalhou no mundo financeiro. Tem um caráter um tanto fraco e meio evasivo, mas no conjunto é um bom homem. Quando se casou com minha mãe ela era muito nova e logo tiveram dois filhos: meu irmão mais velho e eu. Minha mãe não trabalhava, e ninguém pensou que deveria fazê-lo. Dormia até meio-dia, lia e fumava sem parar, e de noite ia ao cinema. Diariamente, não estou exagerando. Quando surgiram a televisão a cabo e o vídeo ela não saía mais e via os filmes na cama. Na minha primeira infância meus pais tiveram que apelar para quartos separados por incompatibilidade horária e porque meu pai detestava a fumaça e

o cheiro de cigarro e a televisão ligada. Ela, durante o dia, estava sempre um pouco distraída. Dava para notar o seu desinteresse quando eu lhe contava casos do colégio, era evidente que só me ouvia por senso de dever. Com meu irmão, porém, ficava mais alerta, talvez ele fosse a única pessoa que a acordava. Às vezes eu dizia a Nicolás que ele parecia filho único, sem perceber a verdade horrível que essas palavras continham. As "coisas femininas" chateavam muito a minha mãe. Ela não se interessava por roupa nem pelos amores ou os rolos das amizades, tão intrincados na puberdade. Lembro do dia, mais ou menos aos sete anos, em que briguei com Verônica, a minha melhor amiga. Como era de se esperar, cheguei chorando em casa.

Foi assim o diálogo:

"Mamãe" — O que aconteceu?

"Eu" — Briguei com a Verônica.

"Mamãe" — Por algum motivo importante?

"Eu" — É que ela não me convidou para o aniversário... e eu pensava que era minha amiga, que gostava de mim...

(Mamãe) — Ninguém gosta muito de ninguém, filhinha, é melhor você ficar sabendo disso desde já.

Em relação às "coisas femininas", ela esqueceu de me avisar que as mulheres menstruam e, se não fosse pelas minhas amigas do colégio, o susto por causa do sangue teria me matado. Quando comecei a crescer e as minhas formas se acentuaram, minha mãe não se deu por achada. Um dia cheguei no quarto dela reclamando, mamãe, os meus seios cresceram, faça alguma coisa. Ela me olhou de longe — o seu típico olhar — e respondeu: vá pedir dinheiro ao seu pai e compre um sutiã, veja como é simples. Eu lhe disse, entre lágrimas, que não queria crescer, que não queria ter seios. Ela começou a rir. Vamos, Francisca, não seja criança. E voltou à sua leitura.

Ela nunca me tocava. No Nicolás, sim. Não ficava do meu lado numa briga em hipótese alguma, não me apoiava diante do meu irmão ou dos meus primos. Parecia que eu nunca tinha razão, o que me causava uma insegurança enorme. Olhando para trás, tenho que admitir que ela simplesmente não me amava. Isso acontece, embora muita gente pense que não: há mães que não amam seus filhos.

À medida que os anos passaram, fui me desenvolvendo como qualquer menina da minha idade. Fazia as mesmas atividades que as outras, muito concentrada no mundo externo, nas minhas amigas, nos namorados, no colégio, no esporte. Mantinha uma falsa indiferença que me ajudava no dia a dia. Decidi que talvez minha mãe me amasse mais se eu me sobressaísse em alguma coisa e me propus a ser uma aluna excelente. Mas ela se interessava mais pelos estudos do Nicolás e vez por outra elogiava de passagem as minhas notas. Então, vendo

que a coisa não era por aí, resolvi me dedicar ao esporte, certa de que isso ia impressionar a minha mãe, especialmente por ela ser tão sedentária, quem sabe encarnando o oposto eu chamaria a sua atenção. Virei uma das melhores jogadoras de basquete do colégio, mas só consegui que ela fosse a um único jogo. Como última alternativa, decidi ser uma dona de casa perfeita. Fiz um curso de culinária e aos quinze anos já cozinhava com perícia. Aprendi a pôr e enfeitar a mesa como ninguém, mas isso só me rendeu exploração, quando vinham visitas ela pedia que eu me encarregasse dessa parte. Às vezes me olhava com uma expressão estranha, franzia a testa e comentava: a quem será que você puxou, Francisca? Quando ficou impossível desconhecer meus méritos, um dia ela veio me dizer, num tom que interpretei como zombeteiro: eu sempre desconfiei que as pessoas que são boas em tudo no fundo não são boas em nada.

Espiei e espreitei durante a minha infância inteira; é o que faziam as crianças, naquele tempo longo e dilatado: esperar que acontecesse alguma coisa.

Procurei substitutos. Na família não havia muito o que escolher. Minha mãe era filha única, ou seja, nenhuma tia desse lado. As irmãs do meu pai eram umas senhoras chatas e provincianas que moravam em Antofagasta, eu quase não as conhecia, e as cunhadas dele não passavam de mães dos meus primos. Fui suficientemente lúcida para perceber que uma professora é sempre uma substituta *part-time*. Recorri, então, à minha imaginação. Esclarecendo: a religião não era uma questão importante na família, nós éramos católicos passivos, íamos à missa de vez em quando, seguíamos as regras básicas da Igreja, mas nada além disso. (O mesmo fenômeno ocorria com a política: éramos pinochetistas, também passivos. Tínhamos herdado o anticomunismo da minha avó como uma coisa natural desprovida de qualquer mística.) Bem, recorri à figura de um anjo. Meditei longamente sobre a neutralidade sexual deles, não eram nem homens nem mulheres e eu precisava de uma mãe. Então decidi que o meu anjo seria feminino. E o inventei. Meu anjo era uma guardiã maravilhosa, sempre disponível, sempre justa e sábia e, ainda por cima, bonita. Morava no meu quarto e nós só conversávamos de noite. Eu lhe contava o meu dia, aproveitava para narrar todos os detalhes que chateavam a minha mãe, reclamava da casa e do colégio, pedia perdão quando me comportava mal, mas sabia que seu amor me livraria de qualquer castigo, e por isso nunca lhe mentia. Ela se chamava Ángela. Acabei tão acostumada com ela que fui crescendo com a sua presença ao meu lado como a coisa mais natural do mundo. Às vezes Nicolás me ouvia falar por trás da porta, entrava no meu quarto e perguntava, preocupado: Francisca, você está falando sozinha? Eu respondia, claro, que não

tinha aberto a boca, que eram ideias dele. De tanto em tanto deixava papéis para ela na gaveta da mesinha de cabeceira. Assim, numa caixa de chocolate vazia, eu guardava as palavras doces de uma mãe amorosa. Sempre me pergunto o que teria sido a minha vida sem Ángela. Até hoje às vezes recorro a ela, como outros recorrem a Deus. A diferença é que Ángela era mais simpática que Deus, a quem nunca considerei especialmente amável.

Minha mãe não era uma mulher antipática. Ela dava um jeito para que sua distância e sua distração parecessem atraentes. Tinha a estranha capacidade de submeter todo mundo à sua vontade e fazer o que bem entendesse. Manipulava a seu bel-prazer as pessoas à sua volta e sempre conseguia o que queria. Por exemplo, quando não gostava de alguma coisa, ela se levantava e ia embora. Isso costumava acontecer na hora do jantar. Estávamos todos sentados em volta da mesa e de repente eu dizia qualquer coisa, sei lá, que as mães das minhas amigas iam ver os jogos de basquete das filhas, por exemplo, e ela me olhava, soltava o garfo, jogava o guardanapo em cima da mesa e fazia uma retirada dramática, mesmo que ainda estivéssemos no primeiro prato. Então meu pai, com uma paciência enorme, me dizia: Francisca, vá pedir desculpas à sua mãe. Como isso acontecia sempre, lá em casa ninguém dizia *nada* que a contrariasse. Ela conseguiu que nenhum de nós dissesse ou fizesse nada que não lhe agradasse. Quando eu me pego, já adulta, fazendo a mesma coisa, sempre me recrimino sem piedade e me detesto.

Além do mais, era uma mulher atraente. Bastante alta, ela tinha um corpo bonito, com a cintura um pouco larga, mas boas pernas, e seu cabelo castanho era suave, lindo. Ia mudando o penteado de acordo com a moda, mas sempre usava um cabelo bem curto que, apesar do cigarro — ela parecia viver num filme dos anos cinquenta, sempre fumando —, tinha brilho. Sua boca era o traço de que eu menos gostava: estreita, uma linha dura, avara, como se tivesse engolido os lábios. Para meu gosto, uma boca carente de generosidade. Mas tinha um nariz perfeitamente reto e moldado, e os olhos, como o cabelo, eram castanhos, grandes e muito vivos. Dizem que estes meus traços claros e um pouco desbotados, pálidos, são herança da minha avó paterna, que não cheguei a conhecer.

E falando de avós. Talvez a minha mãe não seja compreensível se eu não mencionar a sua própria mãe.

Minha avó foi uma russa louca que queria ser Isadora Duncan, mas acabou como jogadora arruinada num país desconhecido e nessa época bastante subdesenvolvido chamado Chile. Os pais dela, russos brancos e ricos, fugiram da

revolução e se instalaram em Paris, como tantos outros. Minha avó cresceu e se desenvolveu nestas terras e desde muito nova usava o dinheiro para compensar as agruras do exílio que no seu caso, a bem da verdade, não eram muitas. Desde cedo ela foi atraída pelo jogo. Os cassinos eram a sua fascinação, o lugar onde se sentia *em casa*. Falsificava a identidade para parecer mais velha, coisa bem fácil, segundo ela, naqueles tempos em que os russos pobres faziam de tudo para ganhar a vida. Quando seu pai morreu e ela recebeu a herança — tinha apenas dezenove anos —, deixou a mãe em Paris e foi morar em Mônaco. Alugou um quarto num hotel a poucas quadras de um cassino e dormia de dia e jogava de noite. Bastante bonita, belos cabelos louros, um nariz de boneca e cílios magníficos, ela era precoce, irreverente e divertida e tinha uma invejável capacidade de falar idiomas como se fossem a sua língua materna. Não tenho a menor dúvida de que foi uma mulher inteligente, mas desperdiçou esse dom. Não ligava muito para homens, que via mais como companheiros de jogo que como pretendentes. Uma viciada irrecuperável. E provavelmente frígida também. Enquanto morava em Mônaco, já com vinte e cinco anos, sua mãe morreu de tuberculose e quando foi enterrá-la em Paris só se preocupava em vender a casa e os bens para transformá-los em dinheiro vivo. Ganhava e perdia. Num dia de sorte decidiu comprar um castelo e comprou. Não dormiu mais que três noites nele antes de perdê-lo, também no jogo, mas se divertiu sentindo-se princesa por um tempo. Sua fortuna não estava destinada a durar muito. Quando acabou, ela já ia fazer trinta anos e nunca tinha pensado em se casar. Um dia apareceu um chileno no seu círculo de conhecidos e ficou fascinado por ela; transformou-a na encarnação do romantismo da mulher europeia. Ele era um diplomata de carreira, com um salário bastante limitado e sem muita vivência, além de bastante jovem. Quando a conheceu, ela tinha uma beleza pálida e doentia que combinava com sua pobreza. Não tivera uma vida muito saudável, quase não via a luz do sol. Muito champanhe e pouca alface. O rapaz decidiu cuidar dela e fez disso a sua grande missão. Quando teve que voltar para o Chile, convenceu-a a casar com ele. Imagino que a minha avó não teve outro remédio senão aceitar. Não tinha um tostão; no jogo, os amigos são passageiros. Quem sabe pensou que era sua oportunidade de ter alguém para protegê-la. Além do mais, ela sabia que numa cidade próxima a Santiago de Chile, em frente ao mar, existia um cassino.

Na travessia do Atlântico — durante a qual, segundo o seu relato, não parou de enjoar e vomitar — viu que estava grávida. Essa possibilidade jamais havia passado pela sua cabeça. Decidiu que não ia suportar, que ia morrer no parto. Pediu ao meu avô que a levasse para morar em Viña del Mar. O bobão deixou o Ministério de Relações Exteriores e foi para Viña, onde arranjou emprego num

banco para sustentar aquela mulher tão sofisticada quanto frágil. Foi assim que nasceu a minha mãe: em frente ao Pacífico, num parto difícil e com uma progenitora que não sabia o que fazer com ela. Não é exagero dizer que não tinha ideia do que era uma fralda. Contrataram uma ama de leite, a Nanita, para alimentá-la — dava o peito ao mesmo tempo à minha mãe e à sua própria filha — e criá-la. Naturalmente, minha avó voltou a jogar, mas agora apostava somas menos extravagantes que em Mônaco, porque só dispunha de algum eventual golpe de sorte mais o que tirava às escondidas da carteira do marido. A filha nunca foi um fator relevante na vida dela.

Convivi pouco com minha avó. Ela morreu quando eu tinha dez anos, de um ataque cardíaco. Gostaria de tê-la conhecido melhor, uma mulher tão estranha, doente e divertida. Quem sabe até teria me amado à medida que eu fosse crescendo. Como eles moravam em Viña, não a víamos muito e nessas ocasiões ela me dava uns beijos distantes, como quem não está muito interessado, e se desfazia de mim rapidinho. Não sabia conversar com uma criança. Como eu não tive avó paterna, cresci achando que as avós eram assim, alheias, distantes e pouco afetivas. Quando as minhas amigas, na infância, falavam de avós carinhosas que faziam casacos e bolos para elas, eu ficava indignada. As avós não tricotam nem cozinham, as avós vão jogar no cassino.

Quando eu ia visitá-la em Viña, a maior atração era entrar no seu baú. Vestidos compridos dos anos trinta, de gaze, de organdi, de musselina, conjuntos de veludo cheios de franjas, robes de seda com motivos chineses e outros com gola de plumas, boás, colares enormes de pedras preciosas, casacos de peles desconhecidas, lenços eternos como cortinas. Eu me vestia com eles, às vezes com vários ao mesmo tempo, e andava pela casa fantasiada quando sabia que ela não ia me ver. É estranho que no dia em que de fato me viu, em vez de ficar zangada por eu ter usado o vestido transparente de organdi preto, me olhou quase feliz e disse: você pode se parecer comigo.

Três quartos do meu sangue são inteiramente chilenos, quer dizer, espanhóis e mapuches. Mas quando me vem à mente alguma excentricidade, penso, assustada: isso é a minha parte russa, a que não promete nada de bom. Talvez por isso mesmo eu tenha me transformado na mulher convencional que sou: tudo em regra, quase de manual. Não, não sou divertida nem nada parecido, se eu me soltar ou sair das convenções, onde vou parar? Até na cama sou tradicional, nada de sexo exótico nem jogos estranhos. Não. Ele em cima, eu embaixo. Tudo um pouquinho monótono e previsível. Mas tudo seguro. É que ela, a minha avó, me disse: você pode se parecer comigo.

É interessante que a origem de Natasha seja russa, como se uma força invisível me puxasse para uma procedência negada e perdida. Claro, as coincidências acabam aí: a família da minha avó não fugiu dos nazistas e sim dos comunistas, minha avó não se formou na Argentina na melhor das escolas... mas é russa. Como a minha terapeuta. Como a minha avó viciada. Como a metade da minha mãe.

Nicolás herdou os traços físicos da minha avó, seus ossos elegantes, seus pômulos altos, seu cabelo quase branco, coisa que não aconteceu com a minha mãe, cujo aspecto era bem latino-americano como o do meu avô. Nicolás se parecia com ela e até tinha nome de czar. Até nisso ele me ganhava.

E, coisa difícil de dizer, Nicolás ganhou até o final: morreu. Não há nada tão romântico, heroico e belo como uma morte prematura, nem que seja de uma doença estúpida. Até hoje sou capaz de reviver os sentimentos de dor horrível e de comoção pela sua perda. Muitas vezes o invejei. E se tivesse sido eu a morrer? Será que minha mãe me amaria quando eu não estivesse mais viva? E o odiei muito por ter morrido, ainda mais do que quando vivia, mas só consegui reconhecer esse sentimento agora, com Natasha. Meu irmão nasceu do corpo de uma mulher e foi nutrido por esse corpo e amado por esse corpo. Conseguiu viver no paraíso, teve o paraíso nas mãos. Enquanto isso, eu precisei conquistar um espaço no mundo sem lembranças primárias que me salvassem, sem um Éden marcado nas células. Nasci num território ocupado, duplamente ocupado, como a Alemanha depois da Segunda Guerra. E ele morreu dentro desse paraíso, se o paraíso é realmente isto: ser amado por quem nos pariu.

O luto da minha mãe, como vocês podem imaginar, foi estrondoso. Não se levantou da cama durante dois meses, fechou a porta do quarto e as persianas que dão para a varanda e se negou a comer. Incluiu um elemento novo em sua vida: o álcool. Dormia, fumava e bebia. Eu não a culpo. Agora que sou mãe de três garotas, não a culpo. Eu comparava a dor do meu pai e a dela. De alguma forma, meu pai conseguia continuar vivendo. Afinal, ele não tinha *parido* Nicolás. Parir implica o corpo, o corpo inteiro.

No dia em que ela se levantou da cama, para nossa surpresa, parecia que nada havia acontecido. Claro, ela nos roubou o luto. O seu próprio luto era tão importante que não permitia que meu pai chorasse livremente o seu filho nem eu o meu irmão. Ambos nos sentíamos terrivelmente culpados pela sua dor. Ela, sempre a protagonista. Mas parece que tirou forças do nada e voltou para o seu dia a dia sem marcas aparentes. Foi então que saímos do país. No trabalho do meu pai precisavam de alguém para cobrir durante um ano uma vaga na sede da firma em Nova York e ele se ofereceu, avaliando que a mudança seria boa para

minha mãe. Eu perdi esse ano de colégio porque o período letivo nos Estados Unidos era oposto ao chileno, mas ninguém se preocupou com isso e me serviu, aliás, para aprender um bom inglês.

O primeiro sintoma foi o encontro no Plaza. Já estávamos instalados em Nova York. Havia um pequeno cinema no hotel e tínhamos planejado ver um filme de Woody Allen e depois tomar um chá, lá mesmo, no salão do Plaza. Ela chegou um pouco tarde, quando o filme já estava começando. Mamãe, exclamei espantada, você esqueceu de tirar as pantufas! Ela olhou para os pés e, de fato, estava com uns chinelos ridículos. Ela deu de ombros, é que está fazendo calor demais para usar sapato, disse, e entrou no cinema feliz da vida. Eu inventei uma desculpa para não tomar o chá, não ia fazer o papelão de entrar naquele salão com uma senhora de chinelos. O Plaza era o Plaza, francamente.

Ela gostava muito de andar no Central Park, nós morávamos na Terceira com a 57 e ficava perto. Um dia veio sentar ao nosso lado, num banco, uma *homeless*. Estava com dois cachorros, pretos, magros e pulguentos, iguais a ela. O engraçado é que levava um cartaz que dizia: *I'm alone. My family was kidnapped by ET*. No começo me deu vontade de rir. Como a minha mãe não parecia se divertir com aquilo, eu disse, compungida: pobre mulher, que horror! E ela, sem se alterar nem mudar de expressão, respondeu: horror?, não, que inveja! E depois acrescentou, meditativa: já pensou na imaginação de uma *homeless*, como ela se vira para viver? Eu não dei importância ao caso, acostumada como estava com suas esquisitices. Lembro-me de ter ficado absorta com a ideia dos cachorros, matutando como os alimentaria se ela própria não tinha comida.

Não considerando o fato de vestir-se cada vez menos e às vezes ir comprar pão de pijama, o segundo sintoma apareceu algumas semanas depois: uma noite, meu pai e eu a estávamos esperando para ir a um jantar quando recebemos um telefonema. Vão sem mim, acabei ficando no parque e está fazendo calor demais para andar, prefiro ficar deitada aqui entre as árvores. Evidentemente, fizemos um sanduíche e não fomos ao jantar. Ela chegou quase às duas da manhã, toda alegre, quando meu pobre pai já estava a ponto de chamar a polícia. Isso se repetiu duas vezes. Na última, apareceu com um saco de papel pardo na mão que continha uma blusa e um vestido, usados, sujos. Quando meu pai tirou tudo da sua mão, gritando: mas estes trapos nojentos!, de onde saíram?, e jogou no lixo, ela respondeu candidamente, sem rodeios: encontrei num carrinho de supermercado, no parque; e depois, ao ver a expressão do meu pai, perguntou: por que você tirou essas coisas de mim? Mas, fiel à sua natureza, para castigá-lo por ter jogado fora a roupa, avisou que ia sumir de casa por uns dias e foi

embora.

Depois veio a noite em que, sem avisar, não apareceu para dormir. O instinto nos disse que *não* devíamos chamar a polícia, que ela estava fora de casa por sua própria vontade. Em vez disso, meu pai ligou para o consulado pedindo informações sobre uma tal Vanessa de Michele que, embora seu sobrenome soasse a italiano, era uma chilena residente em Nova York e fazia cinema. Com o endereço dessa nova amiga da minha mãe nas mãos ele partiu rumo ao Village, só para descobrir que a tal Vanessa tinha se mudado e o consulado não sabia o novo endereço. O nome dessa mulher me era totalmente desconhecido. Insisti com meu pai que eu tinha o direito de saber com quem a minha mãe andava. Foi pouco o que consegui arrancar dele: era uma chilena que morava em Nova York havia muitos anos, tinham se conhecido num jantar na embaixada e minha mãe disse a ele que havia encontrado a sua alma gêmea. Saíam juntas às vezes, ia com ela às filmagens, e de tanto em tanto dormia em sua casa. Suspeitei que meu pai tinha um grande temor: que Vanessa gostasse de mulheres mais que de homens.

Minha mãe voltou no dia seguinte como se nada houvesse acontecido.

Meu pai decidiu levá-la a um médico. Ela se negou tenazmente. A culpa é desta cidade, meu querido. Não estou mal da cabeça; acontece que em Nova York a gente pode se abandonar, é um lugar perigoso.

Abandonar-se, era exatamente *esta* a palavra. E foi o que ela fez. Às vezes não se asseava. Comecei a controlar suas lavagens de cabelo, cada vez deixava passar mais tempo entre uma e outra. Depois começou a não lavar a roupa. Acumulava a roupa suja numa cadeira do seu quarto e usava a que estava limpa. Quando acabava a roupa limpa, voltava a pegar uma peça no amontoado da cadeira. Claro, eu terminava levando tudo para a lavanderia, mas quando ela me via chegar com a roupa limpa não dava a menor importância ao fato. Eu me preocupava com suas calcinhas e seus sutiãs. Acho que isso foi o mais duro, vê-la de calcinha suja. Os sutiãs chegavam a ter uma listra preta nos lados igual à do seu pescoço. Às vezes meu pai a levava para o chuveiro e a lavava da cabeça aos pés. Eu nunca fazia isso, não tinha o hábito de vê-la nua e com certeza não queria começar naquelas circunstâncias. Olhava tudo aquilo entre incrédula e furiosa. É que eu simplesmente não entendia que merda passava na cabeça dela. Tinham trocado a minha mãe, mas esta nova não era melhor que a anterior. Quando meu pai começava a querer se apoiar muito em mim eu lhe recordava que *ele* é que tinha se casado com ela, não eu, que o problema era *dele*. Eu me defendia ferozmente de encarar o fato de que *aquela* era a minha mãe. Isolada na sua caverna voluntária, ela mesma transformada numa cavernícola, tão sujos os

seus sentimentos quanto suas unhas ou suas calcinhas.

Eu tinha tanta, tanta saudade de Nicolás! Apesar do ciúme que sentia dele, nunca deixei de adorá-lo. Como se fluíssem dele duas personalidades diferentes: uma, o filho da minha mãe que involuntariamente me fazia sofrer, e outra, o meu irmão mais velho preocupado e amoroso. Sua ausência me doía em cada parte do corpo. Eu custava a entender a vida sem ele, mas chorava caladinha, para não causar mais tristeza nos meus pais. Sim, eu o chorei todos os dias daquela vida em Nova York.

Talvez o mais duro na deterioração da minha mãe tenha sido quando ela começou a ficar despudorada. Não conseguia entrar no quarto e vê-la nua, só com a parte de cima do pijama, sentada de pernas abertas. Eu tinha dezesseis anos, era virgem e toda minha criação havia sido tão, mas tão pudica. Ela mal se vestia para sair. Aonde você vai, mamãe? Passear, respondia e batia a porta. Meu conhecimento da vida era tão limitado, eu era tão jovem, que não imaginei que a situação pudesse ser revertida. Hoje penso com bastante raiva do meu pai: como não a pegou pelos cabelos e a arrastou para um psiquiatra, merda, como não virou a cidade pelo avesso procurando uma solução!

Na realidade, meu pai perdia muitas dessas cenas por causa do seu horário de trabalho. E da sua magnífica capacidade de negação. Eu ia para as minhas aulas de inglês e na saída caminhava e caminhava, entrava nas lojas, numa livraria, nos museus, qualquer coisa para não chegar em casa. Comecei meio sem querer a cultivar uma série de gostos até então desconhecidos. Por exemplo, a arquitetura. Nas caminhadas, olhar os edifícios, observá-los e analisá-los passou a ser a minha principal paixão. Também o amor pela pintura: antes de Nova York e do MoMA, a pintura não me interessava em absoluto. E a leitura. Como podia passar horas na Barnes & Noble com um livro na mão sem que ninguém me expulsasse, eu o fazia. E como sempre fui boa aluna, achava o Metropolitan fascinante para melhorar meus conhecimentos de história. Enfim, já estava perto de ser uma mulher quase perfeita, tudo pela minha mãe. Eu parecia tão normal, tão maçantemente normal. Ninguém diria que tinha uma mãe louca e um irmão morto.

Meu pai agradecia — em silêncio — que eu não lhe desse problemas. Sua educação tinha sido muito pouco aberta, ele entendia de números, mas de poucas coisas além disso, e costumava aplaudir o meu *aproveitamento* da cidade. Tinha um conceito formal de cultura. Achava que ser *culto* era ir ao teatro ou ao balé e estar em dia com a programação cinematográfica. Eu, pelo contrário, aprendi a confiar na profundidade da experiência: voltar dez vezes à galeria de arte perto de casa, por exemplo, para olhar de novo um Kandinsky, na identificação que se

produzia bem lá dentro — na alma, talvez? — entre mim e as suas formas. Não me interessava por nada que estivesse na moda e não assistia aos concertos que o meu pai timidamente sugeria, gostava mais de música na solidão do meu quarto que ao vivo. Aprendi a detestar teatro — e a dizer isso, coisa bastante escandalosa, pelo que vi — e a amar os musicais. Comprava uns ingressos que são vendidos na Times Square às três da tarde por menos da metade do preço e não perdia um. Acumulei horas e horas de musicais. Com uma mãe inexistente e um pai mergulhado no mundo de Wall Street, a cidade era o meu refúgio.

Infelizmente, logo quando a literatura começava a me interessar, minha mãe parou de ler. Por que você não lê mais, mamãe? Como assim não leio, eu não faço outra coisa de noite. Estava mentindo. Não havia livros na sua mesinha de cabeceira, como na casa de Santiago. E aqueles húngaros complicados que você adorava, mamãe, não lê mais? Não, já li todos.

Claro, chegou o dia em que meu pai falou com o pessoal da empresa e implorou que o liberassem de Nova York. Voltamos. Eu estava feliz, ia retornar ao meu meio, ao meu colégio, às amigas preferidas, enfim..., ia sentir que havia coisas sólidas além dos meus pais. Minha mãe voltou — por um tempo — à sua vida anterior e meu pai pensou que Nova York era mesmo uma cidade perigosa e que o Chile fazia bem à sua mulher. Mas não era verdade. Alguma coisa havia se desencadeado no seu interior e não havia mais retorno, embora ainda não soubéssemos disso. Passaram-se vários meses de relativa normalidade enquanto eu ia me tornando uma mulher sem muitos modelos a seguir. Inventava a minha personalidade ao sabor dos acontecimentos e esperava com ansiedade o momento de entrar na faculdade e estudar Arquitetura. Um episódio dessa época ficou na minha memória. Minha mãe tinha ido passar o fim de semana na casa de uma cunhada, no campo. Eu prometi ir no domingo, almoçar em família e voltar com ela a Santiago. Nesse dia eu estava atrapalhada com um trabalho que precisava entregar numa aula da manhã seguinte e me atrasei. Às duas da tarde, já me sentindo culpada, liguei do campus avisando que ia demorar. Minha tia atendeu. Pedi que chamasse a minha mãe, o que ela tentou fazer. Pela linha, escutei: que Francisca quer falar comigo?, não conheço nenhuma Francisca!

Lembro que esse período foi marcado por uma nova e estranha indiferença em relação à falta de afeto da minha mãe. Eu me dizia que não me importava mais... Coitadinha, quanta ingenuidade, como se alguma vez pudesse deixar de me importar. Eu não era muito chegada a namoros, talvez cultivasse alguma timidez inconsciente, mas essas coisas me atraíam menos que às minhas colegas, era um pouco mais fria. Ninguém me engabelava com facilidade. Ou talvez a coisa fosse

bem mais simples: eu adorava homens e poderia ter sido namoradeira, mas era tamanha a minha insegurança, o medo de que não me aceitassem, que recuava e fingia distâncias e friezas só para me proteger.

Num fim de semana prolongado, uma amiga me convidou para ir à praia. Nunca vou me esquecer da noite de domingo quando voltei para casa. Meu pai estava na sala, sozinho, sentado no sofá grande em frente à varanda, com a luz apagada. Meus pressentimentos foram imediatos: havia acontecido alguma coisa com minha mãe. De fato. Pobre papai, veio me dizer: precisávamos conversar. Ao ouvir isso, preparei bebidas, uma Coca-Cola para mim e um uísque para ele, e me sentei ansiosa em frente ao sofá, na ponta de uma poltrona exibida e frágil que ninguém usava.

Ela foi embora.

Esta foi a sua primeira frase.

Não quis me mostrar a carta de despedida, devia ter suas razões. Mas a ideia geral era que ela ia voltar para Nova York, que não sabia se ia ficar lá ou depois iria para a Europa, mas que ao Chile não voltava. Nem ao seu papel de esposa e de mãe, foi o que, por ser evidente, não disse. Que por favor não pensássemos em procurá-la.

Ela se despediu de mim na carta?, perguntei.

Sim, respondeu meu pai, sem qualquer veemência, e intuí que era uma mentira piedosa.

Nunca mais a vi. Pessoalmente, pelo menos. Talvez seja por isso que falo dela no passado. Tive que enfrentar o inevitável: o terror ancestral de perder a mãe, ou seja, de perder o sentido de identidade. O que isso significou para mim é bastante previsível: eu não apenas era uma pessoa impossível de amar como minha própria mãe teve que fugir de mim para ter uma vida. E o terror de me transformar nela, agora que havia desaparecido. Nesse tempo cheguei a cogitar algo que mais tarde seria decisivo: minha própria maternidade. Intuí um medo escuro, não muito definido, imagens numa água estancada: o medo de transferir para os meus próprios filhos o ódio à minha própria mãe. Medo de repetir minhas experiências e de que a minha maternidade acabasse sendo igual à dela.

Estava quase terminando a faculdade quando conheci Vicente. Como já contei, ele era engenheiro civil e trabalhava num escritório onde eu estava fazendo estágio. Imediatamente achei-o atraente, sugestivo e difícil. Seus irmãos, quando eram pequenos, o chamavam de *cara de botão*, porque todas as feições estão concentradas no centro do seu rosto. Mas mesmo assim tem lá sua graça. Eu adoro seu cabelo preto e grosso, sempre brilhante, um verdadeiro matagal feito

para os meus dedos, recém-penteado fica com um ligeiro ar de gângster que me fascina, ele nunca vai ser careca. É um pouco arrogante, um pouco presunçoso, um pouco escorregadio, mas no fundo dos seus olhos reconheci uma bondade parecida com a do meu pai. Era o típico macho que concentra toda a sua dureza na aparência, reservando a ternura para a intimidade. Muito fechado e antissocial, ele me usava de couraça diante do mundo externo — não sei por que estou falando no passado se faz isso até hoje — e eu me sentia o tempo todo jogada aos leões. Mas o importante é que ele me amou. Apesar de parecer meio intocável, como se estivesse sempre prestes a fugir, ele me amou e ainda me ama. Para mim mesma eu não era digna de afeto: se o sangue do meu sangue precisara fugir de mim, por que um outro ia me amar? Mas mesmo assim aconteceu. Vicente me amava.

Casamos assim que recebi o meu diploma: era a melhor forma de fugir. Eu grudei em Vicente como um marisco na pedra: ele me amava, ele me amava, minha pessoa era digna de algum amor. Até hoje. Sou uma boa esposa. Além disso, sei fazer tantas coisas que, involuntariamente, acabei virando um grande partido. Eu madrugo, trabalho, ganho dinheiro — Vicente adora porque é um pouquinho pão-duro —, cuido das minhas filhas, que amo e a quem dou todo o calor que tenho — se é que tenho — para que elas não vivam o que eu vivi. Afinal segui o modelo oposto ao da minha mãe. Por exemplo, não me lembro dela na cozinha. Por mais que tente recuperar alguma imagem da minha mãe fazendo qualquer coisa nessa parte da casa, não consigo. Por isso ela é o meu espaço preferido, tenho uma mesa grande na cozinha e boa parte da nossa vida familiar transcorre em volta dela. Adoro gastar meu tempo lá, fazendo coisas trabalhosas. Como com as cerejas. Tanto o meu gato quanto Vicente são loucos por cereja. Mas ambos têm um paladar refinado: gostam de comê-las sem caroço, cortadas pela metade, com o centro vazio. Quando elas aparecem, no verão, eu fico um longo tempo na cozinha com uma faquinha — que comprei para este fim — numa das mãos e o dedo indicador da outra pronto para o trabalho. Uma vez que o prato está cheio e o meu dedo vermelho e enrugado, divido as cerejas e sirvo metade para cada um.

Às vezes penso que foi um erro me mostrar enérgica e eficiente, é impossível que não se aproveitem de mim. Nos dias em que amanheço pouco caridosa, vejo o meu marido como um canibal. Ele se alimenta da minha vitalidade, como um vampiro. Às vezes, quando estou sozinha, abaixo a guarda e caio exaurida. Injetei tanto entusiasmo nos outros — em Vicente, nas meninas — que não sobrou nem uma gota para mim.

Sempre achei que ia ter filhos homens, considerava muito mais fácil. Com sorte,

poderia ter um filho parecido com Nicolás. E com homens seria menos provável repetir o comportamento da minha mãe comigo. Mas tive mulheres, três mulheres. Graças a elas fiz um enorme esforço para trazer à memória mais lembranças da minha infância e adolescência — quando estava ocupada demais comigo mesma — para tentar entender a minha mãe, que havia passado por isso, tinha parido uma filha mulher. Esforço inútil. Eu sempre chegava à mesma conclusão: minha mãe é um monstro. Cheguei a admirar as visões maniqueístas, porque elas me davam clareza, uma linha a seguir, tudo preto no branco. Mas talvez as minhas filhas pensem o mesmo de mim. Faço um esforço enorme para ser uma boa mãe. Reconsidero constantemente as minhas atitudes, o que me tira muito de espontaneidade, e no futuro serei julgada por isso, não tenho a menor dúvida... Você sempre age errado como mãe: se não é por isso, é por aquilo, a culpa sempre estará presente, aconteça o que acontecer.

Meu pai foi morar em Nova York de novo. Aos seus sessenta e cinco anos, parece ter cinquenta e não quer ouvir falar de aposentadoria. Voltou a se casar e aparentemente está satisfeito com sua nova vida. Imagino que não é preciso dizer que a esposa em questão é vinte anos mais nova que ele. Na minha última visita, poucos meses atrás, ele tinha novidades. (Graças a Deus, Vicente não pôde deixar o trabalho e eu fui sozinha.) Vanessa de Michele, a velha amiga da minha mãe, havia entrado em contato com ele. Morava em Connecticut e disse ao meu pai que tinha notícias da sua ex-esposa. Meu pai não quis saber de nada, só me passou o número.

Telefonei imediatamente para Vanessa. Ela me convidou para ir à sua casa.

Entrei no jardim do pequeno prédio, uma casa antiga transformada em sete minúsculos e lindos apartamentos, e me deparei com uma mulher sentada no único banco de pedra, com um regador vermelho aos seus pés, rodeada de cardeais e trepadeiras, uma imagem muito mediterrânea embora estivéssemos nos Estados Unidos, com o branco radiante da casa atrás. Ela se levantou quando me viu e automaticamente pegou o regador, que devia estar vazio porque parecia leve. Tinha um porte mediano, mas, por alguma razão, dava a impressão de ser uma mulher alta. Usava um cabelo castanho bem curto, via-se nele a mão de um bom cabeleireiro, e cintilavam uns brilhos louros na mecha que caía à esquerda do seu rosto. Seu aspecto era francamente excêntrico, para dizer o mínimo. Estava vestindo uma camisola azul-celeste pálido com florzinhas verdes muito tênues, uma rendinha no corpete e mangas compridas arregaçadas até os cotovelos. Em cima da camisola tinha colocado um avental amarrado atrás, desses usados pelos funileiros ou talabarteiros... Sei lá, um avental masculino, preto e com um bolso enorme na frente. Seu corpo era amplo e esplêndido, como

que bem construído, e calculei que devia estar por volta dos sessenta. Usava uns óculos sem aro e seus olhos — da mesma cor do cabelo — eram grandes e expressivos. A boca parecia pequena, mas quando entrava em movimento crescia de maneira incompreensível. Seu sorriso era radiante, transformava completamente a severidade que o seu aspecto exalava, e pelas rugas imaginei que devia ter vivido bem os anos da sua vida.

Ela era a mensageira do horror.

Dentro da casa, e já com um café na mão, me levou para uma sala escurecida, ligou um projetor — não era DVD, era um filme propriamente dito —, e se ouviu um som típico do cinema da minha infância, de algum tempo de filme em branco antes de aparecer o objeto da filmagem: quando olhei as primeiras imagens distingui uma grande avenida de Nova York, poderia ser a Broadway ou a Quinta. Transeuntes nas calçadas, carros pela rua, dois meninos brincando, um vendedor negro muito alto com uma mesa torta e alguma coisa colorida, lenços ou cachecóis, em cima de um pano. E, de repente, uma *homeless* parada ao lado de uma banca de revistas. A câmera se aproxima e para nela: uma pessoa muito gorda usando uns farrapos pretos, as calças pareciam tiradas de um terno velho de homem, e, embora fosse um dia ensolarado, um dia de verão, ela estava com muita roupa, usando vários coletes, uns mais curtos que os outros, o que acentuava a sua corpulência. Seu cabelo — entre branco e castanho — era um emaranhado de milhares de cachos longos e compactos, por causa da falta de limpeza, apontando para o espaço. *Rasta*, diriam as minhas filhas. O rosto — que mal se distinguia — também era escuro. Tudo nela era escuro, inclusive os pés, que estavam descalços. Seu olhar era inconfundível, aqueles olhos não precisavam de um close-up para revelar a infinita indiferença que continham. De repente ela começa a arriar as calças. Fica de cócoras e a câmera se aproxima e enfoca um traseiro enorme, cheio de celulite, como se debaixo da pele houvesse milhares de laranjas escondidas. E a minha mãe abaixa totalmente as calças e urina com uma tranquilidade absoluta. A imagem não é inteiramente de perfil, e sim na diagonal. Ela acaba de mijar, puxa a calça preta enquanto se levanta e começa a andar como se nada houvesse acontecido.

Pedi a Vanessa que parasse o filme. A única frase que ela me disse foi: você precisa aprender, Francisca, que nem todos querem ser salvos. Fugi dessa casa e dessa mulher. Por que ela fez isso? O que a levou a mostrar-me esse filme? Não sei até hoje. Encurtei ao máximo a visita ao meu pai, voltei para Santiago e nunca contei o que vi, nem a Vicente nem a ninguém. Deveria ter ficado em Nova York para vê-la? Deveria ter tentado salvá-la? Minha única certeza era de que eu devia ser a mais miserável das criaturas de Deus. Mais miserável que a minha mãe.

Quando voltei a Santiago, eu ficava andando pelas ruas sigilosamente, como uma pessoa sempre em estado de alerta, sempre vigilante, que se permite o capricho de ficar em silêncio, de dissimular. Uma pessoa que, depois da chuva, continua ensopada, sem se enxugar, cultivando a própria miséria como o seu único ativo. Quem sabe, reconhecer o dano que ela fez a si mesma podia ser o começo da minha própria cura.

Minha mente e meus estados de ânimo começaram a dar um giro de cento e oitenta graus. Certas noites eu tinha insônia e, sem acordar Vicente, ia na ponta dos pés para a escrivaninha, ligava o computador e ficava procurando as promoções de voos para Nova York na *lanchile.com*. Não sei quantas reservas já fiz. E sob a luz do dia, no meu escritório, as cancelo. Ligo a CNN para ver a temperatura em Nova York. O único jornal que leio on-line é o *New York Times*, sempre esperando encontrar alguma coisa relacionada com ela. E a imagino nas piores situações, as que merecem notícia, como, por exemplo, que se queime como um bonzo em plena Quinta Avenida. Ou que se jogue do último andar do Empire State. E de noite sonhava, sonhava interminavelmente com aquela horrível nádega celulítica. Acordava e me trancava no banheiro para chorar em paz. Os meus prantos tinham motivos antagônicos, dependendo do dia: às vezes chorava por me sentir a pior mulher do mundo, por permitir que a minha mãe fosse uma vagabunda e não fazer um gesto para resgatá-la. Outras vezes chorava de raiva, de puro ódio, e não podia tirá-lo de mim: o ódio é como o sangue, impossível de disfarçar, tinge tudo.

Está muito enganado quem pensa que a razão última de tudo o que aconteceu foi a perda de Nicolás. Essa dor simplesmente adiantou o que ia acontecer mais cedo ou mais tarde, com ou sem a morte do filho.

Já se passaram vários anos desde a partida da minha mãe. Eu amadureci. Seria arrogância minha dizer que superei o problema. Não, um problema desses não se supera. Mas já consigo conviver com ele. Não me destrói mais. O fato de às vezes congelar, às vezes me paralisar, às vezes me transformar num objeto distante e sem compaixão, nada disso me parece relevante. Porque fiz a única coisa importante que podia fazer: quebrei a linha da herança, quebrei a repetição. Minhas filhas estão a salvo.

E continuo aqui com a minha vida normal, com o meu aspecto normal, com a minha família normal. Com o meu gato, com Vicente.

Mané

Sou a Mané e, acreditem se quiserem, sempre fui a mais bonita. Tenho um metro e setenta e quatro, o que já é muito para este país, e peso sessenta quilos. Até hoje, apesar da idade, mantenho o meu peso, embora só eu mesma veja o meu corpo. Fiz setenta e cinco anos há alguns meses. Mal comemoraram.

Eu fui linda. É pena ter que falar no passado. Ninguém diz "sou linda" e muito menos "serei linda". Bem, é só o que eu tenho: passado. Há um filme dos anos cinquenta que parece a minha vida: *Sunset Boulevard*.* Deve ser por isso que me emociona tanto. Estrelado por Gloria Swanson, o filme é baseado na vida de Norma Desmond, uma grande atriz do cinema mudo de Hollywood, uma verdadeira diva que tinha o mundo aos seus pés e participou de dezenas de filmes. Acontece que ela quis voltar a atuar e a tentar ser sedutora quando já tinha envelhecido, mas só conseguiu ser abandonada. Todos os diretores e produtores que antes a adulavam lhe deram as costas, agora não servia mais. E ela se negava a entender. Nem atendiam aos seus telefonemas. E foi apodrecendo, sozinha, abandonada. Como eu.

Desde pequena eu gostava de me fantasiar e dançar na frente do espelho. Quando meus pais saíam, ia nas pontas dos pés até o armário embutido da minha mãe — não havia closet na minha casa — e roubava os xales e os lenços de cabeça. Tinha muito poucos, mas de qualquer forma eu os colocava de mil maneiras, na cintura, na cabeça, nos tornozelos. Minha mãe era costureira e meu pai mestre de obras, não pensem que os tecidos com que eu brincava eram destinados à família do Aga Khan. O importante é que eu me achava *mesmo* a Rita Hayworth e minha imaginação transformava em sedas orientais os retalhos de popelina barata dos vestidos que minha mãe fazia. Nessa época as mulheres não estudavam, não tinham a vista estragada como têm agora. Sei que em outros ambientes e lugares até acontecia, mas não no meu. Nasci nos anos trinta, uma época bacana para as mulheres na Europa, o período entreguerras: já tinham encurtado as saias, já fumavam e bebiam, faziam política, enchiam os pulmões de ar como se o mundo fosse se acabar. Elas, não garotas de província como eu. Em Quillota, onde nasci, as mulheres cuidavam da casa e só faziam tarefas remuneradas para ajudar na economia doméstica. O que tínhamos era educação.

No colégio eu me destacava nas peças de teatro que montávamos. Gostava de fazer todos os papéis, homens ou mulheres, jovens ou velhos. Eu me esquecia da vida provinciana, tão asfixiante, quando subia no palco. Também ganhei os

poucos concursos de beleza em que se podia concorrer: fui Rainha da Beleza de Quillota e Miss Quilpué. A diretora do colégio era minha cúmplice, notou que eu tinha potencial para ser alguma coisa mais vital que dona de casa. Ela era uma mulher muito lúcida, amiga de Amanda Labarca e das sufragistas, todas essas velhas despachadas a quem tanto devemos. Assim, combinou com a minha família que eu fosse estudar teatro em Santiago sob a tutela de um grande diretor da época. Fui morar na casa de uma tia e minha vida mudou de cor. Mas como não, você é tão bonita, dizia a minha tia. Santiago era uma cidade viva e divertida, nada a ver com a droga que é hoje em dia. Dava gosto morar aqui. Havia poucos carros, muitas árvores, casas senhoriais no centro, boemia, teatros, gráficas, poetas. E assassinatos só de vez em quando, para nos lembrar que éramos humanos. Eu andava sozinha de noite, toda alegre, pela rua Brasil.

Naquele tempo a vida era muito austera. O Chile era um país pobre, não existiam coisas importadas, de jeans a uma garrafa de uísque, não havia nada, parecíamos um país socialista da Europa Oriental. Lembro-me da primeira vez em que a minha companhia viajou para fora do país, fomos a Cochabamba, na Bolívia. Vi um quiosque de balas na rua e fui até lá pensando nas nossas Ambrosoli e nas nossas Serrano ou Calaf, as únicas balas que existiam aqui, e, para minha surpresa, vi chicletes de todas as formas e cores, bolinhas amarelas, corações vermelhos, triangulozinhos verdes, etiquetas com letras em inglês, barras de chocolate que pareciam presentes de Natal e isqueiros descartáveis que achei quase irreais de tão mágicos. Eu fiquei de queixo caído, foi o meu primeiro encontro com o que mais tarde chamaríamos de globalização. Outro dia eu estava na casa da minha cunhada com uma das suas netas que queria colar uns macacos num caderno e não tinha com quê. Sugeri que fizéssemos um grude. Ela me olhou como se eu tivesse falado em aramaico. Não sabia o que era grude! Expliquei que era uma massa para colar que se prepara com farinha e água e ela respondeu: pra quê, se podemos comprar cola branca ou durex? Bem, era nesse Chile que eu vivia. Sem falar que não existia computador nem esses aparelhos para escutar música que se usam hoje, você dava graças a Deus quando conseguia ter um simples rádio.

No ambiente do teatro a gente conhecia todos os artistas, topei muitas vezes com Neruda, com De Rokha, o pessoal costumava tomar um drinque no Bosco de madrugada. Ou jantar num dos botecos das proximidades.

Um dos frequentadores do Bosco era um poeta de cabelo claro que tinha um olhar ladino. Como dizem na roça, ele nunca fechava os dois olhos, e seus dentes — embora já estivessem um pouco amarelados por causa do tabaco — eram pequenos e perfeitos. Estava sempre segurando um cigarro e eu adorava ficar olhando as suas mãos, que iam e vinham até a boca. Pedi que me apresentassem

a ele. Quando se levantou para me dar a mão notei que era muito alto e gostei logo. Fiquei de olho nele. Comecei a evitar outros bares para ir somente ao Bosco e encontrá-lo. Um dia me sentei muito decidida à sua mesa, ele estava rabiscando umas palavras num guardanapo. Fiquei quietinha ao seu lado, como as musas devem fazer. Quando acabou de escrever, levantou a vista e leu o poema em voz alta. Achei lindo e elogiei. Ele sorriu agradecido. Você é uma mulher doce, falou. Eu respondi: com mel se caçam mais moscas. Ele riu e me convidou para tomar uma cerveja. No dia seguinte cheguei à mesma hora e me sentei à mesma mesa, como se tivéssemos marcado. Passaram-se assim cinco dias. No quinto, quando me levantei para sair, ele se levantou junto comigo e me encaminhou para a Alameda. Íamos atravessar essa rua larga quando, de repente, me puxou pela cintura e me deu um beijo.

Gostei muito desse beijo.

Esse era o Ruço.

Acho que me apaixonei por ele porque era mais alto que eu, nós ficávamos bem juntos. Seis meses depois nos casamos. Era uma coisa quase ridícula naquele ambiente e naquele momento, mas decidi casar por causa da minha família, como os meus pobres velhos iriam enfrentar os parentes de Quillota se eu não mostrasse a certidão? O Ruço — era assim que todo mundo o chamava, pouco acostumados neste Chile a ver um fio de cabelo que não fosse um arame preto — era talentoso. Fez dezenas de poemas para mim, todos tão lindos, e o único livro que conseguiu publicar tinha o meu nome como título. Todo mundo considerava muito natural que ele ficasse elogiando a minha beleza, e eu também não me surpreendia, achava graça das suas loucuras. Enquanto isso, continuava atuando no teatro, e cada dia ia melhor. Só me ofereciam papéis de jovem bonita. É para aproveitar a sua gostosura, dizia o Ruço. Será que não sou suficientemente boa?, eu perguntava. Porque, apesar de tudo, sempre fui insegura. Como todas. Algumas amigas me diziam: insegura você, sendo linda deste jeito? E eu respondia: uma coisa não tem nada a ver com a outra.

O Ruço não se interessava em ter filhos. E eu, boba, aceitei. Detesto a expressão que aparece no rosto das mulheres quando me ouvem dizer que não tive filhos porque não quis. Como me atrevi a desafiar as leis da natureza, dizem elas sem dizer. Desafiei porque na época eu não ligava muito, porque o Ruço e o teatro eram suficientes para mim, porque estava curtindo o momento e pensei que a boa sorte ia durar para sempre. Hoje em dia às vezes me arrependo. Essas mulheres que têm um monte de filhos pensando no próprio futuro me dão horror, mas sejamos francos: faz toda a diferença uma velhice com ou sem filhos. Na época, só a arte nos interessava. O Ruço escrevia e eu atuava.

Nós vivíamos tão bem! Tínhamos muitos amigos, as noites eram eternas, ninguém acordava cedo, ninguém tinha um trabalho, digamos, normal. E aqueles domingos maravilhosos, ficávamos até tarde na cama fazendo “joguinhos porcos”, como dizia o Ruço. Quase não víamos a luz do sol. Acho um pouco engraçado como as novas gerações veneram a vida ao ar livre. Puro mito! Ninguém nasce nem morre ao ar livre, tudo o que é importante acontece dentro de casa.

Não cheguei a tempo para a televisão. Eu seria um hit nas novelas. Mas a essa altura já tinham me deixado para trás. Porque os anos passaram. Para o Ruço também, ele não conseguia editora e se frustrava e bebia. Ninguém queria publicar poesia porque não vendia. Neruda acabou prejudicando os seus contemporâneos, se bem que o Ruço era bem mais jovem. Mas ainda assim me amava, nunca descontava em mim, cuidava de mim como um cachorrinho novo. Lembro que nessa época apareceu um vírus — ou algo assim — em Santiago que chamavam de “febre equina”, não sei o que tinha a ver com cavalo, mas o caso é que me pegou. Foi como morrer por uns dias, perto daquilo uma gripe forte parecia um arranhão. O Ruço não saiu nem um instante do meu lado, ele me dava os remédios, fazia umas sopinhas com cabelo de anjo que eu pudesse engolir, trocava os lençóis quando ficavam ensopados de suor. Minha lembrança dessa famosa febre — foi a única vez que adoeci ao seu lado — é algo como estar de repente no palco de *A dama das camélias*: eu, como Margarita Gautier, me dava ao luxo de agonizar com um homem ajoelhado aos meus pés, me amando e cuidando de mim.

Apareceram as minhas primeiras rugas e meus olhos brilhavam menos. A diversão começou a escassear. Quando eu não tinha que ir ao teatro, ficava na noite, ao lado do Ruço e dos amigos dele, bebendo. Vivíamos apertados. Nunca ganhávamos muito, mas nos virávamos assim mesmo. Só que o dinheiro estava diminuindo seriamente. Não dava mais para o aluguel. Um amigo emprestava algum, e quando eu conseguia um papel bom lhe devolvia. Mas para a bebida, do jeito que fosse, nunca faltava. O que nos faltava mesmo não eram bagatelas: na verdade nem o Ruço era tão bom poeta nem eu tão boa atriz.

O diretor do teatro da Universidade do Chile finalmente resolveu apostar no meu talento, e não na minha beleza. E me deram o papel de Blanche em *Um bonde chamado desejo*. Eu estava bem em relação à idade, quando você não é mais jovem, mas se esforça para ninguém notar. O personagem de Blanche é o papel que toda boa atriz quer fazer algum dia. É um papel dificílimo, Vivien Leigh o interpretou no cinema, ao lado de Marlon Brando, lembram? Deve ter sido um

dos primeiros filmes de Brando, tão lindo aquele boboca, mostrando cada músculo naquelas camisetas apertadas e transpiradas, as mulheres ficavam loucas por ele, com aquele olhar de menino mau... Mas voltemos a Blanche, a do bonde. Eu ensaiei com o ardor que a gente só tem por uma coisa que sabe que vai perder, como as últimas trepadas de um velho a um passo da impotência. Eu estava chateada — e um pouquinho humilhada — com os meus últimos trabalhos, Blanche me daria o prestígio que nunca tive e ninguém ia poder repetir a maledicência de que os meus papéis eram escolhidos com critério puramente estético. Eu chegava exausta de noite, depois de dar a alma no ensaio. Quase não via o Ruço, não podia mais acompanhar as bebedeiras e caía desacordada no instante em que via uma cama. Mas ele não reclamava, estava tão orgulhoso de mim! Lembro-me dessa época como um tempo riquíssimo, vigoroso.

Foi então que vivi o “efeito lua cheia”, como o chamei. Eu me sentia como uma grande lua, crescendo e crescendo aos pouquinhos, noite após noite, até chegar a um estado completo, absolutamente luminoso, onde nada falta e nada sobra. Intuía que quando esse equilíbrio terminasse eu começaria a decrescer, a diminuir pouco a pouco até quase sumir. Em toda vida há uma lua cheia. Seria bom se a gente pudesse reconhecê-la e aproveitar pelo menos para sentir-se diáfana e completa.

Organizamos uma grande festa no dia da estreia. Eu não tinha deixado o Ruço assistir aos ensaios: queria surpreendê-lo com a Blanche chegando a Nova Orleans, com o meu vestido, o chapeuzinho e tudo o mais. Para dizer a verdade, sem falsa modéstia, atuei que foi uma maravilha! O teatro quase veio abaixo de aplausos, e enquanto eu cumprimentava o público e recebia um buquê de rosas procurava em vão o rosto do Ruço. Imaginava as críticas nos jornais e os títulos “Revelou por fim o seu verdadeiro talento!”, “Renascimento de uma atriz” e bobagens do tipo.

Quando a peça terminou e, quase desmaiando de emoção, fui para o camarim, não era o Ruço quem estava me esperando e sim Pancho, o melhor amigo dele. A expressão do seu rosto deveria ter me alertado, mas eu estava tão inebriada de sucesso que não a vi.

O Ruço tinha morrido. Foi atropelado atravessando a Alameda, quando vinha para o teatro me ver. Um ônibus o atingiu, ele bateu com a cabeça e morreu na hora.

Só interpretei o papel de Blanche na estreia. Dizem que no dia seguinte estava em estado de choque, não ouvia nada, não falava, só os olhos abertos indicavam que não estava dormindo. Meus olhos pareciam duas lágrimas, de tão claros e

aguados. Do enterro me lembro muito pouco, alguém recitando um poema ao lado do túmulo e era um poema ruim, bem pior que os do Ruço. Umas atrizes amigas ficaram com pena de mim, esquentaram uma sopa e me obrigaram a tomá-la. Nos primeiros dias elas se alternavam para dormir comigo, porque minhas noites eram insólitas: eu ficava sentada na cama olhando fixamente para um ponto com os olhos muito abertos e não os fechava durante horas. O que entrava no meu estômago saía no mesmo instante, eu vomitava sem parar, era da cama para o vaso e do vaso para a cama. Foram assim aqueles dias. Não pude voltar ao palco, não me lembrava de uma linha. Como se a peça nunca tivesse existido. O renascimento da grande atriz acabou aí.

Como acham que sobrevivi? Pois com três coisas: bebida, homens e teatro. Nessa ordem. Bebi feito uma condenada, o que viesse pela frente, pisco, gim, vinho. O importante era dormir, ser uma morta, era disso que se tratava. Ia ao Bosco e os amigos do Ruço pagavam a bebida, eu não tinha com quê. Não ia fazer uma desfeita. Mas depois das farras chegava o inevitável dia seguinte. Eu abria os olhos e antes de sentir a dor de cabeça, a boca pastosa e todos os efeitos da ressaca, lembrava que estava viúva. Não, não pode ser, é um pesadelo, pensava, e tentava dormir de novo. Então, para resistir, apelava para a garrafa de vinho tinto. Não me levantava durante dias e dias, para quê? Não tomava banho e tentava dormir, se possível o dia todo. Ia para a cama com qualquer um. Cada qual sabe onde lhe dói o calo, sem dúvida. Acordei muitas vezes ao lado de homens que nunca tinha visto na vida, não me lembrava de nada. Alguns deles eram gente de teatro e me conseguiam alguma pecinha, para comer. Papéis insignificantes, ninguém confiava em mim a ponto de me dar algo importante. E eu os fazia, apesar de ter sido Blanche, só pelo dinheiro.

Pouco tempo depois entreguei — tive que entregar, melhor dizendo — o apartamento que nós alugávamos na rua Merced, eu não podia mais pagar. Sair de lá foi como me despedir outra vez do Ruço. (Odiei muitas vezes a famosa Blanche, se não fosse por ela o Ruço estaria vivo, repetia e voltava a repetir.) Como não tinha dinheiro para um apartamento fui procurar um quarto. Arranjei um num edifício da rua Londres e me instalei lá com a minha meia dúzia de roupas. Pelo menos tinha uma bela vista, é uma rua muito bonita, lá embaixo, no centro. Mas fazia frio, o quarto era mais gelado que fundo de geladeira. E continuei levando homens para a minha cama. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura: peguei uma infecção bem grande. Então minha cunhada, irmã do Ruço, chamou meus pais. A Charo. Quando a conheci, no dia do meu casamento, achei-a uma pessoa convencional e recatada demais para o meu gosto. Vestia uns conjuntos de duas peças e usava pérolas, se bem que eram falsas. Não se mexia um fio de cabelo em sua cabeça! Possivelmente foi por isso

que eu demorei a me aproximar dela. Sempre me deu a impressão de alguém que, bem ou mal, era dona de si mesma, pensava com a própria cabeça. Quando fiquei viúva, ela teve que intervir e tomar conta de mim. Meu único irmão morava em Punta Arenas e me parecia distante e desconhecido, por isso a Charo passou a ser "a minha família". Ela é uma boa mulher, é enfermeira, trabalhadora, séria e tenaz. Dá uns plantões no hospital nuns horários horríveis, mas nunca se nota que não dormiu. Seus filhos são o meu único contato com as gerações jovens, sem eles eu entenderia bem pouco como estão as coisas hoje em dia.

Meus pais chegaram a Santiago, inteirinhos, arrumados e com boa saúde. Tinham um cheiro tão bom. Os dois me tiraram da rua Londres quase arrastada e me levaram para Quillota. Lá me puseram numa cama, a *minha* cama, que continuava igual à da minha infância. Tudo igualzinho, o corredor, a cozinha grande, a decência. E cuidaram de mim. Na casa da família comecei a me recuperar, parei de beber, alimentei-me como manda o figurino, curei a infecção. Mas o único emprego possível em Quillota era no armazém de um tio e fui taxativa: eu não tinha sido atriz para acabar pesando açúcar. A província é fatal num país centralizado: um lugar onde sempre falta alguma coisa, onde tudo e todo mundo é sempre igual. Na capital você talvez case de novo, disse minha mãe cheia de ilusões, você continua tão linda... Fiquei triste quando me despedi dela, tão inocente, tão modesta com seu vestidinho chemisier, com seu cheiro de limpo, tão distante dos meus lados escuros e desesperados.

Voltei a Santiago e aos meus antigos círculos. Meu pai tinha me passado parte das suas economias e pude alugar um pequeno, pequeníssimo apartamento, o tamanho não interessava, meu único sonho era um banheiro só para mim. (A casa de Quillota sempre teve um banheiro único para a família toda, e nunca me atrevi, embora sempre estivesse brilhando, a entrar no estado de ócio sensual e profundo inspirado por uma banheira quente ou um espelho que me reflita inteira.) Assim começaram os meus anos na rua Vicuña Mackenna — eu conto as épocas segundo a rua onde morava —, e os primeiros foram difíceis. Enquanto insisti em ser atriz, só vivi humilhações. Vi o que significa um amigo se recusando a atender o telefone, igualzinho à pobre Norma Desmond. Naquele tempo não existiam essas secretárias ridículas de hoje em dia, que impedem o acesso aos chefes por princípio e competem entre si para ver quem tem o chefe mais importante; nada disso, as pessoas atendiam seus próprios telefones. E homens que tinham implorado pelo meu corpo alguns anos antes agora me transpassavam com o olhar como se eu fosse invisível, como se não existisse. Eu mendigava um papelzinho como se o palco fosse solucionar tudo. Não temos papel para a sua idade, foi a frase que mais ouvi nesse período. Tingi o cabelo,

renovei o guarda-roupa, comecei a me maquiar como as jovens, mas não adiantou. A ilusão é mais perigosa que um elefante em loja de louças. E não tirava da cabeça a ideia da minha mãe: voltar a me casar. Não seria um homem que ia resolver tudo, mas ajudaria. Apareceram, de fato, dois candidatos, mas eles me queriam para a cama, não para a casa. Quando nos encontrávamos em alguma festa ou no teatro, eles estavam com as esposas. Chegaram as legítimas, eu dizia zangada, odeio as legítimas!

Um marido é um lugar. Um lugar de solidez. De pureza, até, com algum esforço. Eu precisava de um lugar de quietude.

Uma noite minha cunhada veio ao meu apartamento. Fomos jantar num restaurante bem bonito e ela me disse assim: chega, Mané, o teatro acabou e ponto final. No nosso país não existe cinema, e a televisão mal está começando. Eles só querem mocinhas promissoras ou atrizes de caráter, e você não é nenhuma das duas coisas. Por que não ensina teatro? Tem um bom curso onde uns amigos meus trabalham, posso apresentá-los. Assim você tem uma fonte de renda, contribui, pode até conseguir uma aposentadoria.

Fiz o que ela me dizia porque não tinha outra alternativa. Pensei: quem não tem cão caça com gato, Mané.

E assim passou a vida. Dei aulas no curso de teatro, fui uma boa professora, paguei contribuições — como disse a minha cunhada — e hoje vivo da minha aposentadoria. Quando meus pais morreram vendemos a casa de Quillota. Dividi o dinheiro com esse irmão quase desconhecido que tenho e fiquei com a metade. Juntei-a com um dinheirinho que os pais do Ruço tinham me deixado e me senti uma rainha quando comprei a minha primeira e única propriedade: um minúsculo apartamento na rua Santo Domingo, lindo, tem luz e é meu. Não sei em quantos metros eu moro, não devem ser mais que cinquenta, mas incluem uma pequena sala, um quarto, uma cozinha que parece de casa de bonecas e um banheiro *só meu*. O que mais posso querer? Às vezes penso que uma varanda, mesmo pequena, me deixaria muito feliz, mas não me importo. Minhas despesas são muito, muito bem controladas e eu respiro tranquila, não vou morrer como uma mendiga, sem ter sequer um cachorro latindo por mim. E, além do mais, foi nessa época — a época da serenidade, como a chamo — que entendi que a vida me dera um presente enorme: eu tinha sido amada. E também tinha amado.

Amar e ser amada, como o tempo e os olhos me confirmaram, é coisa rara. Muitos acham que é corriqueiro, moeda corrente, uma coisa que todo mundo, de uma forma ou outra, já sentiu. Mas eu me atrevo a afirmar o contrário: para mim é um enorme presente. Uma riqueza. Milhões de pessoas não sabem o que é isso, não é um bem que se encontre na esquina. É como ganhar na loteria. Faz a gente

ficar milionária. Por mais que afinal o dinheiro acabe, você viveu aquilo, quem pode dizer que teve uma vida comum? Nada é vulgar se você foi milionária. O amor também é assim. Mesmo que o Ruço tenha morrido, mesmo que eu tenha ficado sozinha até o fim dos meus dias, não faz mal, o que senti me transformou, isso é indelével. A partir desta compreensão, a ansiedade foi embora. E, junto com ela, todas as suas companheiras, nenhuma delas muito recomendável.

Ser velha é estar sempre cansada. É acordar cansada, é ficar cansada o dia todo e é ir se deitar cansada.

Toda manhã, quando me levanto, lembro quem sou e preciso fazer as pazes comigo mesma. Sempre me pergunto por que me permitiram mais um dia de vida. Tenho que agradecer? Minha cunhada me diz que eu ainda me movimento com desenvoltura, que só os corpos que foram bonitos se mexem assim. Pode ser, talvez ela tenha razão, mas essa beleza que já não existe torna tudo ainda mais doloroso.

Talvez o pior seja isto: a decadência física. O primeiro sinal é o pescoço, quando ele começa a ter movimentos próprios, a ficar pendurado, quando é atravessado por verdadeiras crateras de uma orelha até a outra, aí você não pode mais contar com a beleza, *que se va, que se va*. Você continua se vendo internamente como uma pessoa jovem, mas acontece que não é, e o pescoço é o primeiro a dizer isso. Depois vêm os lábios. Eles começam a recuar, a se retirar, como dois animais derrotados, e você se pergunta: mas quem brigou com eles? Viraram uma linha, e eu que tinha uns lábios encorpados, assim, carnudos, o Ruço adorava. Sim, eu sei que hoje existe silicone, mas, ora, não venham me dizer que fica natural, elas acabam parecendo peixes com aquelas bocas protuberantes! A velhice se mede pelas partes do corpo que resistem à exibição. Quando você quer se cobrir inteira, aí danou-se tudo. Lembro-me de quando eu dizia que — estando nua diante de um homem — cobriria a barriga, mas mostraria os peitos. Quando os peitos começaram a cair, decidi que só mostraria as pernas. Mais tarde quis cobrir as pernas e deixar só os braços à vista. Um dia cobri os braços. Pronto: você não quer mostrar nada. Então já está velha. E nada de botar a culpa nas pedras do pavimento.

Vamos falar da decadência. Você está num ônibus e quer olhar alguma coisa que ficou para trás, tenta virar o pescoço e não consegue... Está tão contraído e com os músculos tão estropiados que você só vê até o ombro, e olhe lá. Estou falando de levantar de uma poltrona. O corpo faz um determinado movimento para se levantar, um impulso inconsciente, automático, que as pessoas normais repetem várias vezes por dia sem perceber, e que hoje é muito difícil para mim. Uma poltrona funda pode ser causa de grandes humilhações, uma vez que você se sentou nela não consegue mais sair. Estou falando de agachar-se para pegar o

chinelo, que ficou embaixo da cama e não conseguir, os joelhos parecem petrificados. Estou falando de articulações doloridas e rígidas. De músculos intumescidos. De pernas ancilosadas (sem me referir à estética, à quantidade de veias roxas que vão aparecendo na pele das pernas, até os cinquenta anos eu não tinha nenhuma), e você não sabe quando nem o que aconteceu, mas da noite para o dia suas pernas não reagem como antes. No repouso da noite, elas doem. Estou falando de não dormir nunca uma noite completa, porque me deito cedo, não aguento de sono às dez da noite e às duas da madrugada já estou com os olhos arregalados, sabendo que o que me espera são as trevas, ou seja, as lembranças e obsessões. Não acendo a luz com medo de acordar completamente, mas acordo de qualquer jeito. Lá pelas cinco tiro um cochilinho, mas me levanto para ir ao banheiro porque a bexiga já não resiste muito. Uma amiga minha, atriz famosa no seu tempo, usa fralda. E cheira mal. Quando estou com ela penso que prefiro a morte, a gente diz com muita facilidade que quer morrer, mas à medida que os anos passam vai se aferrando a cada dia e não o solta de jeito nenhum. O corpo tem que expulsar os líquidos e os sólidos e os esfíncteres aguentam cada vez menos. Hoje eu digo “prefiro morrer a usar fralda”, mas quando for o caso estarei disposta e querendo continuar viva. Para quê, não sei. Para que se vive? A mãe do Ruço, minha sogra, morreu sem poder andar, um dia ela quebrou o quadril e não se levantou mais, era um peso para todo mundo e a sua vida uma porcaria, mas se aferrava a ela porque era tudo o que tinha. Qualquer vida, por pior que seja, é melhor que o nada. E que o terror. Que esse medo gelado da morte. É estranho que nós tenhamos tanto medo da única certeza que a vida nos dá. Os olhos. Eu uso três pares de óculos diferentes. Um para ler, um para ver de longe e outro para ver de perto. Eu me atrapalho, vivo perdendo, pego uns óculos para ler o jornal e são os errados, dou vinte voltas pelos meus cinquenta metros quadrados procurando os óculos de leitura, mas eles não aparecem, afinal estavam pendurados no meu pescoço e eu não me lembrava. Muitas vezes, na rua, só encontro os que não servem para ver de longe. Metade dos meus erros tem a ver com isso. Os olhos deixaram de ser parte do meu rosto, sempre estão com vidros na frente, e tão bonitos que eram. Não consigo mais me maquiar nem se quisesse, não distingo bem os contornos e posso acabar feito um palhaço. Depois o problema dos dentes: um bom dentista é impensável. Então você vai a um ruim. Todo dia aumenta o número de coisas que não pode comer, carne, por exemplo, eu não tenho mais dentes para comer carne, só me restam poucos e um dos dianteiros é postiço. Minhas gengivas sangram. Tenho sensibilidade para o calor e para o frio. Eu teria que fazer coisas que não posso pagar, e então, em vez de um tratamento de canal, tiro o dente e pronto, é preciso muito dinheiro para salvar. Às vezes minha boca inteira dói, e se eu soltar uma gargalhada me delato,

aparece tudo o que me falta.

A velhice é também deixar de rir.

Sem falar dos remédios! Eu tomo nove comprimidos por dia, cada um para uma coisa diferente, a pressão, o colesterol, o açúcar, o ansiolítico, para que continuar. Até que pareço bem normal, mas para isso são nove comprimidos diários. Minha mesinha de cabeceira é uma vergonha, caixas e caixas. E quando não encontro genéricos no Laboratório Chile, entro em pânico. Não posso comprar.

Falando da decadência percebo que preciso falar antes do dinheiro. Dizem que os velhos ficam avarentos. Não será, por acaso, porque o dinheiro escasseia e isso assusta?

Uma parcela muito, muito pequena da terceira idade vive confortavelmente. Já falei da minha exígua aposentadoria, quem me paga é o Instituto, se eu tivesse entrado na previdência privada que Pinochet inventou estaria pedindo esmola na rua. Os artistas nunca se caracterizaram por ser cautelosos nem por pensar no futuro, talvez seja o grupo profissional que vive mais insistentemente no presente. São poucos os que ganharam dinheiro com sua arte, portanto ninguém tem economias, a batalha é diária. E é por isso que lemos no jornal que tal ou qual escritor ou músico morreu, sempre na miséria mais vil. Tudo isto é para dizer que, se a minha cunhada não me obrigasse a reagir, não sei o que teria sido de mim. Mas, embora não precise mendigar, não posso me dar a nenhum luxo. E é aí que a palavra *luxo* começa a ficar tenebrosa, será um luxo fazer um tratamento de canal para não perder os dentes? Os remédios novos, essas descobertas que revolucionam a medicina: quando a notícia chega, quem pode encomenda em outro país, coisa impossível para mim, e quando chegam no Chile de qualquer jeito não posso comprar por causa do preço. Os ricos não tomam os mesmos remédios que os pobres. Também não podemos nos deprimir, isso é um outro luxo, como pagar a terapia?

(Entre parênteses: estou aqui porque metade das pacientes de Natasha não paga, ou, melhor dizendo, porque ela concebe assim sua profissão: as mais ricas pagam pelas mais pobres. Não sei quantas de vocês pagam a Natasha o que o tratamento realmente vale, mas agradeço muito às que o fazem, porque entro na categoria do trabalho *pro bono*, conceito que ela me ensinou.)

Outro dia uma mulher estava contando na televisão que o seu antidepressivo custava sessenta mil pesos a caixa de trinta comprimidos. Dois paus o comprimido. Eu me alimento dois meses com sessenta mil pesos. As mulheres do povo recebem aspirinas quando vão à rede pública tentando explicar seus sintomas de depressão. Que país estranho, segundo as estatísticas todo mundo se deprime, até parece que vivemos na Islândia. Mas os que têm dinheiro curam a

depressão, os outros não. Uma garota que eu conheço, filha de um ator de televisão, é bipolar. Bem, isso não quer dizer grande coisa, atualmente todo mundo é bipolar, está na moda. Mas essa menina, somando o psiquiatra, os psicólogos e os remédios, pelo que me contou o pai, gasta várias vezes um salário mínimo. O que faz aquela mulher da aspirina se sua filha é bipolar? Não faz nada, a guria se suicida e acabou-se. Voltamos ao mesmo ponto: a terapia e seus medicamentos são um luxo.

Vejamos os luxos que fazem jus ao nome, os de verdade: a cirurgia estética, as massagens redutoras, a comida hipersaudável, as viagens aos Estados Unidos para tratar cânceres complicados, as casas de praia, a roupa sob medida. Enfim..., essas coisas. Com a comida é engraçado: quanto mais saudável, mais cara. Um atum da Ilha de Páscoa, cru, desses que usam na comida japonesa, pura proteína, vocês sabem quanto vale o quilo? Pois o mesmo que onze ou doze pacotes de lentilhas. Um quilo de filé-mignon, dez quilos de pão e mais a mortadela. E assim por diante.

Então você não tem dinheiro para a saúde. Como também não tem para a diversão ou o ócio. Os livros são muito caros. Só leio o que me emprestam. Às vezes me convidam para ir ao teatro, mas ao cinema não vou mais, logo eu que gostava tanto. Alugar filmes na Blockbuster sai mais barato, mas só em dias de promoção. Assim, estou condenada a ver o que passam na televisão aberta, porque também não posso pagar a cabo e tenho que engolir os eternos comerciais, que já conheço todos de cor. Não tenho carro — nunca aprendi a dirigir, para quê?, ninguém tinha carro no meu tempo —, e na minha idade as viagens longas de ônibus são muito cansativas. Só para ir a Quillota, que fica aqui ao lado, são três horas e meia. Então o seu olhar começa a ficar mais estreito, não apenas tudo fica complicado e difícil como você começa a almejar cada vez menos, suas aspirações vão diminuindo, e quando o mundo externo fica tão pequeno, o interno vai junto. E você acaba ficando bastante idiota.

E o clima: na minha juventude isso não era assunto, tanto fazia em que estação estávamos, eu enfrentava o frio e o calor sem grandes problemas. Agora, como essas velhas inglesas que aparecem nos filmes, o clima é tudo. Passo os meses de verão na cidade, abafada de calor, fervendo nos meus cinquenta metros quadrados, completamente cercada de cimento em pleno centro. Se você não tem amigos nem filhos com dinheiro, onde vai veranear na minha idade? Simplesmente não vai. Verão e inverno, outono e primavera, eu vejo tudo através da rua Santo Domingo, com um barulho infernal porque aqui no centro os ônibus destroem os ouvidos da gente. Transantiago uma ova! Na minha rua continuam passando os ônibus amarelos de sempre com o mesmo barulho horroroso, a única diferença é que foram pintados de verde e branco. E o inverno: não

pensem que o apartamento tem calefação central. No meu edifício esse conceito não existe. Tenho uma estufa a querosene que carrego comigo para onde vou, do quarto para a sala. O problema é comprar o querosene. Puxo conversa com o faxineiro para que me traga a lata e lhe ofereço um pedaço de bolo ou algo assim porque não posso dar gorjeta. A cada ano que passa fico mais pão-dura com o querosene, por causa da lata e do preço... De noite apago a estufa, para não gastar nem me intoxicar, e na cama me cubro com todos os cobertores porque, no fundo, estou sempre um pouco gelada. Nem queiram saber o peso da minha cama no inverno, com todos os cobertores mais as meias de lã e o roupão do qual não me separo. Quando a temperatura cai abaixo de zero, eu não me levanto mais. Os velhos vivem sempre gelados, isso faz parte da velhice. E quando vejo nos filmes mulheres de camisola de manga curta em pleno inverno, sempre me pergunto se é mentira ou se existe mesmo algum mundo onde se pode passar o inverno de manga curta dentro de casa.

Estou ficando muito doméstica. Mas afinal de contas a vida é isto: manga comprida ou manga curta, e não os grandes acontecimentos.

Também muda a percepção do tempo. Tudo é um suspiro, um instante. Quando falamos de alguém e eu digo, sim, outro dia o vi, e me perguntam quando, percebo que "outro dia" foi há mais de um ano. Para mim um ano inteiro *é* "outro dia". Perde-se a noção concreta e real do tempo, se é que existe tal coisa. Ou talvez tenha a ver apenas com a monotonia, como nunca acontece nada e já não se espera mais nada, o tempo é uma linha reta.

E também a cidade. É lisa. Não atrai, a cidade se dobra sobre si mesma. Tem poucas surpresas. Por exemplo: as velhas do centro. Como eu, são todas decadentes, pobretonas, todas com o mesmo casaco meio puído, mas digno, o mesmo cabelo curto com um pouco de permanente, as mesmas bolsas pretas de tamanho médio — nem muito pequenas nem muito grandes —, os mesmos sapatos pretos um pouquinho detonados, marcados de lado pelos joanetes. Todas pisam com a mesma insegurança, com medo de tropeçar e de ser quem elas são. Os estudantes: os mesmos cabelos compridos, os agasalhos com capuz, jeans de preferência rasgados, lenços árabes no pescoço, mochilas penduradas e um fone tapando os ouvidos. Outro nicho: as feirantes. Se vocês forem a La Vega e olharem para elas, vão ver que todas são cortadas pelo mesmo molde: gordas ou sempre com algum excesso de peso, com uma roupa apertada, um idêntico cabelo tingido e malcuidado, todas de pele escura, de jeans ou calças legging cortadas na cintura, falam do mesmo jeito e têm os mesmos nomes, quase sempre estrangeiros (quando eu era nova os nomes eram sempre em castelhano). E as grã-finas do bairro alto com suas caminhonetes 4x4: prepotentes por princípio, cabelos longos, lisos e com reflexos claros, mais para magras, sempre

chacoalhando alguma coisa nas mãos, pulseiras, chaves, o que for. Carregam bolsas enormes e de boa marca e só usam botas ou botinas, nunca sapatos. Suas filhas têm nomes de homem, Dominga, Fernanda, Antonia, Manuela.

Enfim, todas baratas tontas tentando sair de um aperto. A começar por mim.

Santiago não conhece a diversidade.

E nos países desenvolvidos ainda fazem um esforço enorme para prolongar a vida. Eu me pergunto, com toda a franqueza: para quê? As crianças de hoje, observem só, nascem tendo bisavós e acham que isso é a coisa mais normal do mundo. Na minha época era impossível! Com muita sorte a gente tinha uma avó viva, e olhe lá. Então, voltando à minha pergunta: qual é o objetivo, caramba? Colecionar velhotes dos quais ninguém tem tempo para cuidar? Nem tempo, nem dinheiro, nem espaço e às vezes nem vontade. Não existem mais aquelas casas grandes onde mal se notava um velho, nem as mulheres desocupadas que se encarregavam deles. A velhice está virando o grande estorvo do planeta. Meu Deus, não quero nem imaginar como vai ser dentro de vinte anos. Às vezes observo a caravana de um enterro na rua e vejo homens-feitos, maduros, para não dizer já com suas boas entradinhas na testa, e lá estão, enterrando a mãe. Mas essa mãe deveria ter morrido há séculos!

Se tivéssemos uma cultura, como as orientais, em que se venera a velhice, aí seriam outros quinhentos!

Em relação à principal característica da velhice, a tão falada solidão: se eu me arrependo de alguma coisa é de não ter investido mais na amizade. Tive amigas, mas nenhuma, além da minha cunhada, foi minha amigona. E esta nem sequer foi escolhida por mim, era irmã do Ruço e pronto. Mas nós não somos tão íntimas a ponto de desabafar com ela as minhas pequenas mazelas diárias. Antes eu costumava desconfiar das mulheres, estava muito em voga na minha juventude. A outra era sempre uma inimiga em potencial. E como eu era tão bonita... parecia ser inimiga de todas. Ainda não haviam aparecido as feministas e ninguém falava em solidariedade de gênero, em redes de mulheres e essas coisas. Enfim..., para que me queixo, se eu tivesse tido alguma amiga íntima, ela também já teria morrido.

A única saída é assumir a velhice. Quem não assume está perdido: a patetice não perdoa. Talvez para as mulheres que têm marido e filhos seja mais fácil, o ambiente não deixa que elas se enganem. Mas quando você está sozinha, como tantas velhas nesta cidade, a tentação de fechar os olhos e não querer perceber é grande. Vocês viram o filme *O que terá acontecido a Baby Jane*? Interpretado por Bette Davis e Joan Crawford. Eram duas irmãs anciãs que se odiavam. No

final uma mata a outra, mas não é isto o que me interessa: é a pinta de Bette Davis. Ela não assumiu a idade que tem e se veste e se penteia e se pinta como uma adolescente, às vezes como uma menina. Sempre me lembro do ruge nas suas bochechas, duas manchas vermelhas sem pé nem cabeça. E pensava que no dia em que eu ficasse parecida com ela seria o meu dia final. Mas não foi, claro. O dia final nunca é aquele que a gente supõe.

Vou contar uma pequena história.

Um dia, há uns quinze anos — eu já tinha feito sessenta —, recebi uma carta de Mendoza. Olhei o remetente e o meu coração disparou. Era um homem de quem eu tinha gostado muito, talvez o que mais me marcou entre aqueles romances loucos que tive depois da morte do Ruço. Na carta ele me dizia que uma amiga comum tinha passado por Mendoza e lhe dera o meu endereço e que queria muito saber de mim. Respondi na mesma hora, contando mais ou menos a minha vida — enfeitada, é claro, o papel aceita tudo —, e assim começou uma ativa e copiosa correspondência. Ele tinha negócios e a sua legítima, ou seja, a mulher, não se entrosava com ninguém, era uma chata. Tinham vários filhos. Mas não me resta a menor dúvida de que estava cansado dela. Bem, a coisa é que começou o flerte por correspondência. É de graça, o outro não está vendo e você pode se soltar como se fosse a mulher maravilhosa de anos atrás. As cartas dele me fizeram muito bem. Minha vida começou a ficar melhor, eu tinha algo a esperar, cada carta era como uma trepada com ele e ele não media as palavras. Foi uma época bonita, cheia de ilusões, de expectativas. O que estava me acontecendo é que eu tinha voltado a me sentir *mulher*, talvez pela última vez. Então me chegou uma carta peremptória: ele vinha ao Chile e queria me ver. Merda! Quer me ver? E eu tenho sessenta anos, foi só o que pensei. Corri para o espelho. Olhei-me de perto, tentando ver com os olhos dele, e não gostei. Tratava-se de um encontro sexual, eu estava numa sinuca. Olhei de longe e a impressão foi diferente. A pinta é tudo, como sempre dizia o Ruço, e constatei que quando eu me afastava um ou dois metros do espelho — com luz indireta — e me movia com graça, podia aparentar cinquenta ou quarenta e cinco. Afinal de contas, o cara tinha a minha idade, não se tratava de nenhum rapazinho. Comecei a dançar na frente do espelho como fazia na infância, a vários metros de distância, três, quatro, e aí sim impressionava. Mas ele me veria de perto. Bem, passei dez dias antecipatórios pensando em como diabos ia parecer jovem e agradar esse homem. Chegou o dia esperado, tínhamos marcado às sete num café (se eu oferecesse a minha casa como lugar de encontro podia parecer provocativo ou óbvio, afinal a cama estava a um passo da sala). Ele sugeriu o café e eu achei adequado e cuidadoso de sua parte e embarquei nessa. Vesti tudo o que tinha no armário, até o vestido que conservei depois de Blanche, que de

tão fora de moda tinha voltado a ficar na moda. Lavei o cabelo, escovei cem vezes, me pintei como lembrava que as maquiadoras do teatro faziam. O objetivo era ficar bem sem que se notasse o esforço. Enfim..., vocês podem imaginar o meu estado de nervos quando fui para esse encontro. Tinha esperanças de verdade depositadas nele, não para casar, entendam bem, só estou falando de finalmente ter sonhos, uma aventura aos sessenta é como nascer de novo.

Mais arrumada que noiva no altar, entrei no café e ele já tinha chegado, que alívio. Estava falando no telefone do caixa. Eu o reconheci na hora: tirando uma papada dupla e um pouco de barriga, estava igual. Ele me viu e acenou de longe e continuou falando. Demorou bastante, para dizer a verdade. E quando desligou e veio em minha direção senti no ar que quando se aproximava ele se afastava. Parecia preocupado e concentrado em algo que não tinha nada a ver comigo. Perguntei do que se tratava e ele me falou sobre um bloqueio do seu caminhão na passagem do Cristo Redentor. E que se a coisa demorasse muito as frutas iam apodrecer. Bem, quando nos sentamos automaticamente pedi um café e ele também (não uma bebida embora já fossem sete da noite) e ele continuou falando do telefonema (enquanto eu pensava nas minhas olheiras), dos problemas na fronteira (enquanto eu levantava o pescoço para esconder as rugas), da mercadoria que podia estragar (enquanto eu molhava os lábios para que não se estreitassem), nada muito interessante, e a conversa ganhou um toque de preocupação que não cabia. Bem, continuamos conversando, somente sobre assuntos impessoais, o Chile, a *Concertación*, as dificuldades para negociar com a Argentina, a neve da cordilheira. Tomamos outro café e deixamos os assuntos mais ou menos em dia. Não havia nenhuma relação entre as cartas do meu antigo amante e este homem no café. A menor malícia em seus olhos, nem sequer uma brincadeira, uma lembrança de antes. Às nove me levantei e disse que tinha um jantar, já precisa ir embora?, perguntou, quase aliviado, e eu me retirei. Ele não gostou do que viu. Lembrava-se de mim com vinte anos menos, era essa a mulher que ele tinha paquerado por carta. Brutal assim, simples assim, cru assim. Afinal nos despedimos com a típica fórmula dos chilenos, a gente se vê, sim, a gente se vê, avise quando voltar ao Chile, sim, vou avisar... Nunca mais soube dele, nem uma palavra. E isso foi tudo.

Voltei para casa e não pensem que comecei a chorar, nada disso. Peguei na cômoda a caixa de maquiagem dos tempos do teatro — ainda a tenho, se bem que todo o conteúdo já está bastante seco —, fui para a frente do espelho e, recuando vários metros, atenta ao menor detalhe, fiquei me observando. Depois limpei o rosto, instalei uma luz indireta e voltei a me maquiar, começando do zero. Primeiro o ruge. Com enorme cuidado peguei o pincel de pelo de marta e

dei os primeiros toques nas minhas bochechas, voltei a olhar, depois os segundos, mais observação, os terceiros: cada um diminuía, a meu ver, alguns anos na minha aparência. Quando já parecia uma mocinha, continuei com o batom mais intenso que havia, um vermelho que parecia uma rajada de sangue, e pintei os lábios em forma de coração: a subtração de anos continuava. O azul nos olhos e o rímel nas pestanas era moleza. O que me levou mais tempo foi o cabelo: tentei diversos penteados juvenis, para cima, para baixo, até dar com dois rabos nos lados, maria-chiquinhas, e perdi mais anos. Levantei e prendi as saias para que ficassem acima dos joelhos. Feito isso, decidi que tinha quinze anos menos e comecei a dançar na frente do espelho. Afinal, exausta, caí na cama toda vestida e adormeci.

No dia seguinte peguei o creme demaquilante e passei no rosto, e decidi que junto com o algodão jogaria no lixo o que havia acontecido. Mas alguma coisa dentro de mim dizia: que frescura, para que caçar com gato? Na noite seguinte, com o segundo copo na mão, não resisti e comecei tudo de novo: a maquiagem e a dança na frente do espelho, sempre a vários metros de distância. Minha Baby Jane era menos ridícula que a de Bette Davis: eu era mais bonita que ela e fiz tudo com mais sutileza. Mas o fenômeno era o mesmo. Começou a se repetir com certa frequência. Eu me colocava atrás dessa máscara desenhada pela minha própria mão, vestia uma saia curta, dançava na frente do espelho e depois me jogava na cama, imóvel, como uma boneca de pano. Em frangalhos.

Assim nasceu uma nova Mané, menina envelhecida e grotesca, enquanto crescia em mim a decisão de que nenhum homem voltaria a me ver ao natural. Comecei a gostar: quando estava sozinha começava a rememorar o que aconteceu com esse amante do passado e, à medida que aumentava o medo de que nunca mais ninguém tocasse em mim, ferida de morte, me entregava à maquiagem e à dança. Só assim me convencia de que era capaz de atrair alguém. Sempre aquele espelho nebuloso, à distância, me contando verdades mentirosas, sufocando o enorme desejo de encostar a cabeça exausta numa camisa amassada e amiga.

Mas a velhice tem uma coisa fantástica: ninguém espera nada da gente. O fim das expectativas. Já é tarde para muitas coisas, para quase tudo. Portanto, é tarde demais para ficar maluca. Para virar alcoólatra. Para tirar da manga uma personalidade malévola. Para inventar problemas que nunca existiram. Se a inveja não me torturou quando eu era jovem, não vai acontecer agora. É um alívio.

E se você sabe se divertir consigo mesma, vai continuar se divertindo. A falta de ambição da velhice dá espaço para coisas boas e dá muita, *muita* liberdade.

Há pessoas que ficam ligadas às recordações, abrem seus baús, olham as fotos do passado uma por uma, leem cartas escritas há décadas. Eu não tenho nenhum baú. Só tenho uma caixa com alguns objetos guardados: minha certidão de casamento, o livro que o Ruço publicou e as taças de cristal da minha mãe. Essas taças me trazem uma lembrança: minha avó as deu de presente à minha mãe, são só duas — certamente eram mais e foram quebrando —, feitas de um cristal lapidado muito fino, cor azul-céu. Minha mãe as adorava e nunca usava porque, segundo ela, eram elegantes demais. Quando me deu essas taças, pouco antes de morrer, pediu que eu cuidasse delas. Foi o que fiz. Cuidei tanto que nunca as usei. E as encontrei recentemente, para que merda eu guardava essas taças se não usava. Não faz o menor sentido esperar o momento certo, ele nunca chega. Não existe esse momento.

Talvez a solução seja ter um pequeno projeto por dia. Tanto faz estar viva ou morta quando não há um motivo para se levantar toda manhã. Se eu resolver ficar de camisola e não me vestir nem tomar banho, podem passar muitos dias até que alguém note. Se vocês soubessem como eu me exijo e me disciplino para sair da cama de manhã, uso todas as minhas forças nessa hora e graças a isso sou capaz de chegar até o banheiro, de abrir a torneira, de injetar um pouco de vigor no meu corpo prostrado. Faz lembrar os atributos das boas atrizes: exigência e disciplina. E sabem por que faço isso?, por que me forço? Porque no dia em que não fizer ficarei na cama para sempre. Para todo o sempre. Se eu me entregar, não vai haver força no mundo que me tire de lá. Porque este é o desejo profundo do corpo. E então poderia me considerar morta.

Recentemente passou no Chile um filme italiano que vi com a Charo: *A melhor juventude*. Tem um personagem que me deixou pensando dias e dias, o da mãe dos rapazes. Uma mãe bem típica, de qualquer país, daria no mesmo se fosse italiana, espanhola ou chilena. De aspecto, era bastante insignificante. Dava aulas num colégio e também cozinhava e se encarregava da casa e dos filhos. Classe média típica. À medida que o tempo passa os meninos crescem e deixam a casa, os pais envelhecem e afinal ela fica viúva. Tudo leva a pensar que vai desmoronar. Mas, para surpresa dos espectadores, ela decide não se entregar. E a essa altura, já velha, resolve mudar de vida *e muda*. Toda manhã acordava bem disposta, seria muito surpreendente que passasse dias de camisola. Surpreendente, para começar, para a sua nora e o seu neto. Quando morreu eles sentiram a sua falta. Quem vai sentir falta de mim? Essa personagem me deixou marcada. O que me aconteceu que não sou assim? Claro, no Chile você se enregela, não tem Sicília nem nada parecido, nem eu tenho família. O projeto dessa mulher era o seu neto. Foi isso que evitou a solidão final: a solidão da pele.

Ninguém toca em você. As pessoas não ficam se tocando, com toda razão. E o sexo é uma lembrança perdida. Você dá a vida por um abraço apertado, pela força única que sustenta, que contém a gente. Ou por um cafuné no cabelo para fazer adormecer. Às vezes, acho que só queria isso: uma mão no cabelo antes de adormecer para sempre.

* *Crepúsculo dos deuses*. (N. da E.)

Juana

Um ano atrás eu começaria dizendo: como a vida é boa! E era mesmo, claro que era! Tantas coisas boas, de um orgasmo prolongado até um copo de refresco de pêssego geladinho no verão. Porém um ano atrás, por causa da Susy, tudo mudou. Eu não sou mais a Juani de antes — porque meu nome é Juana — e quero trazê-la de volta.

Os meus problemas não são meus, mas mesmo assim me matam. Eu queria saber como é possível que a dor me castigue desse jeito se eu não fiz nada para isso. Quando a gente faz merda, tem que pagar as consequências. Só que há problemas que aparecem sem que você levante um dedo. Todo mundo sofre, caramba, quem escapa?, então deveria existir uma porra de uma receita para recuperar a alegria apesar dos pesares.

Talvez me sinta mais velha, porque vivo cansada, mas tenho trinta e sete anos. Sou depiladora, trabalho num salão de beleza, é assim que Adolfo gosta de dizer, salão de beleza, não cabeleireiro, no bairro alto, em Vitacura, perto de Lo Castillo. Todo mundo me considera boa no meu ofício e tenho clientes fiéis. Sou solteira, que droga, bem que eu gostaria de ter um homem, não sei se como marido, mas como companheiro de vida. E de cama. Aos dezoito anos pari a minha Susy, já faz uma eternidade, ela é o meu tesouro.

Fui mãe solteira. Igual à minha mãe, que nunca se casou. Teve um companheiro que não era meu pai, moraram juntos e tudo, mas ele a tratava muito mal, aquele filho da puta a maltratava demais. Desde bem pequena aprendi a defendê-la e faço isso até hoje, agora não mais dos homens, e sim da doença. Sou filha única. Nasci na rua Viel, entre a Rondizzoni e a avenida Matta, do lado leste do parque O’Higgins. Era um bairro agradável e tranquilo, a casa — propriedade do meu avô — era de tijolos, muito sólida, e eu pensava que ia durar para sempre. O armazém da esquina vendia fiado, a vizinha entrava e saía como se fosse a casa da sogra, eu ia a pé para o colégio, andava tranquilamente em toda parte, brincava com as outras crianças do bairro, passavam poucos carros por lá e no tempo de calor as mulheres ficavam o dia todo fora de casa. As noites eram bem silenciosas. Minha avó era uma velha mandona e seca, mas carinhosa do seu jeito. Suas mãos pareciam duas caçarolas de ferro esmaltado, sempre duras e ocupadas. Mas me ensinou muitas coisas, graças a ela cozinho bem, costuro, faço tricô e conserto tomadas. Do meu avô não me lembro muito, morreu quando eu era bem pequena. Acontece que um dia decidiram abrir uma estrada. Logo ali, merda, bem em frente à nossa casa. Quando avisaram alguns

ficaram contentes, pensando que a rua ia se tornar mais importante, fizeram até planos de abrir pequenos negócios agora que ia haver movimento. Mas que nada, nem negócio nem porra nenhuma! Fomos sacaneados. Cimento, cimento e mais cimento. E ficou cheio de operários, de máquinas, de barulho. Resultado: o metrô e a Norte-Sul. Ficamos isolados do resto da cidade, aquilo virou uma rua enorme, cheia de grades, espaços vazios em tudo o que é lado e carros passando a toda velocidade. Não se podia parar na nossa rua, ela só servia para entrar feito foguete no centro da cidade, aqueles merdas entravam feito foguete, uma verdadeira farra. O barulho não nos deixava viver. Acabou tudo, a privacidade, a intimidade, nós ficamos morando numa vitrine. E passamos a nos sentir sós.

É o progresso, vocês vão dizer. Mas ninguém pode negar que a porra do progresso acontece à custa das pessoas comuns, à custa de uma menina pequena vendo diariamente sua infância ser destruída, a paisagem que você achava eterna mudar diante dos próprios olhos. Nós tivemos que sair de lá, acabou-se. Lembro das discussões, a minha velha e a minha avó — o vovô já tinha morrido —, para onde ir, para qual bairro, os subsídios, se casa ou apartamento, enfim... Terminamos em Maipú. Fomos pioneiras lá, nessa época não existiam os milhares de bairros de hoje em dia, nem os shoppings, nem a infinidade de carros, tudo isso veio depois. A Susy nasceu em Maipú, e quando eu lhe mostrava o meu antigo bairro ela não acreditava que algum dia nós tínhamos vivido lá em paz.

As casas são muito importantes. Diga-me como é sua casa e lhe direi... Nosso mundo está todinho nela. É o que cobre a gente, como as penas de um pássaro.

Eu gostaria de ser rica só para ter uma casa bem bonita. Um desses apartamentos elegantes ali perto do cabeleireiro onde trabalho: têm porteiro vinte e quatro horas por dia, não dão medo, são quentinhos no inverno e bem arejados no verão, têm varandas onde a gente pode tocar nas copas das árvores. Os quartos são luminosos e grandes, especialmente nas construções mais antigas, as que já têm vinte ou trinta anos. Não é que eu me queixe, mas gostaria de que nossa casa em Maipú tivesse paredes um pouco mais grossas, mais isolamento, tetos um pouco mais altos, mais luz e um pouquinho mais de metros quadrados. Quando estou precisando de dinheiro faço depilação em domicílio e acabo visitando essas casas e quando as vejo gosto tanto delas que penso: puta merda, algum dia ainda compro uma casa linda para minha velha e para Susy e nós três vamos ficar ultraconfortáveis cada uma com seu próprio quarto. Agora só temos dois, um é da minha mãe e o outro da Susy, e eu passo de um para o outro segundo as necessidades ou as circunstâncias.

Sou muito trabalhadora, não recuso nenhum serviço. Aprendi a depilar quando

ainda estava no colégio. Eu gostava mais do trabalho de manicure, mas geralmente tenho dificuldade para me concentrar, ou melhor, não me dou bem em coisas que exigem motricidade fina, não tenho paciência e acabo errando e me dá vontade de jogar tudo para o alto. Uma vizinha nossa tinha um salão clandestino em casa — digo clandestino porque ela não pagava impostos nem tinha alvará, trabalhava para o pessoal do bairro — e muitas vezes eu ia para lá depois do colégio e a ajudava, gostava de ser ajudante dela. Minha mãe dizia: é melhor você ficar em casa, filhinha, estude, e minha avó dizia o contrário, deixe a menina ter um ofício, é melhor aprender a fazer bem alguma coisa do que ficar só estudando, de qualquer jeito ela vai ter que trabalhar. Então aprendi a fazer de tudo, corte de cabelo, tintura, unhas de mãos e pés, depilação. Treinava com minha família e as minhas amigas, e às vezes — no princípio só — até as queimava e as coitadas nem reclamavam. Acho que a minha velha tinha o sonho de que eu continuaria estudando, alguma coisa técnica, e ia ser a primeira na família a ter curso superior, mas eu era teimosa, não gostava de estudar, só queria acabar logo a maldita escola secundária e depois tchau, merda, ao trabalho! Minha avó me chamava de Formiga, a trabalhadora incansável. E era mesmo, digo eu, e com bastante alegria. Alegre, mas com uma grande fraqueza: os homens. Porque puta merda como eu gostava de homem. Sempre, e até hoje. Saí do colégio e na noite da formatura transei com um dos músicos da orquestra. Um mês depois comecei a passar mal, era pleno verão, eu estava morrendo de calor e com náuseas. Comprei um teste de gravidez na farmácia e fui me trancar no único banheiro da casa. Vamos logo, Juana, depressa, gritava a minha avó na porta. E eu, esperando a porra do resultado (que hoje em dia demora quase um segundo). Ali diante dos meus olhos: positivo. Puta! *Positivo*. Agora ia ser impossível estudar. Tem tanta garota nova neste mundo que caga a vida com uma gravidez, tanta!

A Katy — com K como ela gosta, nunca com C —, minha amiga mais amiga, sempre que me vê chegar no salão meio caída olha pra mim e diz: já chegou com cara de bunda. É, respondo eu, está querendo o quê, tenho que andar sempre com um sorriso na cara? Eles já se acostumaram. Então, quando as clientes e o Adolfo — meu chefe — vão embora, a Katy lava o meu cabelo e faz uma escova para levantar meu ânimo e a Jennifer prepara um chá e ficamos de conversa e fumamos um pouco e eu conto as minhas mágoas e saio de lá reconfortada. Nem sei como seria esse meu tempo ruim sem elas. E também os bons. As mulheres sabem como não sentir-se sozinhas com as outras mulheres. Os homens com os homens, não.

Minha mãe trabalhou durante muito tempo numa fábrica de chocolate artesanal.

Ela e as outras mulheres faziam tudo com as próprias mãos, eu a chamava de operária achocolatada. Vivia no meio de aromas tépidos e formas cheias de encanto, os moldes que usava eram corações, trevos, bolas, casinhas, garrafas, e tanto ela quanto a nossa vida juntas tinham um saborzinho doce, amável, calórico, bonito. Suculento. Eu gostava da massa de chocolate quando ainda não estava solidificada, era impossível não enfiar os dedos, tocar nela, era tão carnuda e cremosa, ao mesmo tempo tão sensual. Eu aprendi a técnica, claro, e depois ensinei a Susy. Todas nós fazemos chocolates. As amigas dela — quando ainda vinham à nossa casa — gostavam de lanchar com a gente porque sempre, sempre tinha um pratinho com chocolate. Minha mãe já se aposentou e agora, com a doença, não pode fazer mais nada, então eu compro cacau e, quando tenho tempo, num domingo mais tranquilo, pego os moldes na despensa e começo a trabalhar, e ela gosta muito. Fica me observando. Alguém poderia pensar que depois da sua longa vida de trabalho ela estava por aqui de tanto chocolate, mas não, ainda gosta e me olha com gratidão quando eu faço.

Uma vez, há muitos anos, acordei de repente, por volta de meia-noite, e vi que a luz ao lado da sua cama ainda estava acesa. Nós dividíamos o quarto na casa da vovó. No dia seguinte eu tinha uma apresentação no colégio e ia ser a fada madrinha da Cinderela, uma colega ficou de me emprestar o vestido da fantasia. No último minuto ela veio me dizer que o vestido estava emprestado a outra pessoa e não tinha conseguido recuperá-lo. Cheguei em casa à beira das lágrimas, eu devia ter uns quatorze ou quinze anos, e resolvi me fingir de doente e não ir. Era impossível participar da peça sem fantasia. E dormi mal-humorada. Talvez tenha acordado por isso. Abri os olhos no meio da noite, minha mãe estava costurando na cama ao lado. Todo dia ela se levantava às seis da manhã, organizava as coisas da casa e saía para a fábrica de chocolate às sete. À meia-noite suas costas estavam encurvadas, não só pelo ato de costurar, mas também pelo peso da vida. A cama continuava intacta, a colcha — estampada com grandes flores verdes e amarelas — não tinha uma dobra, na mesinha de fórmica branca se via o único abajur aceso, uma modesta base de madeira com uma cúpula de papel-manteiga, a lâmpada não devia ter mais que quarenta watts. Ao lado do abajur, o copo d’água intacto, com seu vidro esverdeado, limpo, e a luz o atravessava e dava a impressão de que pequenas ondas do Pacífico tinham ficado aprisionadas dentro do vidro; ainda hoje me lembro desse copo, e também dos remédios e de uma figurinha da Virgem do Carmo, tudo isso na mesinha de cabeceira. Ela não viu que eu tinha acordado. Pude observá-la à vontade. Sua concentração era absoluta. Tinha no colo um tecido muito fino e vaporoso, azulado, uma espécie de gaze que reconheci como uma cortina do quarto da minha avó. Minha mãe estava alinhavando, e por isso percebi que tinha

transformado a cortina numa saia. Só uma fada madrinha pode usar uma saia assim, pensei naquele instante. Na cadeira, a blusa azul-clara justinha que eu usava no verão, coberta de brilhos superpostos, fileiras de lantejoulas tiradas sabe-se lá de onde, tinha se transformado enquanto eu dormia na elegante blusa de uma fada. Com um dedal no indicador, sob a luz fraca do abajur, o cenho franzido pelo esforço da vista, minha mãe fazia uma fantasia única para mim. Seu olhar insistia na concentração, não no padecimento, e isso foi importante para a minha adolescência: eu não tinha ao meu lado uma mãe sofredora que se sacrificava e sim uma mulher que faz algo com dedicação para a filha. Notei pela primeira vez as veias que sobressaíam nas suas mãos e uns pequenos montículos roxos, quando foi que as mãos da minha mãe tinham envelhecido? Seu cabelo, mal cortado, grudado na nuca sem graça nem brilho, revelando uns fios brancos misturando-se na risca com as cores acobreadas e opacas que a tintura havia deixado meses antes. Não há nada mais vulnerável que uma figura trabalhando no meio da noite sendo observada sem saber. Voltei a fechar os olhos, comovida, e dormi logo depois sob um manto de proteção.

Uma tarde, dois anos atrás, voltei do trabalho mais ou menos às sete, nunca consigo chegar antes disso. A Susy não estava, tinha avisado que ia ficar estudando para a prova de matemática na casa de uma colega. Eu havia passado pelo mercado para comprar um pernil, estava com vontade de comer pernil e meti a chave na fechadura pensando que a minha velha talvez já estivesse com a água fervendo e as xícaras na mesa, de preferência com os pães quentinhos — nós nunca jantamos, fazemos um lanche quando eu chego —, e quando abri a porta encontrei minha mãe estirada no chão, ao lado do único sofá. Estava de olhos fechados e com a boca aberta e pela extremidade dos lábios escorria um pouco de baba. Ao lado do seu corpo, no chão, duas agulhas número 8 e um novelo de lã grossa verde-oliva. As veias cansadas das suas pernas pareciam barbantes cor de ameixa. Nesse dia ela estava com um chemisier, desses abotoados na frente com um lacinho na cintura, e vários botões da saia estavam abertos. Era o vestido creme, de viscose, com umas flores pequenas marrons e amarelas. Continuei vendo essas flores por muito tempo nos meus sonhos, pequenas, marrons e amarelas.

No posto de saúde me falaram de um derrame. O médico falou em apoplexia. Infarto cerebral. Dá no mesmo. O importante é a consequência: ela ficou semi-inválida; o lado esquerdo, quase paralisado; o braço e a perna, inúteis; e a boca, torta para sempre. Essa é minha velha hoje. Quase não tem mais palavras, talvez já tenha dito todas e se esvaziou, como um bule quando a água já está fria e não serve mais. Merda de doença. Ela, a mulher mais ativa e trabalhadora, a pessoa que me ensinou a ser incansável, passa o dia todo sentada no sofá esperando que

aconteça alguma coisa, que alguém chegue, que a vida lhe conte alguma coisa diferente do que dizem as vozes da televisão que eu deixo ligada quando saio de manhã para que ela se sinta acompanhada. Como eu gostaria de ficar ao seu lado, arrumá-la sem ter pressa, dar-lhe um banho todo dia, lavar seu cabelo e fazer cachinhos, conversar com ela, cozinhar, alegrá-la. Mas não posso parar de trabalhar. A aposentadoria da minha velha é uma miséria, como todas as porras de aposentadorias deste país, sem o meu salário nós morreríamos de fome. Eu a vejo envelhecer, cada vez com mais pelos em algumas partes do corpo e menos em outras, e pego a pinça e lhe tiro a barba. Mantenho minha velha sempre bonita. Mas confortável. Nada de vaidades que incomodam. Ela fica parecendo uma boneca com as meias que lhe ponho, não meias-calças, porque entrar numa meia-calça é como embalar salsicha, eu mesma as uso o mínimo possível. No primeiro ano da doença a Susy cuidava muito dela, nós planejávamos as horas de chegada, ela do colégio, eu do salão, as compras, a higiene, enfim, nós duas nos defendíamos mais ou menos bem embora eu sempre estivesse com pressa, sempre, sempre. Vocês não imaginam como estou agora: a palavra *pressa* ficou pequena há muito tempo, não existe palavra que me sirva.

Eu tenho déficit de atenção. É o nome que dão. Pelo menos hoje em dia o problema se diagnostica e pode ser medicado, antes nem isso. Dizem que é bastante hereditário e, como a minha velha não tem — e a Susy tampouco, graças a Deus —, eu o atribuo, como tantas outras coisas, ao pai desconhecido e filho da puta que sumiu do mapa assim que a minha velha engravidou. O que é déficit de atenção? É como uma amplitude da mente. Uma extensão que ecoa. Por exemplo, outro dia eu estava no trabalho folheando uma revista enquanto esperava a cera esquentar e li sobre um homem que tinha morrido, parece que o sujeito foi narrador, cantor, tradutor, engenheiro, trompetista de jazz, dramaturgo e autor de óperas. É óbvio, pensei, esse cara tinha déficit de atenção. Há mil coisas que eu gostaria de fazer e para as quais teria certa habilidade. Para começar, todas as atividades ligadas ao salão, ou seja, cabeleireira, manicure, massagista, reflexóloga, colorista, e também poderia ser uma ótima chef ou uma boa costureira ou bailarina ou instrutora de ioga e, se me provocarem, uma boa pintora. Teria habilidade para todas essas coisas se me dedicasse a elas. Mas, claro, não dá tempo, tenho que ganhar a vida. Se tivesse nascido rica, teria um espaço como o cara da revista.

Sempre fui um pouco desajeitada, nunca me entendi bem com coisas finas nem femininas demais, e foi por isso que acabei virando depiladora e não manicure, porque quando pintava unhas borrava o esmalte (às vezes consigo, mas com muito esforço). Passei a vida tentando não ser desajeitada, com as

coisas do corpo e também com as da mente. Como sou mais rápida que a maioria, ficava entediada nas reuniões, por exemplo nos encontros de pais no colégio da Susy, achava as pessoas chatas, lentas, por mim eu passaria a vida correndo, feito o Papa-Léguas, chegando para ir logo embora, nunca para ficar. Desajeitada também porque me chamavam de distraída, porque perdia tudo, até as coisas mais queridas, e, claro, devo ter parecido ingrata, arrogante. Mas não era. Eu vivia assustada com as críticas, todo mundo me censurava, a vovó, as professoras, os chefes, as amigas, porque eu fazia ou dizia coisas inadequadas. Enfim, continuo fazendo, agora um pouco menos porque já estou diagnosticada e medicada, mas, gostando ou não, ainda sou a mesma. Apesar do remédio, continuo fazendo milhares de movimentos inúteis, porque se estou procurando meu celular e vejo os óculos, eu me concentro neles e depois na xícara de café que preciso levar para a cozinha e, claro, não lembro mais por que tinha me levantado até que reparo no celular, na verdade só posso realizar uma ação qualquer sem me distrair tendo um deserto vazio pela frente. Tudo me distrai, os sons, as pessoas, as ideias que surgem na cabeça sem o meu controle. E, tudo bem, me canso mais que a maioria. A etiqueta das roupas me incomoda, então as arranco para não sentir. Tecnicamente, o problema é que eu processo mais estímulos do que sou capaz de assimilar, foi assim que me explicaram. É como nunca chegar ao destino em linha reta, e por isso eu me canso tanto. Mas nem tudo são notícias ruins, também sou mais criativa e imaginativa que os outros e certamente mais original, porque faço associações estranhas e daí podem sair boas ideias. E às vezes sou divertida, se me aguentarem.

Dizem que as pessoas com déficit de atenção costumam ser muito inteligentes. Não é o meu caso, tenho os meus recursos, mas não sou especialmente inteligente. Sou quase incapaz de me concentrar nas coisas sem divagar, vivo me dispersando, eu começo a falar sobre o salão de beleza e no minuto seguinte já é a Susy ou então resolvi comentar a roupa da mulher ali da frente ou me preocupar porque não paguei o gás. Não consigo me limitar a um assunto só.

Tenho uma cliente, María del Mar, que é uma das minhas preferidas e vai muito ao salão, mora a dois quarteirões. É uma mulher culta e instruída e sempre converso sobre as minhas coisas com ela, que também sofre do famoso déficit. Que ela chama de ADD, como dizem os gringos. Toma uma Ritalina por dia e vive a mil por hora. E define a coisa assim: é uma incapacidade de selecionar o que é urgente. Também diz que ser mulher equivale a sofrer de déficit de atenção. Nas suas palavras, a gama de estímulos que recebemos é tão alta que não conseguimos *priorizar* — ela adora essa palavra. Então as fraldas, as ações na bolsa, o medo da morte, estas três coisas têm a mesma importância, a mesma urgência. (Quando eu quero me fazer de interessante para um cara que me atrai,

imito a María del Mar. Sou boa para imitar e para guardar as palavras dos outros, uso as dela para parecer esperta.)

Com o passar dos anos concluí que, de bobagem em bobagem, acabei sabendo muitas coisas, só que de um jeito confuso.

Acho que o tempo é diferente para mim. Para as pessoas normais, o tempo é como é, ou seja, curto. Para mim é longo. Sempre acho que tenho tempo de sobra e me organizo a partir desse pensamento e vivo assim, constatando todo dia que não deu certo, que não consegui.

E, apesar de tudo, não posso dizer que não fui feliz. Fui louca, feroz e descontrolada e desfrutei de tudo isso. Se o meu destino era sofrer, então a porra do destino se deu mal, ficou na vontade.

Tampouco faço muito drama com a questão do pai desconhecido. Era um vizinho da rua Viel. Na verdade, nem sequer um vizinho, era amigo do vizinho. Minha mãe se enrabichou por ele porque era bonitão e conversador e pé de valsa. Era de Concepción e estava de férias em Santiago. Como a minha pobre velha nunca viajava nas férias porque o vovô dedicava esse período ao seu clube de futebol, ela estava em Santiago morrendo de calor e de tédio e o vizinho a incluiu nos programas que fazia com o amigo da província. Tiveram um namoro bonito, segundo ela, mas no dia em que ficou sabendo da gravidez ele voltou para Concepción. Puta que o pariu. Logo depois veio o golpe de Estado, ele foi preso e quando o soltaram deu o fora e foi morar na Venezuela. Ela ficou sabendo de tudo isso pelo vizinho. Imagino que ainda está lá, até hoje. Às vezes penso nuns venezuelaninhos que podem ser meus irmãos, mas isso, para dizer a verdade, não me tira o sono, no máximo me dá um pouco de curiosidade. Nem mesmo indaguei pela família dele em Concepción. Não existia nenhum pai e pronto, para isso eu tinha o vovô.

Às vezes eu aprendo coisas inúteis nas revistas do salão, por exemplo que a área do cérebro que controla o prazer é um córtex com um nome difícil, ativado pelo que mais agrada ao dono do cérebro em questão. O meu córtex se ativa com sexo. Com sexo, eu me abro feito uma fruta. Gostaria de saber *por que* algumas mulheres são pedidas em casamento e outras não. No meu caso, sou antiquada. Acredito de coração na dignidade, mas essa palavra é estranha, enganosa. Acho digno o que alguém de vinte e cinco consideraria uma bobagem. Acredito no cortejo masculino. Eu não persigo os homens, não tomo a iniciativa, nunca luto abertamente por eles. Deixo que me seduzam. Isso até que me dá uma loucura e perco as estribeiras, mas sei que também estou perdendo o que chamo de *dignidade*, afinal me odeio e me desprezo. Assim são as histórias com os homens... Quase todos acabam me largando. E sexo por sexo não dá certo

comigo, se eu vou para a cama com alguém acabo me apaixonando, ou pelo menos pensando que estou apaixonada. Invejo muito essa qualidade masculina, a de dar uma boa trepada e depois tchau. Nós ficamos ligadas, feito bobas, achamos duro amanhecer no dia seguinte sem esperar nada. Às vezes eu me sinto usada, os homens nunca se sentem assim porque mesmo que os usem eles não se dão conta e acham que são eles que estão usando o outro. Meu último namorado foi um grego. Um dia ele veio cortar o cabelo no salão; Adolfo — meu chefe — corta o cabelo dos amigos embora o salão não seja propriamente unissex. Como a Jennifer estava ocupada, fui lavar o cabelo dele para adiantar. Ele ficou interessado em mim. Gostou da minha risada, disse a Adolfo, e das massagens que lhe fiz no crânio, que não estavam incluídas no preço. De tarde me trouxe umas flores. Não falava espanhol, só um pouco de inglês, que eu não falo. Saímos para jantar, num restaurante bem bonito. Vocês vão perguntar como fizemos. Que importância tem o idioma? Quando dois times de futebol jogam, por exemplo, Uruguai e Holanda, ninguém fala o idioma do outro, por acaso precisam?, mas a linguagem é perfeita, entre um chute e outro a compreensão do que estão fazendo juntos é impecável. Aconteceu assim com o meu Alekos. Duas semanas depois ele voltou para a Grécia e tchau, romance, mas aquilo me fez muito bem. Saí renovada e contente. Porque a falta de sexo me faz mal. Outro dia comecei a me queixar disso com a irmã da Jennifer, Doris, que é um pouco mais velha que eu e me disse: no meu caso, lá embaixo já fechou, os lábios grandes e os pequenos foram subindo pelas costas e agora tenho umas asinhas!

A Susy se preparou durante muito tempo para a viagem de estudos que ia fazer com sua turma, no último ano do colégio. Durante esse terceiro ano estudou feito uma doida, estudou tanto que pensei que o cérebro dela ia derreter. Foi um ano difícil porque minha velha já tinha adoecido e a obsessão da Susy com os estudos não ajudava muito. É que eu quero ter um diploma, *mami*, dizia ela quando eu perguntava por que estudava tanto. Dizem que o terceiro ano é famoso por ser muito estressante e eu temia que a minha pobre filha tivesse um colapso a qualquer momento. Festejamos o fim desse ano de merda, que ela concluiu com notas bastante boas. Eu achei que merecia a viagem de estudos do último ano. Juntei o dinheiro e ainda me lembro do seu rostinho feliz quando a deixei no terminal do ônibus. Ficou longe uma semana, no sul. Na volta, poucos dias depois, estava fazendo os deveres e de repente caiu no choro. O que foi, Susy?, perguntei assustada. Ela respondeu que estava com medo de morrer. Morrer, você?, mas filhinha, você é imortal, respondi levando a coisa na brincadeira. Abracei-a e senti que me apertava com força. Nessa noite veio para

a minha cama e dormiu comigo. No dia seguinte acordei-a como sempre e enquanto fazia o café e preparava comida para deixar para a minha velha notei suas olheiras. Você não dormiu bem, Susy? Não dormi, *mami*. Olhei-a, mas disse para mim mesma: isso vai passar, é uma crise da adolescência. Quando voltei do trabalho, minha mãe me fez um gesto com a mão boa na direção de Susy, que estava dormindo no sofá. Ela não costumava dormir às sete da noite e muito menos na sala. Fui acordá-la convidando para cozinhar alguma coisa gostosa, isso sempre funciona. (Ela adora bolinhos com *chancaca*, mas eu não gosto de fazer *chancaca*, porque quando dissolvo mel com açúcar na panela fica parecendo cera de depilar e me dá nojo.) Ofereci os bolinhos, mas dessa vez ela disse que não, que não estava com fome, que queria continuar dormindo. Minha velha e eu nos olhamos: intuímos ao mesmo tempo que era um problema aparecendo. Ela dormiu até o dia seguinte, nem sentiu quando a levei do sofá para a cama e tirei sua roupa.

O despertador toca toda manhã às seis e quinze e isso é o começo oficial do dia. Eu pulo da cama e vou tomar banho e acordo a Susy às quinze para as sete. Quando ela sai do banheiro, o café já está preparado, a água fervida, o pão torrado, cada minuto é essencial para deixar as coisas prontas e não chegar atrasada no trabalho. E naquela manhã ela me disse, em voz baixa, que não queria ir ao colégio. Você está se sentindo mal, filha? Não, não é nenhuma doença, é que não estou com vontade. Foi o que ela me respondeu. Estava com uma carinha de tristeza. Bem, então cuide da sua avó. Saí de casa preocupada e durante o dia pensei que deveria levá-la a um médico. Perto de casa existe uma clínica e o doutor é meu camarada, possivelmente me daria uma hora com uma certa rapidez. O famoso terceiro ano rondava a minha cabeça, será que tanto esforço não a teria prejudicado?, perguntei mil e uma vezes, isso não será um efeito retardado?

As meninas no salão me acalmaram e me deram uns comprimidos de Alprazolam, dizendo que eram para tranquilizá-la. Já está tranquila até demais, respondi, mas elas insistiram. Liguei para o celular da Susy umas três vezes durante o dia e ela me disse que não me preocupasse, que estava bem. Puta merda, pensava eu, com a velha quase inválida e a menina deprimida, por que não estou em casa, por que sou obrigada a passar o dia inteirinho fora, envolvida com os pelos das mulheres, entre axilas e pernas, preocupada com a cera e com puxar bem? Porque numa boa depilação o mais importante é o puxão, se você não puxa direito os pelos se cortam e não saem com a raiz. Nessa tarde dei a ela o Alprazolam, uma dose baixa, no dia seguinte voltou para o colégio, mas seus olhos continuavam tristes. Nesse fim de semana não quis sair. A Susy tem muitas amigas que sempre se encontram e ouvem música e dançam, enfim, falam

besteira, se divertem. Mas ela ficou em casa e desligou o celular, o que é *muito* estranho porque essas garotas trocam ligações e mensagens o tempo todo, dar um celular a elas é como amarrar cachorro com linguiça, vivem em contato como se a existência dependesse disso, eu gostaria de saber como arranjam tanto assunto, porque além do mais se encontram todos os dias.

A minha Susy se fechou em casa, até o dia de hoje.

Quando minha velha adoeceu e eu tinha que deixá-la sozinha durante o dia até a Susy chegar do colégio, comprei um celular pré-pago, gravei meu número e o do salão e o pus na mesinha ao lado da poltrona onde ela passa o dia. Toda manhã eu o deixo ligado com o meu número na tela, pronto para telefonar, ela só tem que apertar a tecla. Fiz isso pensando na possibilidade de que tivesse um ataque estando sozinha em casa, o médico me avisou. Certo dia, um ano atrás, eu estava em plena depilação quando meu celular tocou com o número da minha mãe aparecendo. Atendi apavorada, comecei a gritar: você está bem, velha? — como se o problema dela fosse a surdez —, e com a sua fala arrevezada ela me disse que o problema era a Susy. Larguei tudo de lado e fui para lá. É longo o caminho de Vitacura até Maipú, mais parece uma corrida de obstáculos, um morro cheio de rochedos e valas e fendas, quilômetros que duram uma vida inteira. Percorri o último trecho de táxi, que se dane, pensei, fico zerada até o fim do mês, mas chego logo em casa.

A Susy simplesmente tinha ido embora. Segundo as penosas explicações da minha velha, ela amanheceu estranha, parecia meio zangada, sem a carinha de tristeza com que já estávamos nos acostumando, deu uns gritos com a avó, falou coisas que a minha pobre velha não entendeu, deixou-a sem almoço, não fez a cama, nada, e foi embora. Já tinham passado quatro horas e não havia notícias dela.

Liguei para todas as suas amigas, o colégio, nada. Então fui para a rua. Quase enlouquecida, organizei uma busca pelo bairro com umas vizinhas. Lembro-me da sensação, enquanto dobrava as esquinas, de que a única coisa que me importava na vida era a Susy, o mundo havia diminuído até desaparecer e tudo o que parecia importante no dia anterior não existia mais. Lembro-me do corpo, de como me doía o corpo, cada centímetro da minha pele absorvendo o medo. Afinal encontrei-a numa rua lateral onde nem carros passavam, sentada no chão em frente à saída de uma casa desconhecida, brincando com umas bolinhas como um saltimbanco. Chamei-a baixinho, para não assustá-la, mas ela nem respondeu. Fui me aproximando pouco a pouco, mas me evitou, levantou-se e começou a andar na direção contrária. Quando finalmente segurei seu braço, soltou-se com violência e saiu correndo.

Fui à polícia.

Eles a trouxeram de volta.

Nessa mesma noite foi internada.

A minha pobre cabeça tinha conseguido, com muita dificuldade, aceitar a ideia do primeiro diagnóstico: depressão severa. Fiquei dois meses embalando a minha menina triste e observando sua angústia sem poder arrancá-la do seu peito. Fui ao colégio, falei com os professores, pedi licenças temporárias, lutei para que não perdesse o ano letivo. Ia com ela à terapia e a esperava do lado de fora e até não vê-la sã e salva dentro de casa, deitadinha em frente à televisão ao lado da avó, não saía de novo. Passava noites em claro me perguntando sobre essa doença, em que consistia, falei com quem pude, li toda a informação que encontrei, fiz vinte mil perguntas a mim mesma sobre a criação da menina, sobre a qualidade do meu papel de mãe, sobre os genes dela. Consegui ajuda. O irmão de María del Mar — a cliente de quem já falei — é psicólogo e começou a atender a Susy. Sem cobrar nada: um santo. Ela só saía de casa nos dias de terapia — duas vezes por semana. O psiquiatra que a medicava atendia no mesmo consultório. Como era em Providencia, eu levava a Susy para o salão, deixava-a na maca ao lado daquela onde eu depilo, fechava a cortina para dar privacidade às clientes, fazia um chazinho de erva-cidreira e lhe entregava uma revista. As meninas ficavam com ela quando estavam com pouco serviço e a Katy tentava fazê-la rir, a Jennifer lhe fazia cafuné no cabelo e até Adolfo a consolava. Sempre calminha e passiva, ela acatava tudo e a Katy me disse: sabe o quê, Juani?, a Susy está submissa como se tivesse sido mordida por um vampiro. Às vezes eu tinha vontade de gritar, de deixá-la irritada, de que me desobedecesse para demonstrar que estava viva, mas nada, ela me seguia feito um cordeirinho, me entregava a própria vida porque lhe pesava, e na primeira vez que ficou brava a internaram e mudaram o diagnóstico.

Transtorno bipolar.

Puta que o pariu.

Descobri que existem quatro graus diferentes. Eles não sabem direito, ou ainda não chegaram a uma conclusão, qual é o grau da Susy.

Quando a internaram eu custei a entender que o temor do médico era de que a Susy se suicidasse. Era como se estivessem me falando de outro ser humano, de um outro planeta e em outro idioma. Tirar a própria vida, a minha Susy? Mas por quê, por quê?

Toda vez que uma sirene toca ou passa uma ambulância eu penso na tragédia que se vive em torno desse som que a gente considera natural, que quase nem escuta. Mas alguém está sofrendo intensamente, é isso que o som anuncia e

ninguém presta atenção. Poderia ser a Susy, por exemplo. Ou a minha mãe. E nunca vou saber de quem era a dor, não vai sair no jornal nem dar na televisão, mas a vida de alguém ficou marcada.

Quando Mané, aqui ao meu lado, falou em bipolaridade, meu sangue gelou. Como se ela soubesse a minha história. Sim, é verdade que está na moda, talvez antes não fosse diagnosticada com esse nome. Mas a verdadeira questão que Mané levantou foi o problema econômico. Vejam só: a primeira terapia da Susy era gratuita, com o irmão de María del Mar. Depois, quando já tínhamos um diagnóstico, ela continuou com um especialista que hoje a atende uma vez por mês, controla a medicação e eu pago com vales da Previdência. Mas os remédios são impossíveis. Porque existe todo tipo de remédio, alguns mais primitivos são mais baratos, mas têm um monte de efeitos colaterais. Os melhores, os mais modernos, esses são caros, muito caros. Eu não tinha de onde tirar a porra do dinheiro. Tentei pedir um empréstimo no banco, mas negaram quando viram o comprovante de salário que apresentei, e olhem que Adolfo, para me ajudar, tinha inflado o número. Recebi a dica de que se hipotecasse a casa de Maipú conseguiria o crédito. Está em nome da minha velha, vocês imaginam a quantidade de papéis que tive que conseguir?, a quantidade de depilações que perdi para ir de banco em banco, de cartório em cartório? O caso é que deu certo. E consegui o empréstimo. Pago os juros todo mês, vou gastar uma fortuna só de juros, mas se não... o que ia fazer? Vocês podem imaginar como me senti grata ao vovô por ter uma casa própria, se não fosse por isso eu perderia a Susy, certamente a perderia se não comprasse os remédios adequados que, além do mais, mudaram várias vezes. É melhor nem querer saber como faz essa outra mãe que não tem o que hipotecar.

Já passou um ano desde que a minha filha voltou da viagem de estudos. Ela saiu do colégio. Não é que tenha terminado — estava no último ano —, mas teve que abandonar. Vive permanentemente medicada e não é mais a menina dócil e triste dos primeiros meses, e sim uma pessoa zangada com o mundo. Às vezes tem um ataque de rebeldia contra os remédios, porque se sente separada da vida e culpa as coisas químicas por essa separação. Largou a terapia, não houve jeito de convencê-la do contrário. Agora não sai mais de casa. Nessa etapa não quer ir nem até a esquina. Só se relaciona com a avó e comigo. E como a avó está doente, seu canal com o mundo sou eu. Este peitinho, seu único contato com o exterior. Faz coisas mínimas, como esquentar o almoço no micro-ondas quando eu estou no trabalho, e ajuda a avó a comer. Mas se o pão acabar elas ficam sem pão, uma inválida e a outra paralisada. Duas incapacitadas. Belo quadro. Tudo o que acontece na casa de Maipú depende de mim, tudinho. E ainda por cima, pago tudo. Então às vezes perco a paciência e quero que elas me obedeçam,

quem paga é quem manda, certo? Bem, vivo numa tremenda correria para que as coisas funcionem. Eu a levo quase arrastada para o psiquiatra, ela nunca quer ir. Tive que abrir o jogo com Adolfo. Quando marcar uma depilação comigo ficou mais difícil que conseguir entrada para um show de rock, nós tivemos que conversar. Eu estou com ele há quinze anos e sempre nos demos bem e ele sabe que sou boa e eu sei que me paga o melhor possível, então decidimos contratar uma ajudante por algum tempo, claro que isso significa menos grana, mas por enquanto é melhor do que ficar sem trabalho. Tudo isso é temporário, é o que digo a Adolfo, é o que os médicos me dizem. A menina vai aprender a conviver com a doença, afirmam eles. E vai ter que se medicar para sempre.

Não, a culpa não é sua, minha senhora, insiste o doutor. Não tem nada a ver com a senhora nem com a criação que deu a ela. É genético. Já nasceu com essa tendência. Pediram informações sobre o pai, sobre doenças hereditárias na família. Tive que chamar o dito-cujo, que compareceu, bem decente, mas confessando vários loucos pelo lado da mãe.

Reconheço que fiquei um pouco embaraçada para chamá-lo. Quase não temos contato. Ele nunca se preocupou com a Susy, no máximo sai com ela de vez em quando para tomar um sorvete. E nunca deu um centavo para mantê-la. Diz que fui eu quem quis ter, então o problema é meu. Mas, fora isso, não é má pessoa. E quando lhe contei do que se tratava, veio na hora. Pelo menos isso a seu favor.

E assim a vida deixou de ser a vida. Como assim?, vocês vão perguntar. Como assim?, pergunto eu também. Continua havendo luz e noite, frio e calor, o coração palpita, os rins trabalham, os pulmões respiram, as pernas são capazes de andar. Mas e a alegria, aonde foi a alegria? Nem me lembro mais do riso da Susy. Toda a minha atenção está concentrada em cuidar dela e ganhar o nosso sustento. Duas pessoas doentes dependem totalmente de mim e essas pessoas são a minha mãe e a minha filha, quase nem posso chamá-las de pessoas, são quase prolongações minhas, onde será que elas começam e onde eu termino, serei totalmente elas, não sei, não distingo mais, é como se nós três fôssemos um todo e eu precisasse resolver como salvá-lo. As mãos da Susy estão moles e úmidas e eu as cubro com as minhas enquanto olho para a minha velha, imóvel em sua poltrona, com uma capacidade reduzida de dor, porque não sente mais como eu, já se cansou de sentir. Bendita seja a minha mãe, cujo coração não se esfrangalha toda manhã.

Minhas emoções estão de cabeça para baixo. Meu cansaço é enorme, cheguei a um grau de exaustão que não vale a pena gastar energia fazendo mais um gesto; às vezes cumprimentar, uma coisa básica como essa, consome forças que preciso guardar para a Susy. Quando eu era criança, havia uma favela perto do meu bairro que nós às vezes atravessávamos para ir à feira — esses lugares não

existem mais, mas em poucas palavras eram um monte de pobres juntos. Eu ficava impressionada com as mulheres que saíam de baixo das tábuas, dos papelões e panos esfarrapados que compunham as suas casas, cheias de crianças imundas penduradas nas saias, e as fitava absorta porque percebia que essas mulheres estavam com um cansaço tão grande que falar com uma criança já era esforço demais, não conseguiam nem abrir a boca. Tinham que economizar até isso para não caírem de exaustão. Agora essas mulheres reapareceram na minha memória, como se eu tivesse me tornado uma delas.

Não, não vou começar a chorar.

Você está dormindo, mamãe?

Não, meu amor.

Se eu fizer um macaco com giz na calçada, quanto tempo demora até apagar?, apaga algum dia?

Sim, acho que sim.

Como se apaga?

Com a chuva, por exemplo.

E se não chover?

Com as pisadas das pessoas.

Não durma, por favor.

Tenho que trabalhar amanhã.

Não trabalhe mais.

E como vamos comprar seus remédios, então?

Não quero tomar mais remédios. Tenho medo, mamãe.

Assim são as minhas noites.

Sempre fui estupidamente sentimental. Eu sei que o pessoal fino odeia essas coisas, como diz María del Mar, é de um mau gosto *tremendo* ser sentimental. Quando às vezes me defendo, ela responde: há uma grande diferença entre os sentimentos, Juani, e o sentimentalismo. Talvez seja falta de cultura, deve ser um problema de educação, sei lá, mas conto aqui para vocês entenderem como eu fiquei. Sempre caindo no choro, merda, sempre me emocionando com as coisas mais piegas, fazendo declarações sobre os meus sentimentos. Não tem jeito, sai sozinho. Por exemplo, todas as bobagens que se fala sobre a maternidade e sobre a dor por uma filha. Às vezes penso que só eu sei realmente o que é isso.

É bom falar e ter alguém para ouvir. A Katy me escuta, mas nossas conversas são muito interrompidas, nós pulamos de um assunto para outro e afinal não terminamos nenhum. Antes, quando eu não vivia na correria, gostávamos de nos

sentar com um cigarro e um chazinho quente depois que as clientes tinham ido embora e ficávamos batendo papo, mas cada coisa que ela dizia puxava outra, o fio da conversa se cortava assim vinte vezes. Mas agora não tenho desculpa para me distrair. Conheço Natasha há pouco tempo, tenho um pouco de medo dela, é *tão* séria. Eu também não pago, com quê?!, vim mandada pelo hospital, o médico da Susy quer que eu continue inteira para cuidar da minha filha. A terapia me deixou mais esperta, entendo mais de tudo, mas não superei nada. Só sei que estou vivendo muito mal, apenas isso. Claro que é externo a mim. Minha dor vem de fora e entra em mim, não é como a da Susy, que sai todinha do fosso mais profundo dela mesma. A coitadinha parece que planeja cada palavra para não dizer nada. Como o gato. Outro dia fiquei a sós uns instantes na cozinha da minha vizinha com o gato da casa. Sem motivo aparente, o idiota teve um ataque de terror, ficou todo arrepiado, correu como se o diabo o perseguisse, jogou as orelhas pra trás como se as tivessem passado a ferro. Na cozinha não havia mais ninguém, só uma janela onde o gato estivera se olhando. Surpresa, eu observava aquele animal girando apavorado sem nada em volta que pudesse assustá-lo. E de repente caí em mim: o gato se apavora consigo mesmo.

Minha Susy.

Como garante o doutor, isso não vai ser eterno. Algum dia ela vai melhorar e, como diz Perales, soarão mil acordes de viola. Talvez nessa altura eu tenha ganhado na loteria e comprado um apartamento como os das minhas clientes. Jogo toda semana, sem pular uma, certa de que um dia vou ganhar. Então, no ônibus, vou planejando o que fazer com o dinheiro. A primeira coisa, sempre, é o apartamento. E com calefação central, custe o que custar! Depois me imagino entrando em aviões, eu nunca andei de avião, puta merda, como é possível, qualquer brega compra o seu pacote pra Cancún. E me imagino com a Susy, as duas recostadas numas cadeiras de praia com drinques coloridos nas mãos e bem queimadinhas de sol, e um nativo que se Deus quiser vai fazer coisas gostosas de noite. (E minha velha?, onde vou deixar a minha velha?) Sempre quis ter olhos verdes e pernas compridas, a loteria não pode me dar isso, e não tenho a menor dúvida de que *toda* a minha vida seria diferente se tivesse olhos verdes. Continue sonhando, Juani, mas a loteria é sagrada, toda semana o bilhete tem que ser comprado pontualmente. Eu pagaria o empréstimo do banco, quitaria a hipoteca, compraria todos os remédios do mundo. E compraria roupa bonita, roupa fina como têm as minhas clientes, pouco acrílico e muito algodão ou seda, não sei que porra elas vestem, mas os tecidos caem de outra forma, bem suavezinhos, de um jeito meio casual. E um monte de sapatos de salto alto, de couro, de verniz, de crocodilo, que adoro porque com eles a gente anda toda levantada e retinha, bem instalada na vida, toda segura e sexy, tudo o que eu quero ser. E um carro.

Aprenderia a dirigir e a minha vida ia mudar, poderia fazer mais depilações à noite, ir e voltar com menos medo de que acontecesse alguma coisa e eu não estivesse por perto, como o meu tempo se ampliaria, se bem que as minhas clientes que *têm* carro vivem amaldiçoando o tráfego, Santiago está insuportável, dizem, é um horror como aumentou o número de carros. Claro, o medo delas é que gente brega como eu também tenha carro e engarrafe as ruas. Eu acho engraçado como as grãs-finas se queixam, elas reclamam de tudo, e de barriga cheia as danadas.

Duas mulheres à minha volta me fazem pensar em mim mesma, me fazem balançar na corda bamba, vou em direção a uma, depois à outra, reconhecendo nelas uma parte importante de mim, mas aprendendo com elas, no final das contas. Uma é Lourdes, uma imigrante peruana que faz a faxina do salão, e a outra é a cliente que já mencionei, María del Mar. Entre as duas existe um deserto, não, o deserto é muito pequeno, um oceano de distância. Para começar, uma é pobre e a outra rica, uma é morena e a outra loura, e com isso já disse o mais importante tratando-se deste puto continente, tão classista e racista.

Vou começar com a Lourdes. Um dia lhe perguntei quando era o seu aniversário e ela respondeu que não sabia. Que infância você teve, mulher?, perguntei. Uma com dez irmãos. Tinha nascido na serra, a muitos metros de altura. Seu pai era carregador e passou a vida mastigando folhas de coca para ter forças. A mãe criava os filhos e cultivava uma pequena horta para alimentá-los. O povoado mais próximo ficava a uma hora a pé, e o hospital, a três. Os irmãos de Lourdes morriam feito moscas. Os pais não a deixavam ir à escola porque tinha que ajudar em casa, os homens podiam estudar, mas as mulheres não, vocês sabem, mão de obra indispensável (e gratuita, é claro). Mesmo assim, passavam muita fome. Desde os três anos ela fazia pão e cozinhava milho e lavava a roupa. Evidentemente ninguém lhe ensinou a ler nem a escrever. Seu pai batia muito nela, dava uma surra toda vez que chegava bêbado. Na certa o filho da mãe também a violou, mas ela não me disse isso. Mas contou que os sacanas dos irmãos começaram a boliná-la aos doze anos. Um dia, quando tinha quinze, decidiu que só havia duas alternativas: jogar-se no rio mais próximo ou fugir de casa. Aproveitou uma festa religiosa num lugar um pouco mais distante do mísero povoado onde moravam e lá chegando simplesmente foi embora, seguiu viagem. Com tantos filhos, eles iam demorar a notar seu desaparecimento. Subiu num caminhão e ofereceu ao chofer a única coisa que tinha — seu corpo — se a levasse para Lima, assim, direto. O cara aceitou na hora, não era bobo nem nada. E Lourdes chegou à capital, sã, salva e completamente aliviada. Nenhuma saudade, nenhum remorso. Nunca mais olhou

para trás. Os primeiros tempos foram muito difíceis, como poderiam ser! Tentou ser cozinheira num restaurante de um dos bairros mais pobres da cidade, mas a deixaram um ano lavando pratos e esfregando o chão em troca de comida e moradia, sem pagamento. Moradia é modo de dizer, ela dormia num colchão jogado na despensa, entre o milho e as batatas. Desesperada, foi se oferecer num prostíbulo de quinta categoria e lá não a aceitaram, acharam que era muito jovem e desnutrida e não valia a pena arranjar encrencas com as autoridades. Então começou a levar alguns clientes do restaurante para a despensa: era o único pagamento em dinheiro que conseguia receber. Manteve esse sistema durante um bom tempo. E como não tem nada de boba, viu que sendo analfabeta não ia chegar a lugar nenhum e começou a estudar. Um frequentador diário do restaurante lhe dava o material. Desde a cartilha. A pobre Lourdes se esforçou muito, até que aprendeu. Não vamos dizer que seja uma erudita, mas hoje se vira muito bem. A outra obsessão que tinha era arrumar os dentes. Assim como eu acho que se tivesse olhos verdes seria outra pessoa, Lourdes decidiu que a sua vida seria inteiramente diferente com uma boa dentadura. Conseguiu fazer tudo aqui no Chile, e agora os dentes são o seu orgulho, ainda está pagando todo mês as prestações do dentista. Mas, para não me desviar, volto ao restaurante de Lima. De tanto observar o cozinheiro ela acabou aprendendo e hoje faz os melhores ceviches e *ajís* de galinha que alguém já comeu. Um dia, um dos clientes — que tinha gostado dela — propôs que fossem juntos para Tacna, onde tentariam atravessar a fronteira. Explicou que no Chile podia fazer o mesmo trabalho, ou seja, lavar pratos e limpar o chão, mas ganhando muito melhor. Até parece que nós somos os Estados Unidos! Nem imagino como deve ser a pobreza em outros lugares, na Bolívia, no Peru, no Equador, para quererem vir para o Chile.

Lourdes é imigrante, mas é ilegal. Divide um quarto com três compatriotas, garotas novas como ela, no centro. O aposento não tem mais de três metros por três e custa oitenta mil mensais, com banheiro dividido e direito de cozinhar no quarto. Fazem gato com a luz e vários edifícios como o dela já se incendiaram. O que vocês acham? Mora num verdadeiro chiqueiro, mas diz que nunca antes esteve melhor. Sente-se livre e nos sábados à noite sai para se divertir com outros peruanos, eles se encontram na rua Catedral, ao lado da praça de Armas, já tem namorado e tudo. Adolfo a pressiona para tirar os documentos e diz que se ela não se apressar vai ter que mandá-la embora. Se eu tivesse mais um quarto em casa, bem que a levava para lá. É doce e trabalhadora como ninguém, faz as coisas sem falar, nunca reclama. Lourdes faz esse trabalho porque não tem documentos, se estivesse legalizada poderia tentar cozinhar num restaurante. Muitas vezes alguma cliente chega ao salão desesperada porque *ficou sem*

empregada. (É a grande tragédia das suas vidas.) E sempre alguma outra lhe diz: arranje uma peruana, elas são o máximo. E então penso em Lourdes, mas enquanto ela não se legalizar vai ter que continuar fazendo faxina e ganhando uma titica de dinheiro. Não sei que anjos cercaram o seu berço quando ela nasceu e depois a perseguiram sem trégua a vida inteira, anjos de tristeza e penúria.

Mas me identifico com ela porque, como eu, ela vê o copo meio cheio e não meio vazio.

Por que fico contando histórias alheias? Supõe-se que devo contar a minha. Mas é que às vezes penso que a história da gente é sempre parte da história de outras.

María del Mar está à beira dos cinquenta anos, é quase uma velha e parece juvenil apesar de todos os cigarros que fuma e de não fazer exercício. Mas acontece que nasceu bonita, cheia de benesses, o oposto de Lourdes. O pai dela era político e tinha dinheiro de família. Com a volta da democracia chegou até a ser embaixador. A mãe é historiadora, uma das primeiras mulheres que entraram na universidade, até hoje passa metade do dia lendo. Às vezes ela também vem ao salão e eu gosto de vê-la, já chegando aos oitenta e feliz da vida, com o seu cabelo muito branco e liso até os ombros — não se penteia como as senhoras da sua idade — e o rosto sempre um pouco queimado de sol. E também fuma! Passa metade do tempo no campo e o resto em Santiago, num apartamento muito bonito em Vitacura, perto da filha. (Como eu teria sido com uma mãe assim? Depiladora não, talvez uma pintora famosa.) A grande paixão dos pais de María del Mar era viajar, e sempre levavam os filhos. O colégio pouco importava, a mãe dela chamava os professores e dizia: vou levar María del Mar para Roma, ela vai aprender muito mais lá do que frequentando as aulas, então não a coloquem como ausente. Os professores não se atreviam a discutir. E iam viajar.

Ela tem lembranças de bem pequena pendurada na mão da sua mãe nos museus mais lindos do mundo e ouvindo-a dizer: não importa saber os nomes dos movimentos nem dos pintores ou arquitetos, o que eu quero é que seus olhos se acostumem com a beleza. E caramba como se acostumaram. A estética é o assunto número um de María del Mar. Estudou algo assim como História da Arte e hoje dá cursos na universidade, escreve artigos no jornal, *crítica*, como ela chama, e publicou um par de livros, bem especializados, impossíveis de ler. Tudo com Ritalina, informa. Quando eu lhe pergunto se ganha dinheiro com um trabalho assim, ela diz que não muito, mas que, como tem umas rendas que seu pai lhe deixou de herança, dá para o gasto.

(Rendas. Que sorte a dela. Ninguém em minha volta tem rendas, ou seja,

ganhar dinheiro sem mexer um dedo, eu tenho a sensação de que só em outro planeta poderia acontecer uma coisa assim. Ou num conto de fadas.)

Quando os milicos tomaram o poder, no famoso 73, ano em que eu nasci e María del Mar era uma pirralha entrando na puberdade, o pai dela teve que sair do país. Era da Unidade Popular, deputado ou senador, uma coisa assim. Ela se lembra desses dias como uma nuvem negra que escurece tudo, mas não se decide a cair, os seus pais não saíam mais para trabalhar, todo mundo em volta falava em voz baixa, entrava e saía da casa uma gente estranha, gente que ela nunca tinha visto, mas que parecia mais próxima dos seus pais que a própria família. Sem qualquer preparação, um dia eles avisaram que iam viajar. Ela fez as malas aos prantos pensando nas amigas, no colégio, em tudo o que lhe era familiar. Não queria deixar o seu país. Foram morar em Washington, bem na capital do império, como ela diz, e de um dia para outro começou uma vida totalmente diferente, com outras pessoas, em outro idioma, com outros sabores e outro clima. Sua rebelião foi se recusar a aprender inglês. Isso, é claro, não durou muito, pouco depois já queria fazer amizade com sua colega de curso e com um garoto bonito que morava na casa ao lado. Acabou frequentando os melhores colégios e universidades e hoje agradece de coração por essa parte da sua história.

Sempre que pode vai a Washington e me conta o que viu, o que as vitrines estão mostrando. Tenho a sensação de conhecer a casa da amiga onde ela se hospeda, num bairro atrás do Capitólio, uma casona de quatro andares comprida e estreita. Não para de falar de Obama, Obama “fez a cabeça dela”, é assim que vive a coisa. Comenta que a cidade é linda e contraditória. Eu faço perguntas, peço detalhes e termino invejando as muitas áreas verdes de Washington e me emputecendo com as de Maipú. O caso é que ela até me trouxe um livro, um livro lindo com fotografias de todos os monumentos e parques e rios. Quando eu for a Washington tudo já vai me parecer conhecido.

Ela se apaixonou por um cientista inglês que também estudava lá e se casou com ele. Passaram quatro anos em Londres, onde aproveitou para fazer uma pós-graduação, e o casamento não passou daí. Quando se viu jovem, livre e independente, decidiu voltar para o Chile. Convenceu seu único irmão — o psicólogo que atende a Susy — a voltar também e os dois se instalaram aqui cheios de vontade de participar da queda dos milicos e da formação da nova democracia, segundo as suas próprias palavras. Então se apaixonou de novo, dessa vez por um chileno, e voltou a se casar. Para encurtar a história, está no terceiro casamento e conta isso com a maior naturalidade, como se casar três vezes fosse a coisa mais normal do mundo. Cada separação, segundo ela, foi horrível e cheia de sofrimento. Mesmo assim, acha que é preciso correr riscos.

Sem riscos a gente não chega a lugar nenhum, Juani, ela me diz de vez em quando. Tem dois filhos, um de cada marido chileno, e tanto eles como os maridos a adoram. Claro: os filhos vão muito bem, são aplicados e bonitos e nenhum deles herdou o déficit de atenção.

Ela adora falar mal de si mesma e conta a própria história como se fosse uma tragédia, mas, no fundo, se deu tão bem e sua vida é tão invejável sob todos os pontos de vista que acho que faz isso para se desculpar pela própria fortuna. Exagera os defeitos para que seus talentos não sejam notados. Por exemplo, ela entra no salão com um dedo enfaixado e diz: eu sou *tão* desajeitada, cortei o dedo esta noite tentando cozinhar, sou incapaz de entrar na cozinha sem me cortar ou me queimar. Mas eu sei que é uma cozinheira fantástica e já me deu receitas ótimas. Ou entra toda apressada para fazer uma escova e comenta: merda, deixei de novo o celular em casa, minha cabeça está *tão* ruim, não consigo fazer nada direito. Mas eu sei que ela é organizadíssima, justamente por causa do déficit de atenção se tornou obsessiva para poder funcionar. Estou uma *droga*, uma *droga*, diz olhando-se no espelho, e o único reflexo que me chega é de uma mulher magnífica, com um maravilhoso cabelo louro, grosso e farto, e pernas compridas como o quê. Quando a ajudo a tirar as botas para se depilar, toco no couro, parece veludo de tão suave e fino. Então penso: ela quer que eu a desculpe, que a desculpe por ser tão inteligente, tão fantástica, tão amada e ainda por cima rica, é por isso que me diz que é uma droga. Mas em vez de invejá-la, gosto dela. É uma pessoa generosa porque tem consciência de que é privilegiada e, sem saber muito bem como, quer partilhar seus privilégios. Tudo em volta dela tem algo de etéreo, como se estivesse envolvida em tules azul-celestes que a protegem do mal e fazem com que, ao se deparar com ele, vire as costas e se negue a entrar no jogo.

Vocês vão perguntar por que diabos me identifico com uma pessoa como ela. É que temos a mesma vocação para a felicidade. Aprendi que a mesma experiência pode ser desfrutada por uma pessoa e sofrida por outra. Penso que se a minha pobre velha fosse culta e educada, eu poderia ter sido como María del Mar. (Tive que estudar um discurso de Bernardo O'Higgins com a Susy e lembro que dizia que só a civilização e as luzes tornam os homens sociais, francos e virtuosos. Civilização? Luzes? Merda!) A pobreza é relativa. Sou miserável ao lado de María del Mar e milionária ao lado de Lourdes. Sou um pouco das duas.

Só falta falar do Magro e com isso termino. O único pecado do Magro era ter caspa e ser casado. Há mais de onze anos, num feriado de 18 de julho, fui à taverna do parque O'Higgins, dessas que eu adoro, como as que ficavam em frente à minha casa quando eu era pequena, com muita *cueca*, empanadas,

beliscos e vinho tinto. Sou muito boa para dançar e vi que um rapaz no público me olhava o tempo todo. Era mais ou menos alto, parecia feito de arame, quer dizer, magro e fibroso, e seus membros se mexiam sozinhos como se estivessem mal-atarraxados no corpo. Seus olhos eram muito pretos, assim como os cachos do seu cabelo. Gostei dele, gostei na mesma hora. Eu estava com uma saia preta bem justa, blusa amarela e sapatos também amarelos. Então ele veio me dizer: quero dançar com essa abelhinha tão alegre. Depois me convidou para tomar um pisco. De repente eram duas da manhã e eu continuava dançando com ele e o meu grupo já tinha ido para outro lugar. Nesse momento o mundo inteiro parecia vazio e não sei o que aconteceu, talvez meus astros tenham se alinhado, a coisa é que fiquei com ele. O sexo foi o melhor presente dos céus. O único problema é que depois de experimentar fiquei sabendo que o sacana tinha mulher. Ele me contou na manhã seguinte, e aí já era tarde. Foi esse o meu Erro, com maiúscula. Voltei para casa nesse dia pensando que seria melhor não vê-lo nunca mais, eu não gosto de homem casado, nunca me meto com eles. Mas o Magro não era um homem qualquer.

Embora ele fosse bem festeiro, a vida do Magro era uma vida de esforço e seriedade. Começou como chofer de táxi. Pouco a pouco, com empréstimos e economias, comprou seu próprio carro. Com o que ganhava foi juntando dinheiro para comprar outro, enquanto continuava dirigindo o alheio. Aos trinta e quatro anos já era dono quase que de uma frota e hoje não deve um tostão a ninguém. Deu duro pra chegar lá em cima e se lembra de cada passo do caminho. Cheio de gás, virou microempresário. E até hoje dirige um dos táxis, não fica em casa contando o que ganhou nem fazendo os outros trabalharem para ele. Talvez por isso tenha sido tão responsável em relação ao casamento, que foi mais por pressa que por outra coisa. Engravidou uma prima distante e a família toda — que é grande e intrometida — o acuou, pressionou, e afinal o obrigou a casar com ela. Têm quatro filhos. Quem diria, um homem-feito, um parrudão metido a Rocky, tão fraco com a família.

Uma semana depois de 18 de julho ele apareceu com o táxi no salão de beleza. E eu que pensava que nem tinha ouvido quando lhe contei onde trabalhava. Fomos ao McDonald’s comer hambúrguer com batata frita. Depois ele me deixou em casa, todo educadinho, nem uma palavra sobre sexo. E eu não parava de tremer, disfarçadamente, por dentro, tremia feito uma boba.

Como o meu assunto preferido sempre foram os homens, tentei imaginar como é ser homem: sentir sinceramente que o mundo começa e termina neles, cada um achando que é o centro da terra, mas puta merda, são tantos!

Não pensem que o Magro era diferente.

Então, ele começou a me paquerar. Pouco a pouco. Com muito respeito. Como

uma mosca de verão, grande e pesada, ele pulava entre os meus lábios e a língua e por mais que eu tentasse espantar não ia embora. Até que se tornou indispensável. Até que me apaixonei, feito uma pirralha. Não nos encontrávamos nos fins de semana e isso me deixava triste, queria dividir com ele a minha casa, a minha velha e a minha filha, os Sábados Gigantes, os passeios, as compras. Pensava na outra mulher e, embora a odiasse, tinha pena dela. O Magro me amava, ora se me amava. Depois de uns três meses eu lhe disse que não queria mais vê-lo, que era um sofrimento para mim saber que ele era casado e eu solteira, que me sentia em desigualdade de condições. Ficamos sem nos ver durante dez dias. Foi a primeira das vinte vezes que decidimos terminar. Nem lhes conto como foi o encontro depois desses dez dias, mais parecíamos uns cachorros famintos. Ele tinha um quarto na garagem onde guardava os táxis. Virou o nosso ninho, fiz até cortinas novas e comprei uma colcha bonita. Quando já estávamos juntos havia um ano, dei um ultimato. Ou ele se separava da mulher legítima ou nada. Você é muito pidona, Juani. Era assim que respondia. Ficamos afastados uns dois meses, o filho da mãe não teve coragem de se separar e eu voltei para ele.

Esse foi o Erro. Sabem quanto tempo durou essa história? Dez anos! Dez putos anos. Seria quando os meninos crescessem, quando o pai dele morresse, quando os filhos terminassem o colégio. Eu lutei por ele, sem melindres nem pudor, precisava dele mais que a esposa, e também o amava mais, simples assim. Mas ele não teve peito de deixá-la. Tanto esbravejou o homem para depois acabar dócil e entregue. E mais adiante a esposa *engravidou*, engravidou quando já estávamos juntos havia cinco anos. Essa foi demais. Aí sim perdi a paciência, eu feito uma estúpida tomando cuidado em cada ciclo e ela engravidando. Eu, sem poder ter um filho dele. Merda de vida. Dessa vez o larguei para sempre. Mentira, foi só por um tempo, mas foi a nossa separação mais longa e mais dolorosa. Mas o que eu posso fazer?, perguntava o Magro com cara de inocente. Convencê-la a fazer um aborto, gritava eu, indignada, fora de mim. Dei uma semana para ele tomar uma decisão. No dia certo, tocou a campainha e fui abrir. Cumprimentei-o com uma voz cantarolante já sabendo que uma corda, como num violino ou num violão, tinha desafinado. E, claro, vocês podem imaginar a resposta. Aí sim, morri um pouco.

Que covarde o Magro, puta merda, não teve colhões! E eu, como diz uma cliente minha, desolada, desolada.

Ficamos quase um ano separados. Com tempo até para ele ver o filho nascer sem sentir culpa. Quando voltamos, eu já estava diferente. Sabia que não ia chegar a lugar nenhum, que não tínhamos futuro, que ele nunca deixaria a mãe dos seus filhos. Mas mesmo assim fomos felizes juntos, caramba, como nos

amávamos e nos entendíamos bem. Continuei assistindo ao futebol junto com ele, aguentando até os jogos da terceira divisão, porque o Magro era fanático por futebol. Tudo parecia igual, mas eu não tinha mais ilusões.

Como li artigos nas revistas lá do salão que versavam sobre “a outra”! Porque, mesmo a contragosto, era isso que eu era: a outra. A partir do terceiro ano, mais ou menos, ele começou a dormir algumas noites na minha casa. A Susy foi para o quarto da minha mãe. Eu nunca soube que desculpa dava à mulher, os táxis, imagino, não perguntei. De qualquer modo, eu sempre dizia para a Susy: quando você crescer, nem pense em se envolver com homem casado, Susy, não faça essa bobagem. Sim, *mami*, respondia ela com toda a naturalidade, como se eu tivesse lhe avisado que não tomasse café de noite para não perder o sono.

Não me arrependo de nada. Mas eu, meninas, como os bons times de futebol, vendo bem caro as minhas derrotas. E até hoje o Magro está chorando por mim. Ele sabe que não pode entrar na minha casa se não mudar seu estado civil. Talvez algum dia o faça, e talvez não me encontre mais. Amanhã mesmo posso conhecer outro, como conheci o grego. Claro, com a tristeza que vivo nesses tempos, com essas agulhas no meu diafragma, não estou nas melhores condições de conhecer ninguém.

Na verdade, que Magro que nada. O que ocupa toda a minha cabeça são outras coisas. Todas essas coisas que os médicos me falam sobre a doença da Susy: é a alteração da autoestima, é o transtorno do sono, é a euforia independente de estímulo, é a irritabilidade, é a angústia. Essas coisas que eles dizem. São essas as palavras que tive que aprender. Nelas vai embora a minha vida.

Há poucos dias uma cliente me falou de uma tribo de nativos americanos que vivem numa pequena ilha do Ártico, bem lá em cima, muito, muito lá em cima. O surpreendente é o seguinte: por volta do dia 10 de maio de todo ano amanhece e não anoitece até o final de agosto. Essa ideia ficou na minha cabeça: começar um dia e só terminá-lo três meses depois. Claro, o que é um dia, vocês vão perguntar. Mas não consigo tirar da cabeça o pesadelo da luz. Quando, então, cuspir no diabo para que ele pare de rondar a minha casa e vá dormir de uma vez por todas? A luz sempre ali, o tempo todo, sem descanso, o branco, a iluminação, a falta de sombra. Um sol quase eterno. Como se ninguém pudesse fazer nada escondido. O dia gigantesco, ardente, exaustivo. Como os habitantes desse lugar devem sonhar com a noite, com o descanso da escuridão. E pensei que me sentia tão indefesa quanto eles diante dessa luz que aponta sem piedade. Que acusa, que maltrata.

Puta que pariu.

Já virá a noite. Já virá.

Simona

Cada qual com as suas obsessões. A minha é a seguinte: estou por aqui de testemunhar as mulheres cedendo tudo para manter seu homem ao lado. Os homens não passam de um *objeto simbólico* e, acreditem, é possível viver sem esse emblema. Concordo que um símbolo nasce por razões primitivas, de representação, e pode-se insistir em sua metáfora ou alegoria. Mas eu me nego a ser cúmplice. Fico angustiada quando vejo as mulheres sangrando para não ficar sozinhas. Quem foi que inventou que ser solteira é uma tragédia?

Primeiro quero me apresentar. Meu nome é Simona: minha mãe era devota de São Simão, não pensem que ela teve um ataque de lucidez depois de ler *O segundo sexo*. Tenho sessenta e um anos, estudei sociologia na Universidade Católica, sou uma pessoa de esquerda e passei mais da metade da minha vida lutando pela igualdade de direitos da mulher, pelo respeito à diversidade. Participei dos primeiros grupos que se formaram neste país para discutir a questão, analisar e escrever e publicar sobre ela. Pode-se dizer que aquilo foi o verdadeiro nascimento do Women's Lib no Chile, embora algumas historiadoras discutam o fato. Antes disso houve movimentos de mulheres que lentamente foram construindo uma vontade decidida, mas nós fomos as primeiras a considerar e estudar a teoria de gênero como tal. Éramos quase umas desnaturadas, como nos chamavam quando introduzimos a palavra *feminismo* no nosso meio. Depois virou uma palavra feia, satanizada, mal-usada, desgastada, puída. E é uma coisa tão básica e tão simples: lutar por uma vida mais humana, em que toda mulher tenha o mesmo espaço e os mesmos direitos que um homem. Simples, até parece!, romper um esquema milenar, mudar as regras do poder... Uma tarefa titânica! Não chegamos a ir para a rua com o sutiã numa das mãos e uma tesoura na outra, não fomos tão gritonas porque — num país pobre como o nosso na época — chegamos atrasadas na festa, o mundo ainda não tinha se globalizado e nós aprendemos com as norte-americanas e as europeias quando elas já tinham avançado várias etapas na própria luta. Lemos Betty Friedan quando *A mística da feminilidade* já era um livro manuseado e sublinhado mil vezes nos outros continentes. Chegamos tarde, e na época já vivíamos na ditadura. Não preciso explicar, imagino, até onde pode chegar o machismo numa ditadura militar. Quando vejo um pai jovem com um bebê no colo, alimentando-o durante o horário de trabalho, sorrio e tenho vontade de perguntar no ouvido da mulher dele: então me diga, sortuda, você sabe por que pode ir a uma reunião

enquanto seu marido cuida do menino? É graças a cada mulher que lutou antes de você, à sua mãe que num dia 8 de março foi espancada na rua pela polícia da ditadura, à sua avó que apoiou as sufragistas, às operárias norte-americanas que se negaram a trabalhar em pé numa fábrica, a Simone de Beauvoir, a Doris Lessing, a Marylin French, enfim, graças a milhares e milhares.

Em inglês, língua que utilizo bastante para pensar e trabalhar, a palavra *história* pode ter uma acepção pessoal e outra coletiva: para falar da história pequena, dizem *story*; para falar da grande, usam a palavra *history*. E *story* também pode ser traduzida como *conto*.

Este é o conto da minha vida.

Nasci numa família abastada, grande e divertida, e minha infância foi tudo o que os personagens de Dickens invejariam. Existem infâncias felizes, felicíssimas, e a minha foi assim. Isso me fez uma pessoa mais ou menos confiante no mundo e em mim mesma. Sentia — sem sentir — que nós éramos os donos do universo; do país, pelo menos. Meus antepassados tinham participado da formação da república e isso se transmitia de geração em geração. Acreditávamos fervorosamente no serviço público. Ouço falar de política desde a minha mais tenra infância e acompanhei minha mãe em algumas passeatas ou encerramentos de campanha. Sempre se conversava à mesa, na hora do jantar, e todo mundo podia emitir opiniões. Isso me transformou numa pessoa relativamente curiosa e informada. E a minha família tinha a virtude de ser assim, desde que não se tocasse no tema religião. Aí se perdiam toda a prudência e racionalidade e se diziam verdadeiras imbecilidades. *Of course*, estudávamos num colégio católico — e norte-americano, foi lá que começou o meu hábito do inglês —, e durante doze anos tomei um *trolley* todas as manhãs, eu gostava do ritmo deles e de que tivessem suspensórios, uma imagem bonita da infância da minha geração. No colégio éramos o que se pode chamar de “beatas”. Todas beatas. Não fazíamos outra coisa além de rezar, ir à missa, celebrar tudo, o mês de Maria, a Quaresma, enfim... Jejuávamos muito e comungávamos quase todo dia. Isso me subtraiu inteligência, não tenho a menor dúvida. Vivíamos saturadas de escrúpulos morais inúteis. Todas nós queríamos ser freiras para satisfazer esse Deus faminto e exigente. A Bíblia me impressionava, eu achava Jeová muito mau, como podia ser Deus alguém punitivo e egoísta desse jeito? Já no Novo Testamento, a figura de Cristo me aplacou os medos que o Pai dele transmitia e confortou a minha alma, linda essa figura.

As regras eram infinitas. O mundo não existia fora do nosso ambiente. E nosso ambiente era encantador. Não há como impedir que minhas lembranças sejam ensolaradas. Nem de me fazer esquecer como eram agradáveis as rotinas.

A solidez daquelas cozinhas grandes. As babás maravilhosas que nos contavam histórias (e nos paparicavam à beça). A proteção que emanava da voz do meu pai. No entanto, eu não sabia nada sobre o mundo real. (O que me leva a perguntar: as minhas filhas, que sabem de tudo, serão mais felizes?) Eu não conhecia ninguém da minha idade que estudasse num colégio público, e não estou dizendo apenas que não tinha amigas lá, não, o fato é que eu só tinha uma vaga ideia da existência da educação pública. Todas as nossas referências e atividades tinham a ver com o que estava à *nossa* volta. O incrível era que havia mundos ali pertinho, bem ao lado, na mesma cidade, paralelos ao meu, que respiravam o mesmo ar e no entanto eu não sabia, não os via.

Os sinais exteriores eram muito respeitados, como se cada pai tivesse dito a cada filho: você não pertence a si mesmo, não se esqueça. A roupa e a linguagem eram bons exemplos. Nós sempre, sempre estávamos bem-vestidas. Nessa época as mulheres não costumavam andar de calça, então usávamos meias transparentes que se enganchavam nas pences da calcinha — uma espécie de cinta, nada sexy —, e depois apareceram, para nosso alívio, as meias-calças. Nunca mais consegui, depois de adulta, usar meia transparente, como se elas fossem culpadas pela patetice e a falta de imaginação dessa época. Aos quinze anos nos vestiam feito velhas, com vestidos de seda ou shantung e saias justas, cheias de pences, conjuntos de tweed de duas peças, escarpins de salto alto e cabelo bem-penteado. Quando vejo as minhas filhas amarrando dois panos e se despenteando para ir a uma festa, eu me pergunto por que nasci num tempo tão errado (nunca sei direito quando elas estão de pijama ou quando estão vestidas, parece igual). Ganhei minha primeira calça jeans quando estava no segundo ano da faculdade. Não vou mais contar como era o Chile nessa época: éramos um país pobre onde até alguns dos mais ricos viviam com simplicidade.

E a linguagem: maldita e bendita ao mesmo tempo, uma linguagem que não descansa, que desmascara tudo, que nos situa num espaço do mundo, que nos dá identidade. E também que nos faz mostrar o nosso avesso.

Como todo o resto, a nossa forma de falar era rígida, *muito* rígida. Olhando para trás, percebo que o vocabulário acabava sendo pobre, eram muitas as palavras omitidas por provocar algum tipo de suspeita e por isso ficavam coisas sem nomear. Por exemplo: a palavra *ambo* entrava na categoria do não dizível, mas no dia em que você precisava falar em castelhano de um terno de homem definindo que o paletó era de uma cor diferente da calça, mas combinando, não tinha a palavra. Lembro-me da primeira vez em que um namorado meu usou-a na minha frente, eu já estava afastada havia anos do meu *background* e seus preconceitos; mesmo assim, lembro que fiquei gelada. Eu estava levantando da cama com ele, tinha chegado a esse nível de intimidade com uma pessoa que

falava “*ambo*”? (Quando pedi, gentilmente, que não a repetisse, ele me deu uma lição sobre a pobreza do léxico da minha faixa social, sobre a nossa incultura e blá, blá, blá, um babaca sem o menor senso de humor!)

Palavrões não existiam. Às vezes eu ouvia algum pela boca dos meus irmãos, brigando entre si, mas nunca na frente dos nossos pais. Nem no colégio, era um colégio de meninas, impensável. Meu pai e minha mãe nunca disseram qualquer coisa inconveniente diante de nós, nem o resto da família. Não tive a tia excêntrica que todo mundo tem, boca-suja e escandalosa. Então, quando entrei na universidade e comecei a ouvir palavrões, tive que engolir em seco vinte vezes e morder a língua para ninguém notar o horror que me causavam. Quando uma colega minha se referiu ao pênis como “caralho”, quase desmaiei. Nunca pensei que esta chegaria a ser, algum dia, uma das palavras preferidas da minha linguagem cotidiana. (“Do caralho”, “pra caralho”, “mandar ao caralho” etc., eu adoro... É perfeita para reforçar o que diz!) Um episódio para encerrar o assunto: um dia eu estava com minha mãe na rua Providencia, íamos fazer compras e ela estava dirigindo sua caminhonete Volvo. Na época eu cursava o terceiro ano de Sociologia, portanto devia ter uns vinte anos. De repente, um taxista bateu por trás no nosso carro, levamos um susto violento com o barulho de metais e a freada que minha mãe deu. Fui jogada para a frente, bati com a testa no porta-luvas, e nesse momento — eu já vivia a esquizofrenia de ser uma pessoa em casa e outra na universidade — gritei: porra! Vocês não vão acreditar: minha mãe, no meio da confusão, em vez de descer do carro e brigar com o taxista e olhar os danos, se inclinou sobre o meu assento, abriu a porta lateral, a minha, e me disse muito séria: desça.

Nada que tivesse alguma relação com sexo ou com as necessidades do corpo tinha nome. Como tampouco, *of course*, os diferentes aparelhos genitais.

Éramos impecáveis.

Bem, voltando ao início, fui feliz quando era pequena, tive uma adolescência muito, muito boa, estudava muito, mas sempre havia espaço para as festas, as amigas, os namoros. Eu era bastante bonita e atrevida. Escolhi os homens que quis, era bastante namoradeira.

A vida social se dava primordialmente nas casas e só podíamos ir dançar nas poucas discotecas que os pais aceitavam: Las Brujas — que demoliram há pouco tempo, no bairro de La Reina, para grande tristeza da minha geração — e Lo Curro, ao norte da cidade, perto da cordilheira. O importante é que a gente só ia se um homem convidasse, por nada deste mundo uma mulher poderia ir sozinha, seria tão bizarro como aparecer pelada na praça de Armas. Quem não fazia sucesso com o sexo oposto não era convidada e ficava sem frequentar esses

lugares. E ele, o cavalheiro galante, pagava tudo, nem de brincadeira nós abríamos a bolsa. Nas festas particulares, em casas de amigas, o costume era que os homens nos tirassem para dançar. E as mais disputadas davam números para marcar a vez — quase como um carnê de baile do século XIX — e me lembro da minha arrogância quando dava até o número dez. Só de pensar que havia um pobre coitado que contava as músicas uma por uma até chegar à décima para poder dançar comigo! Que horror. E as feias... seguravam vela, como se dizia: era assim que chamávamos o fato de ficar sentada porque ninguém tirava você para dançar.

O sexo não tinha qualquer papel: a protagonista número um da nossa vida social era a castidade. A dança era regulamentada: tantos centímetros de distância entre ele e você. Nada de encostar a bochecha, isso era chamado de *cheek to cheek* e reservado para as namoradas ou as "galinhas", apelido usado para qualquer mulher que saísse um centímetro de tal convenção. Ser galinha era a pior coisa que podia acontecer, ninguém se casava com elas. Nos namoros só se segurava na mão e somente algum tempo depois vinham os beijos. O que fazíamos com o tesão? Eu bem que gostaria de saber... O conceito não existia. Quando já estávamos um pouco mais velhos, pouco antes de sair do colégio, os beijos foram ficando mais apaixonados e tínhamos que imobilizar as mãos do parceiro para evitar a tentação. Sabíamos — de uma forma ou de outra — que os homens tinham as suas histórias, mas com mulheres que não eram como nós. E isso era aceito: eles tinham o direito de se aliviar! Sem falar da virgindade: não só ela era o estado natural que todo mundo — além de você mesma — pressupunha, mas jamais nos passaria pela cabeça não chegar intactas ao casamento. A virgindade era *tão* importante que conseguiu se envolver em músculos e nervos para que fosse quase impossível libertá-la.

Quero voltar, agora, à linguagem. Será que era uma mortalha, uma camisa de força? Como nos reprimia, como nos amordaçava! Até hoje, depois de todos os anos que passaram, ainda me surpreendo sendo vítima dos meus preconceitos. Alguém acha que a gente se livra da educação que recebeu? Pois não se livra, rebela-se, mas nunca chega a ficar totalmente independente.

Quando entrei na faculdade, a minha vida mudou completamente. Encontrei um mundo onde não eram todos iguais, descobri que havia gente diferente no meu país, que surpresa! Fui estudar Sociologia na esperança de entender um pouco o mundo; fiquei mais confusa do que antes. Vivíamos o final dos anos sessenta, os últimos tempos de Frei Montalva, a polarização no Chile e no mundo inteiro. Era difícil ser de direita nesse ambiente. Tudo o que valia a pena estava do outro lado, os padres revolucionários, o Che, Cohn-Bendit, Miguel Ángel Solar e a

tomada da Católica (o pessoal da Universidade do Chile, que sempre nos olhava com o nariz empinado, não aceita até hoje a ideia de que os alunos da Católica tenham tomado a universidade antes que eles). Por alguma razão que na época eu não entendia, todo mundo ligado à arte odiava a direita. Os escritores e poetas, os músicos e atores, os pintores e os cineastas, todos eram de esquerda. A liberdade sexual também parecia ser propriedade dela. Em suma, tudo o que era divertido e valioso passava pela outra calçada.

Com toda essa avalanche de dúvidas e rupturas, desapareceram muitas ideias e chegaram outras. A mais vilipendiada no processo foi a minha fé. Simplesmente desapareceu. Como diria Updike: *The Holy Ghost... who the hell is that? Some pigeon, that's all...*

Troquei a religião pela política. Comecei a militar na esquerda.

Minha história é muito batida. Menina-grã-fina-rebelde-abandona-sua-classe-social-para-fazer-a-revolução. Sou um caso típico! E aqui estou, quarenta anos depois, vendo como vivi de molde em molde, só trocando o conteúdo.

Não quero me estender mais que o necessário: eu sou, para usar a linguagem da minha profissão, das que passaram da ética da convicção à ética da responsabilidade. Uma transição difícil, e creio que a fizemos bastante bem, não permanecemos, graças a Deus, na adolescência; esse é um momento em que aprendemos, quase sempre apanhando, a crescer.

Eu me apaixonei por um colega de faculdade que estava alguns anos adiantado e fazia um estágio no meu curso. Chamava-se Juan José e foi o meu primeiro grande amor. Levei muito tempo para formalizar algum tipo de relação com ele porque era uma delícia andar com vários homens ao mesmo tempo depois da rigidez da minha vida anterior. Descobri, entre manifestações de ruas e pichações, que o sexo era fantástico e eu não queria perder isso. Se tivesse me casado quando saí do colégio — com algum futuro empresário ou político, era o que me esperava — e continuasse casada até hoje com ele, como muitas das minhas colegas de turma — quase todas, para falar a verdade —, a rigor eu teria conhecido um único corpo masculino na vida.

Foram as circunstâncias que tomaram a decisão por nós: Juan José, o Juanjo, como eu o chamava, ganhou uma bolsa para fazer um mestrado na Universidade de Duke, na Carolina do Norte. Tivemos que nos casar. Não comece com seus papos liberais, Simona, senão você fica sem o visto, os gringos são muito chatos. Aí se concluiu qualquer balbucio contra o meu casamento.

Tenho boas lembranças desse tempo. Sou eternamente grata à existência da pílula — a anticoncepcional, para ser bem clara — porque com a exígua bolsa de

que vivíamos, minha gravidez naquela altura teria sido muito inadequada. Conheço casos de mulheres que não foram capazes de viver a maravilhosa despreocupação e oportunidade de formação que uma bolsa do marido significa e ficaram grávidas para resolver suas próprias carências e seus próprios medos, sem a menor consideração por ele, que precisa estudar e ficar concentrado. Ou seja, não perdi de vista por um segundo que Juanjo estava fazendo um esforço enorme e que eu era livre para usar e desfrutar o meu próprio tempo. Vivia aquilo como uma dádiva e decidi fazer uns cursos no Departamento de Inglês, só para descobrir que odiava linguística e fonética e a única coisa que me agradava era ler; quase perdi o prazer da leitura por culpa do excesso de análise, porque afinal é isso o que fazem com os livros na universidade, analisam... Então larguei o curso, aproveitei as apostilas e a magnífica biblioteca para passar meses e meses, com toda consciência, lendo deitada no único sofá do nosso apartamento. O Chile vinha abaixo enquanto eu flertava com o bonitão Mr. Darcy ou abria as portas da mansão de Brideshead.

As famílias se dividiram ao meio, uns odiavam os outros, a Reforma Agrária se aprofundou, terras foram perdidas, enfim..., todo o processo que nos levou à morte de Salvador Allende, depois de termos sido a primeira nação do mundo a levar democraticamente o socialismo ao poder. Todas nós já conhecemos o desenlace, prefiro não me deter nisso agora, mas há dores que vão nos perseguir, tenazes, até o fim dos nossos dias.

Já na ditadura, voltamos para Duke; dessa vez Juan José iria fazer um doutorado e eu tinha acabado de parir minha primeira filha, Lucía. Nem pude me dar ao luxo, como nos anos anteriores, de esnobar a linguística: só via fraldas, mamadeiras, purê de acelga e cenoura e horas e horas dentro de casa, acuada pelo frio norte-americano e com o coração cada dia mais duro. De repente senti que se abria uma fenda no chão. Voltei para o Chile com minha filha e assim acabou o casamento.

Ainda iria viver um ou dois casos até encontrar Octavio, o amor da minha vida. *Fucking* Octavio. Nós dois somos de Leão, não preciso dizer mais nada. Fogo puro nos dois lados. Poucas vezes conheci uma dupla mais passional. Nós nos adorávamos, odiávamos, brigávamos como dois napolitanos dos bairros pobres, trepávamos às mil maravilhas, viajávamos, conversávamos, líamos os mesmos livros e nos dávamos imensamente bem. Quis engravidar dele, só pelo tanto de amor que sentia, e consegui, mas sem muito entusiasmo por sua parte. Então nasceu minha segunda filha, Florencia. Minha santa mãe cuidava delas quando era preciso e assim conseguíamos continuar com as viagens e o nosso ritmo

louco. Fiquei com ele pouco mais de vinte anos. Como pode fracassar uma relação na nossa idade, depois de vinte anos? Parece impossível. Mas... aconteceu. Motivo: Octavio tinha mau gênio e era viciado em televisão. Ou em futebol. Ou nas duas coisas. Como o aparelho que venerava, ele tinha no cérebro uma tecla que dizia On/Off e quando o On estava ligado, que Deus nos acuda.

Of course, a culpa é minha. Ninguém me forçou a ser mulher dele. E eu já sabia desde o começo. Nós estávamos saindo juntos havia uns três meses quando ele me convidou para ir à Espanha, precisava trabalhar por alguns dias e depois nós podíamos passar uma semana percorrendo o sul. Fui, sabendo que uma viagem revela coisas que a vida diária da cidade pode esconder e — nesse sentido — considerei que essa viagem era ilustrativa. Alugamos um carro e, de povoado em povoado, chegamos a Sevilha. Depois de nos instalar no hotel saímos para dar uma volta e nos deparamos com um cartaz anunciando que Joan Manuel Serrat iria cantar na Maestranza, a praça de touros da cidade. Fiquei emocionadíssima (estávamos na ditadura, Serrat não podia pôr os pés no Chile), e decidimos ir de noite ao recital, de qualquer jeito. Jantamos cedo e fomos descansar um pouco no hotel antes de sair. Octavio deitou na cama e ligou a televisão. Nesse momento o Manchester United estava jogando e ele se concentrou na partida. Quinze minutos depois pedi que se levantasse, que precisávamos ir para a Maestranza. Ele respondeu com um lacônico “espera”. Eu me sentei na cama. De dois em dois minutos olhava para o relógio. Octavio, vamos chegar tarde. Não, não se preocupe, já vamos. Quando já era imprescindível sair, fiquei na frente da tela e disse, com voz firme: temos que ir. Então o vi mudar de expressão pela primeira vez: ficou vermelho, com os olhos embaçados e a boca desfigurada numa careta muito feia. E deu um berro: saia da frente da tela! Octavio nunca havia gritado comigo, fiquei olhando para ele, incrédula, imóvel, quase hipnotizada. Ele repetiu, num tom ameaçador: saia da frente da televisão. Minha reação imediata foi me retirar do quarto e ir para o recital, sozinha. A tecla estava em On. E enquanto andava, desconcertada, triste e furiosa, pensei: este é o meu novo galã? O homem com quem eu viajei tinha desaparecido. Entendi que devia tomar o próximo avião e voltar para o Chile. Não só tinha me tratado mal, também não cumpria seus compromissos. Essas duas coisas eram suficientes para terminar o romance. Hoje é Serrat, amanhã talvez outra coisa, já o conheço suficientemente para *não ficar*.

Chegou ao espetáculo no intervalo, como se nada tivesse acontecido. E eu não tomei o avião de volta.

(No transcurso da nossa relação, eu disse a ele muitas vezes que foi maluquice minha não tomar o maldito avião naquele dia, e a resposta era invariável: você

imagina o que teria perdido?, quem no mundo a amaria mais que eu?, com quem você poderia ter sido mais feliz? E o mais dramático é que, olhando as coisas assim, ele tinha razão.)

A pergunta que não quer calar: por que me apaixonei por um homem indolente? Porque a indolência não era permanente, não aparecia todos os dias, só quando a famosa tecla estava ligada. E para piorar, Octavio era fanático por comida: nunca ouvi tantas regras de como deviam ser e fazer-se as coisas nesse quesito. Com ele, *as coisas nunca saíam do jeito certo*. Na casa da minha família se considerava que era falta de educação falar sobre comida. Que loucura, dei tal reviravolta que acabei vivendo com alguém que não tinha outro assunto. Eu amo comer, mas como qualquer coisa. (Reconheço que em outros aspectos Octavio era adorável, mas comida é um tema cotidiano *sim*, talvez como nenhum outro, e por isso era tão difícil de ignorar.)

Um episódio: eu estava no final da gravidez de Florencia e naqueles dias se disputava a Taça Libertadores. Deitado na cama, Octavio estava vendo um jogo, totalmente alienado. Eu tentava dormir ao seu lado, depois do almoço, mesmo sabendo que não ia conseguir por causa da televisão. Levantei e fui até a cozinha buscar alguma coisa para comer e quando estava no corredor senti uma pontada e um frio estranho entre as pernas, seguido de um jorro d'água. Quando percebi o que estava acontecendo, dei um grito: Octavio, a bolsa rompeu! Não houve resposta. Óbvio, ele não tinha ouvido. Andei com dificuldade até o quarto, molhando tudo pelo caminho. Gritei de novo: *a bolsa rompeu!* Ele então me olhou, não pôde evitar o espetáculo que era eu, enorme, com as pernas abertas, pingando. Pensam que se levantou imediatamente e foi buscar a chave do carro para ir à clínica? Não. Disse: espere um pouquinho, o primeiro tempo já vai terminar. Lembro que, na minha profunda impotência, tirei o controle remoto das mãos dele e joguei contra a parede, o que pelo menos conseguiu surpreendê-lo, destruindo o aparelho. A marca na parede ficou para sempre e, quinze anos depois, eu a olhava quando estava furiosa e dizia para mim mesma: *sorry, baby*, mas que merda você *ainda* está fazendo ao lado dele?

Quando eu era pequena, tive um cachorro a quem dei todo o meu amor. Ele se chamava Floquinho. Floquinho comia comigo, saía comigo, dormia comigo, nunca nos separávamos. Então — como boa católica — um dia decidi que o Floquinho tinha que fazer a primeira comunhão, como eu tinha feito pouco antes. Organizei uma cerimônia, convidei alguns primos, todas as babás, meus irmãos e os nossos pais. Fiz santinhos como os que faziam para mim. Recortei cartões, desenhei anjos e presépios e escrevi atrás uma frase do Evangelho, o nome do Floquinho e a data. Tudo ia de vento em popa. Na véspera da cerimônia

um dos meus irmãos me viu de longe no jardim... batendo no Floquinho! (Quem costuma contar esta história é ele, não eu.) Veio assustado saber o que tinha acontecido. Ele não quer rezar o pai-nosso, disse eu, furiosa, passei horas ensinando e ele não quer rezar!

Nem com pancadas nem com gritos: as pessoas não mudam. Você tem que aprender isso logo no primeiro dia e não desperdiçar anos, aflições e esforços tentando. E se Deus criou alguma flexibilidade no mundo, as mulheres a monopolizaram. Os homens ficaram sem nada. Não mudam nunca. Só com Prozac, se você conseguir que tomem.

Falando em Prozac, uma importante questão de gênero é o problema dos remédios. Os homens se sentem muito viris por "superar os problemas sozinhos". Sozinho significa sem medicação nem terapia. Consideram uma grande aventura da masculinidade enfrentar seus problemas sem a química. De onde vem tanta estupidez? Já vi homens contando que ficaram orgulhosos por sair sozinhos de uma depressão, sem ajuda. Como não entendem que a química pode ser a salvação, que um comprimido por dia, um estúpido e pequeno comprimido, pode abrir os véus negros que escondem o sol? Aliás, Octavio considerava um horror tudo o que tivesse a ver com terapia ou com psicotrópicos.

Quando me separei de Octavio, não houve *ninguém* que não me dissesse que eu era uma boba, uma doida. Foi assim: eu estava deprimida, em terapia com Natasha e tomando a medicação do caso. Ele entendia bastante pouco do que me acontecia. Para ele, entrar em contato com as emoções é um exercício dispensável. Tentava me apoiar, mas, como não entendia nada, seu apoio acabava sendo irrelevante. Ele achava que devia me "tirar da depressão" inventando formas de diversão para mim. Decidiu que iríamos à China, que essa viagem ia me fazer melhorar. Não captava o sacrifício que era sair da cama... Aluguei uma casa na praia para passar uma temporada longe de qualquer pressão, com o compromisso de que ele me visitaria nos fins de semana.

Na primeira sexta à noite chegou, encantador, com um belo cesto cheio de coisas gostosas que eu aprecio especialmente: patê, queijo *brie*, pão camponês, vinho tinto. Disse que tinha sentido a minha falta, que tudo parecia vazio sem mim. Comemos na cozinha, bem perto um do outro, e o "nada-dolorido" dos meus dias deprimidos pareceu ter um alívio. Quando ele subiu para o quarto, olhou em volta e perguntou muito desconcertado: e onde está a televisão? Não tem televisão na casa, respondi. Mas como você alugou uma casa sem televisão! Bem, tentei me defender, no meu estado é um alívio. Então ele levantou a voz:

mas esta noite vão transmitir o jogo do Barça contra o Real Madrid!, saí cedo de Santiago para poder ver aqui. Sinto muito, respondi, um pouco assustada por não ter avisado, mas podemos pedir às meninas que gravem o jogo. A tecla estava ligada e ele me acusou aos gritos de egoísta, de não pensar no outro e de tratá-lo mal. A deprimida sou eu, Octavio, mal consigo cuidar das minhas próprias necessidades. Ele me olhou, vermelho, furioso, como um energúmeno, pegou a chave do carro e foi embora. Ainda gritou pela escada: não volto mais a esta casa!

Fiquei olhando como se afastava e pensei que era assustador ver um homem lúcido e inteligente se transformar num idiota, tudo num segundo. Minha depressão era um detalhe ao lado do jogo do Barcelona. Eu me senti como aquele tolo de Steinbeck que, por falta de outras peles, acariciava ratos, com o dedo dentro do bolso.

E de fato não voltou. Pelo telefone lembrei a ele a minha condição e o meu estado de fragilidade e pedi que viesse me ver. Pois não veio. Minha ira transbordou. Quando voltei a Santiago, duas semanas depois, me separei.

Pensei: nunca mais vou ser recipiente para o lixo do meu marido. Um outro ser humano, só porque mora com você, porque contraiu uma determinada aliança chamada casamento, acha que pode usá-la para derramar todos os seus detritos, suas raivas, falhas, frustrações, seus medos, suas inseguranças. Isso não é coisa minha, li uma vez num romance. A protagonista chamava a si mesma de "lixeira do marido" — o livro, aliás, foi escrito por uma mulher — e então me caiu a ficha: é o que quase todas nós somos ou fomos. E quem escapar, levante a mão para ser aplaudida.

Todo mundo à minha volta me lembrava, com a melhor das intenções, como tínhamos sido felizes, como nos amávamos, como nos entendíamos bem. Tudo verdade. Mas algo muito profundo tinha se quebrado dentro de mim. Se tivesse que presenciar mais um chilique do Octavio, eu desabaria desfazendo-me em pedaços de mim mesma. Ou simplesmente o mataria. Além do mais, estava convencida de que ele ia acabar idiotizado, afinal quantas horas de televisão um cérebro pode suportar? E sabia, com absoluta certeza, que o preço para viver com ele era a *concessão*. Quantos perigos esta palavra contém. Até onde ceder sem abalar seriamente a própria identidade, sem perder definitivamente o respeito por si mesma? Eu imaginava o futuro. Quantas vezes mais a tecla do cérebro dele ficaria em On?

Como feminista convicta, fiquei horrorizada ao ver minha autoestima decair. Se isso acontece comigo, pensava, como será com as outras? A contradição me fazia mal, sentia que minha vida e eu mesma éramos um blefe.

Quando conheci Octavio lhe dei de presente, escrita numa caligrafia convincente, uma entrevista de Shelley que para mim o descrevia: “Você Maravilha, e você Beleza, e você Terror.” Quando a maravilha e a beleza diminuíram, mandei de novo a entrevista de Shelley, vinte anos depois, com a última palavra sublinhada.

Fiquei sozinha. Estava com cinquenta e sete anos.

Não cogitava ter outro companheiro. O mercado é cruel, como dizia o nosso presidente Aylwin, e os homens que emocional e intelectualmente poderiam ficar com uma mulher de cinquenta e sete anos escolhem as de trinta e sete. E não me dava apetite... Eu não queria — visceralmente falando — voltar a encarar uma vida a dois. Já tivera o meu quinhão. E quando fiquei sozinha comecei a sentir um alívio enorme.

Nunca mais futebol na tevê.

Nunca mais um homem deitado na cama com o controle remoto e olhos de alienado.

Nunca mais o som permanente da televisão ligada.

Nunca mais tampar os ouvidos para poder dormir.

Nunca mais ficar com um livro na mão procurando um lugar onde ler porque no meu quarto não podia.

Nunca mais competir com o Colo Colo por um pouquinho de atenção.

Nunca mais:

— Simona, vá comprar você o vinho para esta noite porque estou ocupado, o primeiro tempo acabou de começar.

— Meu Deus do céu, Simona, a U está jogando, como é possível que essas meninas não fiquem quietas?

— Olha, Simona, pode desligar o telefone, não vai acontecer nada enquanto estou vendo o jogo.

— Isto é o que você chama de lar? Com essa geladeira vazia... Como é possível um homem não encontrar a menor compreensão na sua própria casa!

— Apague a luz, Simona, por favor, não dá pra ver televisão com a luz do teto acesa, vá ler em outro lugar.

Eu não precisava mais cuidar de outra mente, de outro corpo, de outras ambições, de outras domesticidades, enfim, de outras dores. Estava definitivamente mais leve. Natasha teve uma importância enorme para apoiar essa minha ousadia. Quando penso em mulheres casadas sempre me pergunto: quantas delas estão onde querem estar? Às vezes eu ia passear pelo meu bairro em Santiago, olhava as casas e os apartamentos, os movimentos cotidianos atrás

das cortinas, e me perguntava: quantas delas não desejam estar em outro lugar?

Meu debate interno era: ou me entrego ao cinismo ou me separo de Octavio. O cinismo é uma ferramenta que muitos usam, ainda mais com a idade chegando. Dizemos que já somos adultos, que não se pode pensar no amor como uma coisa integral, afinal uma mancha não suja a toalha toda, e se a mancha for horrível, que tal colocar um vaso de flores em cima dela e pronto? É tão malditamente fácil! O cinismo se instala nos ombros de cada um de nós como uma pequena serpente, tentando, tentando.

Mas, apesar das tentações, o cinismo não me seduziu. Estou no lugar que escolhi. As mulheres não têm o costume de ES-CO-LHER, sempre atoladas nas nossas dependências, das econômicas às afetivas.

No entanto, o que perdi foi muito. Porque fazendo o exercício que Octavio sempre me pedia, o de pôr na balança o lado bom e o lado ruim da nossa relação, via que o bom era *muito* bom, e por isso fiquei tantos anos com ele. Às vezes penso: puta merda, o que aconteceu com a nossa intimidade?... Éramos tão, tão íntimos. Nunca consegui ficar no mesmo lugar que ele sem sentir a sua presença, havia tanta força e tanto prazer dentro de mim que nunca deixava de vê-lo... E quando eu me levantava para buscar um copo d'água, interrompia a sua leitura do jornal só para tocá-lo, assim, de leve, sempre lhe dizendo que senti a sua presença, que agradecia à vida por ele estar ali. Sempre o tocava. Nunca deixei que se acomodasse com a nossa proximidade, todo dia a desfrutava. E sua nobreza para me amar..., nunca vi coisa igual. Octavio nunca foi avaro com o amor, nunca mediu, nunca calculou. E me amava inteira e abertamente, jamais fechou a porta, nem nos piores momentos. Nunca deixou de abrir gentilmente a sua cama quando eu queria entrar nela. Nunca admitiu que eu me sentisse insegura do seu amor, nem por um segundo.

Era uma relação muito profunda, eu podia desaparecer debaixo dela, ficar escondida, protegida do mundo inteiro. Menos dele. Pedi mil vezes que se tratasse da indolência, do vício ou como quisesse chamar, do mau gênio, senão ia terminar quebrando aquela coisa única que tínhamos; implorei e implorei, porque sabia que mais cedo ou mais tarde essa mesma indolência e esse mesmo mau gênio nos afastariam. Ele não me deu ouvidos.

Foi muito o que perdi.

Como disse Shakespeare: *Love is merely a madness*.

Minhas amigas, especialmente as que vivem de forma mais ou menos convencional, vinham me dizer que as mulheres sozinhas são patéticas. Que nas festas de casamento sempre aparece alguma na mesa e as coitadas vivem na expectativa, revelando com um gesto a maldição da sua condição. Que elas se

reúnem para fazer listas de homens separados ou viúvos para se lançar ao ataque. Que vivem grudadas, uma solitária faz a outra cumprir o papel de marido no sentido de ir ao cinema, conhecer um novo restaurante, passar a tarde de um sábado, coisas assim. Por que não podem ir sozinhas ao cinema?, eu me pergunto. Não há nada melhor que ver um filme em silêncio. Quem sou eu para julgá-las, mas elas me dão pena, porque é injusto viverem com a sensação permanente de serem umas enjeitadas. Quando me falavam do *horror* de não ter um parceiro, minha mente discordava pensando: o objeto simbólico que vá à merda, finalmente vou poder viver como me dá na telha. Eu ficava — e fico — mais angustiada vendo como, para conseguir um homem, elas abaixam o padrão. À medida que envelhecem, reduzem as expectativas e se conformam com homens que na juventude não teriam olhado duas vezes. As exigências passam a ser nulas. Acabou-se a paridade. Se ela sentisse de fato que tem escolha, será que o escolheria? E assim, vejo mulheres maravilhosas com uns verdadeiros imbecis, todo mundo muito contente.

Uma das minhas irmãs é casada com um empresário importante e vive participando de "compromissos sociais" que pertencem a ele. Eu, como *loner* que sou, antecipo a noite que vai ter quando a vejo se arrumando na frente do espelho, penso nas conversas formais e obrigatórias que a esperam, na comida que será servida bem tarde, nas horas de *small talk* que vai ter que preencher, em como vai simular interesse pelo seu vizinho de mesa — que não lhe interessa em absoluto —, em quantos drinques terá que beber para suportar o tédio, em quantos comentários inteligentes terá que fazer para que não pensem que seu marido casou com uma idiota, em como seus pés depois vão doer por causa desses saltos, na languidez com que lembrará da sua cama quando a mulher ao lado lhe contar alguma peripécia dos filhos. Então penso: abolir todo tipo de obrigações sociais-maritais! Cada ser humano já tem suficientes obrigações, então como alguém pode assumir as do parceiro como próprias? Acompanhar o outro às vezes é bonito. Venha, fique comigo, estou sozinho. O gesto de acompanhar aquele outro tem um sentido em si mesmo. Eu, sujeito primeiro, acompanho o sujeito segundo e o verbo *acompanhar* se realiza com beleza. Mas quando o gesto se estende a terceiros: venha, me acompanhe a acompanhar outros... Ah, não. Isso não.

Um casal é composto por duas pessoas autônomas, não é um amálgama único, pelo amor de Deus!

Acho que cada ser humano nasce com uma determinada capacidade de tédio. Alguns, sem dúvida, recebem doses maiores que outros. Mas devemos ficar atentas para o momento em que a nossa está se esgotando, temos o dever de perceber a tempo. Se a gente não se dá conta, pode se paralisar de formas fatais.

Preste atenção! Você já viveu o seu pedaço de tédio completo? Então pule fora, saia, termine. Não se machuque.

Convencida de que o excesso de otimismo é uma coisa de mau gosto, tentei relativizar a situação. Pensei: olhe, Simona, você pode ver a estrada com os faróis altos ou os baixos: escolha. Um detalhe importante é que Lucía, minha filha mais velha, já estava casada e Florencia fazia uma pós-graduação na Inglaterra. Ou seja, a função de mãe não ocupava um papel central.

O que eu perseguia agora com o pensamento não era a *verdade* e sim a imaginação. Certamente já tinha deixado para trás o tempo da verdade pura, não acredito mais nela e nem a necessito. Mas a fome de imaginação não para de crescer, aumenta a cada novo dia em que abro os olhos. Soa estranho o que estou dizendo, nunca pensei que a verdade e a imaginação pudessem chegar a ser opostas. Não sei se acho realmente isto.

Às vezes, como Lewis Carroll, eu queria saber de que cor é uma vela quando está apagada.

Pus à venda minha casa de Santiago e enquanto os corretores a mostravam, fui percorrer de carro a costa chilena. Eu necessitava de um povoado onde houvesse, como na Europa ou nos Estados Unidos, vida, gente e serviços durante o inverno. Existem muitos povoados nos outros continentes para os quais eu iria de olhos fechados. No Chile é difícil, toda a nossa beleza se esconde em lugares selvagens, os mais belos do mundo, mas selvagens. Não é fácil sair da capital e decidir onde viver gregariamente neste país. (Além do mais, o lugar tinha que ser bonito, *muito* bonito, tinha que me atrair, porque um lugar medíocre me daria horror. Como boa filha da minha mãe e neta da minha avó. *Essas coisas*, essas coisas não se perdem nunca.)

Já fazia dois anos que eu tinha o privilégio de trabalhar em casa, a organização para a qual pesquiso sequer tem escritório no Chile, portanto a minha atividade profissional pode ser exercida em qualquer lugar. Para mim, ir a Santiago uma vez por mês para checar dados e pesquisar alguma coisa na biblioteca era o bastante. Eu necessitava de um horizonte imenso, necessitava do mar. E do minimalismo. Tornar mais leve a minha carga. Acho que a linha simples e eterna que um horizonte dá ao oceano me indicava um caminho. A gente acumula coisas demais em cinquenta e sete anos, de móveis a relações. De conhecidos que passam por amigos a enfeites de mesa. Decidi me despojar. Numa espécie de liturgia, cortei e descolori o cabelo para nunca mais voltar a tingir. Depois convoquei todas as minhas amigas para dar a elas as mil coisas que não queria mais. De um colar a um vaso de flores. Separei o que ia levar para a minha nova vida e adorei ver como era pouco. Vocês já pensaram em todos os objetos

desnecessários de que a gente se rodeia? Por exemplo, as pulseiras. Sou fascinada por pulseiras, não posso ver uma bonita que a compro. Mas acontece que depois não uso, elas incomodam, não dá para ficar muitas horas na frente de um computador com uns aros de prata ou de madeira fazendo *ting-ting* na mesa ou no mouse. Roupa de cama e de banho, a roupa branca, como se diz, embora atualmente seja quase impossível conseguir alguma toda branca: minha mãe me ensinou que era preciso ter três jogos de lençóis e três de toalhas, um em uso, outro lavando e o terceiro, limpo, no armário. Comprei dois edredons e resolvido. Ofegar fazendo a cama à moda antiga? Não. Depois, a minha roupa. Esses sapatos que a gente usa uma vez por ano para ir a um jantar elegante: eu nunca mais iria a um jantar assim. A vida social tem data de validade, como os iogurtes. Portanto, os sapatos, vestidos e acessórios *ad hoc* foram parar nas mãos das minhas amigas que não perdem um casamento. Separei alguns lenços e xales, de seda, de caxemira ou de alpaca, não porque fossem finos, mas porque gosto de senti-los no corpo. Umas túnicas para o verão. E assim, para meu deslumbramento, a matéria ao meu redor diminuiu substancialmente.

Comprei um apartamento na praia mais bonita do Chile.

Não queria uma casa, não tinha mais disposição para essas coisas. Decidi que, além de lareira, merecia calefação central, segurança, porteiro vinte e quatro horas por dia, alguém que me ajudasse a subir os pacotes do supermercado e, acima de tudo, nunca mais me preocupar com consertos, ou seja, prescindir dos abomináveis bombeiros e eletricistas. Nunca mais um caseiro nem jardineiro. Enchi o meu terraço de plantas e faço lá a minha própria jardinagem, delimitada. Tenho umas janelas imensas, nada interrompe a vista do mar, adeus grades de segurança. O apartamento tem dois quartos com os seus respectivos banheiros e uma sala pequena onde instalei meu escritório. Filhas e amigos têm onde dormir e os espaços são amáveis e contidos: tudo lá é fácil.

Falta falar de um personagem chave: Bungalow Bill. Quando fui para a praia, minhas filhas acharam que eu poderia me sentir sozinha e me deram um cachorro. Não um cachorrinho, nada disso, era um cachorro que cresceu e hoje é enorme e ocupa mais espaço na casa que eu. É um labrador creme, da cor dessa manteiga que fazem no campo. No começo eu não ligava muito para ele e reclamava da escravidão de levá-lo todos os dias para passear e ensinar boas maneiras. Mas aconteceu o previsível: fui seduzida, e hoje sou a maior admiradora dele. Na escuridão dos seus olhos às vezes surgem pedaços de tristeza, *hey*, *Bungalow Bill*, *what did you kill*, *Bungalow Bill*, ninguém neste mundo me ama tanto quanto ele, tudo bem, é um cachorro, patético, certo. Como foi criado num apartamento, sempre sozinho comigo, é um animal muito educado. Sei que em geral os labradores são rebeldes e também brincalhões, mas

Bungalow Bill decidiu, sabiamente, se acomodar à realidade e às vezes transcorrem longas horas sem que eu tome conhecimento da sua vida nem ele da minha. Quando quero ficar na cama porque me dá preguiça e estou lendo algum romance que não quero parar, telefono para Angélica, uma garota do lugar que está sempre com o celular ligado, e peço que ela me substitua e organize as correrias dele.

O segundo presente das minhas filhas foi me ensinar a usar um iPod, gravaram todas as minhas músicas e não tive sequer que transferir os CDs (e nem os velhos cassetes e os vinis). Quando vou passear com Bungalow Bill levo o iPod com seus minifones e enquanto ele corre eu voo ao ritmo de Vicentico ou de Brahms. Esse aparelhinho foi uma enorme contribuição para a minha vida, é bom ter gente jovem em volta para não perder as coisas novas.

Quem diria? Comprei uma televisão de plasma de grandes dimensões e abri uma conta de e-mail onde recebo todos os caprichos que me tentam na Amazon, livros, discos, filmes. Sobre as séries de televisão, não tenho a menor dúvida de que desempenham o mesmo papel que os romances tiveram no século XIX. Imagino Balzac entregando o seu capítulo semanal, igualzinho ao roteirista de *Mad Men*, enquanto os telespectadores esperam com a mesma avidez que os leitores da época. É a forma atual de viver a fantasia de outras vidas, de ir a lugares distantes e de entrar no papel de outro. Em suma, é a nova forma de contar histórias. Logo eu, que tanto criticava o vício do meu marido. Mas só vejo as séries quando tenho a temporada completa, não consigo ficar atenta aos horários da televisão e quando mergulho nelas vejo um capítulo atrás do outro, às vezes passo a noite inteira acordada, como fiz por exemplo com *24 Horas*. Não tenho o menor senso crítico diante de Jack Bauer — que no fundo é um fascista —, faça ele o que fizer eu o adoro. Por algum motivo, em Santiago eu não me atrevia a passar a noite acordada. É estranho, o sistema de lá, só por existir, me tirava a liberdade de dormir a manhã toda se achasse necessário; por A ou B, sempre estava acontecendo alguma coisa em volta que impedia, e se eu acordasse tarde ficava cheia de culpa.

Gosto do meu novo lar. Olho longamente para ele — com o passar dos anos fiquei contemplativa — e vou inventando conotações fantasiosas que variam segundo o dia. Às vezes é uma caverna onde Eva amamentava; outras, os aposentos de um harém turco, onde a concubina goza de uma preciosa independência envolta em sedas e tapetes fantásticos porque o magnata se esquece de escolhê-la. Também penso na minha casa como gabinete de um monge medieval, austero, ao qual só têm acesso alguns aprendizes e cujas prateleiras cheias de incunábulos cobrem as paredes do chão até os altos tetos.

Entre todas elas, uma fantasia me atrai de maneira especial: um endereço espanhol onde antigamente, em 1799, vendiam os *Caprichos* de Goya: calle del Desengaño número 1, loja de perfume e de licores.

Tomo conta de mim mesma, e sinto que é a primeira vez. Não amasso o pão todas as manhãs como fazia a Yourcenar, hoje compro do meu próprio pão até viver em meu próprio horário. Tudo está nas minhas mãos. Vou à enseada de pescadores e compro o peixe mais fresco, saindo do mar. Já sou *habituée* e eles me separam a merluza ou a corvina se eu me atrasar. Angélica, a garota que leva Bungalow Bill para passear, vem fazer a limpeza duas vezes por semana porque passar o aspirador e lavar a roupa me deixam exausta. Ela é a única ajuda externa que tenho, e um resquício da minha criação. Em fevereiro eu fecho o apartamento e saio de férias, como todo mundo. Não pensem que levo uma vida estoica ou sacrificada, muito pelo contrário. Quando estou com preguiça de cozinhar, como pão e queijo — minha refeição preferida, sempre com uma taça de vinho tinto — e penso que vou dar uma caminhada pela praia na manhã seguinte e perder as calorias da noite. (Além do mais, não preciso ser uma Barbie, tenho sessenta e um anos e ninguém está preocupado com as minhas curvas.) Às vezes fico no terraço ao entardecer com um drinque na mão, sem fazer nada. Só olhando. Fiquei contemplativa. A inação me atrai, e para mim isso é novo. Aprendi a meditar, pratico diariamente com disciplina e o resultado é inesperadamente positivo. Como não aprendi antes?

Minhas manhãs são muito produtivas, eu sempre amanheço enérgica e inteligente porque descansei bem. Gosto das manhãs, e quanto mais invernais, melhor. A chuva é o meu estado climático preferido. O som antigo dela me parece musical. Não é que goste de me molhar ou de andar hollywoodianamente debaixo d'água, mas me dá uma coisa diferente na situação de frio lá fora e calor aqui dentro, quando estou atrás da janela, languidamente envolta num *throw*, abraçando Bungalow Bill e observando as ondas. Nunca estou tão feliz como nesse momento. Eu me resguardo, me agasalho enquanto a natureza faz das suas; talvez esse prazer tenha a ver com a sensação de ganhar da intempérie. Então sinto pena de todas as mulheres que estão vendendo a alma para não perder o objeto simbólico. Tenho vontade de gritar-lhes: a vida pode ser plena sem um homem, chega!

Eu não estou sozinha quando estou sozinha.

Como personagem, acho interessantíssimo ter uma obsessão, uma ideia fixa. Não há nada mais potente que isso, potente e devorador. Talvez a única diferença entre nós seja esta: a nossa ideia fixa.

A condição para que uma vida assim dê certo é divertir-se consigo mesma. Ser

dona de si mesma. Sem os recursos internos, não há nada. Samuel Beckett escreveu uma frase que costumo citar em silêncio quando me vêm as dúvidas sobre o meu proceder: “Não faz mal. Tente outra vez. Fracasse outra vez. Fracasse melhor.”

Como se sabe, os defeitos — pois não tenho certeza quanto às qualidades — se intensificam com o passar dos anos, ainda mais quando não contam com o controle social necessário. Quero dizer que quando você vive totalmente por conta própria, numa vida quase cem por cento escolhida, o ambiente tem um papel insignificante. Assim, as minhas partes escuras se potencializaram. Tenho que conviver com isso. Por exemplo, já que optei por essa liberdade nas formas, queria libertar também a mente, ser capaz de questionar tudo, tudo. Permitir que meu pensamento, não só o meu corpo, fique à deriva. No entanto, às vezes me surpreendo recusando a dúvida, tenho uma dificuldade enorme para abandonar as minhas certezas. Volta e meia me vejo como uma boba metida a saber de tudo e que dá, ainda por cima, lições de vida. E não quero ser essa mulher.

Meu pior pecado é o elitismo, e só parte dele é herdada. Não estou falando do racismo ou do classismo dos meus antepassados, não. Em *mim* a coisa se manifesta de outras formas, por exemplo na minha impaciência com a estreiteza mental, no meu desprezo pelas autoridades: nunca suportei essa gente nem deixei de achá-la enfadonha, medíocre e geralmente arrivista. Tudo o que é *médio* me faz tomar distância, como o espírito da classe média quando ela mostra a sua parte mais miserável, um lado cheio de imediatismo, conservador e carente de imaginação.

Quando levei minhas filhas a Nova York pela primeira vez, Lucía, que tinha no máximo uns quinze anos, parada no meio da Quinta Avenida, olhou para os dois lados da rua e me disse, com toda a candidez e sinceridade: Nova York é isto? Pois me sinto absolutamente *chez moi* aqui! Bem, eu me sinto longe de *chez moi* quando vejo grossura à minha volta. Isso se manifesta nas coisas mais insignificantes e cotidianas: a televisão aberta, por exemplo, os reality shows nacionais, os livros de autoajuda, o happy hour, a moda seguida ao pé da letra, o turismo em massa, tudo isso me agride. Em termos de cultura norte-americana, para ficar mais inofensivo entre nós: tudo o que cheira a *redneck* e *white trash*, aos seus costumes e sua maneira de ver a vida, me desagrada tanto que espero não ter que estar nunca por perto de algum dos seus componentes. Não temo um certo tipo de decadência, não acho vulgar como o seu oposto. Enfim... Octavio fazia parte da elite deste país, e eu também. Não dá para esconder, eu prefiro permanecer em silêncio durante meses a me envolver em conversas estúpidas. Fico maravilhada com a capacidade que certas pessoas têm de fazer amizade com qualquer outra, mesmo que seja boba, chata ou vulgar, fico maravilhada e

ao mesmo tempo olho essas pessoas com um substancial menosprezo.

A solidão nunca é radical. Ela vai se relativizando porque as presenças que me fazem companhia são de uma solidez assombrosa. É verdade, são mesmo. Cheguei à conclusão de que *isto* é o amor, nada mais, nada menos. A força dessas presenças. Os fantasmas adoráveis que vêm tomar um chá ou o aperitivo da tarde com você. Minhas filhas, por exemplo. *Fucking* maternidade, tão superestimada quanto desprezada. Como posso considerar abstrata uma coisa robusta como a vida que as minhas filhas têm dentro de mim? Até dói. Chegam as imagens de Lucía e Florencia, eu as observo com muita atenção, fico fascinada olhando para elas, seus gestos e mímicas me fazem rir, olho seu corte de cabelo, suas cores, a forma como gesticulam, seus sapatos, seu jeito de mexer o pescoço. Eu nem pisco, fico meio aturdida. Florencia pratica a contenção e a exatidão, toda a inteligência dela se concentra nisso, como faz quando passa geleia nas torradas, pouco a pouco, no café da manhã. Vai cobrindo apenas a superfície da próxima dentada, nunca espalha a geleia no pão inteiro, com uma calma e uma seriedade extraordinárias: assim é ela. E Lucía: a equilibrista, com a frivolidade numa das mãos e uma profunda gravidade na outra, sem nunca perder o domínio, ao mesmo tempo insegura e rotundamente displicente. Quando pendura um quadro na sua casa nova, com o martelo na mão, fecha um olho para ver a perspectiva, sempre com um pouquinho de exagero e de riso na ponta do seu olhar angelical e também dramático.

Sem elas, eu não teria a menor ideia do significado do amor.

Vou de vez em quando a Santiago e faço o que preciso fazer: ver Natasha, ir ao dentista, visitar uma amiga ou alguém da família, olhar umas vitrines. Quase tudo está igual, mas eu me sinto diferente. Não quero fazer uma comparação banal entre a metrópole e o povoadinho costeiro. Só digo que em algum momento temos que parar de esbravejar contra o tráfego e a contaminação e resolver mudar nossa qualidade de vida. A capital não é tudo, de jeito nenhum.

Na minha última viagem a Santiago fui a uma clínica fazer os exames femininos de rotina, a revisão técnica, como diz uma amiga: papanicolau, mamografia, ecografia vaginal. Deitei na maca, abri as pernas, o médico — um rapazinho meio italiano, muito amável — me pôs gel por baixo enquanto olhava o monitor por cima. Após um momento, diz: está ótima, perfeita. E depois acrescenta: a senhora está com os ovários atrofiados, mas é típico da sua idade, não se preocupe. Voltei para casa pensando: na minha idade, pode-se estar *perfeita* e ao mesmo tempo *atrofiada*. Merda!

Pessoalmente, estou longe de sentir que minha vida ficou mais estreita, que eu

estou limitada e que minhas possibilidades diminuíram. Continuo me interessando por política e toda manhã, antes de começar a trabalhar, leio on-line os jornais *El País* e o *New York Times*. Dedico dez minutos à imprensa chilena, só os títulos, é ideológica demais para ser uma boa imprensa. O interesse pelos acontecimentos políticos é parte do meu DNA, disso eu não me livro. E quando viajo, o Chile se engrandece, fico emocionada quando olho o país de longe. Porque nós, habitantes do Terceiro Mundo, somos sentimentais e patrioteiros, não temos o sarcasmo nem a distância dos europeus, por exemplo. Só cortando nossas raízes poderíamos chegar ao cinismo deles em relação à pátria. Nossa história ainda é frágil, curta, pode cair da árvore como um galho. Então, não podemos nos dar muitos luxos.

Uma vez por ano faço uma viagem longa com minhas filhas (sem acompanhantes, só nós). Acontece que gasto pouco dinheiro na vida diária e entreguei minhas economias a um amigo — especialista em finanças — para que as investisse, e de repente me vi com muito mais dinheiro de que julgava ter. Algumas das nossas viagens foram muito caras, não vai sobrar nada para herança, mas decidimos — nós três juntas — gastar tudo em vida. Na primavera passada, por exemplo, alugamos uma casinha em Santorini. É muito divertido escolher o lugar da próxima viagem. Sentamos com um mapa e a internet, e aí começam as ideias. Lucía, que é a mais fantasiosa, escolhe lugares impossíveis. Está tentando me convencer a tomar o Transiberiano e atravessar a Mongólia até Vladivostok. Eu insisto em dizer que se fizermos isso o dinheiro vai acabar todinho.

Estou mais do que disposta a ser avó, e de preferência logo. O problema é que minhas filhas, como boas mulheres atuais, nem pensam no assunto. Mas eu intuo uma luz enorme por trás desse acontecimento e o aguardo com paciência e alegria. Pronta, com o corpo e a casa abertos.

Se eu sinto falta de sexo? Não sei, realmente.

Para ser sincera, a menopausa foi um alívio imenso para mim. Quem disse que é uma tragédia? Claro, uns calores e umas dores de cabeça, alguma alteração na temperatura do corpo, mas... pensem nos benefícios! Nunca mais os malditos dias de sangue no mês, nunca mais uma pílula anticoncepcional... Que enorme libertação!

O sexo. Do que sinto falta às vezes é de determinada intimidade com um homem, uma forma de apertar a mão, de inclinar-me sobre um corpo seguro, de esconder o rosto num ombro, gestos tipicamente femininos, com milhares de anos de aprendizagem atrás de si.

Octavio não me dirigiu a palavra por mais de um ano quando me separei dele,

mas depois veio me visitar duas vezes. Tal como eu, não voltou a se casar de verdade, só namorinhos sem importância. Acho que nós dois sentimos que já tivemos a quota de amor que merecíamos nesta terra e não estamos querendo mais, sabemos que é impossível.

Aliás, outro dia pensei que se eu morresse sozinha no apartamento da praia, quem contaria a Octavio a dimensão do meu amor por ele? Ele não sabe. Nem ele nem ninguém, porque eu mesma fico horrorizada de saber.

Nunca lhe disse. Não era possível dizer. O amor não se fala. É sempre piegas, cor-de-rosa, um pouco chato. Nada mais batido que uma frase de amor, nada mais descartável. A imagem de Octavio, a ideia de Octavio se instalava em mim como uma mão, escavando, perfurando, até estacar, não havia mais fundo. Tudo estava ocupado. E eu respirava Octavio, engolia Octavio. (Quando nos conhecemos eu lhe falei de Alice, a do País das Maravilhas, e disse que queria ser como aquela garrafa: *drink me*. E como aquela torta: *eat me*.)

Todos os dias da minha vida, durante mais de vinte anos, comunguei Octavio. E ele não sabia.

A firma o transferiu para Barcelona, ele mora fora do Chile há três anos, mas num e-mail me diz que quando se aposentar — está quase — vai voltar e comprar uma casa nesta praia, para sermos amigos. Afinal de contas, escreve, sou pai de uma das suas filhas. Respondi que não me ameaçasse. Recordei-lhe o que dizia a minha tia Sofía: não existem fortalezas inexpugnáveis, só fortalezas que não foram suficientemente assediadas.

Vou terminar falando das acusações que me fazem e o sentido que elas têm para mim.

Sou acusada de ser antissocial e indiferente aos outros, de ter renunciado aos privilégios que tinha só para me livrar das pessoas. Um epitáfio para o meu túmulo: “Egoísta, linha-dura.”

Sou acusada de fóbica. De não aceitar os deveres e as convenções, de escapar do mundo conhecido por não suportá-lo. Também disseram que sou misantropa, que detesto o ser humano, que virei eremita por causa da vaidade de considerar o outro indigno da minha proximidade. Que dou as costas para o afeto das pessoas porque a única estima que me interessa é a minha própria.

Sou acusada de pedante porque o mundo não é indispensável para mim.

Olhando as coisas assim, não deixam de ter razão. Mas eu poderia replicar que há uma aspiração por trás disso: o desapego.

Tenho lido muito nesses tempos perto do mar, de Schopenhauer aos budistas. E me desprendi das minhas diversas posses, de móveis e roupas até o marido. Também do lugar social que ocupava, talvez a coisa mais difícil de largar. Estou

obcecada com essa aprendizagem, e a meditação me ajuda a verificar o presente. Almejo, a longo prazo, conquistar a mais ampla libertação que puder, que na certa será sempre menor do que eu queria. Sinto que a vida começa a fluir. Flui e posso tocá-la. E diminui o medo da morte.

Não lamento ter sessenta e um anos. Quase diria o contrário: essa idade me deu quietude, uma nova quietude. O passado não importa, já aconteceu. O futuro não existe.

Brindo então à única coisa que temos de verdade: o presente.

Layla

Nasci no dia em que os Beatles fizeram sua última apresentação, no terraço de um edifício em Londres, no dia 30 de janeiro de 1969. Meu nome é Layla.

Sou jornalista. Formada na Universidade do Chile. De origem árabe, minha geração é a segunda no Chile. E, árabe como sou, a vida me tornou desconfiada e paranoica como um judeu.

Sou alcoólatra. E, como esta reunião não é de Alcoólatras Anônimos, me sinto eximida da tarefa de apoiar. É um alívio poder me largar contra vocês. Natasha não vai me reprimir. Mas questiono o fato de me apresentar aqui com esta caracterização, reduzindo de imediato tudo o que eu sou ao meu alcoolismo. É meio estranha essa tendência do mundo global de acentuar identidades, escolhendo a que mais marginaliza — identidade gay, de raça, de deficiente físico. É impressionante como todo mundo vai correndo aderir ao seu grupo, marcando aquilo que mais o diferencia dos outros. Para ficarmos iguais.

Minha mãe veio da Palestina aos vinte anos, mas meu avô paterno chegou quando era criança, fugindo do Império Turco. Foi embarcado num navio por dois tios. Ancorou aqui no país sem conhecê-lo nem no mapa. Só sabia que muitos conterrâneos haviam escolhido o Chile para emigrar. Chegaram com passaportes do Império, e por isso eram chamados aqui de “turcos”. Mas é errado, o pessoal da Turquia não tem nada a ver conosco. Um dos tios abriu uma loja de tecidos e meu avô, que não tinha nem o ensino médio, foi ser ajudante. Meu pai é um homem empreendedor e nunca fez cara feia para o trabalho. Aos vinte anos abriu sua própria loja de tecidos. Hoje é um empresário do ramo têxtil com um bom negócio na avenida Independencia. Reclama, é claro, da inexistência da produção nacional. Detesta ter que fazer negócios só com os chineses e os coreanos, mas compreende que, se não fizer, vai à bancarrota. Quando chegou à idade de casar, nem pensou em procurar entre as chilenas. Encomendou uma esposa na sua terra. Casou com minha mãe sem conhecê-la.

Eu nasci e cresci sob o mais absoluto domínio do sexo masculino. Minha mãe nunca perdeu o sotaque, até o dia da sua morte. Trabalhou na loja do meu pai a vida toda. No caixa. Velha e cansada, nem pensou em se aposentar. Os negócios familiares são assim. Um belo dia os números começaram a tremer. Sentiu alguma coisa oprimindo o peito. Ao meio-dia estava morta. Como toda a sua família, tinha as costas encurvadas desde a infância por causa do trabalho pesado. Não soube ficar doente por mais que doze horas. Como se estivesse

condenada desde o dia em que nasceu. A única coisa com que se preocupava, naqueles momentos que passou na clínica, era não incomodar o meu pai. Tinha me contado que na casa dos pais dela — meus avós — só havia uma cama. Ele dormia na cama; minha avó, num colchão estendido no chão. A única coisa que fez na vida foi trabalhar, enquanto ele lutava a eterna guerra. Acabou virando mártir, foi o herói da sua aldeia. E ela, é claro, ficou gravemente doente dos rins. Minha mãe, como a mãe dela, teve os filhos que Alá quis lhe dar. Somos oito irmãos. Eu sou a número cinco. Ser a quinta filha entre oito é o mesmo que nada. Você quase não existe. Os mais velhos e os menores monopolizam a atenção dos pais. Uma das minhas irmãs substituiu minha mãe no trabalho da loja. Deve ter sido por isso que escolhi estudar uma coisa bem diferente como jornalismo. Para o caso de tentarem me transformar em contadora ou técnica em importação. Sempre tive resistências a me submeter às regras da casa. Imagino a minha pobre mãe, uma criatura inocente de Beit Jala, na Cisjordânia, arrancada pela raiz. Da sua casa. Da sua família. Do seu país. Como uma planta. Extirpada do jardim com um puxão eficaz de um jardineiro experiente. A fim de ser mandada para um outro continente. Para se casar com um completo desconhecido. E, como se não bastasse, no fim do mundo.

Nunca invejei as mulheres árabes. Minha mãe levou anos para se atrever a andar na rua com a cabeça descoberta. Mesmo sabendo — com absoluta certeza — que não haveria nenhuma repressão no Chile. Pelo menos meus pais não eram religiosos, felizmente me livrei tanto do fanatismo islâmico como do católico. Só se acreditava numa presença superior, não importava o nome. Estudei num colégio público. Minha educação, como a de todos os meus irmãos, foi laica. Talvez seja por isso que me senti uma chilena qualquer quando fui crescendo. Mas não esqueci minha origem. Desde bem pequena pedia à minha mãe que me contasse histórias da sua terra. Aprendi os nomes de cada lugar e as suas geografias. Era a única entre os meus irmãos que se interessava realmente pelo assunto. Quando víamos nos noticiários algum massacre contra o povo palestino cometido pelos judeus, eu ficava indignada e dizia: eles estão nos fazendo isso! E meu irmão mais velho respondia: não, Layla, nós somos chilenos. Sim, éramos chilenos, mas também éramos palestinos. Eu me entrosava com facilidade ao ambiente, mas sempre me prometi conhecer essa terra, a minha *outra* terra.

Eu nunca quis saber nada de tecidos nem de cozinha árabe. A única coisa que minha mãe conseguiu me ensinar foi a fazer homus. Sem falsa modéstia, fica delicioso. Faço homus melhor do que ninguém. (Ponho muito limão, é o segredo da minha tia Danah.) Quando acabei a faculdade e já tinha um diploma, resolvi dar um tempo e cumprir minha promessa. Fui a primeira dos oito irmãos a viajar

para o Oriente Médio. A família do meu pai não morava mais em Israel, estava no Líbano. (Tinha passado antes por Chatila, um acampamento de refugiados. Sharon matou a metade da família.) Os parentes da minha mãe ainda estão em Beit Jala. Dois dos meus primos-irmãos são militantes do Hamas. Um deles, um dirigente bastante destacado. Na época ainda não estavam dividindo o poder com a Al Fatah. Eles me ajudaram. Graças aos seus contatos, terminei me instalando por um bom tempo na Faixa de Gaza. Na própria cidade de Gaza, na medula do horror.

Nunca me interessei pelo jornalismo do dia a dia. Nem por ser repórter, nem por trabalhar em jornal. O que me interessa é observar um fenômeno. Descobri-lo. Desvendá-lo. Sem a pressão da escrita imediata. Nessa área, uma pessoa com as minhas inquietações trabalharia em jornalismo investigativo. Foi esse o motivo oficial da minha presença em Gaza. Consegui me enfronhar nos seus aspectos mais desconhecidos. Sempre pelas mãos de algum dos meus primos ou seus amigos. Lá comecei a conviver com a dor. E a me perguntar, ao contrário do que se podia esperar, pelo valor do esquecimento. É que, vivendo no meio dessa família e desse povo, comecei a entender a memória como uma doença. Meu povo está doente dela. A Palestina. Terra prometida. Terra túmulo. A boa memória pode se tornar abusiva. Lembrar-se de tudo equivale a pegar uma faca toda manhã e cortar diferentes partes do corpo. Temos que organizar o esquecimento. Se as dores pessoais têm seus próprios direitos e suas próprias exigências, por que não as dores históricas? E, apesar de entender tudo, acho que o esquecimento pode ser uma bênção. O resultado final das minhas andanças e reflexões foi a publicação de um livro: *De laranjeiras e olivais*. Fiquei muito orgulhosa por tê-lo escrito. Plantei uma oliveira em frente à casa da minha tia em Beit Jala. Tive um filho. Deveria estar em paz. E, claro, não estou.

Os corpos absorvem a história. Afinal, o seu corpo é a sua história porque tudo está contido nele. Só quero dizer que, se viver num território ocupado é humilhante e dramático e injusto, a vida na Cisjordânia chega a parecer o céu frente ao que é a vida em Gaza. Se eu tivesse que escolher um sentimento como síntese de todos os outros, acho que escolheria o medo. A gente amanhece com medo. Escova os dentes com medo. Come — se arranjar alguma coisa para comer — com medo. Faz amor com medo. Vai dormir com medo. A pobreza não tem comparação. É absoluta, e portanto suas consequências, a doença, a falta de higiene, a promiscuidade, tudo isso está na ordem do dia. E como protagonista principal: a fome. A FOME, com maiúsculas. Ou você luta ou morre. Não é que todo mundo lá tenha sangue revolucionário nas veias e por isso eles são tão combativos, não, é um simples problema de sobrevivência. Para mim,

acostumada com o tipo de vida tão característico da classe média chilena, foi dificílimo. O único momento suportável era quando nos encontrávamos, de noite, de forma clandestina, para tomar um copo de *arak*, o único álcool disponível na região, uma espécie de aguardente seca que queima até as tripas. Bebíamos enquanto aspirávamos sensualmente aquele cachimbo de água, narguilé, como eles dizem. Só ali perdia o medo. Mas percebi, quando voltei, que até meu conceito de morte havia mudado em Gaza: a morte era apenas isso, morte e mais nada.

Minha história anterior com o álcool não era preocupante. Na minha casa não se bebia. Comecei a beber em bailinhos juvenis, em festas um pouco mais barra-pesada, como qualquer jovem santiaguina, sem maiores consequências. Só notava que quanto mais bebia, melhor me sentia. Mais potente. Mais feroz. Mais invulnerável. Não sou dessas bêbadas sentimentais, não, de jeito nenhum. E, já que toquei no assunto, odeio o sentimentalismo e tudo o que se assemelhe.

Eu odeio uma quantidade enorme de coisas. E amo algumas outras. A cor preta, por exemplo. Tudo é preto em mim. Meu cabelo, azeviche. Meus olhos, carvões. Minha roupa também. E me rodeio de preto porque tem força. Também gosto de violeta profundo. E de branco, porque é a soma de todas as cores. Mas me deem um rosa e eu vomito. Um azul-celeste, a mesma coisa. Odeio histórias bobas. Que a Simona me perdoe, mas largar o homem da sua vida porque ele vê muita televisão? Se tivesse falado de impulsos perversos, eu faria um esforço para entender. Se, enfim, batesse nela... Meu pai considerava que era um direito seu bater na minha mãe e em todos nós. Algumas vezes, na adolescência, tive que faltar ao colégio porque não sabia como justificar um olho roxo. E daí? Meu pai era um monstro por isso? Não, ele acreditava honestamente que era assim que se ensina às pessoas, e ponto final.

Um dia, estando na Palestina pouco antes de voltar para o Chile, fui visitar uma prima que mora em Belém. É uma cidade vizinha a Beit Jala, andei e pedi carona para chegar até lá. Os povoados ficam todos bastante próximos uns dos outros, a superfície total do país é incrivelmente pequena e não tem a menor relação com o tamanho dos seus problemas. A casa da minha prima ficava numa ruela que havia sido dividida — cortada, de fato — pelo famoso muro que Sharon resolveu fazer. Literalmente, o muro passava na metade da rua, não é maneira de dizer. Ele é cinza, feito com grandes placas de cimento, finas, mas muito, muito altas. Como se o Muro de Berlim não tivesse caído. O traçado é irracional e acontecem coisas escandalosas em certos lugares. Como em Belém, por exemplo, onde o colégio dos meus sobrinhos, que era a três passos da casa deles, ficou do outro

lado do muro.

Voltando a Belém. Ao dia em que fui visitar minha prima. Quando já estava entardecendo, decidi olhar o muro pelo lado de fora da cidade. Queria ver quanto tempo podia andar ao seu lado antes que uma casa ou uma escola interrompessem os meus passos. Avancei e avancei e não percebi a tempo que a tarde estava caindo e que a luz ficava mais tênue a cada instante. Vinha pensando nas palavras exatas que ia usar no meu texto para descrever o insólito percurso que estava fazendo. Não os vi a tempo. Eram três soldados israelenses. Já chegaram me interrogando, num tom inconfundível de suspeita. Sua forma de se postar no solo era de uma arrogância infinita. Falaram em hebraico e eu respondi — em espanhol — que não estava entendendo. Os três juntos não somavam sessenta anos, eram muito jovens, quase imberbes, dois deles com olhos e pele muito claros, asquenazes, e o terceiro mais escuro, provavelmente um sefaradi. Os três eram altos, bem-alimentados. Seus uniformes estavam amarrotados, mas limpos. Usavam capacetes e mantinham as armas em posição horizontal, prontas para disparar. Ou pelo menos davam essa impressão. Fiquei surpresa com a agressividade que senti em relação a eles. Era maior que o medo que me davam. Quando viram que eu não fazia qualquer esforço para me comunicar, passaram para o inglês. E me fizeram dez perguntas num minuto. Um verdadeiro bombardeio. Quem eu era. O que fazia lá. De onde vinha. Qual era a minha nacionalidade. Por que estava em Israel. Quando ia embora. Respondi de forma bastante coerente. Não acreditaram em nada. Decidiram que eu devia ser uma espiã. Olharam meu passaporte e me perguntaram onde ficava o Chile. Ficaram falando entre si em hebraico. Davam a impressão de estar decidindo alguma coisa que não parecia fácil, pois houve bastante discussão. Afinal, dois deles me pegaram, cada um por um braço, e o terceiro, o moreno, saiu andando na frente como se os guiasse. Então me levaram, com bastante brutalidade, para um barraco militar que ficava a um quilômetro de distância. Serei direta, não quero enfeitar a coisa com adjetivos: me estupraram. Um após o outro, uma vez, duas vezes, três.

Voltei para Gaza, fiquei lá dois meses. Falei com meus primos. Pedi que me aceitassem como membro do Hamas. Eles se negaram. Disseram que me faltava agressividade. Faltava, meu Deus? Eu tinha toda a agressividade do mundo. Mas afinal de contas era mulher. Um estorvo, ainda que não tenham dito isso. (Se eu realmente fosse como eles, não teria tentado conseguir os nomes desses três soldados para encontrá-los depois e alvejá-los a sangue-frio, nem que perdesse a vida nessa tentativa?). Volte para o seu país, escreva e consiga recursos para nós. Foi o que me pediram. Em suas mentes não existiam os pontos intermediários.

Eles são como o deserto. Ardente ou gelado. Tudo branco ou tudo preto. Estações como o outono ou a primavera não têm realidade. Vivem submersos em uma raiva cívica. Era impossível *juntar-me* a eles, e eu sabia. Voltei. Não ousei regressar por Tel Aviv, onde fica o aeroporto. Atravessei a ponte Allenby perto de Jerusalém e voltei pela Jordânia, para evitar um novo interrogatório. (A polícia do aeroporto é famosa por sua dureza. São capazes de arrancar sua alma se você parecer suspeita. Ou mandar de volta. Revistam a gente como se cada passageiro fosse explodir Israel inteiro.) Quando finalmente subi no avião entendi que estava quebrada por dentro. Ouvi o estalo: como um arco que se rompe.

Voltei ao Chile com a certeza de ter perdido toda a minha capacidade de assombro. Convencida de que nada mais podia me surpreender no futuro. De que não havia quietude final possível. Eu me via tão tenaz e abandonada como Gary Cooper em *Matar ou morrer*. Ainda pensando em fazer justiça.

Meu método anticoncepcional nessa época era um DIU de cobre. Meus ciclos menstruais sempre foram muito irregulares e nunca me preocupei com os atrasos, mesmo que fossem prolongados. Qualquer mudança climática, geográfica ou emocional provocava imediatamente uma alteração. E nem me passou pela cabeça que o DIU de cobre podia falhar, embora tivesse lido mil vezes que isso havia acontecido com uma determinada porcentagem de mulheres. Na hora agá, se o destino assim determinar, nada é invencível. A camisinha fura. As pílulas falham. É uma questão de estatística. Quando aterrissei no Chile estava grávida de três meses. E tinha mais de trinta anos. Ninguém quis me fazer um aborto, pagasse o que pagasse. No Chile tudo é sério, até a ilegalidade.

Coitadinho do meu Ahmed. Nasceu com olhos verdes e cabelo claro. A sensação da minha família! Nunca respondi à pergunta de quem era o pai. Em casa me imploraram, mas todas as vezes que me pediram que contasse, eu me recusei.

Conheci um tio-avô no Líbano. Um velho combatente. Um homem escuro cujas rugas profundas marcavam seu rosto e sua expressão. Usava um turbante branco na cabeça que só fazia mostrar e destacar os anos que havia passado ao sol. Conversei longamente com ele sobre a guerra dos Seis Dias, sobre os campos de refugiados. Ele me ensinou muitas coisas. Quando me falou de uma passagem sua por um hospital no acampamento de Chatila — por causa de um feio ferimento infeccionado na barriga —, ele notou a minha reação e disse, muito sério: *Pity? We can't afford it.*

Ahmed não ia ser objeto da piedade de ninguém. Não podemos nos permitir isso.

(Nós falávamos em inglês porque não tínhamos outra língua para nos comunicar. Eu não nasci falando inglês como Simona. Ninguém em volta de mim falava e no colégio, muito pouco. Quando resolvi ir a Israel tive que fazer umas aulas intensivas. Com um esforço enorme. É um absurdo estudar uma língua estrangeira para me comunicar com alguém da minha própria família, para quem o inglês também é estrangeiro.)

Meu pai me pediu que saísse de casa. Ele não se sentia à vontade criando um bastardo. Eu já estava em idade de ter saído. Era natural que vivesse por conta própria. O problema era o dinheiro. Pedi para ficar só até terminar de escrever o livro. Pressionado pelo resto da família, ele aceitou. Meu livro vendeu, e vendeu bem. Com isso me sustentei por algum tempo. E me mudei. Ahmed e eu fomos morar sozinhos num pequeno apartamento na avenida Peru. Perto da casa da família, para que as minhas irmãs me ajudassem a cuidar dele. Às vezes me sentava ao seu lado de noite, enquanto ele dormia, e ficava só olhando. Esse colorido dele. Essa mancha. Enquanto isso, tomava um copo de pisco com Coca-Cola. E pensava. Podia faltar de tudo na minha casa menos isso. Além do mais é tão barato. Um pisco vagabundo custa menos que um quilo de fruta no começo da estação. Depois de um tempo, a Coca-Cola começou a ficar supérflua. Eu atravessava o turbilhão mental das minhas noites na base de pisco puro. Quando exagerava e bebia seis copos em vez de três, voltava a ter a sensação épica de que era uma guerreira. De que ninguém podia passar por cima de mim. De que a minha força era imbatível. De que eu era um temerário *fedaim*. Sempre transcorria da mesma forma: os meus múltiplos *eus* começavam a brigar. Uma competição feroz para ver qual deles terminaria emergindo. Meu *eu* mais racional observava como ficavam se empurrando para conquistar a minha vontade. O *eu* do apetite, o do vício, ia sentar e esperar. Ele já sabia que no final seria o vencedor. Eu o olhava de uma certa distância e afinal lhe dava um sorriso. E ia me deitar com a sensação de que nem um tanque israelense podia me atemorizar. Então, antes de dormir, por uns poucos minutos, me sentia uma mulher contente.

Nesse tempo eu ganhava a vida dando aulas na universidade, na faculdade de Jornalismo. Jornalismo investigativo. Ganhava uma miséria, como todos os professores. As universidades tradicionais consideram que você deveria pagar para ensinar nas suas salas de aula. As particulares pagam um pouco melhor, mas eu não as conhecia. Não tinha acesso a elas. E às vezes preferia a pobreza a enfrentar meninas e meninos meio idiotas que gostam de jornalismo porque acham que assim vão chegar à televisão. Minha escassez procurava ser digna. Se em geral eu reclamo pouco, como podia fazê-lo depois de conhecer a verdadeira pobreza na terra dos meus pais!

Toda noite envolvia com os olhos o corpo pequeno do meu filho. Tão estreito e tão frágil. E o cobria de silêncio. Consegui fazer com que ninguém soubesse que ele provém das entranhas do inimigo.

O problema é que eu sei.

Quando entrei na universidade, vi que o mundo era maior do que eu suspeitava. Algumas colegas vinham dos arredores do bairro alto. Por intermédio delas, que eram boas pessoas, espreitei esse estranho universo dos ricos. Catalina, a mais próxima, se declarava de esquerda. Era uma ativista convicta. Para mim não passava de uma social-democrata e nunca a levei muito a sério. Não dava para levar! Ela veraneava na fazenda do pai. Todo ano viajavam *em família*. Aos vinte lhe deram um carro e ela era a única da turma que tinha veículo próprio (todas as nossas saídas eram nele). Usava roupa de grife comprada pela mãe. E era *tão* loura. Enfim. Íamos a todo e qualquer evento a que nos convidavam. Não perdíamos uma festa. E todas as reuniões eram na casa dela. Sem saber como, passamos a ser inseparáveis. Catalina era uma mulher generosa, capaz de fazer qualquer coisa para me ver contente. Como arranjar ingressos para algum show. Apresentar-me a todos os seus amigos para ver se eu gostava de algum. Convidar-me para passar as férias na sua casa de campo. Além do mais, era carinhosa. Tão confiante na vida! Nunca negava nada. Cumprimentava todo mundo com um beijo. Todo mundo era seu amigo. Divertida, a Catalina. Nós duas juntas parecíamos uma caricatura, ela tão loura e eu tão morena! Compartilhávamos roupas e longas horas de estudo. Hoje ela trabalha na televisão e está muito bem. Gostava de ir à minha casa. Adorava comida árabe. E, mais que qualquer outra coisa, a loja. Sua paixão era passar lá e comprar um tecido bonito. Minha mãe tem uma costureira, dizia. *Ter uma costureira*. Parecia uma frase insólita. Fui com ela várias vezes buscar qualquer coisa na casa de alguma tia ou a uma festa de alguma prima. E assim fui conhecendo essa parte da sociedade. Se você não pertence a ela, não consegue nem vislumbrá-la. Na hora do jantar seus pais conversavam comigo. Eles se interessavam pelo meu povo e sempre acabávamos falando do conflito do Oriente Médio. Era gente culta. Acostumada assim, Catalina adorava o caos que eram os jantares na minha casa. Oito feras puxando as bandejas das mãos uns dos outros. Ninguém conversava porque o ruído de fundo sempre era uma gritaria permanente. Nem mencionemos a voz da minha mãe, que era inexistente.

Catalina tinha um irmão, Rodrigo. Aconteceu o óbvio: eu me apaixonei por ele. Todo mundo se apaixona em algum momento pelo irmão da melhor amiga. Ele era dois anos mais velho que nós. Estudava Direito. Parecia ser o mais formal da família, de longe. No começo da faculdade, quando Catalina e eu

começamos a ficar amigas, ele nos olhava com um ar superior. E nos chamava de pirralhas. Mas, à medida que o tempo avançou, seu olhar foi mudando. Tivemos um romance. Achei estranho que fosse tão secreto. Mas não parei para pensar. O fato de ser escondido aumentava ainda mais a empolgação. E reconheço que me apaixonei de verdade. Teria dado a vida por aquele homem. No meio do ardor, fiquei sabendo por intermédio de Catalina que o irmão havia começado um relacionamento. Com alguma garota do mundo deles. Quando fui tomar satisfações, ele me disse, muito sério: tenho que me casar algum dia, Layla. E você sabe que nunca poderia me casar com você. Quando perguntei por quê, a crueldade surgiu inesperada: uma coisa é romance e tesão, outra é casamento, eu não posso me casar com a filha de um árabe com loja na Independencia!

Este é um dos países mais classistas e racistas do mundo. O que houve com o Chile para chegarmos a tais níveis? Dá para entender algo assim em sociedades com monarquias. Na Grã-Bretanha, por exemplo. Mas não entre nós, que nem tivemos uma aristocracia propriamente dita. Que fomos vice-reinado. Tampouco sobraram suficientes indígenas depois da conquista, como no Peru ou no México, para justificar um medo de ser atacados. Os mapuches nem chegaram a atravessar o rio Bío Bío. Então, o que houve? Para um chileno não existe olhar inocente. Pousa os olhos na pessoa que está à sua frente e, antes que ela note, já avaliou. Julgou. Enquadrou. Tudo aconteceu numa velocidade impossível. Inconsciente, além do mais. Talvez ele nem saiba que faz isso. Mas as categorias são tão profundas, tão enraizadas, que não pode deixar de fazer. E pronto, os olhos já pararam. O aspecto lhe forneceu as informações necessárias. Agora, a fala. Dez palavras, vinte. Não é preciso mais que isso. O chileno só precisa dos olhos e dos ouvidos para saber no mesmo instante tudo o que precisa saber. E estabelecer as diferenças.

O amor às crianças é uma estranha qualidade que não tenho. Não é inerente a todo ser humano ou às mulheres. É como a fé, você tem ou não tem. Não dá para inventar à vontade. Aliás, há alguns anos ouvi uma história que ficou na minha cabeça. Acabei contando a Natasha. É a história de uma mulher polonesa chamada Irena Sendler. Ela nasceu em 1910 nos subúrbios de Varsóvia. Trabalhava como administradora em algum Departamento de Bem-estar quando Hitler ocupou a Polônia. Quando os nazistas isolaram meio milhão de judeus no gueto, proibindo a entrada de mantimentos e de serviços médicos, ficaram preocupados com as doenças contagiosas. Por isso pediram a Irena Sendler que controlasse os surtos de tuberculose dentro do gueto. Essa responsabilidade lhe

permitia entrar e sair sem nenhuma restrição. Aproveitou esse “privilégio” para salvar crianças. Começou a conversar com os pais, um por um. Pediu que eles lhe entregassem seus filhos para tirar de lá. Não foi fácil convencê-los. Irena duvidava que algum deles fosse sobreviver. Mas os pais se agarravam a diferentes ilusões para não se separar dos filhos. Quase todos acabaram cedendo. Não só por causa da possibilidade de extermínio. Mas da fome e das doenças. Assim, pouco a pouco, foi levando uma criança por dia. Escondidas na mochila ou entre panos debaixo da capa. Treinou um cachorro para que latisse toda vez que um alemão se aproximasse dela. Assim, os nazistas ouviam o cachorro e não algum possível choro de criança. Subia diariamente na parte de trás da ambulância que a transportava, com seu cachorro e sua carga clandestina, e atravessava os muros do gueto. Foi deixando as crianças em diferentes casas de famílias cristãs para que cuidassem delas. Mas não queria que perdessem a sua verdadeira identidade. Anotou cada nome judeu ao lado do novo nome. Enrolou os papéis e enfiou num frasco de vidro. E enterrou esse frasco debaixo de uma macieira no pátio da sua casa.

Um dia a Gestapo a prendeu. Foi brutalmente torturada. Quebraram os seus pés e pernas a pauladas. Bateram com porretes de madeira em todo o seu corpo. Foi condenada e marcaram a sua execução. Mas afinal conseguiu fugir, subornando um guarda. Escondeu-se e viveu na clandestinidade até o final da guerra. Quando se viu em liberdade, sua primeira providência foi ir até a macieira da sua casa. Desenterrou o frasco com os nomes. Quase todos os pais tinham sido assassinados.

Já na velhice, num asilo de anciãos, uma dessas fugitivas cuidou dela. Uma mulher judia que ela havia tirado do gueto aos seis meses de idade. Dentro de uma caixa de ferramentas, com seu cachorro ao lado. Morreu há pouco tempo. Eu soube dessa história porque ela foi indicada ao Nobel da Paz em 2007. Seu adversário era Al Gore, que ganhou.

Os prêmios não têm importância: Irena Sendler arriscou a vida por milhares de crianças que nem conhecia. Crianças judias. E se a avó de Ahmed foi uma delas?

Imagino que deve ser isso o que chamam de amor. Eu sou incapaz de sentir.

Vou tentar seguir uma linha cronológica, pelo menos a partir do nascimento do meu filho. Claro, minha queda não foi imediata. No começo tentei agir como toda mãe normal. Cuidava dele, alimentava, estimulava. Mas beijá-lo ou abraçá-lo eram atos antinaturais para mim. Meu amor por ele só me embargava de noite. Depois de beber pelo menos cinco doses. E, pelo amor de Deus, eu queria amá-lo. Durante o dia trabalhava. Ganhava a vida. Andava pela cidade. Mas quando a

escuridão caía na sala do meu apartamento, já no horário de descanso, eu olhava para o copo de pisco que me esperava na mesa e antes de tocá-lo me perguntava: a que você se apega tanto? Perguntava a mim mesma. As respostas que dava nunca eram satisfatórias. Então bebia — num gole só — todo o conteúdo do copo de pisco e mandava as perguntas à merda. Minha única certeza era de que a realidade tinha se tornado um lugar gélido e infeliz onde eu não queria habitar.

Na primeira vez em que exagerei na quantidade de álcool e não fui trabalhar no dia seguinte, inventei uma desculpa qualquer e não aconteceu nada. Na terceira vez me olharam atravessado na universidade e eu jurei que não ia acontecer de novo. Mas aconteceu. E no semestre seguinte não renovaram o meu contrato.

Este foi o primeiro golpe forte: o desemprego.

Recebi advertências que não escutei. Os alcoólatras não escutam *nada*. Há um período entre o momento em que você começa a beber regularmente e o momento da queda. Às vezes, esse período é longo, longuíssimo. Conheço gente que conseguiu mantê-lo por muito tempo. Um elemento que não ajuda ninguém a se recuperar é a negação. Os alcoólatras sempre negam que o sejam, não têm consciência da doença. Portanto, na maioria dos casos, alguém deve abrir os seus olhos. O problema é: quem? Os requisitos para isso são dois: um, ter muito peito; dois, gostar muito do outro/outra que começou a derrocada.

Na faculdade eu tinha um grupo de amigas, três ou quatro jornalistas que davam aulas como eu. Compartilhávamos uma infinidade de coisas. Trabalho, profissão, visão de mundo. Quando começaram os meus deslizes, elas perceberam, claro. Ficaram muito atentas para o processo, porque se importavam comigo. Queriam me fazer parar, mas não sabiam como. Afinal a mais corajosa de todas veio bater na minha porta. Ela se chama Apolonia, como a de *O poderoso chefão*. Era muito ligada a mim, mas mesmo assim teve que fazer das tripas coração para me interpelar. Veio dizer, simplesmente, que eu estava doente. Que aparentemente não me dava conta. Disse a verdade toda. O que estavam pensando de mim no trabalho. A preocupação de cada uma das minhas amigas. Falou de Ahmed. Das minhas mentiras. Ofereceu toda a ajuda possível. Marcou hora com um psiquiatra especialista no problema. (E, claro, eu não fui.) Dado o meu tipo de caráter — forte e fechado —, sei que foi muito difícil para ela fazer isso. Significou um grande ato de amor da sua parte. Apolonia foi a primeira pessoa que mencionou para mim a palavra alcoolismo. Eu neguei tudo. Continuei pintando para ela um quadro diferente da realidade. Fingi uma felicidade que não sentia. Falei de uma vida constituída que não tinha. Não disse na hora, mas fiquei furiosa com ela. E toda vez que bebia um pouco demais num almoço ou numa reunião social, eu a atacava pelas costas, caçoando da sua

tentativa. E a perdi. Como ela disse mais tarde: os alcoólatras não param de mentir, minha amizade com a Layla é uma perda de tempo.

Bati em todas as portas. O desemprego me deixava louca. Só consegui trabalho numa revista de publicidade para escrever baboseiras. Pelo menos me pagavam o suficiente para o aluguel. Que, na verdade, era baratíssimo. E mesmo assim o salário não dava para viver. Comecei a pedir dinheiro emprestado. Primeiro à minha família. Depois aos amigos. No começo pagava pontualmente. Depois fui relaxando, acabava esquecendo de pagar. Para mim era impossível ter responsabilidade. Comecei a mentir muito, sem perceber. Ahmed vivia graças à minha família. Sete irmãos são uma bênção. Sempre havia alguém disposto a tomar conta dele. Minhas irmãs mais novas costumavam levá-lo para a casa do nosso pai e lhe davam comida. Claro, a família logo viu que alguma coisa não andava bem. Lembro-me da primeira vez em que não fui buscar meu filho, como costumava fazer, às seis da tarde. Esqueci. Eu estava num bar com uns colegas da faculdade. Tínhamos nos encontrado na rua e fomos para esse bar. O tempo passou e eu nem percebi. Quando afinal resolvi me despedir para ir buscar meu filho, os colegas pediram mais bebida. Eles pagavam. Acabei ficando. Voltei para casa de madrugada e me esqueci completamente de Ahmed. Quando apareci no dia seguinte na casa dos meus pais — numa hora bastante tardia, porque dormi como se dorme depois de um porre —, meu irmão mais velho estava me esperando. Sabem o que fez? Pois me bateu! Levei uma boa bofetada. Eu era a vergonha da família, disse ele. Que tinham decidido tirar o Ahmed de mim. Que eu não estava em condições de criá-lo. Prometi começar de novo. Como se alguém pudesse começar de novo alguma vez!

Muito humilhada, resolvi parar de beber. Essa época foi um pesadelo. Eu enganava a mim mesma. Jurava intenções que não cumpria. Escondia garrafas. Tudo o que os filmes dizem sobre os alcoólatras é verdade. O problema era como enfrentar minha maternidade estando sóbria. Ou melhor, como aceitar que tinha sido estuprada por três soldados em guerra no meu país de origem. E que o resultado desse ato era um filho. Sem álcool, o filme não parava de passar. As imagens se repetindo. Impossível deletar. A dor física, a raiva, a humilhação. Tudo interminável, ao infinito. E os olhinhos verdes do meu pobre menino, meu triste menino, me fazendo lembrar do horror. Por que não o dei para adoção? Simplesmente não pensei nisso a tempo, certa da minha capacidade de lidar com o que viesse. E mais tarde minha família teria impedido. Estavam todos apaixonados por Ahmed, mesmo sendo ilegítimo. Até meu pai começou a gostar dele, meio a contragosto. Não me dirigia a palavra, mas minhas irmãs me contavam que pouco a pouco o menino começava a conquistá-lo.

Mas se chega ao fundo. Quase sempre se chega ao fundo.

Eu vivia um momento em que *tentava* não beber, mas nem sempre conseguia. Às vezes a vontade não conta muito. De tanto em tanto metia um pouco de álcool no corpo e me sentia radiante. Ficava me achando inteligente — grande engano, porque os bêbados são *sempre* burros — e esquecia os meus problemas com Ahmed. Nesses momentos fantasiava escrever outro livro. Pensava no fenômeno chinês como tema. Tinha certeza de que algum benfeitor iria cair do céu me propondo algo assim. Nesse estado de ânimo, fui à casa do meu irmão mais velho e lhe pedi dinheiro para uma reabilitação. Ele me atendeu sem hesitar. Todo contente, ligou para minhas irmãs — as que ainda moravam na casa da família — e pediu que organizassem uma permanência mais prolongada de Ahmed lá. Eu me despedi dele e fui embora. Com dinheiro no bolso para muitas garrafas de uísque. O uísque é a melhor coisa que existe. Um vício organizado, nada de fios soltos. Quando me pediram o endereço do lugar onde ia fazer reabilitação, não disse. Aleguei o meu direito à privacidade. Os coitados estavam tão nervosos e cansados da minha situação que nem insistiram, com medo de que eu fosse me arrepender.

Comprei muitas, muitas garrafas de uísque. Poderia ter levado um bocado de Chivas Regal, pela quantidade de dinheiro que tinha. Afinal me decidi por Johnnie Walker rótulo vermelho, para durar mais. Fui comprando em diferentes supermercados e armazéns. Ia com uma bolsa de feira para disfarçar a minha mercadoria. Lembro-me de uma dessas viagens. Eu estava num ônibus, sentada ao lado da janela. Olhando para fora. O céu estava embaçado, da cor da miséria. Então observei minha vizinha de assento, uma mulher parecida comigo. Era da minha idade. Estava lendo um livro. Tinha um cabelo castanho preso com rabo de cavalo. Usava jeans azuis com botas pretas e um agasalho cinza, com o logotipo da Universidade do Chile estampado. Muito concentrada. De vez em quando jogava para trás uma mecha de cabelo que lhe tapava a vista. Olhava um instante pela janela através de mim. Depois tirava da bolsa um marcador e sublinhava um parágrafo. Em algum momento nossos olhares se encontraram e ela me sorriu. Era um sorriso inocente, transparente como água. Ainda tenho esse sorriso marcado na memória. Transformei-o no símbolo da minha grande mentira. Ela sorriu como se estivesse me dizendo: aqui estamos nós duas. Irmanadas em idade, em aspecto. Ambas esforçadas, ambas inteligentes. Ambas jovens que desejam acima de tudo fazer alguma coisa significativa das nossas vidas. E eu ali, na sua frente, escondendo as garrafas de Johnnie Walker numa maleta plástica que deixei no piso do ônibus. E me preparando para que o álcool circulasse e queimasse até chegar ao fundo do meu estômago. Triste esse lugar, o fundo do meu estômago. Foi esse sorriso — mais que qualquer dos sermões e

reprimendas que levei — que me fez pensar: você não passa de uma boa vigarista, nada mais que isso.

Fui me trancar no meu apartamento. Antes, recuperei as chaves que deixara com uma das minhas irmãs. Queria me precaver. Elas podiam ir até lá para apanhar alguma coisa do menino. Ou para fazer uma limpeza. Minhas irmãs são assim, abertas e generosas. E tinham essas chaves "para o caso de acontecer alguma coisa comigo". Bem, então as tirei. Estava chegando a um momento que não admitia testemunhas: o momento de acariciar a minha ferida. Com certeza, ela continuaria em mim por toda a vida. Mas precisava acariciá-la nesse momento, enquanto estava aberta e sangrando.

E foi o que fiz, sem dó nem piedade.

Fui encontrada cinco dias depois, à beira da morte. Como eu havia tirado a chave dos meus irmãos, eles arrombaram a porta. Porque o vizinho de baixo tinha ouvido uns ruídos estranhos. Tocou a campainha da minha casa várias vezes e, apesar da falta de resposta, continuou ouvindo ruídos. Imagino que a cada vez que eu vomitava no banheiro ou cada vez que caía. Ligou para a minha senhoria e ela para a casa dos meus pais. Supostamente eu deveria estar grata ao maldito vizinho. Mas não estou.

Levaram-me para a Emergência. Quando o perigo passou me transferiram para outra clínica, agora psiquiátrica. Fiquei internada um bom tempo. Até que o vício desapareceu. Ou melhor: o vício não desaparece. Só parei de beber. Quando fazíamos o exercício de imaginar alguma coisa amável, eu pensava na mesma imagem: as laranjeiras e os olivais. Voltava para lá, para aquela terra sofrida que sempre, sempre tem uma laranja e um pouco de azeite de oliva para oferecer.

Quando consegui andar com meus próprios pés, voltei para a casa dos meus pais. Meu apartamento tinha sido devolvido. Minhas poucas posses dormiam num dos depósitos da loja do meu pai. Comecei uma vida nova. Árida, difícil, sem cores. Com Ahmed ao meu lado, coitadinho, o menino triste. No começo ele me rejeitava, como se tivesse se esquecido completamente da minha existência. Só aceitava os braços das minhas irmãs. Pouco a pouco se concentrou em mim. Deitada na cama, eu olhava para ele durante horas. Acabei até feliz com o seu destino. Por ele ter nascido no Chile. Pensava que tudo dependia do lugar que o viu nascer. É arbitrário. Territórios inteiros da Terra não ouviram uma única explosão em mais de cinquenta anos. E outros monopolizaram todas. Minha amiga Catalina, por exemplo — a loura de que já falei —, não conhece o som de

uma bala no ar. Nem o pai dela, nem o avô (onde eles estariam durante o golpe de Estado?, na praia?). Quando vi o filme *Valsa com Bashir* pensei que esse cineasta israelense, o mesmo homem que viu com os próprios olhos os mortos de Sabra e Chatila, tinha um pai e uma mãe sobreviventes de Auschwitz. O filho do cineasta pode contar o que seu pai viu e o que seu avô viu. Tinha a dor no DNA. Assim poderia ter nascido o meu Ahmed.

Voltando àqueles dias posteriores à clínica psiquiátrica. Meu pai, suavizado pelos acontecimentos, se ofereceu para me hospedar. E me financiar enquanto eu considerasse necessário. Chegou até, aconselhado por uma das minhas tias, a me propor uma terapia. Não de desintoxicação, disse ele, parco de palavras, mas uma que ajude você. Que me ajude a quê?, perguntei. Que ajude você, repetiu, timidamente. Eu não queria fazer terapia. A ideia de pagar por um espaço de intimidade nunca me convenceu. Não é isso o que os homens fazem com o sexo? Não digo que Natasha faça o trabalho de uma puta. Mas *pagar* para que escutem a gente. *Pagar* para que amem a gente. *Pagar* para que fiquem do nosso lado. Não, eu não gostava dessa ideia. Só cedi porque não tinha alternativa. Foi só por isso. Quando entrei no consultório pela primeira vez, Natasha percebeu logo. Um osso duro de roer, deve ter pensado.

Já passou um bom tempo disso.

Estou na universidade de novo. Consegui recuperar meu antigo trabalho depois de uma longa conversa com os meus empregadores. Tento ser a melhor das professoras para que confiem em mim. Para reparar as barbaridades que fiz. E me sinto bem lá. É o meu lugar. Não sirvo para escrever frivolidades num pasquim. Muito menos para a televisão ou o rádio. Minha área é a palavra escrita. E também trabalho de tarde numa universidade particular. Não são bem aulas, oriento trabalhos de tese. E me pagam decentemente. Decidi que não quero ser tão pobre. Preciso ganhar mais dinheiro. Minha autoestima também precisa.

Tenho certeza de que vou publicar o livro sobre a China. Já comecei a escrever. Faço anotações e leio muito. Em algum momento terei que viajar. Ainda estou morando na casa do meu pai. Sei que é um pouco constrangedor para uma pessoa da minha idade, mas com a crise já vi coisas piores. No fundo, ninguém quer que eu vá embora. Não por mim, é claro. Por Ahmed. Ele é uma espécie de filho múltiplo: filho do meu pai, das minhas irmãs menores, dos meus irmãos mais velhos, filho de todo mundo. E adora isso. Eu, por minha vez, fico aliviada sabendo que está tão bem-cuidado. Ele estuda num colégio público e passa longas tardes na loja com o meu pai. Brinca de ajudá-lo com a fita métrica e os rolos de tecido. Está saudável e bonito. Mas seus olhos riem pouco. Penso

nele como um ser humano independente de mim. Imagino o seu futuro. Estou até me abrindo para entender *um pouco* a respeito dos judeus. Faço os meus esforços, realmente faço. Acho que a literatura pode me ajudar mais que qualquer outra disciplina. Então os leio. Peguei gosto por Amos Oz. Por Yehoshua. Por David Grossman. Tudo por causa do Ahmed.

Creio que consegui entender uma coisa sobre o trauma. Sobre o *meu* trauma.

É que me embebedando, machucando a mim mesma, eu sentia que — independente da minha vontade ou da minha iniciativa — uma coisa irrevogável me possuía. O trauma repetia a si mesmo, como se nem eu nem o destino conseguíssemos deixá-lo em paz. Ou melhor, como se ouvisse um convite irresistível ao longe que não podia recusar, e me infligia mais uma vez a experiência da dor. Apesar de mim mesma. Não sei se dá para entender: simplesmente não conseguia deixar para trás o estupro e suas consequências. Só o álcool dava uma saída para o grito interno da minha ferida, um grito que eu não distinguia com muita nitidez. E repetia sempre o dano contra o corpo. Embora o álcool afetasse a mente — o dilaceramento do tempo, de mim mesma, do mundo —, a dor recaía no corpo. Sempre o corpo. Como naquele posto de vigilância perto de Belém.

O surpreendente é que eu não *sabia*, quando comecei a beber, que era exatamente *esse* fantasma que voltava a me rondar.

Quando voltei de Belém para Gaza, pensei que havia saído ilesa. Como essas pessoas que sofrem um acidente. Levantam sozinhas do chão. Funcionam. Falam com a polícia. Voltam para casa sozinhas, deitam na cama por seus próprios meios. E na semana seguinte entram em estado de choque. Depois do que aconteceu, não pude deixar de pensar: como sou forte. É admirável como me recuperei da violência. E me congratulei por três soldados desumanos não terem conseguido me destruir.

Meu choque foi a chegada ao Chile. Quando soube da gravidez. O que me bateu forte não foi apenas a realidade do ato de violência em si, mas a forma como ignorei essa realidade. Fui estuprada pela segunda vez quando vi aquele teste. É impressionante como o impacto aparece mais cedo ou mais tarde. Não importa quanto tempo leva. Eu pensava ingenuamente que tinha conseguido escapar do mal, mas quis bater de frente com ele de forma avassaladora. Não sei o que foi pior: vivê-lo no momento ou revivê-lo mais tarde.

Nunca mais fui a mesma.

A partir daquele segundo preciso, o relato que eu fazia de mim mesma se quebrou. Foram cortadas e separadas as conexões entre o meu passado, o meu presente e o que viria depois.

Eu não tinha outra forma de gritar uma realidade. De representá-la. O que me levava ao passado não era minha voz. Não. Eu não a modulava. Não queria mais ouvi-la. Era a voz do meu filho. Testemunha invisível e marca permanente do trauma. A voz da ferida, da minha ferida.

Natasha me disse que só narrando esta história eu poderia ter domínio sobre ela. É o que estou fazendo hoje. Para se recuperar, todo sobrevivente tem que ser capaz de assumir as suas lembranças. E para fazer isso precisa dos outros. Hoje carrego vocês como testemunhas. A carga é pesada.

Estou esgotada.

Luisa

Meu nome é Luisa.

Vim do sul. De um povoado atravessado pelo rio Itata na província de Ñuble. E quero mais é falar dele, do Carlos. Fui criada na roça, sou filha de camponeses e, se não fosse o Carlos, teria ficado lá. Meu pai era arrendatário numa fazenda. Tive muitos irmãos, alguns não sobreviveram, hoje em dia somos cinco. Naquele tempo, na roça os guris pequenos morriam ao nascer. Nenhuma mulher ficava com o mesmo número de filhos que tinha parido. E ninguém sabia ler nem escrever. Agora as coisas mudaram muito. Bem, passaram tantos anos... Já sou velha, tenho sessenta e sete anos.

Vivíamos na ponta do mundo, mas ninguém de juízo perfeito queria morar no centro, com tudo o que acontecia lá. Fui à escola, mas não aprendi muito, no inverno não dava para chegar lá por causa da lama e da chuva e o professor faltava muito, botavam todo mundo na mesma sala, só havia duas, e mesmo com idades diferentes ensinavam a mesma coisa para todo mundo. (Um dia o patrão perguntou ao Ernani, era assim que se chamava um dos camponeses que trabalhavam com meu pai, se o nome dele se escrevia com agá. Não, respondeu o Ernani, agá é pros ricos, pra que vai nos servir o agá?)

Larguei a escola pra trabalhar, ajudava a minha velha na horta e o meu pai com os animais. Só vacas, vacas e bezerros. E uns poucos cavalos, todos do patrão menos o Tai, esse era do meu pai, preto e lindo o Tai, e muitas libélulas, moscardos, tavãos, que estavam acostumados comigo e não me picavam. As cobras de lá eram magras e não muito compridas, e não faziam mal nenhum. Nem as aranhas peludas que sempre encontrávamos no campo, que abriam uns buraquinhos na terra e se enfiavam lá dentro e os meus irmãos as arrancavam desses esconderijos e iam juntando nuns frascos, elas eram muito feias, mas não faziam mal nenhum, feito as cobras. Não era perigoso morar na roça. O que eu mais gostava era de sentir o vento norte. Expunha o rosto para que me fizesse carinho. Depois ficava esperando, esperando, e quando ele chegava parecia que tinha vindo só para me visitar. Quando ia embora, as folhas das árvores ficavam lustrosas por causa da chuva. A casa foi construída ao lado de um charco. Nós caímos nele algumas vezes, mas não era fundo. A água era limpinha. Sempre havia muitos cachorros na casa. Ninguém sabia de onde vinham nem para onde iam quando sumiam, às vezes a minha velha se queixava porque não tinha o que dar de comer a eles. Todos vira-latas. Meus favoritos eram o Menino e o Batalha. O primeiro era pequeno e cor de café com leite, feito uma gemada de ovo caipira

com biscoito champanhe, e tinha orelhas e patas curtas. O pelo do Batalha, ao contrário, era comprido, com partes castanhas e outras laranja, parecia até um cachorro fino. Porque era alto, também. O Batalha cismou comigo e não me largava nem debaixo d'água, como me adorava! E gostava de rolar pelo chão, ele rolava e rolava curvando as patas, virava uma bola de fogo com suas mechas cor de laranja, rodando como se fosse um cachorro vagabundo, e eu olhava pra ele, morrendo de vontade de rolar também. Pensei muitas vezes que também gostaria de ser cachorro, pelo menos o Menino e o Batalha viviam melhor que nós. Às vezes eu escapulia com ele para o terreiro e íamos brincar de esconder embaixo dos juncos. Quando o meu pai me pegava, tirava logo o cinturão pra bater, mas o Batalha começava a grunhir e o velho ficava com um pouco de medo de que viesse mordê-lo, então botava o cinto de novo e gritava que se eu não voltasse para o trabalho, da próxima não escapava. A especialidade do Batalha, e por isso a minha velha gostava dele, era caçar ratos. Parecia um lince pros ratos! O problema era que quando já tinha os bichos apertados no focinho vinha me trazer de presente. Eu nunca gostei de rato, sentia nojo, os ratos lá da roça eram grandes e gordos, mas o Batalha vivia me entregando aquilo. E depois lambia o meu rosto e os meus braços, com a mesma língua que chupava os ratos.

Quando o Batalha morreu eu me deitei debaixo do castanheiro e me fiz de morta também. A melhor coisa da nossa casa era um castanheiro, uma árvore velha, frondosa e grande. Nós fazíamos tudo debaixo do castanheiro, principalmente no verão. A gamela ficava lá, e íamos lavar a roupa e debulhar feijão e milho sentadas embaixo dos seus galhos. Então, quando o Batalha morreu, fiquei ali, de olhos fechados, durante três dias. Nem me mandaram trabalhar, ninguém tinha coragem de falar comigo. No quarto dia a minha mãe veio me dizer: chega, Luisa, o Batalha está no outro mundo, não vai voltar mais. E eu abri os olhos, me levantei e fui com ela lavar roupa.

Assim era a morte.

Uma das minhas árvores preferidas era o maqui, uma árvore silvestre que dá em tudo que é lado nos campos de Ñuble. É magra, tem galhos compridos e uma folhagem densa. Seus frutos são umas bolinhas negro-azuladas que tingem a boca e as mãos, mancham tudo. Tem um gosto doce, é muito gostoso o maqui. Eu e os meus irmãos gostávamos de chegar em casa emporcalhados, todos azuis, e a velha nos passava uma descompostura. Os nossos dentes pareciam carbonizados, mas um carvão não totalmente preto, sempre um pouco azul. E não adiantava lavar, ficávamos tingidos um bocado de tempo.

Seu avental estampado de maqui.

O melhor de tudo lá na roça era a casa do patrão. Parecia misteriosa, porque era

a única casa grande. Nós estávamos proibidos de entrar lá. Ficava bem perto da nossa, e então eu e os meus irmãos íamos para uma colina acima do estábulo onde guardavam os arreios e ficávamos espiando. Às vezes meu pai tinha que ir lá cortar a grama, em toda a minha infância não vi nenhuma outra grama que fosse cortada, aquela era a única, e ele me deixava ir junto. Eu gostava do cheiro de grama cortada, era o melhor cheiro da roça, eu adorava, quase mais que o cheiro de pão quente ou de lençóis recém-passados. Contam que eu dizia que queria ser jardineira quando crescesse. Que estranho, tanta mulher fazendo tanta coisa atualmente e ainda não vi nenhuma que fosse jardineira!

Quando eu tinha uns dez anos construíram uma igreja no povoado, modesta essa igreja, mas ela foi a grande novidade, e uma vez na vida aparecia um padre, rezava a missa, batizava e casava e todo mundo fazia a primeira comunhão. Ficava quite com o pessoal, o padre, e dizia que vinha pra nos salvar, pra não continuarmos vivendo em pecado. A igreja era muito bonita, eu gostava de ir lá. O Carlos não gostava de padres. Um dia ele veio me dizer: sabe, Luisa, o inferno não existe. Como assim, Carlos, não diga isso, respondi, e ele me disse que a Igreja Católica tinha inventado o inferno para os pobres continuarem calminhos, para ficarem pensando que tem coisas piores que esta vida. Eu respondi: ah, Carlos, tome cuidado que Deus castiga quem diz essas coisas, e ele me disse: já fui castigado, Luisa, trago o castigo em mim desde que nasci.

O Carlos falava assim e eu o censurava, mas gostava de escutar o que ele dizia, era tão independente... Parecia que estava pouco ligando para tudo o que tinham lhe ensinado quando era criança. Imagino o que o Carlos diria hoje com esse negócio dos pedófilos, ele sempre falava horrores dos padres, na certa botaria a boca no trombone, não tenho a menor dúvida.

Aos quinze anos me mandaram trabalhar em Chillán. Uma das minhas irmãs já estava lá e me conseguiu o trabalho. Dormindo no emprego, fazendo a limpeza e tomando conta de uns meninos. Não me adaptei e voltei pra casa. Mas o meu pai me mandou de novo e tive que aguentar. Os donos da casa não eram más pessoas, não eram muito ricos, a casa era mais ou menos. Os meninos tinham sido bem educados e não davam muitos problemas, mas eu vivia esfomeada porque trancavam tudo a chave, a patroa só abria a despensa uma vez por dia. Não existia geladeira naquele tempo, pelo menos em Chillán, e eles compravam as coisas frescas todo dia no armazém onde tinham uma conta, eu não mexia em dinheiro, nunca. Sempre me lembro do molho de chaves da patroa, ela vivia de cima pra baixo com essas chaves, pra que tantos cuidados, pensava eu, na roça nem sabíamos o que era chave. Trabalhei quase um ano nessa casa e no verão voltei pra roça. Eu gostava mais de estar no meu próprio lar, ainda que não me deixassem ficar parada, sempre me mandavam pro terreiro,

mas mesmo assim eu brincava com os cachorros e subia nas árvores e comia as peras e as maçãs que eram meio insossas, mas mesmo assim eu gostava porque não conhecia outras. Também comia ginjas, havia um bosque de ginjeiras que ninguém tinha plantado, meu pai diz que nasceram sozinhas, eram ácidas e pálidas, nessa época eu desconhecia a existência de cerejas, essas só fui conhecer muito depois. Sempre me lembro do boldo na beira do lago, eu ia me esconder lá em cima, entre os galhos do boldo, as folhas eram verdes, elegantes, tão escuras e grossas, e eu olhava pra baixo, pra água do lago, e pensava e sonhava que algum dia ia ter uma casa como a da senhora de Chillán e essa casa ia ser todinha minha.

Então um dia chegou a patroa, a mulher do dono da fazenda. A Luisa já está em idade de trabalhar?, perguntou à minha mãe. Como não, ela já é grande! Foi o que disse a minha velha. Eu tinha dezesseis anos.

Então me levaram para a casa deles nesse verão, pra me testar. Se desse certo, depois eu poderia ir para a capital. Quando falavam de Santiago eu imaginava um quadrado grande, enorme, só com casas brancas, todas iguais, de dois andares, com uma porta no meio e duas janelas em cima, milhares de casinhas brancas. Todo mundo na roça queria ir para a capital, como se fosse a terra prometida, como dizia depois o Carlos. Pras mulheres era mais difícil, se uma patroa não levasse não saíam de lá, os homens faziam o serviço militar e iam embora, nós não. Todo mundo na fazenda me olhava com inveja, principalmente as mulheres. Não era difícil de entender, eu sabia que aquilo era um *privilégio*, mas ainda não conhecia essa palavra. Mas como a ouvi depois, quando o Carlos começou a falar nas assembleias sobre os privilégios dos ricos e em casa depois ficava repetindo e repetindo. Bem, nesse verão passei no teste da casa do patrão e fui para Santiago. Cidade enorme, pensava eu quando via essas ruas largas e tantos carros, meu Deus, ficava até um pouco assustada... Não me atrevia a sair sozinha, passava os domingos trancada no quarto porque não tinha com quem sair, até que um irmão meu, que tempos antes tinha saído de casa pra fazer o serviço militar, foi morar na capital e me ensinou a ir para a casa dele, na favela Lo Valledor. Então me senti mais acompanhada. Foi lá na casa dele que me aconteceu o mais importante: conheci o Carlos.

O Carlos trabalhava na construção, era um operário esforçado, sério em suas obrigações, e o capataz simpatizava com ele. Tinha nascido em Aysén, esse sim que falava do sul de boca cheia, e caçoava do meu sul, achava muito pequenininho. O pai dele era arreeiro e a mãe morreu muito cedo. Um irmão foi embora pra Argentina e nunca mais souberam dele. Não era um homem de família, o Carlos. Começou a me paquerar assim que me conheceu, eu era uma

nega linda, fofa e engraçadinha, dizia. Um ano depois estávamos casados, só no civil, eu queria também no religioso, mas o Carlos era teimoso com suas ideias, por nada nesse mundo ia se casar numa igreja. Afinal, tanto fazia. Deus não gosta de felicidade, explicou. No começo alugamos um quarto numa casa em General Velásquez. Eu continuei trabalhando até o nascimento da Andorinha. Quando fiquei grávida, a patroa notou logo e me disse: Luisa, as portas estão abertas, volte quando quiser. Com o tanto que o Carlos ganhava dava para ir levando. Um ano depois veio o Carlitos, que hoje mora na Suécia, casado com uma sueca bem loura que parece dessas de revista, e é eletricista. Mas uma coisa que não perdoo é que ele levou a minha Andorinha, tanto falou da Suécia que a irmã ficou tentada. E me deixaram sozinha. Pare com isso, Luisa, pensava eu, os guris têm o direito de fazer a própria vida, não vão ficar pra sempre ao lado da mamãe. Mas isso foi depois, muito depois.

Eu gostava tanto de viver com o Carlos que nunca falava da roça. Mas, quietinha, eu sentia falta, claro que sim! Quando nos mudamos — porque com dois filhos não cabíamos mais no quarto de General Velásquez —, comprei um galo e uma galinha pra ouvi-los cantar. Era um galo pra lá de indisciplinado, ou distraído, quem sabe, porque cantava a qualquer hora, não de manhãzinha como eu estava acostumada. Lá no sul os galos cantavam toda vez que uma galinha botava um ovo. O canto era uma comemoração, foi o que meu pai contou, e quando ele ouvia muito canto na calma da tarde, já ia se preparando pros ovinhos que ia comer no dia seguinte. Depois, em Santiago, eu guardava os ovos frescos pros guris porque o Carlos não comia, dizia que não ia comer ovos de “uma galinha conhecida”. Que bobão o Carlos, cada ideia que tinha na cabeça. Como estava dizendo, eu sentia falta da roça. Da noite. O pessoal pensa que as noites lá são quietinhas, mas não é bem assim. Claro, não tem ônibus nem música alta nem buzinas nem crianças gritando feito aqui, mas tem um bocado de sons. Eu distingo esses sons, cada pássaro, os milhares de cantos, da cigarra até o grilo, todos eles soltam a voz ao mesmo tempo e se misturam. E os cachorros... Os cachorros choram de noite, têm tantas tristezas os cachorros.

Assim vivíamos, o Carlos fazendo edifícios e eu criando os guris, quando Allende foi eleito. O mundo vai mudar, Luisa, dizia e repetia o Carlos, cheio de esperanças. Esses anos chegaram tão rapidinho como foram embora, tudo parecia um redemoinho, tudo era apressado, todos nós vivíamos assim. O Carlos trabalhava demais, era o tempo todo o sindicato, os distritos industriais, as reuniões.

Um dia ele foi me esperar na hora do lanche e pediu que o escutasse. Eu quero vencer, Luisa, disse ele. Luto para vencer e sei por quê. Faço isso porque quando eu era criança não tinha poder. Vivia com pessoas indefesas e aprendi que todo o

mal que nos rodeava, que era muito, vinha do abuso dessa coisa que eu não tinha. Você entende, Luisa?

Começou a falar de partidos políticos. Não se meta, Carlos, eu lhe pedia, pra quê... Ele me olhava muito sério e pensava e não me dizia nada do que passava pela sua cabeça. Falava dos companheiros, todo mundo era companheiro. Depois não escutei mais essa palavra. Ele me passava livros. Queria que eu entendesse. Que me cultivasse. Você não vai mais limpar a sujeira dos outros, Luisa, dizia, quando voltar a trabalhar vai fazer alguma coisa que valha a pena. Foram dias ótimos, aqueles, os mil dias, como dizia o Carlos mais tarde, depois de todos os horrores.

No começo de 73 fomos passar as férias no sul. E meu pai me disse: este ano vai ser ruim pros trigos, Luisa.

O sol caiu sobre as nossas cabeças como um assassino no dia 11 de setembro.

Uma noite vieram buscá-lo. Levaram o meu Carlos. Eu tinha trinta e um anos e ele, trinta e três. Foi em novembro, dois meses depois do golpe. Estávamos dormindo e havia toque de recolher. Quando ouvimos batidas na porta eu falei: mas não tem ninguém na rua a esta hora, como é que bateram. Entraram gritando e chamando o Carlos. E o levaram embora num segundo. Deixem eu me vestir, pediu, mas o puxaram pelos braços e do jeito que estava, de pijama, o levaram. Comecei a gritar. Não grita, nega, eu volto logo, isso é um engano. Foi tudo o que me disse.

Não grita, nega.

Os guris acordaram. Não o viram sair, nem viram os milicos. Não viram nada, os guris. No dia seguinte expliquei que o papai tinha viajado para o sul, foi isso que eu disse, já vai voltar.

Desde o dia 11 de setembro, desde o instante em que bombardearam La Moneda, o Carlos estava muito aflito, nossa mãe como estava aflito, e então eu me perguntei: será que ele vai ter forças para o que o espera? Foi uma sensação, só isso, não um pensamento.

E começou a espera.

Morávamos numa casinha na favela Pablo Neruda, na Parada Sete da Grande Avenida. O lugar passou a se chamar Bernardo O'Higgins — o nome Neruda durou pouco. Nós éramos novos lá e não conhecíamos bem os vizinhos, era tanta a agitação no tempo da Unidade Popular, nem pra vida social o nosso tempo dava. Na manhã seguinte fui pra rua. Queria encontrar alguém, qualquer pessoa que me dissesse alguma coisa sobre o que tinha acontecido. Mas ninguém chegou perto de mim, ninguém sabia de nada, ninguém viu nada, como se tudo aquilo fosse ideia minha. Mas a minha cama estava vazia, isso não era

imaginação. Calei a boca. Pensei que devia ficar calada. Se não abrisse a boca, o Carlos voltaria. Quanto menos eu falasse, mais cedo ele voltaria.

Passaram os dias. Nem a sair para comprar pão eu me atrevia, não queria que o Carlos chegasse e não me encontrasse. Passava o dia todo trancada em casa com os guris, era uma coisa, parecia que eu ia ficar sufocada. Não conseguia tomar nenhuma providência. Um dia fui com eles até Lo Valledor, onde morava o meu irmão. Contei o que tinha acontecido. Ele se ofereceu para ir até o trabalho de Carlos, falar com o capataz. Mas ninguém sabia de nada. Três dos operários da sua equipe não tinham voltado, contou. Eu não conhecia os companheiros dele, o Carlos nunca os levava lá em casa. Luisa, disse o meu irmão, vai pra roça, lá vão cuidar de você enquanto o Carlos não volta, disse. E se voltar e não me encontrar?, perguntei.

Eu me lembrava do Carlos dizendo: a lei e a justiça não são a mesma coisa, Luisa. Lembre-se, a lei *não* é a justiça. Então, se levasse a sério o que o Carlos dizia, a *que* justiça podia recorrer?

E aí começou o meu calvário.

O primeiro problema era fazer como se nada tivesse acontecido. O segundo, conseguir dinheiro. Tinha dois guris e um aluguel pra pagar. Outras pessoas tinham subvenções, eu não tinha nada, fiquei com raiva do Carlos, tanto sindicato e tanta bobagem, por que não se preocupou em ter uma casa própria? Na certa o coitado pensou que pra isso teria a vida toda. E o terceiro problema, aprender a viver sem o Carlos. A gente fica meio boba quando vive só com os guris. Eu não falava com ninguém, conhecia muito pouca gente. Comecei a sentir falta de conversar com algum adulto. Mas pouco a pouco fui aprendendo, à custa de suor e de lágrimas. Mais lágrimas que suor, para dizer a verdade, e tinha que esperar a chegada da noite pra chorar. Quietinha na cama, disfarçando... Aí aprendi a chorar pra dentro.

Sentia falta do Carlos. Pensava que ele podia estar passando frio. Por que não o deixaram se vestir? Aquele pijama não esquentava nada. Eu sentia vontade de abraçá-lo. E de todas essas coisas que não dá pra falar.

Fui para a casa da minha antiga patroa, a dona da fazenda onde meus pais moravam. Algumas pessoas devem se perguntar por que tem tanta mulher pobre que se emprega em casa de família. É que essa tarefa é parte da vida delas, quase uma extensão. Porque não sabem fazer outra coisa. Porque é natural, significa fazer o mesmo que já faz todos os dias só que sendo pago. Onde eu iria arranjar emprego? O que sabia fazer? Claro, o Carlos não gostava que eu gastasse as minhas forças em casa alheia, mas eu não tinha mais onde ir. O problema eram os guris. A patroa só me aceitou com um deles. Com dois, não, Luisa, disse a patroa. Então fui à casa da minha vizinha, uma mulher amável, mas lacônica,

falava pouco. Eu achava bom que não fosse fofoqueira. Perguntou pelo meu marido, foi para o sul, respondi, e ela acreditou em mim. Combinamos que cuidaria do Carlitos em troca de uma parte do meu salário. Ela também tinha dois guris, de qualquer jeito tinha que ficar em casa pra tomar conta deles. Assim, parti pra trabalhar com a Andorinha. Ela viajava no ônibus grudadinha em mim, sem falar nada. E se comportava muito bem enquanto eu trabalhava. Coitadinha da minha menina! Das oito da manhã às seis da tarde eu fazia faxina, lavava roupa, passava. Quem se encarregava da cozinha era outra, uma empregada que dormia na casa. E durante essas horas ficava olhando a vida nessa casa. Eu nunca tinha sido invejosa, nem conhecia a inveja. A patroa era uma mulher gentil, mas altiva, magnífica como só ela, tão elegante... Saía no meio da manhã, para “fazer coisas”, dizia. Sabe-se lá o que fazia. O patrão ficava pouco em casa, ia muito ao sul, às terras dele. E os garotos estudavam na universidade, dois rapazes e duas moças. E como eram bagunceiros. Deixavam a roupa toda jogada no chão, o que custava catar? Tudo no chão, livros, cadernos, roupa de baixo, cartas, discos, tudo esparramado. A mais nova, a Paulina, era o meu xodó, conheço a Paulina desde pequenininha, com sua carinha fofa.

Um dia ela se fechou no quarto e não havia jeito de sair. Levaram-na ao médico. Depois a patroa veio muito séria e me disse: isso é terrível, Luisa, a Paulina está deprimida. Por que a Paulina está deprimida?, perguntei, eu não conseguia entender, como é possível se ela tem tudo na vida. Ninguém havia roubado o marido dela, tinha teto e comida, não precisava criar dois filhos. Ainda por cima podia ir à faculdade, ninguém criava problemas. Custei muito a entender a depressão. Achava que era uma doença de rico. A Paulina ficou deprimida durante um inverno inteiro e grudava em mim o dia todo, não me deixava em paz. Essas gurias tão novas e bonitas de repente estão morrendo de tristeza, sem ninguém entender por quê. A patroa veio falar comigo, ela podia contratar outra para a limpeza, mas que eu não deixasse a Paulina sozinha. Assim, passei aquele inverno escuro e frio no quarto dela, vendo televisão ao seu lado e fazendo-lhe companhia. Parecíamos dois fantasmas, cada uma mais triste que a outra. Às vezes era como se as sombras falassem com a gente. Ouvíamos a chuva bater no vidro da janela. E ela queria saber: você está triste por minha causa, Luisa? perguntava. Os patrões me deixavam levar a Andorinha para o quarto, ela ficava brincando quietinha no tapete. Um dia a Paulina me disse: Luisa, sabe por que a mamãe está tão preocupada e deixa você cuidando de mim? Não, Paulina, respondi, conte logo. Porque eles têm medo que eu me suicide, é por isso. Suicídio, menina linda!, do que você está falando, pelo amor de Deus? Eu imaginava o futuro da Paulina quando ela crescesse, com uma profissão, com um marido que a amasse, um marido com trabalho e dinheiro, e

com a fazenda do pai para passar as férias, com outra Luisa que fizesse a limpeza, com crianças lindas e saudáveis pra cuidar, com viagens, roupas, casa bonita. Com o mundo inteiro nas mãos, como podia falar de suicídio uma menina assim? Ai, meu Deus do céu, vai ver que não aprendi coisa nenhuma sobre os seres humanos, mas nada daquilo fazia sentido pra mim. Só de pensar no futuro da minha Andorinha, ao lado do futuro dela... O que ia ser da minha filha se *ela*, que tinha tudo, se dava a esses luxos? Suportei aquele primeiro inverno, o pior de todos, graças a Paulina, e a minha Andorinha ficava bem quentinha lá. Porque quando chegávamos na nossa casa começava o frio. Tínhamos uma estufa a parafina para a casa toda, mas o Carlos me ensinou que não dormisse com a estufa acesa porque os incêndios começavam assim, então eu apagava quando ia deitar, os guris se enfiavam bem agasalhados na minha cama feito dois estorninhos entorpecidos e dormíamos apertadinhos. Nunca faltou comida a nenhum deles. Nem roupa. Meus filhos nunca andaram maltrapilhos. E eu sempre com a mentira nos lábios: porque toda vez que perguntavam pelo pai, eu respondia: está no sul.

E o Carlos não chegava. Passavam as noites e os dias, e ele não chegava. E a tristeza dentro de mim nunca ia embora. Pegajosa como o sol da tarde, não ia embora nunca.

Um dia perguntei à patroa se ela achava que agora com o novo governo as pessoas podiam desaparecer. Como você diz uma coisa dessas, Luisa!, respondeu. No trabalho eu me esforçava para saber alguma coisa do que estava acontecendo. Mas parecia que não estava acontecendo nada. Lá em Las Condes não acontecia nada. E todo mundo pensava que o Carlos estava no sul, que tinha me abandonado.

Hoje aprendi coisas. Fiquei sabendo que existem lugares aonde a gente pode ir pedir informação e ajuda. Que nem todas estavam sozinhas feito eu. Mas como podia saber disso?

Nossa, como senti falta de uma família! Uma sogra para sofrer junto comigo. Um cunhado que averiguasse alguma coisa. Uma cunhada com quem deixar as crianças de vez em quando. Um desabafo. Alguém com quem falar do Carlos sem parecer suspeito. Pra piorar, as coisas do meu irmão desandaram e ele foi embora da capital. Voltou para o sul disposto a trabalhar no campo. E eu fiquei sem ninguém.

Toda manhã, às quinze pras sete, quando eu saía para o trabalho, pendurava um papelão na porta de casa, que tirava de tarde e voltava a colocar no dia seguinte. Lá dizia: “Carlos: estou no trabalho. Chego às sete e meia. Luisa”. Um dia a vizinha, a mesma que cuidava do Carlitos, me disse: e então, vizinha, até

quando vai continuar pendurando esse cartaz? Até ele voltar, com a ajuda de Deus, respondi. Ela me olhou com pena.

Sabem o que mata? O silêncio. Isso é o que mata.

Fora o meu irmão, não falei com mais ninguém.

Não grite, nega.

Anos e anos calada. Vai se formando uma espécie de nó por dentro, um novelo, e depois não há mais jeito de desenredar. Tudo vai ficando escuro. A gente prefere não ver as coisas dolorosas e isso é um erro, é uma forma de não aprender. Por mais que seja difícil, temos que parar e apanhar essas coisas, capturá-las como uma lebre no campo, colocar armadilhas para dar com elas e não deixar que escapem. Se o que a doutora quer aqui é que a gente fale, posso dizer por experiência: vai nos fazer bem. Eu só a chamo de *doutora*, não consigo tratá-la pelo nome. No começo a chamava de senhora Natasha mas ela não gostava muito e então comecei a chamar de doutora. Sou subvencionada aqui. Sub-ven-cio-na-da. Não tenho dinheiro pra pagar. Ainda bem que não sou a única. Sinto um pouquinho de vergonha, não quero nem saber quanto custa a consulta. Mas a outra alternativa é ir à clínica para ganhar uma aspirina. Estou me sentindo mal, doutor, estou sofrendo. De quê? São os nervos, doutor. Dói tudo. E receber aquela olhadinha e uma aspirina. Eu já estava internada no hospital quando uma psicóloga boa gente teve pena de mim e as coisas começaram a mudar. Ela me levou para uma consulta com a doutora. E eu contei esta história pela primeira vez. Disse a alguém pela primeira vez que o meu marido era um desaparecido. Não dizia isso nem pra mim mesma. Mas tudo isso foi depois, muito depois.

Passaram os dias, os meses, os anos. Abaixo do céu tudo era tristeza. Como boa mulher da roça, fiquei de braços cruzados, como se faz lá. E continuava esperando o Carlos. Não aceitava a ideia da morte. Ele estava vivo. De pijama, e com frio, mas vivo. Um dia a patroa me contou que os desaparecidos estavam na Argentina, foi isso mesmo que ela disse, que largaram as mulheres e foram embora quietinhos, aproveitando a situação política. E me lembrei daquele irmão dele, meu cunhado, que cruzou a cordilheira e não voltou mais. Mas e o Carlos, por que não voltava? O Carlos me amava. Apesar de tudo me apeguei por um tempo à ideia da Argentina. Pelas dúvidas. Lembrei da morte do Batalha. Era melhor ficar deitada três dias de olhos fechados embaixo do castanheiro. Qualquer coisa era melhor que esperar.

Onde está você, meu bem-amado? Onde está que não me escuta?

Na favela havia cartazes de Pinochet. O pessoal gostava dele. Ou, se não gostavam, ficavam calados. Todo mundo com medo. De perder o trabalho. Ou a

vida, claro. Pinochet era uma espécie de doença. Metade do país estava doente e vivia como essa doença deixava. Eu não queria que os meus filhos se contagiassem, que sofressem por causa do pai, eu já sofria o bastante.

Antes da doutora, visitei adivinhas, videntes, qualquer pessoa que pudesse me dar alguma notícia. Um dia, no ônibus, uma mulher me deu um cartão que dizia: “Transformista da mente.” Parti pra lá. E ela me disse: do céu até o último grão de terra, só tristeza, tristeza. A senhora vai adoecer de tristeza. E fiquei pensando: mas se pode adoecer de tristeza? Porque o sofrimento começa cedo, é só abrir os olhos, lembro quando a minha Andorinha nasceu, gritando e chorando, foi assim que ela chegou ao mundo. Já imaginaram uma criança que nasça rindo? Pra que mundo poderia ir? Mas a transformista tinha razão. Eu já estava doente e não sabia. Meu corpo doía o tempo todo, o corpo inteiro, então que diferença fazia? E os nervos..., sempre os nervos. Mas essa história ficou na minha cabeça. Pedi uma hora no hospital, demoraram muito e quando fui atendida encontraram a bola. No seio esquerdo. Eu estava com câncer. Lógico! E sabem o que acho? Que eram o silêncio e a tristeza alojados no meu peito.

Mas o câncer foi depois.

A casa.

Que veneno.

Pensando o tempo todo: se o Carlos voltar, ele volta pra cá, pra esta casa. Não vai me encontrar em nenhum outro lugar. Nós pagávamos o aluguel. Até o dia em que o senhorio veio falar comigo, um velho que morava na mesma favela e também era dono do quiosque da esquina. Quero vender a casa, disse. Eu me horrorizei. Mas, puxa, don Alberto, como o senhor pode vender a casa, respondi. É, dona Luisa, preciso vender, apareceu um negócio bom e preciso desse dinheiro, disse ele. Eu fiz um escândalo!

Pra onde o Carlos vai voltar?

A Luisa não tem casa, cantava a Violeta, não sei como essa canção chegou aos meus ouvidos. Devo ter escutado quando era criança lá em Chillán.

Na festa nacional
Não tem fogo a Luisa
Nem lampião nem avental

A Luisa não tem casa
A parada militar
E se a Luisa for ao parque
Pra onde vai regressar.

Estávamos em setembro. Eu tive uma ideia. Estava cismada com a história da casa. Só pensava nisso. O quiosque desse velho, don Alberto, ficava ali a dois metros, na esquina da minha rua. Todo mundo comprava lá as bebidas, os cigarros, as guloseimas, as agulhas, a linha, os bilhetes da loteria. Mas o quiosque era pequeno e atrás tinha um lugar espaçoso com um depósito onde ele guardava a mercadoria. Era um barraco de quatro tábuas, mas era um teto. Então eu lhe disse: me venda o depósito, don Alberto, eu pago com trabalho, ofereci. Ele me olhou como se eu estivesse doida. Trabalho?, que trabalho, dona Luisa?, perguntou. Eu me propus a cuidar do quiosque toda tarde a partir das sete — ele fechava às nove — e nos fins de semana. Com muito respeito respondeu que não, que não era negócio pra ele, que não lhe interessava. Nessa noite não dormi nada e pensei e pensei. No dia seguinte liguei para a patroa e disse que não podia ir trabalhar, que estava doente. Arranjei um papelão grande e escrevi: “A Luisa não tem casa”. Peguei o tapetinho da cozinha e fui me instalar em frente ao quiosque com o meu cartaz e a minha Andorinha nos braços. Os vizinhos paravam para perguntar. A favela toda soube que eu ia ficar sem casa e que não tinha pra onde ir. Quando me perguntavam se não podia alugar uma casa em outra favela eu dizia que não, que aquele era o meu lugar, que os meus filhos tinham nascido aqui e que não ia embora. Devem ter pensado que eu era uma teimosa. Mas ninguém, ninguém mesmo, soube que toda aquela confusão era por causa do Carlos. Passei três dias sem me mexer, sentada no meu tapetinho com o cartaz na mão. Até que no quarto dia don Alberto apareceu. Puxa, dona Luisa, todos os vizinhos vieram falar comigo, que jeito, vou ter que aceitar a sua proposta, eu lhe dou o depósito, mas a senhora se vira para guardar a minha mercadoria.

Assim se faziam negócios na minha favela.

A patroa me conseguiu uns tabiques com o Lar de Cristo e um mês depois eu tinha uma meia-água pronta, com um único aposento, mas isso era o de menos. Depois podia ampliar. Na primeira noite que dormimos lá tudo cheirava a alegria, feito algodão recém-lavado. O terreno baldio ao lado com toda a sua poeira era como um campo de margaridas para mim. Nesse outono as chuvas não vinham e todo dia eu ia ver o que tinha plantado, jogava aguinha na cananga-do-japão, pra receber o Carlos. Foi o tempo da minha vida em que mais trabalhei, graças a Deus eu era jovem e tinha muita força, ia de cima pra baixo o tempo todo, trabalhando na casa da patroa até as seis e depois tomando conta do quiosque. A janela da cozinha da minha casa nova dava para a rua, a mesma rua de onde o Carlos tinha partido e por onde ia voltar.

Da minha humilde meia-água reformada vi a vida passar. Nunca gostei muito dos céus embaçados de Santiago, que só ficam ali parados, não anunciam chuvas, pra que servem esses céus? Os guris cresceram. Carlitos finalmente saiu do colégio e foi ser aprendiz de um eletricista da Parada Dez, e quando aprendeu começou a trazer dinheiro pra casa. Mais tarde acertou os papéis com don Alberto e eu passei a trabalhar menos horas. A casa já era minha e pude descansar.

Começaram os protestos. O plebiscito. A alegria vem aí. A chegada da democracia. A vitória do povo. E eu continuava calada. E o relatório Rettig, vi inteirinho pela televisão.

A bandeira é um calmante.

Mas o Carlos não figurava na lista. E como podia figurar, Luisa, se você não denunciou o desaparecimento?, disse o meu irmão quando fui à roça uma vez. Já era tarde pra isso. Os meus filhos tinham crescido bem. Ninguém apontava o dedo pra eles. Se o Carlos não estava comigo, que diferença fazia que aparecesse ou não na tal lista? Às vezes eu sentia que ainda estava em guerra quando todos os outros tinham assinado a paz. Havia democracia, mas eu continuava sozinha.

Às vezes penso que o Carlos está falando comigo. Como você lutou, Luisa?, pergunta ele. Esperei, respondo. Esperei por você todos os dias. Não imaginei que ia ser assim, meu nego.

Sabem o pior que pode acontecer com um ser humano? Desaparecer. Morrer é muito melhor que desaparecer.

Mais de trinta anos sem um homem. Ninguém morre por falta de homem. Só sei que estou cansada. Cansada. Estou tão cansada.

Fui operada, trataram o meu câncer com quimioterapia e tudo, tive que parar de trabalhar por um tempo e o seguro cobriu. Tiraram o meu seio. Vi muitas mulheres na minha situação, é tanta mulher sozinha, viúva, abandonada, separada, seja o que for, todas tão sozinhas. Nas horas de visita o hospital ficava cheio de mulheres, umas cuidando das outras. Quando o Carlitos entrava todas diziam gracinhas para ele. O bom é que ninguém ficava pra morrer lá dentro. Eu gostava muito de ir a um consultório, mandada pela Corporação do Câncer, onde uma mulher muito bonita me fazia massagem. Antes disso ninguém tinha tocado em mim fora o Carlos. No começo eu ficava com vergonha, quem ia se preocupar com que eu tivesse algum prazer no corpo. O que diriam lá na roça se me vissem, pensava eu. Depois de cada sessão deixava quilos de preocupações na maca. Lembro-me dessas massagens como uma das coisas boas que me aconteceram na vida.

Já passaram cinco anos. Pelo visto estou bem. Os guris não quiseram viajar enquanto não me viram boa e saudável. Quando foram embora, levaram a verdade dentro da cabeça. Porque a doutora me obrigou a contar a eles como tinham sido as coisas. Foi difícil pra mim e pra eles, não me perdoaram. No final o Carlitos me disse: eu tinha o direito de saber, é muito diferente ser filho de um preso desaparecido ou de um irresponsável que nos abandonou, você deveria ter contado antes.

Minha história é só isso. Já contei inteirinha. Eu não sirvo muito pra falar, nunca sei direito o que vou dizer. Hoje não trabalho mais como empregada, só tomo conta do quiosque algumas horas por dia e agora don Alberto me paga. Estou bem aqui, não me canso nada e converso com as senhoras da favela. E os meninos me mandam dinheiro. Moro na minha casa de sempre. No verão vou pra roça visitar a família; a minha velha continua viva, tem pouco mais de noventa anos e continua teimando com a vida mesmo sem ver nada, foi ficando totalmente cega. Ainda estão lá o castanheiro e o boldo e o charco, tudo continua igual. Ainda há cachorros em todos os lados. Tenho quatro netos e os vejo pouco, uma vez por ano no máximo. Como me divirto com eles! Os guris querem que eu viaje para a Suécia, mas nem pensar, nunca vou entrar num avião, eu morro de medo. Vocês vão dizer que todas as portas já se fecharam pra mim. Tenho sessenta e sete anos. Tudo já passou. No entanto, estou viva.

E se querem saber a verdade, ainda penso no Carlos. Ainda ando ao lado dele na minha cabeça, eu olhando para o céu porque sempre ando olhando o céu e sinto o calor dele caminhando junto a mim. O danado ficou jovem pra sempre na minha cabeça. Ele tinha trinta e três anos, a idade com que Jesus morreu. Um viajante, é assim que penso no Carlos. A volta para casa. É como se tudo se resumisse a isso. Desde o tempo das guerras. Penso no Carlos como um viajante que quer voltar, que usa a sua vontade pra realizar isso, mas alguém impede. E tudo o que ele quer é simplesmente voltar pra casa.

Guadalupe

Meu nome é Guadalupe, tenho dezenove anos. Sempre me apresento como Lupe, para não parecer tão virginal nem tão mexicana, porque sou chilena e bem pouco católica. Os mais próximos me chamam de Lu, como se eu fosse chinesa, e eu gosto.

Minha vida é complexa e às vezes confusa, e a razão principal disso é que sou muito diferente do resto das mulheres.

Primeiro: sou lésbica, sempre fui e não me envergonho de ser, muito pelo contrário. Segundo: minha cabeça funciona tão rápido que nem chego a captar toda a quantidade de coisas que passam por ela. Sempre está mais à frente e eu pulo as palavras, não porque não saiba falar, mas porque lá dentro é um turbilhão, tudo é rápido e fugaz. Eu me sinto como o meu avô: às vezes ele dá uma de escritor e pensa muitas palavras ao mesmo tempo, mas não sabe teclar, e o ritmo das mãos não acompanha o da cabeça. Tenho um coeficiente intelectual muito alto, segundo os testes, e isso me deixa esgotada, mas não é a razão pela qual acabei fazendo terapia. Vim ver Natasha forçada pela minha mãe. Ela exigiu que eu começasse com a intenção de analisar a questão do lesbianismo, mas eu vim quase que por curiosidade. E fiquei.

Terminei o colégio no ano passado e estou estudando Informática. Tenho a ambição secreta de algum dia trabalhar numa coisa parecida com o Silicon Valley, inventando softwares e de preferência me especializando em criar jogos, isso seria bacana, é a minha maior aspiração. De quebra, se algum projeto der certo, posso até me tornar milionária, o que não seria nada mau. Na minha geração todo mundo quer ser rico.

E a propósito, venho de uma família mais ou menos endinheirada, mas, pelo que entendo, não tradicional. Moro em La Dehesa, numa casa enorme e cheia de conforto, com muita tecnologia e pouco bom gosto, tudo é novo e os meus avós, tanto de um lado quanto do outro, nunca saíram de Ñuñoa ou de Santiago Centro. Quando falo de conforto, quero dizer que nunca dividi o quarto nem o banheiro com ninguém, tive meu primeiro laptop aos quinze anos e fui a primeira da sala a chegar no colégio com um iPod. Meu pai trabalha com importação de peças para maquinarias, e vai muito bem. Minha mãe não faz nada, nem sequer cuida da casa porque tem gente que faz isso para ela, duas empregadas fixas que mantêm tudo impecável. É bem ociosa a minha mãe, não

sei como ela não morre de tédio, meu pai lhe diz que arranje um trabalho para se distrair, mas ela responde que está criando os filhos. Somos cinco, na verdade gente demais. Eu sou a segunda, e depois de mim vêm três meninos, o menor está com sete anos. A mais velha é mulher, já casada — casou aos vinte, que pirada, não é? —, e agora está grávida, o que deixa a família toda urrando de felicidade. Minha irmã se chama Rocio e, apesar de sermos como a água e o azeite, gosto dela. A minha mãe tem um cabelo tingido de louro e uma enorme caminhonete SUV preta e gosta de levar todo mundo ao shopping para tomar sorvete e fazer compras, sempre tem mil coisas para comprar. É bastante alegre e às vezes divertida, a única sombra na vida dela sou eu. E a sombra é heavy, podem crer.

Vamos começar pelo mais tradicional, a ideia do beijo. Das histórias infantis até as telenovelas, tudo passa por aí.

No colégio todas as minhas colegas sempre falavam que beijar era gostoso, do fogo que se sentia, das cócegas e do milhão de coisas que acontecem dentro da gente. Mas comigo não acontecia coisa nenhuma e por mais que eu beijasse nunca consegui sentir essas maravilhas, o que me fez indagar se o problema era que eu não sabia beijar ou simplesmente não gostava.

Fomos morar na Venezuela por um tempo por causa do trabalho do meu pai e quando voltei para o Chile tinha quase quatorze anos, já era velha, e ainda sem saber que diabos era um bom beijo. Quando cheguei, tive o meu primeiro namorado oficial, Matías. Com ele as coisas iam bem, tranquilas, mas eu não sentia as tais loucuras incríveis que as minhas amigas sentiam. Até que afinal me aconteceu. Mas não com ele.

Eu tinha um amigo clandestino, Javier, que era muito mais velho que eu e era gay — digo clandestino porque os meus velhos achariam muito estranho se me vissem com ele. Tínhamos nos conhecido numa festa e saíamos muito. Então, uma noite estávamos juntos e, no meio da dança, depois da terceira dose de tequila, apareceu um cara bonitão com uma garota, os dois de braços dados, e vieram dançar com a gente. Javier não tirava os olhos — do gato, hein? Para ajudá-lo, comecei a dançar com a garota, assumindo que ela estava na mesma que eu. Dançamos quase uma hora e ela me pediu para acompanhá-la até o banheiro, entrou e eu fiquei esperando do lado de fora, encostada na parede. Nisso ela abre a porta e me pergunta se vou entrar ou não. Claro que entrei, sentei no bidê e fiquei esperando com o olhar fixo na cortina do chuveiro, muito concentrada. Então ouvi que a água da pia tinha parado de correr. Como a porta estava trancada, fui abri-la para sairmos juntas, mas ela não deixou, me virou e me tascou um beijo.

E finalmente senti os tais passarinhos, pelos arrepiados, revoadas, fogo, tudo!

Fiquei nervosa e abri a porta, saí andando para um lugar no fundo do corredor onde havia uma salinha de estar ultrahippie com almofadas no chão e panos nas paredes e um monte de coisas meio árabes. Ela me seguiu, sentamos numa almofada gigante e então aproveitei para tirar a forra de todos os beijos insípidos que tinha dado até então. O engraçado foi que a certa altura me lembrei do Mati, pensei que estava botando chifres nele e saí do quarto, voltei para a festa, puxei Javier pelo braço e fomos embora.

Javier continuou saindo com o supergato, eu voltei a ver essa garota várias vezes — ela se chama Claudia —, sempre num clima ótimo, eu sempre namorando o Mati, e sinceramente não era fácil resistir à tentação de dar um beijo nela toda vez que a via. E o Mati cada dia me cansava mais, mas mesmo assim eu gostava dele.

Um dia Matías e eu brigamos, por alguma besteira, e terminamos. Quer dizer, resolvemos dar um tempo. E, não sei por quê, essa perda me provocou um colapso muito maior do que eu esperava. Acho que no fundo entendi que entre mim e a minha relação com ele se traçava *a linha da normalidade*. Em poucas palavras, ele era a razão pela qual eu não me jogava em cima da Claudia.

Sem ele, nada mais me prendia. E aí... aí fiquei na merda.

Foram dias difíceis. Minha mãe tinha ido para Buenos Aires com meu pai, e os três garotos ficaram com a vovó. Eu estava me sentindo um pouco sozinha desde a volta de Caracas, tinha que esperar o fim do semestre para recomeçar o colégio e passava muitas horas sem fazer nada. A casa estava fantasmal, nem sei por onde andava a Rocio porque nem a via. Um dia peguei o celular para procurar o número da minha amiga Coca na letra C e ligar para ela, mas, zás, a tela me mostrou o número da Claudia. Como num passe de mágica.

Ela chegou em uma hora, foi o tempo certinho para arrumar o meu quarto, tomar um banho, vestir-me e comer alguma coisa. Ficamos na sala ouvindo música com o meu equipamento e o seu discman, ela sentada na poltrona e eu deitada, com a cabeça apoiada nas suas pernas. Conversamos durante muito tempo. Em determinado momento nos beijamos. Dez minutos depois, estávamos na minha cama.

Na verdade, eu nem me dava conta do que estava fazendo. Eram os meus impulsos, era a minha natureza. Foi a primeira vez na vida que fiz *sexo*, eu nunca tinha ficado com um homem, porque, claro, aos quatorze anos achava um pouco nojento. Mas uma vez que essa fera se despertou dentro de mim, não tive como parar.

No dia seguinte liguei para o Mati e disse a ele que esquecesse a ideia de “dar

um tempo”, que eu não necessitava dele, que terminássemos de uma vez e ponto final.

Claudia foi fundamental para mim. Mais tarde ela engravidou — tudo muito *bi* — e acabou o caso (não queria ser oficialmente “lésbica” até que seu filho crescesse), mas somos grandes amigas até hoje.

Terminada a relação, tentei não ficar ruminando aquela coisa estranha que tinha me acontecido. Ok, era uma experiência, não uma definição. Com bastante dificuldade, eu tentava ignorá-la ou ignorar a mim mesma, não sei como dizer, mas às vezes me pegava brincando de “ser normal”, de falar de homens como se faz nessa idade, de ficar fascinada com os atores do cinema ou da televisão, de aprontar com as minhas amigas como todo mundo. Até saí com alguns pretendentes, mas não gostava de verdade de nenhum, nenhum deles me enlouquecia como eu esperava que fizesse. O curioso é que eu ainda *esperava* gostar de um homem.

Uns seis meses depois de ter conhecido a Claudia fui ao vernissage da exposição de uma prima, com toda a família. No coquetel fiquei observando uma das garçonetes que circulava pela galeria. Ela estava vestida de branco e preto e rebolava com uma bandeja na mão oferecendo taças de vinho tinto. O que mais chamou a minha atenção foi sua feminilidade e a graça dos seus movimentos. Fiquei olhando para ela um tempão. Mais tarde fui ao banheiro e ela estava lá — sempre nos banheiros! — e começamos a conversar, uma conversa banal de garotas num banheiro, como eu me chamava, em que colégio estudava, coisas assim, e depois saí do banheiro, encontrei o meu pessoal em frente a um quadro de um enorme cavalo colorido e tratei de me divertir.

No dia seguinte, ela estava me esperando na saída da escola. Eu não podia acreditar! Era uma garota muito bonita de dezenove anos e eu uma pirralha de quatorze, e não exatamente uma rainha da beleza. Tinha se dado ao trabalho de averiguar os horários das aulas e foi me esperar. A partir desse dia ficamos juntas e tive com ela o meu primeiro namoro, com tudo o que isto significa: uma menina de quatorze anos namorando de verdade uma de dezenove. Nessa idade, cinco anos é muita coisa.

Ela se chamava Agustina e era conhecida como Gata.

A Gata passou a ser minha referência na vida. Com ela as coisas funcionavam muito bem, eu me sentia segura e ficava emocionada com a solidez da nossa relação. Quando às vezes ouvia — em algum momento de crise com o meu pai — minha mãe falar mal dos homens, alguma coisa dentro de mim se sentia aliviada. Eu não tenho que passar por isso, pensava. Um dia, depois de uma longa conversa com a Gata na qual lhe contei muitas coisas da minha vida,

cheguei em casa e ouvi minha mãe dizendo à minha irmã: os homens nunca escutam as mulheres, *nunca*! Sorri para mim mesma. A Gata me escutava. E eu a ela. Era a minha melhor amiga, minha confidente, minha *partner*, minha parceira, era tudo. Eu tinha a sensação de que aquilo finalmente era uma coisa própria, como se antes meus sentimentos não tivessem independência e portanto eu não pudesse usá-los. Ficamos juntas três anos. Fomos e viemos inúmeras vezes, brigávamos, terminávamos e no dia seguinte voltávamos. No entanto, quando achava algum rapaz um pouco mais atraente que os outros, eu namorava com ele um mês, só como disfarce para os meus velhos, porque não queria que eles soubessem que tinham uma filha lésbica. Claro, ao aprofundar essa aventura, aprendi o que significava um *relacionamento*, o lado bom e o ruim, as maravilhas e as dificuldades, como toda mulher aprende com seu primeiro homem.

Tínhamos muitos planos para o futuro: assim que eu fizesse dezoito anos, iríamos juntas para Nova York, moraríamos no Soho, eu arranjaria um trabalho *full time* durante um ano, em qualquer coisa, para mais tarde poder pagar meus estudos de informática. Ela se interessava por moda e já tinha contatos com alguns jovens designers latinos e sabia mais ou menos como começar, o que fazer. Às vezes ficávamos imaginando como seria o apartamento onde moraríamos, o pano que jogaríamos sobre a poltrona, a cor verde-maçã das paredes da cozinha, a cafeteira que usaríamos, como dividiríamos o armário (ela gostava de roupa muito mais que eu). O nosso maior inimigo era o famoso calendário: eu o olhava e voltava a olhar e parecia eterno. Como apressar o tempo, merda, como fazer com que eu crescesse logo e fosse livre! A paciência da Gata era heavy, se ela tivesse se apaixonado por alguém mais velho já poderia estar passeando na Quinta Avenida e não no Parque Florestal.

Os pais da Gata moravam no sul, em Temuco, e alugavam um pequeno apartamento na praça Baquedano para que os filhos estudassem em Santiago. Seu irmão era uma espécie de nerd, um pequeno gênio que estudava Engenharia Civil, que nunca via nem escutava nada, sempre mergulhado no próprio mundo, ausente quase o tempo todo, o companheiro ideal para nós. Meus horários eram hiper-restritos durante a semana, minha mãe sabia perfeitamente como funcionava o colégio e as minhas horas de saída. É incrível o nível de encarceramento a que são submetidos os alunos de um colégio particular do bairro alto: todos os movimentos são controlados. Eu precisava criar um tempo para a minha vida privada. Tive que inventar, então, uma *vocação*, não havia outra alternativa para ver a Gata sem ser descoberta: decidi que queria ser escritora e que ia me matricular na oficina literária mais exaustiva, alguma que tivesse aulas duas vezes por semana, dadas, naturalmente, por um escritor *loser*

que morava no centro. Inventar isso me levou dez minutos, minha mãe é tão inculta que eu poderia ter falado qualquer outro nome que ela acreditaria. Estava feliz por me ver tão interessada numa coisa assim e comentava o fato com meu pai cheia de admiração. Às vezes, quando ela pedia que eu lhe mostrasse alguma coisa do trabalho que fazíamos na oficina literária, eu baixava um texto qualquer da internet e lhe dava para ler, deixando-a impressionadíssima. Além do mais, ela me pagava a oficina, claro, não existem oficinas literárias gratuitas. Isso me dava pena, eu me sentia um pouco ladra. Não é que faltasse dinheiro lá em casa, não era isso o que me incomodava, era a confiança. Mas eu tinha absoluta consciência de que qualquer engano era melhor que a própria realidade. Ok?

À medida que o tempo passava e fui conhecendo cada vez melhor a Gata, e também o ambiente e os amigos dela, comecei a perceber que ela me metia chifres *non stop*. Como era a minha primeira experiência, achei que as relações entre mulheres eram assim e assumi a infidelidade como uma coisa normal e cotidiana. Até hoje sou permissiva em relação a isso, desde que se converse e se explique. Eu tendo a perdoar. Mas também não sou idiota, e se acabar sabendo por minha própria conta, não tem conversa, vá pegando as suas trouxas e rua.

Durante o tempo que passei com ela aprendi um bocado sobre relacionamentos, cresci muitíssimo, mas também morria de medo. Eu me sentia supersozinha, insegura, escondida, não aceita. É muito complicado e angustiante disfarçar na frente de todo mundo o afeto que você sente por alguém. Imagino que é por isso que existem as relações oficiais como namoro, noivado, casamento. Devem ter sido inventadas para que a potência dos sentimentos tenha o direito de existir, um sinal verde para que eles se expressem e se desenvolvam. Uma válvula de escape, em poucas palavras. Para mim faz todo o sentido do mundo. Especialmente na adolescência, quando a única coisa, *a única coisa* que interessa é aquilo que se sente. E você tem que reprimir isso, não pode deixar escapulir por uma fresta e os outros perceberem, notarem. Foram anos de silêncio exagerado: amar assim e não poder contar é heavy. Eu não falava disso com ninguém porque sentia medo, fingia para todo mundo, me passava por uma pessoa que na verdade não era e isso, juro, é horrível, é uma das piores coisas que podem acontecer. Eu me sentia alheia a tudo o que não fosse a minha relação. Alienada, como diria Natasha. Em determinado momento vi que a minha vida não estava nada bem e duvidei da minha força para enfrentá-la e sair sã e salva.

Talvez alguma de vocês queira saber como se assume a homossexualidade. Acho que é um processo longo, paulatino, difícil e cheio de armadilhas. Por exemplo,

meu aspecto sempre foi masculino: desde bem pequena eu não suportava fita rosa no cabelo nem babados no vestido, sempre usei cabelo muito curto, desde que a minha mãe parou de me vestir e eu comecei a escolher sozinha a minha roupa optei pelo preto como a minha cor e não gostava de nenhuma cor "feminina". Igual à Layla: nem rosa nem azul-celeste. Meus irmãos mais novos me chamam de "caminhoneira", a minha forma de andar e de fumar os deixa constrangidos. Às vezes, sonhando de olhos abertos, eu me via terna, toda vaporosa, usando vestidos compridos e brancos e com o cabelo suave balançando ao vento, como uma elfa do Tolkien, única, etérea, muito feminina, como Galadriel — ou como Cate Blanchett interpretando Galadriel —, a essência do que se considera ser mulher. E quando me via assim sentia vontade de me entregar, de não lutar mais contra o mundo, de abrir as defesas, de que alguém me dissesse: durma, Lu, durma que eu amo você, descanse.

Ok. Quando fiz dezessete anos já me considerava uma lésbica experiente e desejada por todas as garotas, mas isso não é grande coisa considerando as mulheres horrorosas que frequentam o mundo gay santiaguino. As coisas com a Gata iam de vento em popa e eu estava cada vez mais segura de que *she was the one*. Mas continuávamos nos escondendo.

Pouco antes do meu aniversário, fomos ao El Cafetto de Providencia, nosso bar habitual, e ela me contou que tinham lhe oferecido um estágio num estúdio de design em Nova York e ia aproveitar para aprofundar seus estudos, que ganharia o suficiente para os gastos e com isso, somado ao que seu pai lhe mandava todo mês, podia pagar o aluguel de um apartamento e viver tranquila. Ou seja..., ia embora um ano antes do planejado, portanto *sem mim*.

O céu despencou na minha cabeça.

Em um mês, já tinha ido embora.

Minha prima estava fazendo um mestrado na Irlanda e nas férias de verão eu implorei e implorei: papai e mamãe, deixem-me ir para lá, eu preciso sair daqui. Por favor, por favor. Eles disseram que sim. Legal! E fui embora. Para me desforrar. Saí pegando qualquer idiota que passasse pela minha frente e nem prestava atenção nas meninas, porque as odiava: eram todas umas traidoras.

Tipo fevereiro, ainda estando em Dublin, recebi um e-mail da Gata. Falava do seu apartamento reformado no Soho, da cafeteira, da cor da colcha, de como se lembrava de mim e da minha vontade de morar em Nova York, de que a cidade era mesmo a minha cara e blá, blá, blá. Embaixo do e-mail, um pós-escrito dizia: "Conheci uma garota que se chama Soledad. É superlinda e estou saindo com ela, contei do nosso relacionamento e ela não tem nenhum problema, mas às

vezes fica zangada porque falo muito de você, será que acontece a mesma coisa com você também?”

Explodi. Decidi não falar mais com ela. Respondi com um e-mail superpoliticamente correto e um mês depois me respondeu — imaginem só, um mês! — contando que já estava morando com a filha da mãe da Soledad e que estava supercontente.

Assim, afinal me desliguei da vida da Gata e voltei para o Chile decidida a não namorar durante muito, muito tempo.

Estava enganada.

No mundo há muitos tipos de discriminação, mas poucos como os que sofrem as lésbicas. Os homens homossexuais avançaram, suas realidades de hoje não têm *nada* a ver com as de vinte ou trinta anos atrás.

O mundo é mais humano, uma presidenta mulher no Chile, um negro nos Estados Unidos, os homens gays também se aproximam do poder. Mas nós, não. Os gays chegaram ao ponto não de serem apenas tolerados, mas apreciados. Nos bairros em que eles se instalam os preços até sobem, chegaram os gays, tudo vai ficar mais bonito, mais sofisticado, mais elegante. É que os gays têm um gosto tão apurado, cuidam tanto do ambiente..., bobagens parecidas. Mais um pouco e teremos o slogan: *Rent a gay*. Eles aparecem como personagens importantes e adoráveis nas séries da televisão. As mães de homens gays terminam se afeiçoando aos companheiros deles, sentem-se protegidas por esse filho que vai cuidar delas a vida toda — outro mito — e, embora a princípio fiquem desesperadas ao saber das inclinações sexuais do filho, com o tempo superam e vivem a coisa alegremente. Eles são o enfeite perfeito para um jantar social. Mas nós não: escondidas, sempre escondidas. Eu nunca ouvi falar, no meu ambiente, de algum pai que se sente à mesa com a filha lésbica e sua companheira diante dos próprios amigos. Os filhos gays às vezes viram um troféu, ao passo que nós somos um lastro. No Chile, pelo menos. Soube que o ministro da Cultura francês não apenas era gay como escreveu um livro detalhando as suas peripécias sexuais. Eu não entendo muito dessas coisas, mas se fosse fazer política com certeza ficaria disfarçando o tempo todo. No ambiente artístico, as coisas são um pouco mais soltas, mas quem disse que as lésbicas só se dedicam à arte?

Continuo com a minha história.

Voltei de Dublin bonita como não estava fazia muito tempo; não pensem que foi por acaso. Estava muito mais velha e muito mais zangada com o mundo que antes. Na carteira ao lado na minha sala conheci Rosario, uma garota superpatricinha, típica pirralha de dezessete, feminina até dizer chega e

totalmente hétero. Na verdade ela não me pareceu nada de especial até que começou a me achar fascinante e a querer passar mais tempo comigo do que qualquer pessoa sensata pensaria em fazer. Começamos a sair de vez em quando, a conversar, a sentar-nos juntas nas aulas, e um dia fomos a um churrasco da turma e depois de bastante diversão ainda fomos para uma festa, aumentando o teor alcoólico do corpo. Nesse dia fui dormir na casa dela e enquanto conversávamos estendidas na cama, Rosario se jogou em cima de mim e me deu um beijo.

Aí começou a dar merda!

Pegaram a gente.

Num segundo, a mãe dela subiu, nos viu e eu tive que aguentar duas horas de sermão na mesa de jantar da família. A mãe de Rosario ameaçou ligar para a minha velha e contar tudo, e o medo começou a me dominar. Consegui convencê-la a não fazer isso, mas passei duas semanas apavorada, sem saber se ela cumpriria a palavra. Enquanto isso, bem escondidas dos velhos, nós começamos a namorar. Rosario nunca entendeu a seriedade da coisa e só faltou publicar no mural do colégio. Como era de se esperar, todo mundo ficou sabendo e acabei no gabinete da diretora: ou falava com meus velhos ou ela contaria tudo para eles na reunião do dia seguinte.

Nesse dia cheguei em casa morrendo de medo, cercada por todos os lados, com a certeza de que não havia outra saída. Eu devia aceitar “o que tinha feito” — palavras da diretora — e contar aos meus velhos que gostava de meninas. Minha mãe, que pode ser frívola, mas não é boba, já tinha me perguntado algumas vezes sobre a questão. Imagino que por causa do meu cabelo curto, da minha atitude masculina e dos meus amigos gays. Estes eram uma referência clara. Na verdade, não fazia falta ser muito perspicaz para perceber o que estava acontecendo. Mas, graças a Deus, sempre fui rápida no gatilho para inventar histórias e não era muito difícil fazer minha mãe acreditar quando eu dizia que gostava de homens.

Minha mãe chegou em casa, era hora de falar. Fui perguntar se podia conversar com ela sobre uma coisa muito importante. Topou na hora. Sentei à sua frente na mesa da sala, olhei-a nos olhos e disse: mamãe, até hoje eu estava namorando uma colega de sala.

Isto é tudo o que eu lembro. Depois vem uma nebulosa, perguntas e respostas pouco claras. Mas sei que cinco ou dez minutos depois a minha velha começou a chorar e resolvi me levantar e me trancar um pouco no quarto, fumei um maço de cigarros em menos tempo do que achava possível e fiquei esperando.

Uma hora depois minha babá subiu para me ver, ela me conhece desde criança

e me abraçou com força. Olhou para mim e disse: eu vou amar você de qualquer forma, aconteça o que acontecer. Essa frase ficou na minha cabeça até hoje e acho que foi ela que me deu mais convicção para enfrentar o que me esperava.

Meu pai estava a caminho, chamado pela minha mãe, imagino. Acho que ele sempre desconfiou, mas o problema realmente não o afetava tanto. Quando chegou foi se sentar na sala com a minha mãe para esperar que eu descesse. Entrei lá morrendo de medo. Notei que o meu velho estava usando uma camisa com listras rosas. E que o rosto da minha mãe estava molhado de lágrimas.

Sentei numa das poltronas adamascadas e olhei-os com cara de terror. Meu pai me pediu que explicasse. Eu disse que era bissexual (mentirinha piedosa) e que não sabia o que estava acontecendo, e de repente a nebulosa de novo. Não me lembro bem da conversa, acho que o pânico ia apagando as palavras da minha memória à medida que elas começavam a se armazenar. Em algum momento, minha mãe se levantou e um minuto depois ouvi que tirava o carro da garagem. Fiquei sozinha com meu pai. A primeira pergunta dele foi se eu tinha transado alguma vez com um homem, respondi que não. Depois, se com mulher. Eu disse que sim. Ele então me respondeu: não decida que prefere baunilha se não experimentou chocolate. Ri, e ele também riu. O que mais o deixava irritado era que eu não tivesse falado antes. Ele achava que a confiança entre nós era mais forte do que eu havia demonstrado ao esconder isso durante anos. Bem mais *cool* que o esperado, o meu pai.

Arrasada, subi para o quarto. Fechei a porta, deitei na cama e tentei dormir. No dia seguinte fui ao colégio esperar o resultado da reunião da diretora com meus velhos. Ninguém me perguntou se eu tinha falado ou não, e a diretora nunca mencionou o assunto com eles. Percebem? Fui obrigada a sair do armário sob ameaças e era tudo mentira. Quer dizer, se eu não tivesse contado, provavelmente eles não saberiam até hoje e se evitaria tanta dor. Fui engabelada. Mas, ao mesmo tempo, era a melhor decisão. A única possível para parar de mentir.

As coisas com a Rosario iam de mal a pior. Depois de ter sido tão linguaruda, ela agora vivia assustada com o que estava acontecendo. Não entendia como podia ficar com uma mulher se sempre havia gostado de homem, e acho que foi por isso que se afastou de mim. Namoramos um mês e ela me chutou, foi a primeira e até hoje a única mina que fez isso. Agora a entendo melhor, deve ter sido muito complicado mesmo, mas na época achei que ela era a culpada de tudo, odiei-a com toda a minha alma e a partir daí me transformei na *party monster.*

Foi um período muito autodestrutivo.

Até esse momento eu saía todos os fins de semana e agitava muito, mas sem

muita consciência do que fazia, no fundo eram só brincadeiras adolescentes. Mas agora não, agora saía para me destruir. Era essa a intenção. Fumava baseados o dia todo. Não era a primeira vez, mas antes eu fumava para relaxar, para escrever ou para dançar. Agora era diferente. Fumava de forma compulsiva, estava quase dependente. Enchia a cara toda vez que saía e não ficava de porre — tenho uma cabeça forte —, mas fazia cagadas e falava o que me dava na telha.

Tenho que mencionar o Johnny, meu amigo do peito até hoje em dia. Ele é gay, óbvio. E nessa época foi meu companheiro de farras, de enganos, de jogos e mentiras, de tudo. E de pó. Porque também passei um tempo cheirando pó.

E minha mãe cada vez mais preocupada com o que estava me acontecendo. No colégio minhas notas eram uma vergonha, eu dormia na aula ou me comportava pessimamente, não tinha o menor interesse em ficar lá, queria fugir para fumar um baseado e ver televisão o dia todo ou caminhar por Santiago ou ir dançar. As aulas eram uma tortura e os meus colegas, uns perfeitos idiotas.

Um dia, depois da aula, fiquei conversando com um grupo que estava dois anos abaixo de mim e alguém me perguntou se eu sabia onde arranjar sementes de maconha, porque queria plantar. O moleque estava na sétima série e tinha dezesseis anos, imaginem só, um ano menos que eu. Eu disse que tinha algumas em casa e lhe daria de presente se ele quisesse. Uma semana depois me lembrei da história e joguei as sementes na mochila. Antes de entrar na sala entreguei a ele um cartucho de papel com as sementes que eram velhas, tinham mais de um ano, o mais provável é que não fossem dar em nada.

Dois dias depois descobri por que um moleque de dezesseis anos continuava no sétimo ano. Era um dia cinza de merda e eu estava mais uma vez de saco cheio do colégio e querendo que fossem logo três e meia para poder ir para a praça ou para a minha casa ou sei lá para onde. Lembro que passei a primeira hora de aula inteirinha mandando mensagens de texto para uma amiga xingando todo mundo.

No final da primeira hora a coordenadora me chamou para fora da sala e me mandou ir à direção. Eu, sem saber *qual* merda tinha feito agora. Mario, o pirralho de merda, tinha resolvido dar as sementes, o pai o pegou e ele me delatou em menos de um segundo. Obviamente o pai telefonou para o colégio. Já tinham expulsado três amigos meus por causa de maconha: um por fumar, outro por vender e o terceiro por trazer as sementes. Mas aquelas não eram ilegais, por isso eu achei que não ia me acontecer nada. Bem, mas estavam tentando me pegar com alguma coisa havia dois meses. A mãe da Rosario tinha se encarregado de fazer uma campanha de terror contra mim nos ouvidos dos outros responsáveis da minha sala, na onda de que eu era uma péssima influência para os seus pobres filhos.

E me expulsaram.

Ok. Perdi o colégio, que até aquele momento, por mais que eu dissesse que o odiava, era o único lugar onde me sentia em família. Tive que ir embora. Deixar todos os meus amigos. Começar de novo. Fui para um instituto frequentado pelas patricinhas expulsas dos colégios normais. Um lugar *de terror*.

Enquanto isso conheci uma mulher, digo uma mulher, não um mulherão, nem uma jovem nem uma doida da minha idade. Ela se chamava Ximena. Foi numa quermesse do colégio do Johnny; ele estava tomando conta de uma barraca de café e eu me ofereci para ajudá-lo. Atendemos mais gente e vendemos mais copos de café do que ninguém, e também bolinhos que a minha babá tinha feito. Eu recebia o dinheiro toda contente, estava me sentindo uma verdadeira empresária. A certa altura começou a peça de teatro dos alunos, fomos todos assistir e enquanto isso fechei a barraca. Mas no meio da peça me cansei e saí para fumar um cigarro. Quando já estava terminando, vi uma senhora muito bonita descer de um carro e pensei que talvez pudesse querer um café, de maneira que me apressei para chegar à barraca antes dela. Duzentos pesos não é muito, mas eu estava decidida a fazer com que a nossa barraca fosse a mais lucrativa. Esperei que ela chegasse, evidentemente os meus dezessete anos e meus tênis Nike eram muito mais rápidos que os trinta e sete e os saltos altos dela. Não sei o que me dá com saltos altos, mas acho que são extremamente atraentes, os *stilettos* mais que todos os outros. Usados com a meia-calça adequada, são uma arma infalível. Quando chegou, ela me olhou surpresa por não ver mais ninguém ali e perguntou quanto tempo fazia que tinham entrado. Há uns vinte minutos, respondi e aproveitei para lhe oferecer um café. Ela disse que estava sem moedas e eu — obviamente — respondi que era por conta da casa. Tirei duas moedas de cem do bolso e pus na caixinha. Ela riu e aceitou encantada. Eu expliquei que a peça ia ter um intervalo dentro de meia hora e então ela poderia entrar porque interromper agora não era boa ideia. Ela concordou e ficou ali conversando comigo. Muito animada. Então eu soube que se chamava Ximena, que estava recém-separada do marido, que era advogada e que tinha um filho no terceiro ano. E que precisava de um professor particular para dar aulas de inglês ao menino. Eu me ofereci imediatamente, falei dos meus cursos em Dublin, ela aceitou encantada novamente. Trocamos nossos números de celular e continuamos conversando, ela estava impressionada comigo e com a facilidade de conversar com alguém que tinha vinte anos menos. Riu de todas as minhas histórias e eu aproveitei para me mostrar o mais inteligente e interessante possível, porque ela era muito atraente.

Uma semana depois comecei as aulas de inglês. Ganhava muito bem. Às

vezes eu lhe dizia que me pagasse menos porque eu não podia cobrar o tempo que conversava com Simón, seu filho, nem muito menos o tempo que tomávamos chá e víamos *Bob Esponja* juntos. Eu gostava tanto da Ximena que nunca contei à minha mãe que dava essas aulas, porque ficava até nervosa. Além do mais, se a minha velha soubesse que eu estava ganhando dinheiro, o mais provável era que parasse de me dar mesada, e nesse caso diminuiria o nível de farra na minha vida, já que tudo custa dinheiro.

Pouco depois de me expulsarem do colégio, um dia fui dar a aula de Simón e quando cheguei a própria Ximena me abriu a porta, chorando feito uma louca. Quando me viu ficou vermelha e começou a pedir desculpas. Explicou que o ex-marido tinha estado na casa, fez uma confusão e saiu com Simón, mas ela se esqueceu de me avisar. Que eu não me preocupasse, porque ia me pagar de qualquer jeito. Eu disse que não pensasse mais nisso, que se sentasse, e levei um copo d'água para ela. Fui me sentar ao seu lado e tentei acalmá-la. Conversamos durante muito tempo e ela acabou abraçada comigo, chorando desconsolada.

Não sei bem o que aconteceu, mas lhe dei um beijo.

Ela ficou nervosa, mas me abraçou com mais força e correspondeu de bom grado.

A partir desse dia comecei a chegar mais cedo para a aula e às vezes ir embora mais tarde. Ficava conversando com Ximena. Ela parecia estar mais contente, e eu, por minha vez, comecei a me comprometer um pouco mais com minhas próprias coisas. Às vezes trocávamos beijos, às vezes não, ficávamos conversando.

Um dia ela me convidou para sair, as duas, tipo amigas, e fomos jantar. Disse que estava superenrolada, porque tinha começado a gostar de mim. Bem, eu a adorava. Não esquecia que ela tinha trinta e sete anos, um filho, uma separação e sabe-se lá quanta farra acumulada no corpo. Mas parecia uma menina. Porque não tinha a menor ideia de como enfrentar a situação gosto-de-alguém-do-meu-próprio-sexo.

Começamos a sair com mais frequência. Fiquei para dormir duas vezes na casa dela. Pensava, na verdade, que podia continuar assim durante um bocado de tempo sem me chatear. Mas a essa altura já estava acostumada a ver que essas coisas não dão certo. Pouco a pouco me baixou toda a depressão que eu não tinha sentido antes. Continuava saindo com Johnny quase todos os fins de semana, para me divertir. Numa dessas noites conheci a Lulú, uma garota de dezesseis anos, muito, mas muito bonita e profundamente triste, coisa que me comoveu enormemente, e decidi que de algum jeito ia fazê-la rir, de maneira que me esforcei a noite toda para vê-la dar uma gargalhada. Terminamos

conversando e rindo muito e percebi como eu gostava dessa sensação.

Adoro poder transformar o outro, nem que seja por um instantinho.

E o que mais adoro na vida é que me amem, acho que deve ser igual com todo mundo. Por que diabos a gente passa a vida inteira tentando ser amada? Por que a gente é capaz de *tudo* para ser amada? Às vezes, quando estou em ambientes hétero onde conhecem as minhas inclinações, sinto que me olham, os coitados, como alguém que merece pena. E já me peguei pensando: se compaixão significa mais amor, então vamos lá, podem se compadecer de mim.

Acontece que bem naquela semana a Xime tinha me dito que estava muito preocupada com o Simón e a separação, e preferia que nós déssemos um tempo. Que não queria parar de me ver, mas estava muito confusa, que não fechássemos nenhuma porta, que íamos nos encontrar de novo. A nossa diferença de vinte anos estava acima das suas forças e ela não sabia como lidar com isso.

Eu, mais uma vez arrasada, passei uma semana sem ir ao colégio, matando aula com os novos colegas do instituto e não fazendo porra nenhuma. E sempre pensando em sexo. Às vezes chego a me perguntar se o lesbianismo deixa a pessoa com mais tesão que as heterossexuais. Todas as minhas amigas lésbicas só pensam em sexo. Uma obsessão no centro da cabeça, como se tivessem acertado uma flecha bem ali. Quando ouço pessoas como Simona ou Mané, eu me pergunto: como podem viver sem sexo?, será porque são velhas?, como eram na minha idade? Talvez seja apenas uma questão de tempo. De qualquer maneira, não consigo me imaginar no futuro sem tesão permanente, sem um corpo ao meu lado na cama. No dia em que perder isso, acho que terei perdido tudo.

Enfim, então chegou a Lulú. Pouco a pouco começamos a nos encontrar, com calma, numa boa, eu gostava muito da sua companhia, era fácil de conviver e para ela a maior parte das coisas era simples, não ficava ligada em bobagens. Então, com Lulú as coisas foram fáceis, rápidas e muito aproveitadas.

Ficamos um ano e meio juntas. Compartilhamos a vida, foi a primeira vez que me casei. Existe este mito sobre as lésbicas: depois da segunda saída, elas se casam. Há até uma piada a respeito:

— O que uma lésbica leva para o segundo encontro?

— As malas.

Ok, não é muito divertido, mas é típico. Foi o que me aconteceu com a Lulú. Era tão forte a coisa que briguei com toda a minha família para manter viva essa relação. Moramos juntas, viajamos juntas e criei laços muito fortes com a família dela. Sua mãe passou a ser quase uma mãe para mim também. Minha própria velha se escandalizava, não entendia como a mãe da Lulú admitia que

dormíssemos juntas debaixo do mesmo teto que ela. Uma vez adoeci na casa da Lulú e minha velha foi me ver. Quando a vi entrar nessa casa e sentar na poltrona desse quarto, soube que tinha ganhado a guerra, não uma pequena batalha, mas a guerra toda.

Bem, esse caso, tão rápido como começou, acabou rápido também. Um dia estávamos muito bem e no dia seguinte, mortalmente brigadas.

Depois de terminada a história com a Lulú, voltei a me encontrar com Ximena. Tivemos um caso curto, mas intenso. Foi estranho voltar à vida dela como se o tempo não tivesse passado. Mas duas semanas depois o ex-marido nos pegou. Apareceu de surpresa para buscar o Simón, que estava na casa de uns colegas da escola, e eu abri a porta, de roupão. De novo o caos. Depois desse incidente, concluímos que eram riscos demais para ela (enquanto eu não perdia nada). Sempre me pergunto por que a gente sempre abre a porta. Por que ninguém é capaz de deixar a campainha ficar tocando. As pessoas são muito idiotas, e eu também. E também me pergunto sobre esse ex-marido e todos os outros da sua espécie: o que eles acham que a homossexualidade significa? Ou a bissexualidade, no caso? Muitos cientistas dizem que todos os seres humanos são bissexuais, que a sexualidade tem a ver com a quantidade de hormônios masculinos e femininos que há no corpo, e que muitas vezes os mais fóbicos com essa questão são os que mais temem essa parte de si mesmos. Mas voltando ao caso da Ximena: ela achava que poderia perder a guarda do filho se o ex-marido me encontrasse na sua cama. Será que a Ximena é menos mãe por dormir com outra mulher? Será que Simón corre algum perigo?

A situação me obrigou a questionar, a ruminar as coisas, como uma vaca sempre esfomeada. E a ficar ressentida, claro.

No meio do drama, a Ximena, muito séria, me fez uma pergunta: Lu, disse ela, você não pensou em desistir?

Perguntei o que ela queria dizer.

Render-se.

Fiquei pensando um pouco: vocês podem perguntar — e seria válido — se no meio de tantas mágoas eu não senti a tentação. Nem uma vezinha? Podem pensar que cedi. Mas não.

Eu não me rendo, respondi.

Graças a Deus a ciência já deixou bem claro que a homossexualidade não é uma opção: você nasce com ela. Isto mudou as coisas. Ninguém é “culpado”, nem os pais, nem a educação, nem você mesma. Não é um problema de vontade, como antes se pensava. É como nascer de olhos azuis. Eles estão aí, você vai passar a

vida toda usando óculos escuros ou lentes de contato para escondê-los? Seus olhos são os seus olhos. É uma tristeza ter que pagar um preço para possuí-los. Isto é definitivamente injusto.

Tenho vários tios e tias, meu pai vem de uma família grande e a da minha mãe também não é pequena. É interessante como eles reagiram quando saí do armário. Alguns ficaram tão escandalizados que bloquearam o assunto, era como se não existisse. Outros decidiram que aquilo era uma "loucura da idade", que não deviam dar importância, que ia passar. É uma etapa, diziam ao meu velho.

Se eu tivesse assumido o meu lesbianismo já adulta, suponho que ninguém teria se metido. Mas quando acontece na adolescência, o fator *família* é fatal. Insuportável. Todo mundo se sente convocado a opinar e todos se sentem no direito de fazê-lo. Você está tentando construir a própria identidade, o que já é suficiente para preencher todas as emoções que cabem no corpo. Imaginem o que significa, ainda por cima, lutar contra todos os que estão em volta, que você não escolheu. Vocês já viram alguma coisa menos escolhida que tios? A gente perde tanta energia com eles... Amortecendo os golpes. Tudo seria muito mais fácil se fosse apenas uma questão entre mim e mim mesma. Poderia resolver muito melhor!

Mas garanto uma coisa: a promiscuidade tem a ver com a exclusão.

A saída do colégio mudou tudo. Concluí essa etapa e várias outras ao mesmo tempo. Comecei a vir ao consultório de Natasha. Isso foi um marco importante, de repente tinha um adulto que estava do meu lado, aquilo era novidade para mim! E a universidade. O fato de me dedicar a um assunto que me interessava de verdade, como a informática, fez as revoluções da minha mente se estabilizarem. Não penso mais tão rápido. Minha inteligência meio que se assentou, ou se encaminhou, não sei como dizer... Não fico voando como antes. Natasha também me faz testes e vai regulando os meus processos. Mas sinto, sinto no corpo, que tudo se estabilizou. Tenho compromisso com o que eu faço. Talvez seja assim o começo da *fase adulta*, se bem que esta expressão me provoca um pouco de riso.

Estou namorando há alguns meses uma garota adorável. Fiquei um bom tempo em *abstinência*, vocês precisavam ver! Chata, chata, eu não deixava passar uma! Mas Isidora me conquistou: com sua doçura, seu interesse pela música, sua paciência. Na verdade, ela é mesmo adorável. Obviamente tudo começou numa festa e com uma ida ao banheiro, é o meu carma. Resisti bastante, para desconcerto dela, que pensou que não me atraía. Mas afinal, depois de um recital no Cine Arte Normandie, terminamos na cama. E não nos separamos mais. Não penso que ela seja a mulher da minha vida, chega, eu acreditei nessas coisas da Gata em diante! Suponho que isso também faz parte de

crescer.

Para dizer a verdade, faz muito tempo que não me sentia tão contente. Juntando a informática, Natasha, os amigos, a família e Isidora, minha vida está cada vez melhor.

Embora às vezes reapareçam as raivas e as merdas que venho arrastando há anos e a Lu agressiva não pare de chatear, acho que estou muito mais perto de mim mesma do que antes. Claro, sei que os fantasmas, decepções, medos, erros, maldades e afins provavelmente me perseguirão por um bom tempo. Por enquanto tento enterrá-los num vaso e cruzar os dedos para que não germinem. Como sempre, funciono ao contrário: todo mundo quer que brote o que plantou. Eu não. Nasci diferente, como falei no começo. E todo dia tenho que cuidar dessa diferença.

Andrea

Eu queria falar do deserto, só do deserto. Atacama. É a única coisa que tenho na cabeça. É o deserto mais árido do mundo. Na minha infância eu diria que era o Saara, com suas areias eternas, ininterruptas, como as de Moisés e de Lawrence da Arábia. Mas acontece que não, o nosso deserto é o mais seco de todos. E parti para lá, um ótimo lugar para deixar os ossos, se fosse essa a minha intenção (é realmente um bom santuário para morrer).

Eu sou Andrea, vocês me conhecem da televisão.

Sempre soube que queria ser jornalista e estar no centro dos acontecimentos. Comecei como estagiária no departamento de jornalismo do canal e dois anos depois estava lendo as notícias. Mais tarde passei a ter o meu próprio programa e depois fui me diversificando. Quando estava em condições de entrevistar de artistas até o presidente da República, recebi carta branca. Hoje estou envolvida com a estrutura do canal e descobri em mim mesma um grande talento empresarial e também um talento para lidar com o poder. Afinal me saí muito bem. Sou bastante famosa e ganhei bastante dinheiro. Contado assim, minha vida parece maravilhosa. Por que estou aqui? Não faço a menor ideia. Claro que tenho problemas, como todo mundo. E ser famosa não ajuda. Tive que lidar com várias dificuldades, medo de público, ataque de pânico, conspirações, armadilhas. Exposição permanente. Também um pouco de paranoia, nada faz a gente sentir-se tão perseguida como a fama. De vez em quando eu fujo. Há alguns anos fui bem longe, até a Tailândia, jurando que o meu futuro estava nos monastérios budistas e não na telinha: achei suficientes as madrugadas e o jejum e terminei numa praia maravilhosa do Índico, nadando em águas douradas e comprando sedas.

E agora quis fugir de novo. Porque, aparentemente, estava irritada. Repito: tudo vai bem, o meu trabalho, a saúde, a família. Não duvido de mim mesma, nem do meu talento, nem do amor do meu marido. (Será que você não duvida do seu próprio amor por ele?, poderia perguntar Natasha, porque ela adora me torturar, mas não, não é essa a pergunta.) Então por que estou irritada? Nem tinha percebido que estava. Um dia, terminando a minha sessão de massagem, Silvia, uma argentina adorável, me disse: tchê, Andrea, que canseira você me deu hoje!, trabalhei no seu rosto como nunca e finalmente consegui tirar sua expressão de irritação. Quando Silvia foi embora fiquei pensando: que irritação?, do que ela

está falando? Poucos dias depois fui fazer uma sessão de fotos para uma revista. Quando a fotógrafa, uma jovem com cara de tédio, parou na minha frente, foi logo dizendo: por favor, essa expressão... Que expressão?, perguntei desconcertada, essa irritação, respondeu. Voltei a me perguntar a que ela se referia. Na semana seguinte fui com Carola, minha filha, à quermesse do colégio. Depois ela comentou com Fernando: papai, você devia ter visto a cara de irritada da mamãe, parecia furiosa! Mas, Carola, interrompi, o que você está falando? Fui falar com Natasha e lhe perguntei se eu estava irritada. Como sempre, ela devolveu a pergunta e me jogou de volta o pacote.

Depois disso, fui me isolar na sauna para pensar. (É o único lugar onde penso.) Não podia ser coincidência que todo mundo visse a minha irritação e eu não. Então me veio uma sensação conhecida. O desejo de fuga. Fomos enganados quando nos contaram que o ser humano vive só com o grande impulso vital. Existem os *impulsinhos*. No meu caso, eles se anunciam com uma vontade enorme de parar, de largar tudo, de fugir. Uma cócega começa a percorrer meu corpo, algo assim como uma fantasia ou um desejo, às vezes impreciso, até que se transforma no nome de um lugar. Pensei em alguma paisagem que me fosse estranha, uma paisagem que, por ser nova, sugerisse simultaneamente um fechamento e uma abertura absoluta. Pela primeira vez em muitos anos olhei o mapa do Chile. É tão fácil e plácido viajar dentro das nossas próprias fronteiras. Então decidi que a aridez era a resposta.

O deserto.

Avisei no canal que tinha uma boa ideia para um programa novo — o que, além do mais, era verdade —, e que ficaria ausente por uns dias. No dia previsto acordei às 6h30 da manhã na minha cama em Santiago e tudo deu certo para que eu aterrissasse às 10h40 no aeroporto de Calama, onde foram me receber, o que me emocionou porque eu era a única passageira (todo esse trabalho só por minha causa?). A menina encarregada de me receber me olhou e me pediu um autógrafo. O motorista, Rolando, se definia como “atacamenho”, mais tarde entendi que isso significa declarar-se indígena. Enquanto ele avançava com muita segurança na caminhonete por aquela paisagem desconhecida, pensei que havia sido uma boa ideia vir sozinha. Eu tinha várias coisas em que pensar. Como é estranho ver uma paisagem indiferente, que não se modifica por causa da nossa presença. Meus olhos não acreditavam. Vi montanhas que pareciam berinjelas gigantes, outras cor de café cremoso que pareciam imensos sorvetes de chocolate e a areia se encrespando como um oceano com ondas pesadas. O céu é de um azul primitivo, um azul quase desconhecido para olhos urbanos, brilhante, nítido, enceguecedor.

Depois de viajar mais uma hora e pouco desde Calama, chegamos ao Alto Atacama, como se chama o hotel. Um pequeno enclave. Rodeado por morros pelos quatro lados. No meio desses morros vi uma construção comprida e baixa cor de barro, o mesmo barro que os antigos usavam para construir: o hotel mantém o colorido para se mimetizar, para não brigar com o deserto.

Na porta o gerente estava me esperando. Desde o princípio me senti bem recebida, a cordialidade impregnava o ar.

Meu quarto era muito bonito, em tons de tabaco escuro, em toda parte o adobe atacamenho que os indígenas usaram para construir desde os primeiros dias da sua história. O quarto se prolongava até uma varanda particular com camas de cimento e colchonetes para olhar o entardecer — ou o amanhecer, o que você preferir —, e a arquitetura permitia ver só as colinas e o deserto e nenhum vizinho. Sem televisão. (Sem a minha cara na tela.) Achei elegantes as linhas austeras. Coloquei meu computador no armário, duvidando do uso que lhe daria, deixei os livros na mesinha de cabeceira — a leitura em Santiago rende tão pouco —, desfiz a mala e à uma da tarde estava no salão para o almoço (quinoa, corvina e frutas, delicioso). Fiz a sesta — acordar às 6h30 tinha me deixado exausta — e descobri que não se ouvia um único som nos arredores. Para mim aquele silêncio era como a clorofila para as plantas ou a música para uma bailarina. Naquele silêncio eu poderia me conectar comigo mesma. Porque este é um dos meus problemas: não me conecto, por mais que me esforce. Às vezes simplesmente não tenho ideia de quem sou. Só conheço a Andrea que a tela mostra e enquanto essa Andrea estiver bem, parece que todo o resto dá no mesmo. Acabo achando que essa é a mulher real, a única que existe dentro de mim. Agora o silêncio do deserto ia me permitir chegar ao meu verdadeiro eu. Havia um pouco de eco, uma coisa capaz de trancar a sua voz para sempre, de fazer você emudecer.

Depois da gloriosa sesta fui para o spa, aberto o dia todo, coisa que me pareceu um luxo. No meio da sauna, um profissional do minério de cobre de Chuquicamata — pensei que aqui só ia haver estrangeiros, que pagam hotéis caros — entrou em êxtase quando percebeu que eu era quem era. Gritou para os amigos que estavam na jacuzzi: hei, adivinhem quem está aqui! Foi como uma bofetada. Entrei na sauna a vapor e não saí mais. Quando eles foram embora, saí de roupão, com o cabelo molhado, e me deitei lá fora no meio do nada para olhar o entardecer. Era tamanha a minha solidão que eu não sabia como reagir.

Sou perfeitamente feliz, pensei. Provavelmente era mentira, mas mesmo assim pensei. Depois pensei: merda, há quanto tempo eu não pronuncio esta frase? Desde a última vez que fui ao campo, à casa dos pais de Consuelo. Consuelo é a

minha melhor amiga, nós nos conhecemos desde pequenas, estudamos no mesmo colégio, acompanhamos todas as etapas da vida uma da outra. Ela me chama de “a diva” e não me leva muito a sério. Não se impressiona quando me vê na capa de uma revista, mas se nega a ir comigo ao Jumbo, não aguenta a expectativa do pessoal. Bem, eu também não aguento, quase não vou mais ao supermercado. Não quis contar meus novos planos a Consuelo: ela teria insistido que tivéssemos uma conversa e não estou preparada. De qualquer modo, já se acostumou com essa mulher que sou, que vive de intensidade em intensidade e que não se amedronta facilmente. Eu a imagino observando esta paisagem do deserto. Ela a definiria como *poderosa*, usaria este adjetivo, e eu responderia: é um vazio, um enorme vazio.

Acordei sobressaltada ao amanhecer. Abri as cortinas e a paisagem havia se transformado: a montanha tinha dentes, cada corte esculpido pela água da cordilheira durante o inverno. Abaixo deles, faixas de cores como um vestido elegante de tafetá, vermelhos, roxos, café, azuis. Os morros tinham se enfeitado para mim. Eram cinco da manhã e eu estava no deserto enquanto na cidade, lá longe, na minha cidade, o dia ainda não tinha chegado. Lembrei-me da frase batida que diz que não somos nós que fazemos a viagem, é a viagem que nos faz — ou desfaz —, e pensei na viagem como desaparecimento.

Eu estava de férias da vida real. Imagino que todas nós odiamos “a vida real” e sabemos como ela nos tritura se não a tomarmos em doses.

Dormi doze horas seguidas.

Quero dizer que o meu sono nunca é totalmente espontâneo. Depois que eu apago, durmo como uma adolescente, mas custo muito a adormecer. São coisas demais rodando na minha cabeça quando finalmente consigo relaxar. Se não tomar nada, posso ficar até as quatro da manhã com pensamentos obsessivos. (Confesso que as pesquisas de audiência são um deles, o principal.) Recorro aos comprimidos, mas como os odeio, vivo inventando fórmulas que não sejam viciantes. Um relaxante à tarde, um ansiolítico à noite, detesto depender da química. Então mexo nas doses, reduzo e tomo um quarto do comprimido tal e meio do outro, assim vou me virando. Sou a clássica mulher que se automedica.

Pus um agasalho em cima do pijama e assim vestida fui para o refeitório. Creio que em Santiago nunca teria feito isso. Nunca vou à rua sem estar bem-arrumada. É tal minha consciência de ser uma figura pública que minha aparência passou a ser uma espécie de fixação. Dou graças por ter nascido com um rosto relativamente bonito. Eu não teria feito a carreira que fiz se fosse insignificante ou francamente feia. Não basta o simples talento, nunca basta o

simples talento.

Tomar o café de pijama num lugar público era uma experiência nova. A propósito do café da manhã, o hotel não tinha *room service*. O rapaz que me atendeu na mesa se ofereceu amavelmente para levá-lo no quarto se eu pedisse, mas não quis privilégios: se todos tomavam o café ali, eu também tomaria. Comi um ovo quente feito à inglesa, horrível, queimei os dedos e achei pouco, devia ter pedido omelete. Quando vi o pão cortado em fatias — como pão de forma — dei graças por estar sozinha: imaginei o Fernando reclamando do pão. Ele considera que pão de forma *não* é pão, mesmo que seja feito aqui mesmo toda manhã. Agora não tenho que tomar conta de ninguém, que alívio.

Os maridos, em geral, tendem a reclamar bastante, muito mais que as mulheres.

Com muita amabilidade colocaram uma mesa, uma cadeira e uma extensão na minha varanda para que pudesse trabalhar com a luz do dia. Era um hotel amável, o que é raro, os hotéis luxuosos e sofisticados quase nunca são.

Trabalhar. É sempre a minha desculpa para existir. Mas vim ao deserto para pensar, ou lembrar. De repente me peguei corrigindo as minhas próprias lembranças. Muitas não me agradam, então as corrijo. Fiquei fazendo isso até que fui para o spa. No dia anterior tinha visto uma sala de massagens e, sem hesitar, marquei hora imediatamente. Era bastante caro. E mais uma vez pensei: não importa, você não tem que dar explicações a ninguém. Yu, uma jovem chegada da China com mãos estupendas e muita força, estava à minha espera. Uma hora de total relaxamento com bons cremes, velas e música muito sutil. Em determinado momento pensei que poucas vezes vivo de acordo com a minha renda. Em geral gastar me faz sentir culpada. No entanto, adoro dinheiro, acho que é sexy. Fernando está sempre atento para conter os meus ex-abruptos. No entanto, eu *posso* me permitir, *posso* estar num dos hotéis mais caros do país e me presentear uma hora de massagem. Só me resta perguntar: por que não faço isso com mais frequência? Que diabos acontece com as mulheres e o dinheiro quando elas mesmas o ganharam? Por que sentimos tanta culpa?

Eu não nasci rica. Meu pai era repórter policial e minha mãe, dona de casa. Na minha infância, o dinheiro nunca chegava até o fim do mês. Minha mãe sempre quis que a filha “fosse alguém”, que não seguisse o seu exemplo e vivesse na mesma insignificância e na opacidade em que tinham vivido ela e a minha avó. Dizem que tudo se repete, tudo volta a acontecer geração após geração, avós, mães, filhas, uma linha eterna. Até que alguma delas a rompe, dá uma virada e quebra a repetição.

Comi um delicioso sanduíche de salmão com um *pisco sour* ao lado da lareira

enquanto duas guias me contavam maravilhas sobre a geografia da região. Eu não queria sair do hotel, como se estivesse colada ali no chão, estava me sentindo enfeitiçada. Era tão gostoso ficar lendo na varanda... E a sesta. Quando fui andar e vi minha silhueta na areia senti que a minha sombra era uma invasora, que por culpa dela o impoluto desaparecia.

Olhando o meu quarto de adobe e sua fascinante cor tabaco escuro, pensei que gostaria de morar num hotel. Sempre penso o mesmo. Os hotéis me fazem sentir livre. Fantasiei muitas vezes com a ideia de transformar um deles em minha casa, como tanta gente fez na Europa entre as guerras.

Também pensei em quantos hotéis já dormi na vida. E calculei que há mulheres que nunca dormiram em um. É difícil entender a distribuição dos pães. Porque além do mais dormi em alguns dos hotéis mais bonitos do mundo. Eu viajo com curiosidade. Com a esperança de encontrar serenidade em algum lugar. Talvez seja essa a essência da coisa, senão, por que outra razão se viaja? Tenho quarenta e três anos e poucos lugares que ainda não conheço, talvez uma cidade celeste do Rajastão na Índia, a nova república de Montenegro ou a ilha dos Cangurus na Austrália. Mas até ontem não sabia que existia este lugar em Atacama, o que prova como a minha geografia é incompleta. Eu não gostaria de morrer sem tê-lo conhecido.

Nesta pequena caderneta eu anotava diariamente os menus do hotel. Um exemplo de jantar: *tartare* de salmão, *ají* de galinha e *crème brulée*. Por que anotava? Não sei, suponho que para concretizar a experiência, para que nada escorresse por entre os meus dedos, como se aquilo que eu ingeria pudesse me fixar para sempre no deserto. Era uma forma de fazer um diário de vida. Comecei a brincar com a ideia de que posso deixar para trás a existência que tenho, inclusive Fernando, não sei se é cansaço ou apenas uma forma de estabelecer e confirmar a minha independência.

Eu era a única pessoa sozinha no hotel. E gostava de ficar sozinha. Foi duro reconhecer: Fernando me chateia um pouco, as crianças me chateiam um pouco.

Pronto, falei.

Não conseguia parar de olhar, a paisagem se apoderava de mim. Pensava em Israel, na Jordânia. O deserto nunca deixa de ser bíblico. Horas e horas olhando, só olhando. Como sou hiperativa, eu mesma me abismava com a minha capacidade de contemplação. Até os pássaros me chamavam a atenção. As montanhas atrás do hotel pareciam, em certa hora, enormes feridas, vivas, profundas, como se ano após ano, estação após estação, alguém lhes arrancasse a crosta.

E também as pessoas. Eu as observava tentando entender quem eram.

As vidas alheias me dão curiosidade. Mas o problema real, em todo caso, é a curiosidade que eu provoco nos outros. É muito estranha a situação de ser famosa. Não vou negar que traz benefícios. Você faz sempre o que tem vontade e as pessoas tendem a respeitar, como se a fama autorizasse tudo. Todas as portas se abrem. Você ganha mais do que merece. Não precisa se relacionar com ninguém, pode ver os outros através de um véu, com miopia, sem se preocupar com a nitidez.

Não tenho muitas qualidades além do meu talento televisivo, mas entre elas incluo o fato de não ser vaidosa em geral. Apesar de valorizar muito o sucesso que conquistei, os resultados não me deslumbram. Comprei na Índia um baú de madeira, bastante grande, com incrustações de metal por fora e cheiro de sândalo por dentro. É nele que vão parar todas as lembranças da minha suposta fama: fotografias, revistas, vídeos, DVDs, galardões, prêmios. Vão se acumulando sem que eu preste a menor atenção. Nunca pretendi ficar famosa, não planejei, minha única aspiração era fazer as coisas direito. E de repente aconteceu: virei uma imagem imprescindível da televisão chilena. Depois percebi que o que me interessava mesmo era o poder. Isso foi mais lento de adquirir, mais difícil. Está tudo no baú, para o caso de que algum dia meus filhos queiram ver. Mas isso não vai acontecer. Se não interessa a mim, por que vai interessar a eles?

O fato de nunca abrir esse baú não significa que eu não seja rigorosa no meu trabalho: sou, e muito. Lembro-me de tudo o que tive que vencer para chegar onde estou, desde o pânico do início, que me fazia menstruar toda vez que ia aparecer na tela — fosse qual fosse o momento do meu ciclo —, até os ensaios e gravações de noites inteiras, exausta, com o terror de não ser suficientemente boa. A diferença entre um amador e um profissional é que, quando as coisas vão mal, o primeiro perde a calma e o segundo continua sereno. Assim, mantenho o rigor. Como dizem por aí, o talento é um título de responsabilidade.

É estranho que a palavra que melhor define a minha vida seja *sucesso*. As tristezas, as dores, a incerteza, tudo é coberto pela pátina destas sete letras. Os chilenos odeiam o sucesso alheio e, por mais que me façam reverências quando estão na minha frente, muitos me detestam. Como se a cordilheira fosse nos esmagar: somos muito estreitos, não cabemos todos na mesma faixa de terra; é a estreiteza que nos torna mesquinhos, sempre com medo de cair na água ou de acabar pendurados na montanha se dermos espaço para o outro.

Um dia cheguei ao refeitório para tomar o desjejum e vi que as mesas estavam vazias, até o café já tinham levado. É que a hora no Chile mudou, explicaram, já são 10h30. Como eu podia saber? Talvez não soubesse nem de um golpe de Estado. Estava desligada a esse ponto, mas ao mesmo tempo que isolada eu me

sentia protegida.

Quis começar a trabalhar só para me impregnar daquilo que o trabalho sempre me provoca: a sensação de que nada mais tem importância, de que se isso der certo nada poderá me afetar. Claro que é mentira, mas eu realmente vivo a coisa assim por algumas horas e isso me faz bem. Como diz Margaret Atwood: "Quando tudo me sai bem, eu me sinto como um pássaro que canta."

Como nós nos defendemos com o trabalho! Sem ele, que medo da nudez a que ficaríamos expostos.

Deitada numa espreguiçadeira ao lado de uma das seis piscinas, umas elegantes cavidades retangulares e escuras, pensei na contradição em que estava imersa. Pensei: estou sobrecarregada com a minha vida atual, a demanda permanente, as pesquisas, com o padrão que preciso manter para não perder espaço, com o sucesso, com o dinheiro, com uma casa tão grande, com um verdadeiro império que tenho que dirigir, até com o tamanho do meu armário. Queria ter menos coisas nas mãos. E me lembrei do meu filho Sebastián um dia, quando me ouviu fazer este mesmo discurso na hora do jantar, me disse: mamãe, o que você quer é ser hippie.

Ser hippie? Lembrei-me de quando Consuelo e eu éramos muito jovens e usávamos roupa da Índia e pulseiras nos pés e não tínhamos um tostão. Éramos felizes. Lembro que mandei um e-mail a Consuelo contando a frase de Sebastián. Ela me respondeu com uma citação de James Joyce: "Já que não podemos mudar a realidade, mudemos de conversa." Eu disse a ela que não bancasse a intelectual, mas Fernando lhe deu toda a razão. E Sebastián, quando eu ia tomar o avião, me disse: mamãe, você vai mudar de conversa num hotel de luxo?

Hippie, eu? Voltei a olhar a profundidade daquelas maravilhosas piscinas espalhadas entre os cactos e as pedras e me perguntei o que pretendia se afinal termino deitada *nesta* espreguiçadeira, *nestas* piscinas, *neste* hotel.

Não havia uma alma por perto, dava a impressão de que eu era o único ser humano num raio de quilômetros e quilômetros. A lua cheia se mostrava sobre as montanhas, esplêndida, dando um toque de absoluta irrealidade. Foi então que notei a existência de dois animais, hóspedes como eu. Estavam atrás de um cercado, num espaço grande onde andavam e passeavam. Uma lhama e um guanaco. Fui olhar de perto. Eles são parecidos, para alguém de outras terras poderiam ser da mesma espécie. A lhama me fitou com os olhos mais tristes que já me olharam. A grade me impedia de tocá-la. Ficamos nos olhando por um bom tempo. Achei que ela ia começar a chorar. Por que estará triste a lhama, rodeada de tanta beleza, bem-cuidada, alimentada? Ou será que nunca é

suficiente?

Quando me afastei, o guanaco mexeu o pescoço com uma pitada de ressentimento. E eu?, por acaso não estou sozinho?

Fui jantar no refeitório e três mulheres me abordaram, tinham passado dias me olhando e prometido a si mesmas que iam me deixar sossegada, mas afinal não se contiveram. Eu sempre devo ficar agradecida por ter fãs. Mas não quando estou escondida do mundo no meio do deserto. A fama me torna uma pessoa vulnerável.

Lembrei-me de um filme, *Swimming Pool — À beira da piscina*, no qual Charlotte Rampling era uma escritora e descia de um trem sem que ninguém lhe dirigisse a palavra ou a reconhecesse. Eu devia ter nascido inglesa e me atrevido a ser neurótica e insuportável como o personagem da Rampling.

Por acaso tinha esquecido a irritação que me levara para lá?

O deserto nos faz desligar-nos do tempo alheio. É um lugar para se descomprimir, esvaziar, perder as referências e chegar ao nada. Imagino que é desse *nada* que nasce qualquer criação. A arte, por exemplo. Não dizem que apelamos para a arte para que a verdade não nos destrua? O deserto é um reflexo preciso. Para tudo. Para todos.

Marquei uma massagem tailandesa. O massagista era um garoto bonito e gentil, poderia ser amigo do meu filho Sebastián, pensei. A massagem era sensacional e me lembrou a minha estada na Tailândia. Passeando sozinha pelo spa, entre o calor seco e o úmido e a água bem quente da jacuzzi, pensei: hippie, eu?

Não fiz turismo. Estava rodeada de lugares maravilhosos. Não tem importância, algum dia os conhecerei. Via os grupos chegando à tarde, exaustos, com suas mochilas, seus cantis, proteção solar, parcas, e pensava que graças a esses passeios eu gozava daquele espaço todo para mim. Fui a única doida que não se inscreveu em nenhum passeio.

Quando vejo grupos de gente, a única coisa que pretendo é não conhecê-los. Minha vida santiaguina está saturada, gente diferente o tempo todo, não há um evento a que eu não seja convidada, e por mais que selecione bem o que aceitar e o que recusar, nunca dou conta. Além do mais, nunca gostei de aglomerações, de carnaval, de festivais, de todo esse bulício supostamente alegre.

Na última vez em que fui a Buenos Aires, comprei um jornal na banca e entrei num café para ler. Entre as páginas vinha um folheto, retangular e de papel muito branco, com o seguinte anúncio: PSICÓLOGAS — UBA — e, sob esse título, a

seguinte lista:

Fobias
Estresse
Depressão
Dependências
Crise pessoal
Ataques de pânico
Terapia de casal
Transtornos de aprendizagem

Terminava com os nomes, telefones e endereços. Fiquei espantada. Será que a doença emocional passou a ser lugar-comum? As argentinas são mais neuróticas que nós? Não, elas reconhecem a neurose, o que é bem diferente. Percorri a lista para ver em que categoria eu entrava e percebi, com um sobressalto, que me encaixava em pelo menos três.

Um dia decidi mudar de hábitos e ir ao povoado, a uns três quilômetros do hotel. É a própria San Pedro de Atacama, que aparece tanto nos livros de turismo. Gostei de conversar com os motoristas, talvez os únicos que parecem não me conhecer. Fico surpresa ao ver no Chile esses rostos do altiplano que só vi no Peru ou na Bolívia e ouvi-los falar o nosso espanhol com sotaque.

Em San Pedro tudo tem cor de café e as construções são baixinhas. Umas velhas dançavam com música a todo volume na praça em frente à prefeitura, com a expressão de profunda indiferença ou distância que as mulheres do povo usam ao dançar. Fui direto à famosa igreja, que tinha visto mil vezes em fotografias. Em mil quinhentos e cinquenta e tantos, os espanhóis celebraram lá as primeiras missas. Não estamos acostumados aqui no Chile com construções tão antigas que nos sejam próprias. O teto é de adobe e no centro do altar está a Puríssima, a Virgem, quando o anjo ainda não a tinha visitado.

Andei até um enorme mercado de artesanato e depois, indecisa, procurei um lugar para almoçar. Aterrissei num boteco barato, onde comi uma lasanha de verdura e onde todo mundo olhou para mim. Felizmente ninguém se aproximou para conversar.

Quando saí do lugar, Consuelo telefonou de Santiago. Foi uma sorte porque no hotel o sinal é fraco. Tantos dias sem falar com ela! Fui me sentar embaixo de uma das árvores grandes da praça e ficamos conversando como se estivéssemos deitadas nas camas dos nossos quartos da infância. Falei da beleza do lugar e dos arredores. Ótimo, respondeu ela, aí você pode murchar com estilo!

O sol era feroz, calcinante.

Já no quarto do hotel me veio a inspiração, como se San Pedro tivesse me revitalizado, e comecei a trabalhar. Estava armando uma coisa interessante, com uma ideia básica bastante original. As palavras voavam, as ideias se montavam sozinhas.

Fui dar uma volta pelas piscinas. Afinal apareceu outra mulher sozinha, deixei de ser a única. Era chinesa. Senti um pouco de pena da sua solidão, num país tão distante.

A altura começava a me incomodar, minha respiração estava entrecortada, difícil.

Uma tarde divisei da varanda uns animais. Deitada no colchonete de olhos fechados, de repente ouvi um balido de ovelha. Depois foram dois e depois três, em uníssono. Levantei-me e ali na frente iam caminhando umas vacas e muitas, muitas ovelhas com o seu pastor. Fiquei um longo tempo olhando para elas, cada uma com seu filhote, todas tinham filhotes. Além da lhama e do guanaco, foram os únicos animais que vi.

Tento me imaginar sem o Fernando e, embora a independência seja uma tentação, termina prevalecendo em mim o desejo enorme de ser *íntima* de alguém, a necessidade de contar com um cúmplice em meio às hostilidades. (O mundo do sucesso é o mais hostil de todos.) E a possibilidade de compartilhar... É preciso ter muita coragem para prescindir disso. Um prato de ouriços comido a sós tem o mesmo encanto? Ou a cor das pedras em Petra, como se vê? Se não é para o espaço do casal, para onde você vai quando desconfia de si mesma, quando sente que o mundo insiste em se contrapor? A quem você confia desde o saldo da conta bancária até as brigas que tem às vezes com a própria mãe ou com a própria filha? Com quem você pode ouvir um concerto de Beethoven em silêncio? Eu nunca tinha pensado em Fernando como meu "objeto simbólico", como disse Simona, mas reconheço o quanto a sua imagem me protege do mundo. No meu meio, se não tivesse a figura de um marido para pôr na frente, eu me sentiria jogada aos leões em pleno Coliseu.

Um marido como um lugar.

Talvez um marido seja um prólogo.

Ou um anexo ilustrativo.

Contei a Consuelo pelo telefone que todo dia anotava os menus na minha caderneta.

Eu vivo fazendo dieta. Não é uma forma de dizer, sempre estou de dieta. Tentei todas delas. O problema é que eu adoro comer. E o que mais me atrai são os doces. A vida sem um bom doce não tem sentido, um *queque*, um *kuchen*, um bolo, o que seja. Mas a televisão e o sobrepeso são incompatíveis. A exposição pública é a inimiga número um dos prazeres. À medida que os anos passam, os prazeres mudam. Hoje o que mais me dá prazer é a comida. O sexo passou para segundo plano, o que às vezes me dói.

Dá a impressão de que hoje em dia todas as relações se definem em função da sexualidade. Menos as minhas. Não tenho tempo nem para ser infiel.

Tenho medo de que com a idade a gente vá deixando de amar as pessoas. Na mocidade, parte de *ser jovem* é derramar afeto, lutar por ele de corpo e alma, esticá-lo até o infinito. Você o distribui a torto e a direito, com inocência e sem seletividade. À medida que passam os anos, a gente começa a ter uma sintonia mais fina e, em consequência, a descartar. No meu caso, fiquei com o olhar mais suspicaz, mais julgador, e esses mesmos olhos veem os outros com mais desconfiança. As pessoas são mais bobas do que parecem, mais chatas, algumas mais arrogantes, outras mais invejosas, a lealdade nunca é completa. Ficar mais velha é notar mais os defeitos. E eles começam a cansar. Tenho medo de amar cada vez menos. Às vezes penso que esta é uma das causas da solidão dos velhos: dizem que os velhos ficam sós porque ninguém os ama, mas talvez seja porque eles já não amam mais ninguém.

Eu quase nunca mantenho uma conversa sem algum objetivo, não tenho mais tempo para a gratuidade.

Se fizer hoje uma lista de todos os meus afetos, desconfio que com o passar dos anos ela só vai ficar mais curta.

As noites no deserto eram as mais silenciosas de todas as noites, mudas, com uma camada de silêncio estendida sobre outra e outra e depois mais outra. Como um mil-folhas. Eu já conhecia o silêncio antes, na casa de campo de Consuelo. Quando o dia terminava, também terminava o barulho e vinha a noite, não com barulho, mas com *som*. Era um som prolongado. Eu passava horas e horas desvendando este som: o canto, os uivos, os mugidos, os suspiros, os latidos. Uma soma de enorme saudade. Também se incorporava o vento. O falso silêncio do campo me lembra o deserto. Há quem ache que a noite realmente é muda, sem suspeitar do caos que começa com a escuridão.

Eu me sentia como eles: uma lhama e um guanaco sozinhos.

Quando a paixão acaba, a atenção interior se enfraquece. Pobre Fernando! Que cansaço para ele essa esposa que passa a vida ocupada. Já nem sei mais o que é o

amor: dou mil voltas e acabo aterrissando no lugar de partida. Em Atacama pensei que era hora de me dizer a verdade. Ao mesmo tempo, começava a sentir a altura cada vez mais. Mas era absurdo... A altura afeta quando a gente chega, não depois de tantos dias. A menina que arrumava o meu quarto me trazia uma aguinha, chá de alguma planta desconhecida. Algumas vezes conversava comigo. Não me sinto nem chilena nem argentina nem boliviana, disse ela, sou atacamenha. Contou que seu pai tinha verificado os registros da igreja de San Pedro, feitos pelos espanhóis, e que sua família se remontava até meados de mil e setecentos. Os espanhóis anotavam tudo, direitinho, disse, cada batismo, cada casamento, cada morte e cada terremoto.

Definitivamente, eu gosto dos atacamenhos. Não gosto dessa gente que agora se proclama vitoriosa. Os que fracassam com grandeza serão perdedores? Penso naqueles que foram jovens em pleno século XX. O vituperado século! Como devem sentir falta da sua épica.

Meu coração começou a me dar uns sustos, as palpitações aumentaram e às vezes a altura se confundia com angústia. Não sou mais adolescente, pensava, meu corpo tem o direito de falhar. É a decadência, sem dúvida, estou começando a envelhecer. Em todo caso, mais que angústia, o que eu sentia era melancolia. Os antigos denominavam esse abatimento assim, na certa eles se referiam à simples depressão dos nossos dias, mas esse nome é mais evocador. Melancolia. Creio que Freud a ligava ao luto dirigido a si mesmo e não à pessoa ausente. Quando entardecia, eu olhava as montanhas e me dava uma tristeza comprida como uma faixa roxa de luto.

O Fernando me ama, mas não sente mais atração por mim.

Os casais que brigam costumam ter um bom sexo. Pensando bem, não é estranho, tanto uma coisa como a outra derivam da paixão. No meu caso, só sobraram as brigas. Quando a paixão acaba, a expectativa muda, a atenção interior muda. Não mais os vendavais que apagam tudo. Não mais sexo.

O sexo é como a rede que protege o equilibrista. Está lá para conter a queda. Se a rede não existisse, imagino que também não existiria o equilibrismo. Então, como se proteger quando a rede é retirada por alguma razão? Você pode fazer a acrobacia nas alturas que desejar, e provocar grandes sustos e medos e desajustes, porque sabe que a rede está à sua espera e que vai abraçá-la e interromper o terror da queda. Faz parte do jogo, é a lei do jogo. E um dia a rede não está mais lá... e o equilibrista, preso nos próprios hábitos, insiste em continuar fazendo as acrobacias. Tenta o vazio. Reduz a altura da corda para correr menos perigo. Para poder cair. E, evidentemente, cai. E fica todo ferido.

Nada mais o contém.

A libido, como a rede, fica à espreita, preparada, nunca sossegada, cheia de expectativa. Já em suas garras, qualquer passado, qualquer maltrato, qualquer medo se anula.

Essa é a ação do sexo: sarar. A explosão, a briga, o gesto ferino, tudo vale para o casal porque mais cedo ou mais tarde eles recorrem ao sexo que vai curar qualquer ferida, ou ao menos fazer um simulacro de cura. Quando o sexo termina, as feridas ficam à flor da pele, não se fecham mais.

Fernando estava doente, uma simples gripe. Deixei nosso quarto só para ele e fui dormir por uns dias no quarto da Carola, que estava de férias. Esse quarto dá para um corredor onde ao fundo fica a porta da nossa suíte, que por sua vez tem um segundo corredor para se chegar ao quarto propriamente dito. Eram duas da madrugada e uma estranha insônia tomou conta de mim, fiquei rolando na cama sem conseguir dormir. Então me levantei pensando que se me aconchegasse no corpo de Fernando o sono viria. Fui andando descalça pelo corredor que dá para o nosso quarto e ouvi uns ruídos estranhos. Parei. Então reconheci: suspiros entrecortados, gemidos, pequenos gritos sufocados. Sexo. Avancei. Da ponta do corredor divisei na escuridão as luzes da televisão que fica em frente à cama. Um casal fazendo amor como só se faz na pornografia. Fiquei no vão da porta, imóvel. Vi que ele estava se masturbando. Voltei lentamente para o quarto da minha filha com o pulso acelerado. Em poucos minutos a angústia se transformou em gelidez, depois numa substância mole, pegajosa, o meu próprio eu me olhava intumescido, enojado.

Eu me senti uma leprosa.

Pensei por uns dias que não mencionar essa cena para Fernando correspondia a um respeito pela sua intimidade. Mentira. O motivo da minha discrição era a afronta, e somente a afronta.

Em Atacama, a certa hora da tarde, a areia faz umas ondulações suaves como se o deserto fosse uma cabeleira frondosa. Penso no meu fracasso para viver em um movimento harmonioso como o do deserto.

Ou em qualquer movimento que não seja o meu.

Conversei com Natasha sobre o narcisismo, não é que eu o ignore.

Tentei entender que parte minha eu coloco sob os refletores, que preço eu pago. Vivo a dor de ter amado e não amar mais. Acreditem, eu vivi o amor e depois ele acabou, não posso mudar isso. Sou talentosa, sou poderosa, mas não pude amar de novo. Amei e não amo mais.

Recebi uma proposta para internacionalizar minha carreira. Se aceitar esse

novo contrato, e estou com muita vontade de fazê-lo, eu teria que viver no exterior. Até agora, Fernando e as crianças não estão dispostos a ir comigo. Suas vidas e seus afazeres estão no Chile e não querem sacrificá-los por mim. O pior de tudo, e isso eu só disse a Natasha, é que, no mais profundo da alma, nem sei se me importo muito.

Eu falei das vantagens da fama. Mas a fama é viciante. É voltar ao camarim a tirar a maquiagem e não reconhecer o próprio olhar ou a expressão da própria boca no espelho porque você só se conhece e se gosta debaixo dos holofotes. É o terror permanente de ser superada por outra melhor que você. É pensar na audiência durante as vinte e quatro horas do dia. É estudar, estudar e estar sempre atualizada, por mais que as horas de sono e de prazer diminuam às vezes até desaparecer. É trabalhar sem descanso. É desligar-se de tudo para não perder o foco por um segundo. É matar o vizinho do lado se ele atrapalhar o seu caminho. É ser capaz de vender a própria mãe se for preciso.

É isso.

Que exercício é este que estamos fazendo, Natasha? Eu me pergunto se temos condições de ser espectadoras de nós mesmas. Quem sabe nós aproveitamos este auditório seleto para inventar-nos um pouco. Ou para esconder o que mais odiamos. Na vida real, são poucas as conversas que me interessam, deixo toda essa capacidade no set. Quando eu me encontro com uma amiga, pergunto a que horas ela toma o café da manhã. Ou quanto tempo leva da sua casa ao escritório. Quanto gasta no supermercado. É por isso que quando estava no deserto eu contava a Consuelo o que tinha comido no dia. Isto é o que importa: os pequenos movimentos materiais da vida cotidiana.

E o deserto acabou se revelando uma miragem. Supõe-se que uma mente saturada chega ao deserto para se esvaziar. Quando tentei esvaziar a minha, caí na armadilha. Minhas palpitações e arritmias não eram provocadas pela altura.

É que estou sem respiração, expliquei a Fernando por telefone. Volte, respondeu ele.

Fiquei num balão de oxigênio até comprovarem que respirava com certa normalidade. Saí de lá de madrugada. Mais uma fuga. Ainda no avião meu coração palpitava mais do que nunca. Quando cheguei a Santiago e abri a porta da minha casa, me segurei nela. Antes de entrar caí no choro. Chorei e chorei feito criança. Não havia força no mundo que me separasse da porta da minha casa.

Por ora, fico na minha torre de cristal, com a luz e o sol na cara, esperando que a vida diga o que tem a dizer. O importante é que quando ela — a vida — vier me buscar, esteja eu onde estiver, não me encontre vencida.

Ana Rosa

A frase preferida da minha falecida mãe, que Deus a tenha no seu Santo Reino, era que tinha uma filha *insubstancial*, o que é uma virtude nela porque seu vocabulário era um tanto restrito e não faço ideia de como ela deu com essa palavra, mas adorava dizê-la e com isso aproveitava para me menosprezar. Porque menosprezada eu sempre fui e por quase todo mundo, de modo que a minha mãe não conseguiu ter um ponto de vista original, coitadinha, não foi original em nada e essa é a herança que me deixou, junto com mais duas ou três coisas que agradeço, como a minha boa dicção e as minhas boas maneiras e também o amor e o temor a Deus e algo mais que espero lembrar.

Para ser honesta — coisa que me orgulho de ser e que admiro nos outros —, preciso dizer a vocês que tenho pavor de abrir a boca porque acho que não tenho muito o que dizer e me pergunto o que seria de mim se não tivesse nascido no seio da família mais religiosa de toda a região de La Florida, numa casa geminada onde os vizinhos podiam ouvir tudo o que acontecia e onde se acreditava que rezando um rosário por dia e respeitando os mais velhos se conquistaria a salvação própria e a do mundo, o que termina dando razão à minha mãe: sou absolutamente insubstancial.

Sempre me ensinaram a respeitar o próximo e isso bateu tão fundo em mim que muitas vezes confio mais no adquirido do que nos meus reflexos. Tem gente que diz que eu vivo no século passado, e não estou falando deste que acabou, mas do anterior, e isto parece que é um defeito imperdoável, para mim o mundo é um lugar inóspito, grande demais, o que no fundo me faz passar ao largo: isso aqui não é lugar para acanhados. E me pergunto com toda sinceridade a razão pela qual Natasha me convidou hoje, porque quando entrei e vi cada uma de vocês, disse para mim mesma: estão aqui as preferidas da Natasha e por um minuto pensei: ai, Ana Rosa, você é uma delas.

Vou começar pelo princípio: meu nome é Ana Rosa.

Tenho trinta e um anos.

Moro na parte sul de La Florida, na mesma casa geminada dos meus pais — que herdamos com a hipoteca quitada —, junto com um irmão caçula que eu crio desde que o Senhor decidiu levar os meus pais, os dois se foram juntos e hoje devem estar gozando da presença divina em algum lugar mais amável que esta terra, chame-se céu ou vida eterna ou como vocês preferirem.

Estudei no colégio mais próximo da minha casa e depois, por não ter pontuação suficiente para entrar na universidade, fui estudar Publicidade num instituto profissional, que é o mesmo que não estudar nada. Minha vida mais parece feita num molde protestante que num católico, tudo era só trabalho, pura disciplina, só aversão ao prazer, só esperar a outra vida para ser feliz porque a felicidade não existe entre os seres humanos, só ao lado dos anjos e arcanjos e das almas privilegiadas do além. Não me casei nem creio que me case algum dia porque não tenho muito apego a esse tipo de amor e além do mais vocês estão vendo que não sou lá muito atraente. Em mim não há muita coisa para destacar nem para atrair o sexo oposto, tampouco sei me vestir, não tenho imaginação nem dinheiro, de maneira que sou dona de quatro conjuntos, é só o que tenho, que vou alternando a cada dia da semana, um é azul, o outro cinza-escuro, e os dois restantes são café e bordô, e fui comprando uma blusa no mesmo tom para cada um, assim não preciso resolver toda manhã o que vou vestir porque isso me deixa angustiada, então já sei de cor e não perco tempo porque nunca tenho os minutos suficientes antes de voar para tomar o ônibus e o metrô e deixar meu irmão pronto e confirmar que ele acordou e tomou o café e o banho porque tenho certeza de que se não fiscalizasse ele ficaria na cama e passaria o dia jogando na tela em vez de ir à aula. Eu daria metade da minha vida para ter olhos bonitos. Olhos de camundongo, dizia o meu avô, afinal de contas os olhos são tudo, qualquer beleza ou feiura nasce deles e as poucas vezes em que reclamei ao Senhor foram por ter me dado estes olhos insignificantes e opacos e rodeados de cílios quase invisíveis e pequenos e cor de café como todos os meus compatriotas e na rua procuro olhos bonitos, na verdade nem sempre os encontro, fico sentada nos bancos do passeio Ahumada para observar os olhos das mulheres e imaginar como elas vivem e em que pensam e por que coisa se interessam e a que são indiferentes. É impressionante como escolhem sempre uma medida menor quando não acham o tamanho certo na liquidação, nunca maior, elas ficam todas apertadas na roupa e com as gordurinhas marcadas e quando veio a moda do umbigo de fora, lá iam todas meio peladas, pouco ligando se aquilo ficava bem ou mal, e eu ainda me esforço para praticar a tolerância.

Trabalho como secretária num grande magazine do centro da cidade onde fui me apresentar quando li no jornal que precisavam de vendedoras. Só que na entrevista falei com o supervisor sobre a minha timidez e minha dificuldade para lidar com clientes, mas também falei da minha boa ortografia — enorme qualidade na minha geração que não sabe escrever nem redigir e elimina os agás e os acentos, as vírgulas e os pontos de exclamação, interrogação ou as

reticências e usa os artigos inadequadamente, se é que se lembra de usá-los — e pedi uma oportunidade para fazer o serviço de secretária, o que surpreendeu o senhor em questão pois ninguém se apresenta numa oferta de trabalho para pedir um outro. Afinal, foi isso mesmo que pesou a meu favor e embora eu tivesse tido a dignidade de não lhe explicar como era premente ganhar o meu sustento e que a educação de um futuro cidadão dependia inteiramente das minhas capacidades, ele suspeitou da minha urgência e prometeu me chamar assim que aparecesse uma vaga para esse tipo de trabalho e foi assim que dois meses depois estava instalada no escritório do quarto andar com um computador na minha frente e isso foi há cinco anos, quando ainda não existia o Transantiago e a vida era bem mais confortável. Hoje tenho que tomar um ônibus toda manhã até o metrô e pegar a linha quatro — a azul —, fazer uma baldeação na estação Vicente Valdés para chegar na linha cinco até Baquedano e lá uma terceira troca, a linha um até a estação Universidad de Chile, mas não quero reclamar (muito menos com o desemprego nestes tempos de crise), eu me sinto uma privilegiada por ter um emprego e quando me apertam muito muito no metrô ofereço a Deus esse sofrimento de toda manhã e chego com um atraso mínimo e apago da cabeça o problema do transporte nesta cidade até o fim da tarde, quando volto a fazer o mesmo trajeto na hora de pico e a única coisa que me distrai é ficar pensando a que pecados — de quem, quero dizer — dedicarei essa viagem específica e vou variando segundo o que vi na televisão, podem ser os pecados dos chechênios ou dos iranianos ou o dos norte-americanos quando começaram a guerra no Iraque, e muitas vezes dedico a diferentes chilenos a quem a graça divina foi arrebatada e eu considero imperativo recuperar. Natasha se diverte com isso e às vezes me pergunta quando chego ao consultório a quem dediquei as desgraças do dia ou da semana e eu lhe conto com todos os detalhes.

Voltando ao meu trabalho, o pessoal que me rodeia é bastante agradável. Meu chefe é um mandão que vive dizendo frases estranhas enquanto passa entre as nossas mesas: “Dinheiro sobrará, vida faltará”, “Não se pré-ocupe, ocupe-se” e coisas assim, e nunca dá uma ordem e sim uma *sugestão*, nunca uma instrução e sim uma *indicação*, mas afinal manda à beça e olha feio se vê alguém perdendo tempo (desses olhares que apagam o outro do mapa), mas no final das contas é um gordo gente boa e eu, sem ser obsequente, cumpro as ordens e assim mantenho o meu trabalho e não me falta o sustento e me sinto uma vencedora todo fim de mês quando recebo o cheque.

Foi meu pai quem me ensinou a ler e a escrever bem porque ele era um professor primário com grandes qualidades pedagógicas e, embora tenhamos vivido modestamente, nos deixou de herança — além da casa paga — a cartilha e a

leitura de alguns livros (que apesar do pouco interesse que minha irmã e eu demonstrávamos a princípio, mais tarde soubemos apreciar), e quando ambas fizemos doze anos nos deu o dicionário da Real Academia Espanhola em dois tomos com capa dura que ainda guardo como um objeto sagrado junto com a Bíblia. Eu me propus a dedicar quinze minutos por dia a esse dicionário e como sou tenaz e disciplinada continuo fazendo isso até hoje (e assim evito que a palavra central do meu vocabulário seja *huevón* como é para três quartos deste país junto com os bordões exagerados) e isso também ajuda a não me sentir um pouquinho burra por ver tanta televisão seja qual for o programa porque chego de tarde muito cansada e quando entro em casa ligo a televisão e fica assim até de noite. Depois do jantar, quando meu irmão já foi para a cama, adoro ficar vendo os programas nacionais — não tenho cabo e não sinto falta porque eu me divirto mais com um *reality* chileno do que com um filme — e virei especialista em notícias do mundo artístico: sei tudinho, quem sai com quem, as brigas de uns com outros, os nomes das modelos, enfim, tudo, e assim relaxo, mas sempre *depois* dos quinze minutos de dicionário. Ontem por exemplo me ocupei da palavra-chave da minha vida. "*Insubstancial*: adj. De pouca ou nenhuma *substância*." Como fiquei na mesma tive que me remeter à palavra substância, e era tão comprida a definição que me obrigou a ampliar os quinze minutos e pensei que valia a pena decorar: "f. qualquer coisa com que outra se aumenta e nutre e sem a qual se acaba...". Pareciam palavras um pouco soltas e eu não soube como interpretá-las de um modo que minha falecida *mami*, coitadinha, gostasse.

Uma vez ouvi uma história que me agradou muito e me aferrei a ela pensando que de repente as histórias dos livros podem sair das páginas e se transformar em histórias de verdade. Esta transcorre num lugar do passado, pode ter sido na Índia ou coisa parecida, e segundo o costume do povo quando um casal contraía matrimônio o noivo devia mostrar a todo mundo o lençol ensanguentado depois da noite de núpcias, provando assim a virgindade da sua nova esposa. Sei que isso não é nenhuma novidade, já ouvimos essas coisas muitas vezes, mas o importante é que nesta história ela não era virgem, e quando ele se dá conta disso na mesma noite, ao ver que não saía sangue, não apenas *não* a rejeita nem a expõe como não faz nenhuma pergunta, pega uma faca que estava no prato de frutas ao lado da cama, faz um corte na própria mão e verte esse sangue — seu próprio sangue — no lençol para depois mostrar a todo o povoado. Gostei muito desta história e sempre me pergunto se entre todos os homens que trabalham comigo, ou os que ficam na esquina da praça perto de casa ouvindo música a todo volume e fumando maconha, haverá um — só um — com uma nobreza

como essa, se bem que hoje ninguém mais dá um tostão pela virgindade.

Até os oito anos fui muito feliz. A figura que mais contribuía para essa felicidade era o meu avô materno, que sempre morou conosco. Ele ficou viúvo bastante jovem, de modo que não conheci minha avó, dizem que era uma grande mulher, cujo coração um dia parou de palpitar sem nenhum aviso enquanto fazia um bolo para a festa de aniversário da minha *mami*, dizem que desde então minha mãe ficou um pouco azeda (pelo menos era o que achava meu pai). Voltando à minha avó, ela não era uma jogadora russa com vestidos de organdi nem dormia no chão ao lado da cama de um herói de guerra na Palestina, era uma simples mortal sem uma vida divertida para contar. Passou a vida cuidando dos filhos e do marido, nunca trabalhou fora de casa e ouvi que era uma "beata", como disse um dia o meu avô, um dia ele bateu com a língua nos dentes e soltou isso e aí entendi por que a minha *mami* tinha lembranças do vovô saindo sozinho de noite com os amigos quando ainda não era viúvo e a farra fazia parte da vida e ninguém achava que fosse muito grave porque nessa época os homens eram infiéis por princípio e no fundo, no fundo as mulheres agiam como cúmplices. Acho muito inadequado imaginar a vida sexual dos meus avós, mas obrigada a fazer isso acho que ela, como eu — e é por essa razão que trago à baila —, não gostava de sexo. Por isso o vovô ia buscar fora de casa, como todo homem que se preze. Parece que não era muito incomum, digo, as mulheres detestando sexo, na época não havia revistas que falassem do assunto nem psicólogos que o considerassem uma espécie de doença, ninguém se metia e se o sexo era um dever, você cumpria e pronto, mas de preferência o mínimo possível e tchau. Voltando ao meu avô, ele foi a luz da minha infância. Meus pais trabalhavam duro, como já contei, meu pai no colégio onde eu fazia o primário e minha *mami* na Prefeitura: ela foi funcionária municipal a vida toda e nunca faltou no trabalho, a Prefeitura era a sua vida e sempre se adaptou, primeiro aos milicos e mais tarde aos prefeitos eleitos, e se Deus não a tivesse levado para o seu Santo Reino teria se aposentado lá mesmo. Ela saía de manhã cedo e chegava depois das seis e as filhas, eu que era a mais velha e a irmã que me segue (que está casada), tinham que nos virar sozinhas e o vovô — que já estava aposentado nas Ferrovias do Estado — era a única pessoa que sempre estava em casa e é por isso que eu digo que foi a luz da minha infância porque quando eu chegava do colégio ele me ajudava a fazer os deveres e depois me levava para passear e me comprava sorvete e me apresentava aos seus amigos do bairro, todos desocupados como ele, e rezava comigo toda noite porque eu era seu xodó e ele se via em mim. Meu avô me ensinou a soltar pipa e a fazer barquinhos de papel e a pintar com pincel quando meus irmãos só usavam lápis de cor e sabia contar

histórias engraçadas e compridas e de noite era ele quem me fazia dormir e não minha *mami* e eu o preferia porque contava histórias melhores e tinha mais paciência e o meu pai nunca se incomodou de viver com o sogro, ao contrário, acho que gostava porque os dois se davam bem e adoravam jogar cartas e falar de futebol e tomar cerveja e tinham os mesmos gostos para comer e sempre que minha mãe fazia morcela ou um guisado de pé de porco eles lhe agradeciam muito.

Mesmo não trabalhando mais, todo dia meu avô se levantava cedo e esperava a vez de ir ao banheiro porque era o único que não tinha pressa e passava talco feito criança e vestia um velho terno cinza com gravata do seu tempo de funcionário da estrada de ferro, uma camisa branca que trocava de três em três dias, e aos domingos usava o terno azul para ir à missa (só usava esse terno para a missa e os casamentos e enterros e batizados), o que me faz perguntar quando ou desde quando sumiram os trajes domingueiros, agora foram trocados por agasalhos esportivos, por jeans ou simplesmente por shorts, que ficam mal em gente de pernas curtas e panturrilhas rechonchudas; na missa não se vê mais ninguém de terno e os agasalhos são horríveis, nenhum homem fica bem de agasalho fora o Pellegrini. Voltando à minha infância, não sei para que o meu avô botava gravata nem o que fazia de manhã porque eu estava no colégio e não o via, mas todo dia ele almoçava conosco, esquentava a comida que a minha *mami* preparava na noite anterior e depois ia fazer uma sesta (não passava sem a sua sesta). Eu me encostava nele para me sentir quentinha e querida.

Embora nossa casa fosse bem pequena, era o orgulho dos meus pais porque era própria, comprada com um plano para professores, e a prestação era a conta mais sagrada das que se pagavam todos os meses, podíamos ficar devendo qualquer coisa (a luz, o gás, a água ou o armazém), mas nunca a prestação e desde pequenininha eu aprendi a valorizar o esforço que havia por trás da *casa própria*, principalmente se tinha dois quartos. Era perfeito até que o meu irmão nasceu, uma espécie de distração dos meus pais, imagino que ele não foi planejado porque nasceu doze anos depois de mim e onze depois da minha irmã, ou seja, a vida estava já organizada e de repente, zás, chega outro membro da família e não existia lugar para ele e então ele dormiu muito tempo na mesma cama que o meu avô porque não havia onde colocar mais uma cama e a sala era muito pequena para um sofá-cama e minha *mami* preferia morrer antes de cometer — palavras suas — a falta de respeito de deixar o pai dela sem quarto. O segundo quarto era o de casal, até que meu pai cansou de dormir junto conosco e nos transferiu para o quarto do vovô. Ele numa cama e minha irmã e eu na outra, mas hoje em dia, olhando para trás, acho que dava no mesmo onde se dormisse porque as paredes

pareciam de papel e se ouvia tudo e cada ronco do meu pai se ouvia da minha cama e imagino que o casamento deles funcionou porque minha irmã e eu tínhamos um sono pesado como duas meninas saudáveis que éramos. Dormíamos feito pedras ou, para usar a expressão da minha *mami*, dormíamos o sono dos justos.

O objeto mais importante da casa era a cristaleira que havia na sala (minha *mami* se olhava nela) e Natasha ri toda vez que a menciono e descrevo em detalhes a cristaleira cheia de figurinhas: anjos, gatos, pastoras ou palhaços de louça ou cerâmica pintada. Hoje me pergunto, toda vez que as limpo, o significado dessa proliferação de objetos desnecessários e que função eles cumpriam, e desconfio que serviam para esconder a nossa própria insignificância e acho que um dia desses vou jogar todos no chão e quebrar um por um porque quando fico tonta essas figuras me vêm à cabeça, não sei por quê. Também, claro, numa família tão piedosa, predominava a imaginária religiosa. Havia de tudo: crucifixos, imagens da Virgem Santíssima, quadros de vários santos, alguns de latão em relevo, na entrada da casa quem recebia era o Sagrado Coração, Jesus com o coração sangrando em frangalhos, nunca entendi muito bem a função dessa imagem, exceto lembrar várias vezes por dia como Ele sofreu por nós. Havia duas mesinhas — uma de cada lado do único sofá da sala — cheias de pequenas estátuas ou *esculturas*, como a minha *mami* preferia chamá-las: por exemplo, Cristo na cruz no momento da Sua morte, outra dando a bênção no monte das Oliveiras: o monte era uma pequena colina de gesso que uma vez descascou e a minha *mami* ficou chateada, então peguei a tinta que usava no colégio e pintei as partes descascadas de verde e marrom e nem deu para notar, e a partir desse dia toda vez que ouço falar de Israel penso no marrom e no verde do monte das Oliveiras. Eu gostava mais das virgens porque eram tão diferentes entre si e você pensava, afinal de contas era a mesma pessoa, como podia haver tantas virgens diferentes, a do Carmo, a de Lourdes, a de Fátima, a de Luján, todas as virgens nos olhavam em nossa vida cotidiana e eu pensava que vivíamos sob a proteção delas e nada de mau podia nos acontecer. A única coisa que eu não gostava dessa proliferação de figuras sagradas era limpar. Quando chegava a minha vez eu me esforçava — limpe com amor, filhinha, com amor, entende?, dizia a minha *mami* —, aprendi a usar um pano úmido passando-o em cada dobra das túnicas da Virgem e dos dedos de Jesus para que não ficasse nenhuma sujeira no meio e isso era difícil porque Santiago é uma cidade poeirenta, tudo fica cheio de poeira, sei lá por quê, e eu me pergunto como serão as outras cidades, as que não têm poeira e onde não é necessário viver com o pano na mão.

Até os oito anos, minha irmã — a Alicia — e eu tínhamos os mesmos horários de aulas. Íamos e voltávamos juntas do colégio e como era logo na esquina nos acostumamos desde pequenas a ir andando uma ao lado da outra na ida e na volta. Nesse ano aconteceu alguma coisa e decidiram acrescentar um módulo ao curso da minha irmã e ela passou a chegar em casa mais tarde que eu. Então eu voltava antes da Alicia e o vovô me esperava e me dizia que eu era todinha dele e que tínhamos muito tempo para fazer coisas antes da Alicia chegar.

Fiz oito anos. Esse dia ficou na minha pobre cabeça como uma das últimas lembranças brilhantes, muito brilhantes, como só as lembranças da infância podem ser, porque as nuvens não se veem nem se intuem, o que está aí é o que é e tudo era límpido nesse primeiro de março, séculos e séculos atrás, e quando voltei do colégio vi o bolo na mesa e as laranjinhas com geleia vermelha e as biscoitos wafer e os pãezinhos com ovo e minhas tias e meus primos. Nem sei por que me fizeram tanta festa, mas a comemoração (mesmo caindo num dia de semana) foi apoteótica e até hoje me lembro de todos os presentes que ganhei. O melhor e mais importante foi o do meu avô, que não sei de onde tirou o dinheiro, mas me deu a casa da Barbie, o sonho máximo naquele tempo!: uma casa de plástico rosa com quartos e camas, tudo para a Barbie, que era — nem preciso dizer — meu brinquedo preferido. (Ainda as tenho e agora, que disponho de uma cama larga só para mim, as coloco na cabeceira mesmo que toda noite tenha que tirar e voltar a arrumar de manhã.) Minha *mami* me disse que agradecesse a Deus por tanta bondade e que rezasse uma ave-maria antes de abrir. Os adultos ficaram tomando cerveja e ponche, porque sempre se servia vinho tinto com pêssego nos aniversários e também *navegado*, que é vinho quente com casca de laranja e canela. Enquanto as crianças brincavam com a casa da Barbie, meu pai e meu avô beberam um pouco e quando todo mundo já tinha ido embora eles continuaram no espírito da festa, bebendo e brincando, e a minha *mami* fez aquela cara de censura que conhecíamos tão bem. Os dois foram se deitar tarde e a Alicia e eu estávamos dormindo quando o vovô entrou no quarto e me acordou, só a mim, venha cá, aniversariante, disse e me tirou da cama para ir dormir com ele, como fazíamos todo dia na hora da sesta, mas agora de noite. Queria continuar comemorando.

Era rosa e dura, a casa da Barbie.

Deus dispôs tantas coisas incompreensíveis para mim. Não é que eu me queixe, mas às vezes me pergunto por que pesou os dados para o lado desta pobre alma leve e modesta que tantas vezes ficou andando em círculos, como uma palavra que perdeu as letras, e sei por que não pesou os dados em cima da Alicia, claro que sei, porque fui eu que a protegi. Ela só era um ano mais nova, mas em algum

lugar da minha cabecinha decidi que a única pessoa que podia cuidar dela era eu e Deus não me castigou por soberbia porque hoje a Alicia é feliz e se casou como todo mundo e tem dois filhos e é normal, com a morte dos meus pais ela perdeu essa coisa antiquada que todos nós tínhamos e começou a ser ela mesma e hoje continua católica e amando a Deus e cumprindo todos os Seus mandamentos, o que me faz pensar que não é obrigatório ser tão escrupulosa como a minha *mami* para que Deus ame a gente. Sempre senti que Deus não se aproximava de mim como fazia com o resto das pessoas ou pelo menos com o resto dos membros da minha família e isso me levava a perguntar pelo motivo e o motivo me trazia de volta a mim mesma: havia qualquer coisa suja em mim que horrorizava Deus e por mais que Ele estivesse acostumado com os horrores aqui na terra, tomava certa distância, nem curiosidade Ele devia sentir por mim. Às vezes pensava que quem cuidava do meu caso lá no céu tinha entrado em greve e deixado o caso para trás.

No colégio riam um pouco de mim, não era uma gozação ofensiva, mas minhas colegas não entendiam que eu não saísse com garotos como elas faziam, algumas eram bastante, bastante atiradas e até grávidas adolescentes surgiram na minha turma e elas falavam de beijo de língua quando ainda éramos bem pequenas e eu dizia: Deus castiga, e elas morriam de rir, como se o temor a Deus fosse uma coisa muito, muito passada de moda que nem de brincadeira tivesse a ver com elas. Nunca tive amigas íntimas, talvez na primeira infância, nunca mais, porque até hoje não vejo sentido nisso, acredito firmemente no pudor e no recato e me pergunto por que tem gente que precisa se mostrar nua para os outros quando a única verdade é que cada ser humano é uma pequena ilha. Ainda que construa pontes e mais pontes, sempre será uma ilha e o resto é tudo mentira.

Então fiz oito anos e de noite comecei a me enrolar como um novelo e de repente minhas mãos passaram a ser dois seres vivos independentes de mim que se apertavam entre si o tempo todo e se esfregavam e nunca descansavam e ficavam cheias de manchas vermelhas, ásperas e feias, e doíam. Minha vida começou a mudar e pensei que era aquilo que Deus pedia de mim e que meu principal dever era fazer o vovô feliz, eu devia tanto a ele que faria o que me pedisse. Mas um dia resolvi me queixar com a minha *mami*. Ela me olhou com um rosto amargo e todo o seu comentário foi: que edificante!, com uma expressão nos olhos que hoje lembro como severa e avara, entrecerrando as pálpebras como se um cisco tivesse entrado nelas, como se quisesse evitar a poeira ou a luz, era a marca da raiva, de tanta raiva acumulada. Mas fazer o quê, a família é sagrada porque é a nossa identidade. Mesmo que seja uma prisão, é

sempre a nossa identidade. Quando vou andando até o ponto de ônibus de manhã, vejo no chão placas e placas de cimento rachado e monótono, sempre igual à medida que meus pés avançam pela calçada e me vem à mente o olhar da minha *mami* e o cimento rachado é igual aos seus olhos e penso que se eu tivesse outros olhos talvez os meus passos até o ônibus de toda manhã fossem diferentes. Além desse olhar, ela tinha um corpo minúsculo como o meu, era descarnada como se nunca tivesse florescido, seca e descarnada, com os membros sempre um pouco apertados e virados para dentro. O vovô lhe dizia: ratinha, só ratinhas na família. Muito edificante..., muito edificante, dizia minha *mami* ciscando em volta de mim feito uma galinha, ela passou a semana inteira dizendo isto, exatamente isso, toda vez que eu passava perto dela. Para que pronunciar palavras, então. Senti que minha voz tinha ficado esquecida em algum buraco escuro. A minha mãe adoecia cada vez que não gostava de alguma coisa, adoecia de verdade e com sintomas visíveis, suas doenças podiam ser vistas, tinha uma gripe ou uma diarreia aguda ou uma febre alta. Se nós a irritávamos e aparecia a tal febre, a culpa era nossa e as tias vinham nos dizer isso e Alicia e eu ficávamos apavoradas. A Alicia se atreveu a começar a namorar quando tinha uns doze anos e minha mãe quase morreu, como se fosse ela quem estivesse cometendo o pecado e não a filha, e teve uma alergia, tão feia, tão feia que perdeu uma manhã de trabalho para ir ao posto de saúde (ela que jamais deixava de trabalhar) e a Alicia não teve outro jeito senão se desfazer do namorado para que a alergia passasse e então a paz voltou e todo mundo se sentiu santificado porque a menina tinha tomado juízo e o vovô me fez rezar o dobro de noite ou na hora da sesta, porque às vezes me mandava rezar antes de se encostar em mim para dormir.

Guardo na memória um momento longo, muito longo na minha vida em que só me lembro do corpo: o meu corpo, o da minha *mami*, o da Alicia, o do vovô. Só corpos, porque a mente se nega a entrar nas lembranças da alma, é traiçoeira como um gato, faz das suas e brinca comigo e bloqueia a memória como bem entende. Os agressores se colocam no mesmo nível das vítimas. Tudo fica complicado e difícil de lembrar, só imagens curtas e fugidias. Fico fixada nas que tenho, ainda que sejam poucas, e são poucas porque é difícil distinguir com clareza o mundo cotidiano e normal, ao passo que é tão fácil recordar o estranho. Estou convencida de que o que mais enceguece é o mais familiar e foi por isso que perambulei sem ver pelos dias e meses e anos, você pode ficar presa na cegueira por muito tempo porque o mais familiar acaba não sendo visto.

Trabalhei muito com Natasha nas lembranças desse tempo e o que consegui lembrar foi graças a ela porque quando comecei a terapia tinha um buraco negro

na cabeça. À medida que o tempo passava, aos nove, dez anos, toda vez que lavava a cabeça ficava com mechas na mão (até os oito usava o cabelo bem curtinho e com uns cachos muito bonitos) e de repente meu cabelo começou a ficar liso, cada vez mais liso, e tão fino que quase raleava. Quando olhava o aparador da sala — em frente à vitrine que já mencionei —, pesado e estático, pensava como era resignado aquele móvel e sentia que o móvel e eu éramos a mesma coisa embora ele tivesse mais peso que eu.

Na antiga China (e sei disso porque um dia decidi assistir a uma conferência gratuita a dois passos do meu trabalho e pensei: Ana Rosa, você é um pouco burra, por que não faz alguma coisa para cultivar a sua mente?, e então comecei a aproveitar que trabalhava no centro para me beneficiar um pouco desse setor da cidade porque em La Florida não se fala da antiga China, só se fala do shopping Plaza Vespucio e de como está caro o café no Starbucks ou da última liquidação na Zara), como estava dizendo, na antiga China a ideia popular sobre o corpo humano era de que este é formado por dois elementos diferentes, elementos ou almas. Um deles — chamado *po* — é viscoso e material; e o outro — *hun* —, vaporoso e etéreo, e se acreditava que a confluência dos dois produz a vida e que a morte chega quando ambos os elementos ou almas se afastam. Aparentemente o *hun* — por ser mais leve, suponho — gosta de separar-se do corpo e geralmente faz isso quando a gente está dormindo e é assim que se formam os sonhos, segundo a crença. No momento final, esse elemento ou alma é o primeiro a partir, e é por esta razão que quando alguém começa a morrer, seu filho tem que subir ao terraço ou telhado da casa para chamar as almas *hun* e pedir que elas voltem e a morte real só chega se essa tentativa fracassar. Quando eu soube disso, pensei muito nesse pobre filho correndo pelo alto das casas para chamar as almas etéreas e imaginava como devia sentir-se por não conseguir e se ele se culpava pela morte por não ter trazido o *hun* de volta, e se fosse o caso como se odiaria, e se pensava que ia ser castigado por sua inutilidade para salvar o pai e se o coitado deveria viver com aquilo para sempre. Tudo isto eu pensava quando imaginava o filho perseguindo almas.

Foi no mês de julho, uma sexta-feira na metade do mês de um inverno especialmente frio, quando eu tinha quinze anos. A partir de então me afeiçoei aos invernos porque sinto que são de verdade, não como o verão, que passa voando e parece divertido e charmoso, mas não é, porque o sol está sempre com pressa e deixa todo mundo na vontade. O inverno não pretende consolar ninguém, mas, afinal de contas, sinto que consola porque você se enrola em si mesma como um novelo e se protege e observa e reflete e acho que só nessa estação é que se pode pensar de verdade, e nesse inverno dos meus quinze anos

tantas coisas acabaram para mim.

Meus pais não gostavam muito de movimento e lá em casa ninguém ia nem à esquina, a família não era muito viajante, tanto que eu nunca cruzei a fronteira, quase não conheço as cidades do nosso próprio país e qualquer ponto do mapa para mim é um assombro. Depois de muito alvoroço e preparativos, meus pais decidiram viajar para visitar em Linares uma tia que era madrinha do meu pai e ele não via fazia anos. Iam passar o fim de semana lá (o que foi toda uma organização entre eles e vovô para cuidar da casa e fazer a comida) e me deixaram sair na sexta-feira para que no sábado e no domingo ficasse cuidando do meu irmão pequeno que era quase um bebê e foi por isso que eu estava na casa de uma amiga na sexta à tarde com a televisão ligada e logo antes das notícias disse à minha amiga: vai chover, e de repente entrou um flash e mostraram um acidente na estrada e um ônibus que virou porque o motorista adormeceu e eu continuei jogando damas com minha amiga porque nada de terrível que acontecesse na televisão podia ter a ver comigo e quando cinco minutos depois ouvi que o ônibus se dirigia a Linares, me deu um negócio parecido com uma cócega no meu estômago que depois se transformou em algo frio como se tivesse sido injetado (foi assim que entrou esse gelo no meu sangue) e, sem dizer nada, abri a porta da casa da minha amiga e saí correndo e corri e corri no frio até a minha casa e me lembro do céu nublado e turvo que parecia anunciar uma tempestade e eu sem respirar, gelada e derrotada, com um medo em cima da cabeça do tamanho de uma casa até que cheguei. Meus pais sobreviveram por algumas horas, morreram no hospital de Linares — a cidade mais próxima do acidente — e hoje imagino o *po* da antiga China feliz com os seus elementos viscosos e materiais no meio do caos e do sangue e eu não estava lá para gritar ao *hun* que voltasse, não pude subir num telhado para chamar as almas penadas que os abandonaram logo de primeira, não pude persegui-las nem obrigá-las a voltar, não pude ajudar meus pais e senti que não era Deus quem me vencia e sim algo que não consegui parar a tempo. E, ainda por cima, fiquei sabendo pelo noticiário (como nunca se deve tomar conhecimento de uma tragédia pessoal, muito menos quando se tem quinze anos e se é dependente e pequena e pouco preparada).

Já fiz trinta e um, vivi mais da metade da minha vida como órfã, mas aquele momento em que eu corria da casa da minha amiga para a minha casa, o céu nublado e o tabuleiro de damas e o som da televisão me perseguem como se tivessem medo de que eu esqueça. Como se a matéria viscosa da carne podre pudesse esquecer, porque foi essa a imagem que apareceu na imprensa no dia seguinte: a fotografia dos corpos amontoados com seu sangue e suas tripas confundidas. Este país gosta de acidentes, é incrível a quantidade de minutos que

dedicam a eles no noticiário: aparece o locutor e fala que fala, acidente atrás de acidente, de preferência com muitos detalhes escabrosos e parentes chorando, mas dessa vez era a *minha* família e morreram assim e Deus os levou juntos — pelo menos isso — porque eu me perguntei mil vezes como teriam suportado a vida um sem o outro.

Eu me sentia culpada pelas suas mortes.

Quando chegou a noite, no dia do enterro, esqueci todo o vocabulário e fiquei fixada numa palavra: morre.

Morre, morre, morre.

Até que, aturdida como estava, me veio o temor de que a minha pobre mãe — que em paz descanse — se revirasse no túmulo por culpa desta filha mais velha que preferia sumir e se esquivar das responsabilidades que a esperavam. Para falar a verdade, não eram muitas enquanto o vovô viveu, foi ele quem tomou conta de tudo, a casa já estava paga e com a aposentadoria dele e umas pequenas economias dos meus pais e o dinheiro que a companhia de ônibus nos deu pelo acidente e os pequenos trabalhos que a Alicia e eu fazíamos, dava para o gasto. Eu continuei por muito tempo num estado permanente de aturdimento, na frente e atrás de mim flutuava uma nuvem de aturdimento e não sei outra maneira de descrever e pensei que era justo viver assim porque as dores têm direito de impedir que a gente se esqueça delas.

Depois da morte dos meus pais tudo se cobriu de morte, absolutamente tudo. Eu era nova demais para entrar nessa viagem e driblava as grandes perguntas e também evitava enfrentar a consciência do fim e acho que a morte resolveu se instalar ao meu lado como ameaça, sem me tocar, mas mesmo assim me invadia e então eu corria durante a noite para a cama do meu irmão pequeno para ver se ele estava respirando ou, se a Alicia se atrasava, ficava ao lado do telefone esperando a ligação fatal e se uma amiga dizia que ia chegar às seis e não era pontual, eu decidia que tinha sido atropelada na rua e até o pobre cachorro — um vira-lata que nós tínhamos adotado — sofreu as minhas obsessões e ficava trancado a chave no pátio para que não saísse e lhe acontecesse alguma coisa.

Eu fazia essas coisas em vez de chorar o acidente.

A partir da morte dos meus pais, deixei de ser o xodó do vovô. Ele se concentrou em dar apoio ao meu irmão pequeno, sentindo que o Senhor lhe encomendava a tarefa de fazer dele um homem, o que facilitou a vida para nós, que já tínhamos problemas suficientes. Acabaram as sestas e os quartos foram redistribuídos, passando a Alicia e eu a dormir na cama grande dos meus pais, e o vovô ficou no seu quarto com o menino, cada um numa cama (os homens lá, as mulheres cá). Assim passaram os anos e apesar de todos nós tentarmos levar uma vida comum,

eu já estava destruída. Vivi muitos anos no lado errado do silêncio porque me calei e porque não podia fazer outra coisa.

Vovô morreu quando a Alicia e eu tínhamos terminado o colégio e eu estava cursando o terceiro ano no instituto. Ele teve câncer no estômago e foi uma doença bastante curta porque detectaram quando já não havia mais jeito e eu decidi cuidar dele. Estava velho e acabado e vencido, dava essa impressão, e tentei com toda a dedicação tornar seus últimos dias mais amáveis e não saí do seu lado até o final.

No leito de morte lhe fiz uma pergunta, a única que me atrevi a fazer:

Por que minha mãe não me protegeu?

Porque eu fiz a mesma coisa com ela, foi a sua resposta.

Quando terminei o colégio e estava no instituto, decidi me fazer as perguntas que todas as mulheres certamente fazem a si mesmas: sobre o casamento, sobre os filhos, sobre o futuro. Embora eu não dissesse a ninguém — e Deus me dê a graça de perdoar-me —, não gostava de crianças, sentia uma coisa com elas (não muito santa) que constatei com os filhos da minha irmã nas milhares de vezes em que tomei conta deles: eu era tomada por uma estranha e secreta tentação de tratá-los mal, de me aproveitar da sua inferioridade física e da minha autoridade sobre eles e gostava da fragilidade e tinha vontade de me vingar. À medida que foram crescendo, tive a certeza de que eu não seria uma boa mãe e podendo evitar seria melhor não ter filhos, mas como para ter filhos é preciso haver um pai — e nesse campo eu era uma perfeita nulidade —, não parecia ser um problema muito urgente. Enquanto estudava Publicidade fiquei amiga do Toño, um colega de curso que era tão tímido e acanhado como eu, ele ainda tinha espinhas na cara e um cabelo preto um pouco levantado e uns olhos castanhos bastante pequenos. Com menos de sessenta quilos e pinta de camundongo — camundongo e ratinha, feitos um para o outro —, o coitado não ameaçava ninguém e se comportava como se soubesse disso. Pobre Toño, era tão boa pessoa, tão educado e tão gentil comigo. Afinal, inventei a história de que podíamos ser um bom casal porque ele não me dava medo nem eu a ele e era evidente que as mulheres o deixavam apavorado, quem sabe que experiência teve com a mãe ou com a família — nunca me disse —, mas a coisa é que nos dávamos bem e estudávamos na minha casa ou na dele e conversávamos sobre bobagens e nos divertíamos. Um dia, na saída do cinema, estávamos andando por uma rua escura e de repente, zás!, acho que o Toño se sentiu obrigado a dar uma de machão — independentemente da vontade que tivesse — e me empurrou contra uma parede e meteu a mão debaixo da minha blusa, tudo isso sem que nunca tivéssemos dado um beijo e eu me assustei, me assustei e pedi que

fôssemos pouco a pouco e o coitado transpirava e se sentiu estúpido por causa das piruetas que tentava fazer e a partir daí continuamos devagar e sempre, experimentando. Não diria que foi uma experiência bem-sucedida (apenas satisfatória), mas nos esforçamos e eu fiquei com a consciência tranquila de ter tentado, pelo menos, de não ter tomado decisões sem entrar no campo de batalha, porque vocês podem imaginar que o único resultado possível foi negativo e a partir de então posso dizer: o sexo não me interessa, não gosto de homens, e mesmo que só dissesse isto para o meu travesseiro, *eu disse*, e com isso fiquei mais tranquila.

Pois bem, se eu houvesse decidido que gostava de homens e tivesse a intenção de casar, minha situação seria, na prática, a mesma. Se ter um homem é ter um prestígio, um acessório pendurado na gente, um casaco de tecido fino que cai elegante pelo ombro, tanto faz se agasalha, eu prefiro passar frio. Você é vista com menosprezo por ser sozinha. A grande pergunta é: onde estão os homens? Eu não os vejo. Pessoas como eu formam um verdadeiro exército: mulheres nos trinta que estão sozinhas, que se levantam de uma cama por conta própria e dormem nessa mesma cama sem fazer uma dobra no lençol. Mulheres que — apesar de trabalharem e saírem para o mundo toda manhã — não têm onde conhecer homens, ninguém sabe onde se escondem esses homens possíveis, porque os colegas de escritório são casados ou vivem com alguém e quando se envolvem com a gente — falo o que escuto das minhas colegas de trabalho —, é só para uma aventura de uma noite ou, no máximo, duas, e depois ficam todos culpados e chateados por terem bebido demais e se envolvido numa história passageira com uma pessoa que são obrigados a ver todo dia. Ninguém tem onde conhecer ninguém e o tempo passa e você vai adquirindo um ar de ansiosa ou de provável solteirona, o que faz com que os possíveis pretendentes se assustem e esses pretendentes — muito raros — não são um modelo de imaginação nem de originalidade, os que são assim não se metem com funcionárias de magazine nem com modestas escriturárias. As mulheres do meu tipo não vão muito longe porque nada é de graça, para se chegar a algum lugar é preciso pagar o ingresso e esse ingresso pode ser o seu nome ou a sua pinta ou a sua conta bancária ou o seu ofício, algum ingresso você tem que ter na mão e eu não tenho nenhum. Os fins de semana desse exército de mulheres a que eu pertenço são quase sempre chatos e afinal elas acabam gostando de trabalhar porque pelo menos no trabalho estão rodeadas de gente e de tarefas e esquecem como a sua solidão é profunda. Dizem que há mais deprimidos neste país que em qualquer outro — as estatísticas não mentem — e as mulheres da minha idade e da minha condição engordam essa estatística e isso é triste porque é bem nesse período intermediário que se supõe que estão forjando o futuro e construindo famílias,

mas acontece que o futuro escapa das suas mãos. É por isso que, apesar de tudo, dou graças ao Senhor por não ser mais uma delas e ter optado por ficar solteira. Assim me magoam menos.

Fiquei muito impressionada com uma história que li no jornal sobre uma mulher que matou o marido em defesa da filha: ninguém matou por mim, longe disso, como me dói que ninguém tenha me protegido. Eu queria conhecer essa mulher da notícia e encostar a cabeça no seu ombro para que ela me abraçasse.

Acho mais saudável não me casar nem ter filhos, prefiro isso a ir por esse caminho e meter os pés pelas mãos e machucar todo mundo. Fiz um esforço enorme para me aproximar do lado bom da vida e imaginar a mim mesma como um lugarzinho ensolarado onde ninguém tem nada a temer e gasto muita energia vencendo diariamente as partes escuras da minha alma que bem sabe Deus que tenho e temo e detesto porque tento ser esse raio de luz e às vezes aparecem forças subterrâneas obstinadas em me levar para as trevas. Talvez minha inclinação mais profunda seja tornar-me uma cobra e eu não saiba disso e um dia ela vai se revelar. Sinto que eu vivo como que esperando, como se não fosse dona do que sou, e que um dia vou acordar transformada nessa cobra e sair pelo mundo soltando veneno como um réptil desalmado e demolidor e assim toda a compostura dos meus trinta e um anos irá pelo ralo para me confirmar que as orações não foram suficientes e que o abuso de que fui vítima me entortou para sempre. E esse seria o maior golpe que a vida poderia me dar.

Só sei de uma coisa, que tudo o que me aconteceu e acontecerá é culpa minha.

Natasha

Gostei muito de vê-las conversando no jardim, tão animadas, como se elas se conhecessem a vida toda. Pensei em Ana Karenina, que todas as mulheres felizes se parecem, enquanto as infelizes o são cada uma do seu jeito.

Natasha está descansando. Mais tarde virá se despedir de vocês.

Não sei qual foi a intenção dela ao chamá-las hoje. Ela nunca me avisa o que vai fazer, portanto não posso adiantar nada. Queria reunir todas vocês para se despedir? Talvez. Para que umas contassem com as outras caso ela faltasse? É provável. Ou talvez só desejava que vocês pusessem os seus problemas em palavras e, ao fazê-lo, vissem como avançaram, o quanto estão curadas. Em suma: para escutar a ferida da outra. Mas tudo isso é a minha hipótese. Eu sou apenas a assistente, tudo o que aprendi sobre a natureza humana foi conversando com ela, observando-a. Estou ao seu lado há tantos, tantos anos que conheço de cor cada um dos seus gestos, as ondulações da sua voz, o movimento das suas mãos. Mas não tenho a sua sabedoria, tampouco sua preparação. Eu não estudei. Só frequentei alguns anos da Faculdade de Letras e a única coisa que me motivou na vida foi a literatura — a leitura, para ser exata. Vocês sabem, há pessoas que não nasceram para ser protagonistas e sim para conviver com quem é, e este vem a ser meu caso. Como leitora, você nunca é protagonista de nada, só testemunha qualificada, e é nisso que consiste o meu trabalho com Natasha.

Há poucos dias encontrei, no meio dos papéis dela, o discurso que o arquiteto Renzo Piano fez quando recebeu o prêmio Pritzker. Natasha tinha sublinhado a seguinte frase: “... e assim continuamos remando contra a correnteza empurrados sem trégua para o passado. É uma imagem maravilhosa, que representa a condição humana. O passado é um refúgio seguro, uma tentação constante e, no entanto, o futuro é o único lugar aonde podemos ir”.

Foi então que comecei a compreender o convite que ela fez hoje a vocês.

Todos esses anos ao lado dela no Chile foram um verdadeiro presente. Quando, em Buenos Aires, ela me sugeriu que viesse, não hesitei. Eu não tinha nada nem ninguém que me prendesse, e pouco a pouco ela foi se transformando na minha família. As diferentes guerras tinham deixado a nossa gente sem país, sem âncora, sem pertença. Judeus errantes. Fiéis a esse padrão, cruzamos a cordilheira.

Acho que vocês todas gostariam de ouvir a história de Natasha. Ela, como

terapeuta, carece do despudor necessário para isso, mas me autorizou a contá-la.

Natasha nasceu em 1940, em Minsk, Bielorrússia, que nessa época era território russo depois de ter sido polonês, lituano, francês, alemão e de ser ocupado inúmeras vezes. Para as chilenas deve ser difícil entender a vida infeliz desses países, vocês se habituaram a uma história de enraizamento; nós, de desenraizamento. O país de vocês tem o mesmo nome há quinhentos anos. Primeiro dependiam da Espanha, depois viraram república, não conhecem invasores nem ocupações. Uma história territorialmente bem arrumada. Nós, na Europa Central, fomos mandados de lá para cá, as fronteiras sempre mudando, e refazendo a vida depois de cada guerra e de cada tratado. O homem que foi meu marido, por exemplo, nasceu na Galitzia, terra de Joseph Roth. Essa era a sua origem, mas ele não sabia dizer se era polonês, austríaco, ucraniano ou alguma coisa diferente.

Mas voltemos a Minsk.

Foi um momento péssimo para nascer, é o que sempre diz Natasha. Ela tinha acabado de fazer um ano quando a Alemanha nazista invadiu o país. A cidade foi brutalmente bombardeada, não ficou nada em pé, não dá para entender como não morreram todos os habitantes. Alguns dizem que foi nesse preciso momento e lugar que começou o extermínio dos judeus. Rudy, o pai de Natasha, gostava de nos contar como viram chegar a Minsk uns comandos especiais de civis, advogados, funcionários do fisco, sacerdotes, que marchavam junto com o exército alemão e cuja única tarefa era matar judeus. Os primeiros massacres vêm de então. Iam de casa em casa no meio da noite tirando as pessoas da cama. Homens, mulheres, crianças, velhos: reuniam todos em um certo local, levavam para os bosques e executavam. Depois voltavam para enterrar os corpos, tentando apagar os rastros.

Poucos dias depois da invasão, os alemães cercaram uma determinada parte da cidade, trinta e quatro ruas, frisava Rudy, só trinta e quatro, retiraram os moradores e mandaram para lá todos os judeus. Não havia mais que um metro e meio quadrado por pessoa; para as crianças, nenhum. Chegaram a conviver no gueto cem mil seres humanos, trazidos de diversos pontos do Reich. Mas Rudy e sua família, como os gatos, tinham sete vidas. Meus ossos não estavam prontos para as cinzas, contava ele, e sua sobrevivência é uma história de amor. Sim, às vezes o amor salva a vida.

Rudy vinha de uma família bastante modesta — nem todos os judeus eram ricos!, gostava de lembrar —, filho de um carpinteiro de quem herdou a habilidade artesanal e a oficina. Embora tenha recebido da família uma educação religiosa e estudado o Talmud e os textos sagrados durante a adolescência, chegou à idade adulta sendo, no fundo, um descrente. Isso fez com que o olhar

de Natasha diante da vida fosse como o de Rudy, mais aberto e laico que o de seus parentes e vizinhos. Não foi a religião que o ligou ao seu povo. Por isso, não é nada estranho que seu grande amor tenha sido uma gói.

Marlene, filha de um aristocrata da região — arruinado porque a Bielorrússia já era parte da União Soviética, mas ainda assim aristocrata —, lhe encomendou os móveis para a sua futura casa. Faltavam alguns meses para ela contrair matrimônio com um senhor do lugar, um empresário têxtil também membro da classe decadente. Tudo isso aconteceu antes que a mãe de Natasha entrasse em cena, mas conto os detalhes pela importância que teve na sua vida mais adiante. Rudy e essa mulher foram fulminados por um amor louco, intenso e, claro, proibido. O pai da moça, fiel ao seu espírito oligarca, se opôs rotundamente a esse amor, ante seus olhos não havia salvação alguma para Rudy: era pobre, inculto e, sobretudo, judeu. Marlene quis escapar do compromisso com o noivo em questão para fugir com Rudy, mas ao ver que estava grávida — de Rudy, claro — e que o seu romance não tinha futuro se casou com o aristocrata e fez o bebê passar por sua filha, o que não significou que tivesse desistido de Rudy. Ele apoiou a namorada em todos os seus passos e inventava as formas mais inverossímeis para ver, mesmo que de longe, a sua filha clandestina. Chegou até a virar vendedor porta a porta de pequenos móveis para passar pela rua onde ela morava.

Mais tarde conheceu uma mulher humilde, a mãe de Natasha, e resolveu casar com ela. Foi uma decisão mais racional que amorosa. Quando Natasha nasceu, sua irmã estava com cinco anos.

Dois dias depois da invasão alemã, uma charrete chegou à porta da casa dos pais de Natasha, e dela desceu Marlene. Aquela mulher era uma desconhecida para a mãe de Natasha, mas não houve tempo para maiores explicações. Com a sagacidade de quem não é perseguido, Marlene entendera que o destino de Rudy estava seriamente ameaçado e decidiu salvá-lo, o que implicava salvar também a sua família. Levou-os para o campo, para um sítio do seu pai que os soviéticos ainda não lhe haviam arrebatado. Despediu o caseiro assim que chegaram e instalou Rudy no lugar dele. O mais surpreendente foi a celeridade com que agiu: cinco dias depois da invasão, os judeus não tinham mais qualquer possibilidade de movimento.

À medida que a guerra avançava e que os alemães continuavam na URSS, as permanências de Marlene no sítio se prolongavam, e ela sempre levava sua pequena Hanna. Não sabemos bem o que ocorria entre Rudy e Marlene nesses encontros nem como terá se sentido humilhada a mãe de Natasha.

Embora morassem muito isolados, os ecos do horror chegavam até eles, às vezes como boato, às vezes como informação. Os judeus eram assassinados às

centenas por dia, chegavam ao gueto de toda parte e, quando não morriam nas mãos dos nazistas, morriam de fome e de doença — as epidemias estavam na ordem do dia naquelas condições de vida subumanas. Rudy achava indigno fingir que era um russo branco sob as ordens de uma velha oligarquia, apagar seu sotaque e seus costumes, mudar de aspecto, inventar outra personalidade para enganar os nazistas, mas, indigno ou não, teve que fazê-lo. E enganou. Em meio a tantas incertezas, para a pequena Natasha a única coisa sólida passou a ser sua relação com Hanna. Na solidão do sítio, marcada pelo frio, pelo medo e pela falta de comida, o laço entre as duas meninas era a única luz. Por mais que os adultos se esforçassem para esconder o que estava acontecendo, um corpo gelado por falta de carvão ou um estômago vazio não podiam ser mantidos em segredo. Na mesma cama, Hanna e a pequena Natasha se abraçavam e davam as costas para o horror.

Natasha tinha cinco anos quando a guerra terminou, mas diz ter lembranças e cenas nítidas na cabeça. Quando estrearam o filme *Doutor Jivago* ela passou dias e dias evocando a infância. Aquela casa no meio da neve, onde Jivago se esconde com Lara, lembram?, aquela casa lhe lembrava a do sítio. E o frio. Ainda bem que em Buenos Aires não nevava.

Quando a guerra acabou e Rudy entendeu que não veria Marlene nem Hanna por muito tempo, pegou as duas meninas pela mão, levou-as para a mesa da cozinha e sentou-as ao lado do fogão. Entregou uma corrente de ouro com uma pedra preciosa, uma alexandrita, a cada uma. Sob o sol do meio-dia as pedras emitiam uma luz verde-azulada. Depois colocou-as sob o lume do fogo e, para surpresa das meninas, sua cor foi se transformando num vermelho profundo. Então as pendurou no pescoço, primeiro de Hanna, depois de Natasha. A alexandrita tem propriedades curativas, disse ele, e vai ajudá-las a desenvolver a inteligência. Mas tenham a pedra sempre com vocês em memória desta guerra. Como vocês sabem, Natasha nunca se separou dela.

Marlene voltou com Hanna para Minsk. Natasha não a viu mais. Depois Rudy conseguiu atravessar as fronteiras e através da Alemanha Ocidental chegou à Argentina, como fizeram muitos dos seus compatriotas. Então começa a segunda encarnação, como diz Natasha.

No outro lado do mundo, Rudy continuou com o seu ofício de carpinteiro. Os primeiros anos foram duros, o dinheiro era escasso, mas, como sempre tinham sido relativamente pobres, isso não amainou a sua energia. Pelo menos não temos medo, dizia, tranquilo. Como era um verdadeiro artista, com o tempo melhorou de vida e abriu uma loja como manda o figurino, com carpinteiros sob as suas ordens e pedidos importantes. Nesse tempo a Argentina era um país

muito rico, cheio de expectativas e boas oportunidades. Natasha foi estudar num colégio público, como todo imigrante naquela época. A educação pública era boa, e por outro lado os educandários particulares eram poucos e muito elitistas. No colégio só havia mulheres, ainda não existia educação pública mista. No começo ela tinha dificuldade para entender as colegas que falavam aquele idioma tão estranho, mas não demorou a conhecer outras garotas na mesma situação que ela. A grande imigração que se seguiu à Segunda Guerra reuniu-a com garotas de muitos outros países e rapidamente Natasha fez amizade com russas, polonesas, alemãs, croatas e com as barulhentas espanholas e italianas. Em poucos meses todas elas já falavam espanhol. Natasha passou a ser a intérprete da família, os pais quase não conseguiam ir ao mercado sem ela e só se comunicavam por gestos. Sua mãe nunca chegou a falar bem o espanhol, trabalhava em casa, tinha pouco contato com argentinos, via pouca gente. Rudy, em compensação, com o passar dos anos acabou falando com um sotaque mínimo, talento que já o salvara no seu país natal. Apesar de terem enterrado o ídiche durante o tempo da guerra, na América voltou a ser este o idioma familiar e com ele se entendiam, em privado, os três membros da família.

Os pais de Natasha estavam imbuídos dos valores da época: a educação dos filhos era o grande estandarte e a ferramenta que os faria progredir na vida. Natasha devia ter uma boa educação, a qualquer preço. De modo que, quando terminou o fundamental, conseguiram matriculá-la num bom colégio de ensino médio, o Liceu de Senhoritas nº 1. Na época o clima político era tenso, marcado pelo controle cada vez mais férreo que Perón exercia sobre o país e a educação. Esse colégio mudou bastante a vida de Natasha: ficava na então aristocrática avenida Santa Fe e lá se entreteciam vidas diferentes, mais cultas, mais sofisticadas que a vida que ela conhecia. Conheceu garotas que vinham de famílias ricas, que viajavam para os Estados Unidos e traziam os primeiros chicletes Bazooka, por exemplo.

Natasha terminou o colégio com notas muito boas e, influenciada por algumas das suas colegas mais abastadas, decidiu entrar na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Isso deixou Rudy muito zangado, pois achava que era uma bobagem, uma inutilidade. Natasha prometeu estudar medicina mais tarde. Na realidade, o que estava mais próximo do seu interesse e do seu coração era a psicologia, não a psiquiatria, mas nessa época não existia uma faculdade na área. De fato, foi da Filosofia e Letras que saíram as primeiras psicólogas argentinas dos anos cinquenta e sessenta, quando a terapia ainda era reservada para os médicos psiquiatras. Mas ela não estava disposta, nesse momento, a passar vários anos fechada nas salas de aula da Medicina.

É muito argentina e muito judia essa fascinação pelo mundo *psi*, e isso não

tem a ver só com o fundador da psicanálise, mas também com uma paixão pela indagação, pelas origens, somada a uma capacidade de emigrar: é por isso que os argentinos e os judeus vivem o tempo todo partindo, são errantes, facilmente adaptáveis, e têm uma compulsão pela diáspora. Você os encontra nos lugares mais remotos do mundo.

Conservo nítida na cabeça a seguinte lembrança: as aulas na faculdade tinham acabado de começar, eu não conhecia ninguém, não sabia com quem conversar, e por isso aproveitava os tempos livres lendo num banco do jardim. Estava assim quando se aproximou uma moça com um jeito bem centro-europeu, era alta, magra, tinha o rosto lavado, os pômulos altos e uns olhos muito azuis. O cabelo, bastante claro, era preso com um rabo de cavalo. Estava usando uma saia azul-marinho, sapatos pretos baixos e um coletinho branco curto e fino.

Você lê Simone de Beauvoir em francês?, perguntou ela admirada, olhando de soslaio a capa do livro.

Sim, respondi, um pouco divertida.

E já leu *Os mandarins*?

Não, este é o primeiro livro dela que leio, disse apontando para a capa de *O segundo sexo*, e ainda não sei se estou gostando.

Bem, acho que este é melhor. Em *Os mandarins* ela deixa escapar uma certa mesquinharia.

(Será uma pedante?, perguntei por dentro. No entanto, achei interessante que ela falasse da faceta mesquinha de Simone de Beauvoir, que se atrevesse a questionar, e convidei-a para sentar ao meu lado no banco.)

Então me perguntou por que eu falava francês.

Porque falo todos os idiomas imagináveis, respondi rindo.

Por quê? De onde você é?

E de Simone de Beauvoir passamos à Ucrânia — minha terra de origem — e a Minsk e a língua não parou mais, tanto que chegamos atrasadas à aula seguinte. Aí começou tudo. Ela estava começando a estudar francês e, como todo argentino daquele tempo que se prezasse, pretendia falar e ler bem e me pediu que a ajudasse a praticar, necessitava conversar um pouco para se soltar. Convidei-a para ir à minha casa naquele fim de semana. Se alguém me dissesse enquanto eu segurava no colo *O segundo sexo* naquela manhã ensolarada na faculdade que cinquenta anos depois estaria contando esse episódio para as suas pacientes em Santiago do Chile, não acreditaria.

Quando Natasha ia fazer vinte e um anos, sua mãe morreu de câncer no pulmão. A agonia foi um horror e ela, filha única, viveu tudo aquilo como uma perda completa do relato da sua vida. O fato de sua mãe ter morrido a milhares e

milhares de quilômetros do lugar onde nasceu, com a Argentina ainda inevitavelmente alheia a ela, fixou na sua mente a ideia da transumância: seus gemidos eram em outra língua e cada dor que sentiu moldou na filha paisagens trágicas, deslumbrantes e longínquas, aumentadas pelo espelho do fim. Dedicando-se com paixão à doença da mãe, ela sentiu que algum dia deveria pagar alguma dívida, sem saber muito bem qual. Rudy lhe perguntava, entre uma injeção e outra, zangado, impotente: por que você não fez medicina em vez de ficar fuçando na natureza humana?, talvez pudesse ter salvado a sua mãe; o outro, a mente, nunca tem remédio.

No delírio final, a mãe achou que estava de volta a Minsk e ficou apaziguada. Natasha não teve os ritos adequados para chorá-la. Deus nos faz falta, disse ao pai no cemitério e ele não respondeu.

Quando terminou a faculdade, Natasha decidiu ir para a França e cumprir lá a promessa feita ao pai de estudar medicina. A França naquele tempo vibrava de ideias e novidades. O cinema, a literatura e a filosofia floresciam. Ela de fato estudou Medicina e se formou, mas o que mais a atraía era a leitura das diferentes escolas de psicanálise — à qual nunca aderiu como forma de terapia — e as discussões com os amigos em torno dessas ideias. Morou a maior parte do tempo numa *chambre de bonne* da rua Cardinal Lemoine no Quartier Latin e foi ali, diz Natasha, que começou seu gosto pela austeridade. Com tão poucos metros quadrados, não tinha nada e nem queria ter. O que lhe interessava não podia se apalpar.

No dia em que completou vinte e cinco anos, seus amigos mais íntimos lhe fizeram uma surpresa, levando-a ao lugar mais diferente da sua rotina na cidade: o Folies Bergère. Natasha nunca havia assistido a um espetáculo de nudistas. Na saída apareceu um jovem, com um elegante paletó preto e um cachecol branco, para cumprimentar um dos amigos de Natasha. Foi apresentado ao grupo, também era médico e os dois se conheciam da faculdade. Quando lhe contaram que estavam comemorando um aniversário, ele olhou a homenageada e apareceu um laivo de zombaria na sua expressão. O que faz uma estudante de medicina latino-americana num lugar assim?, perguntou, e ela respondeu na hora, rápida e agressiva: será que tenho a obrigação de estar no meu continente fazendo a revolução? Essa resposta provocou um certo interesse no rapaz. Natasha achou-o especial, parecia desconcertante que o seu rosto fosse escuro e os seus olhos profundamente azuis e ficou olhando para ele. Outros sugeriram uma última rodada antes de encerrar a noite e o convidaram para ir com eles. Sentados a uma mesa grande no La Coupole, Natasha diz que foi uma das poucas vezes em que ficou bêbada. É que sentia umas “coisas estranhas” — assim descreveu ela —

sentada ao lado daquele homem que não parava de lhe fazer perguntas capciosas e difíceis. Em certo momento, inquieta, perguntou o que queria com ela, por que não a deixava em paz. Ele respondeu com toda a franqueza: é que gostei de você. E Natasha sentiu que se abria um enorme vazio no seu estômago.

No dia seguinte ele a convidou para ir a um bar cheio de fumaça e vinho tinto ouvir um jovem cantor de origem grega chamado Georges Moustaki.

No subsequente, foram ao cinema ver *Hiroshima mon amour*. Ela não gostou. É muito lenta, não acontece nada, disse a Jacques-Henri, e ele não pôde acreditar que Natasha se atrevesse a questionar a *nouvelle vague*.

Jacques-Henri ria dela, e até então ninguém tinha feito isso. Achou irresistível que finalmente alguém não a levasse tão a sério. Uma semana depois, apesar de si mesma, declarou-se apaixonada. Não perderam muito tempo. Em dois meses ela deixava o quartinho do décimo andar na Cardinal Lemoine e instalava seus poucos pertences num belíssimo apartamento na Place des Vosges. Você é rico?, perguntou desconcertada quando viu onde ele morava, e como resposta ele disse que era um bom neurologista. Acabaram se casando vários anos depois, por questões domésticas, como ela diz: precisava obter a nacionalidade francesa. Na Argentina sempre é bom ter à mão uma dupla nacionalidade, por via das dúvidas, dizia.

Natasha nunca foi muito fanática pelo casamento. Tinham vidas bastante independentes, às vezes ela deixava o amante sozinho durante semanas e ia estudar na casa de uns amigos na praia. Jacques-Henri achava perfeitamente normal. Ele por sua vez viajava para uma casa de campo que seus pais tinham na Provença e tampouco se apressava a voltar. Ambos pensavam que essa era a única forma de convivência possível e civilizada.

Eles costumavam parecer indiferentes um ao outro, mas se amavam. Nunca se tocavam em público: era difícil imaginá-los na intimidade. Fazia parte das regras. Os dois se provocavam, brincavam muito, alimentavam mutuamente suas inteligências. Sou um burro sem a Natasha, era uma das frases que Jacques-Henri gostava de dizer. Os dois conversavam muito. Natasha ficava desesperada com a incógnita que era o cérebro dos seus pacientes. Incansáveis as suas discussões com Jacques-Henri sobre o tema, suas perguntas, suas inquietações. Fica a dúvida: se não fosse neurologista, teria se casado com ele?

Tampouco era fanática pela maternidade.

Quando engravidou — um acidente, como descreveu ela —, a última coisa que passava pela sua cabeça era ser mãe. Já estava formada, trabalhava num hospital público e começava a ter pacientes particulares. Sua profissão a devorava. Então Jacques-Henri interveio: consciente de que era o corpo da sua mulher e não o seu que estava desenvolvendo uma vida, pediu a ela com

humildade: vamos fazer um ato de doçura.

Teve um só filho, Jean-Christophe, que hoje é cirurgião em Paris — que falta de imaginação!, disse Natasha quando ele lhe avisou que ia estudar medicina — e sempre que pode vem a este continente para ver a mãe. É bonito, tem senso de humor e não quer se casar em hipótese alguma, já trouxe várias mulheres nas suas visitas e Natasha faz todo o show de dar sua aprovação, mas ele, aos quarenta, ainda não se decidiu a assumir compromissos sérios.

Voltemos atrás.

Um dia, em Paris, na volta da faculdade, ela encontrou uma carta de Rudy na sua caixa da correspondência no foyer do edifício da Cardinal Lemoine. Subiu contente os dez andares, saboreando de antemão as notícias do pai, e uma vez instalada, com uma boa xícara de café, abriu a carta sobre a única mesinha que tinha. Hanna. Rudy lhe falava de Hanna e lembrava-lhe aqueles anos da infância, durante a guerra, quando conviveram com ela no sítio de Marlene. E lhe contou que Hanna era sua irmã. Para Natasha não foi só uma surpresa, foi uma comoção. Lembrava-se dela sem equívocos. Teve muita vontade de falar com o pai, estava desesperada por mais informação. Como um telefonema para Buenos Aires custava o equivalente à alimentação de uma semana, teve que se resignar com o correio aéreo. Quando Rudy respondeu, Natasha não cabia em si de emoção e de vontade de sair imediatamente em busca da sua irmã. No entanto, não era tão fácil. Rudy só sabia que o marido de Marlene havia deixado a Bielorrússia e se instalado em Moscou. E Natasha, calculando que Hanna já devia ter mais de trinta anos, temia o espírito errante que sua irmã poderia ter herdado também.

Era o começo dos anos sessenta, apogeu da Guerra Fria: tentar localizar alguém na União Soviética não era uma tarefa fácil. Começou a *Recherche*, como eu a batizei. A partir de então Natasha tinha uma obsessão: encontrar a irmã. Hanna se transformara num tornado, porque era uma força circular, fechada, potente e impenetrável, impossível de deter, só equivalente a esse fenômeno da natureza. A forma como uma obsessão escolhe o seu objeto de desejo e despreza os outros é um verdadeiro mistério. Cheguei a me perguntar como se vive sem uma ideia fixa: é ela que distingue e torna significativa uma existência que senão poderia ser perfeitamente comum. A minha, por exemplo. Ou, sem ir mais longe, a de quase toda a humanidade.

E assim começou a busca. A *Recherche*.

A primeira coisa em que Natasha pensou, acertadamente, foi recorrer aos seus amigos comunistas da faculdade. Eles eram os *donos* da União Soviética em

Paris, os mais prováveis interlocutores e mensageiros. Só dispunham do nome do pai legal de Hanna, o empresário têxtil com quem Marlene se casou. Levou quase um ano a notícia de que ele já estava morto: tinha caído em desgraça ante o regime pouco depois da guerra, Stalin o mandara matar. Com isso se eliminava uma pista importante, ou melhor, a única a que Natasha podia recorrer. Nessa época eu estava passando uma temporada com eles em Paris. Lembro-me bem de Jacques-Henri e ela na mesa da cozinha do apartamento da Place des Vosges, cada um com uma taça de vinho tinto na mão e um forte cheiro de tabaco escuro no ar — Jacques-Henri fumava sem parar —, examinando o caso sob todos os ângulos possíveis. Não parecia estranho o fim do marido de Marlene, ele era um típico representante da Rússia Branca que havia tentado se assimilar ao sistema para sobreviver, mas foi degradado ou expulso por ele. O problema todo, se tinha caído em desgraça, era saber em que lugar sua família podia se esconder ou passar despercebida para não correr o mesmo perigo. Então Natasha decidiu ir à União Soviética e a única forma era sendo convidada com uma delegação de médicos franceses. Seus amigos comunistas conseguiram que o convite saísse, mas demorou quase outro ano. Nada era fácil e o tempo adquiria um outro sentido nessa busca. Acho que ela entendeu assim as coisas, porque não desperdiçou ansiedade nem adrenalina gratuitamente. A ideia fixa tinha um *timing* determinado e ela se adequaria a isso.

A viagem de Natasha foi um perfeito fracasso. Suas indagações foram muito mal recebidas pelas pessoas que a tinham convidado e tampouco conseguiu viajar a Minsk, que era uma alternativa possível, e seguir o fio da meada das suas origens. Um regime controlador como aquele era o pior aliado de Natasha. Seus amigos comunistas prometeram continuar a investigação, e ela telefonava de vez em quando para lembrar a promessa, mas interiormente sabia que não iam chegar longe.

Apesar de Hanna, a vida continuava. Com Hanna no centro da sua obsessão, mas continuava. No começo dos anos setenta, quando Jean-Christophe ainda era criança, Natasha decidiu que o casamento com Jacques-Henri tinha terminado. Acabou a paixão, foi seu veredicto. E sem paixão eles podiam ser grandes amigos, mas não um casal. Jacques-Henri, com o toque de cinismo que o caracterizava, lutou: tentou convencê-la de que a paixão não tinha importância, que sempre acabava algum dia, que continuassem juntos. Sexo? Que diabos importa o sexo? Mas Natasha já estava cansada da Europa. Pegou o filho e voltou para Buenos Aires.

Rudy estava velho e Natasha queria aproveitar e passar com ele o último bom tempo da sua vida. Compartilharam a casa. Ela combinou o consultório

particular com uma clínica num hospital público, da mesma forma que faz hoje no Chile, e se dedicou a criar o filho, a cuidar do pai e a exercer sua profissão com paixão e tenacidade. Esse tempo lhe volta com uma doce nostalgia e seu olhar se suaviza ao lembrar, como se nesses olhos azuis — tão grandes — navegasse a placidez entremesclada com o afeto e o rigor. Como ela.

Todas nós temos algum momento-chave na vida que se poderia denominar "ponto de virada". Um determinado fato desencadeia outro e depois outro e mais outro, e de repente o cotidiano resolve dar uma reviravolta que no final não lembremos bem como foi nem o que provocou. Nesse caso foi a morte de Rudy. Ou a ditadura militar. O fato é que a vida de Natasha deu uma virada enorme e foi então que o Chile apareceu no horizonte. Um importante psiquiatra argentino, amigo de Natasha dos tempos da faculdade em Paris, havia conseguido recursos europeus para pesquisar o mal-estar feminino nas classes populares dos países subdesenvolvidos e decidiu se instalar no Chile porque a situação política e social do país no princípio dos anos setenta lhe parecia de longe a mais interessante no continente. Ele estava aqui quando houve o golpe de Estado. Sua pesquisa não pareceu *política* aos militares de Pinochet, de maneira que continuou trabalhando em paz. Quando as coisas ficaram muito feias na Argentina, ofereceu a Natasha que cruzasse a cordilheira e viesse trabalhar com ele. Mas como, aí também é uma ditadura, objetou Natasha. Sim, respondeu o colega, *mas é alheia*. E explicou que se ela chegasse com sua nacionalidade francesa para trabalhar nesse programa, apoiado pela então Comunidade Econômica Europeia, seria difícil que a incomodassem. Convenceu-a de que não ia viver com o coração na mão como seus amigos em Buenos Aires.

A Argentina de Videla havia ficado impossível para Natasha e essa oferta lhe chegou quando já considerava seriamente, ainda que a contragosto, a ideia de voltar para Paris. Claro, Paris estava cheia de argentinos. De chilenos também. A Europa toda estava. Mas a proposta do amigo fez Natasha apostar no outro lado da cordilheira. Afinal, minha militância real são as mulheres, respondeu a ele. Tinha combinado com Jacques-Henri que Jean-Christophe faria o ensino médio em Paris. Vá em frente, ela incentivou o rapaz, você não precisa mais de mim, quanto menos mãe tiver, mais saudável será. Foi então que ela me disse: vamos? Eu estava tão furiosa e magoada com a Argentina de Videla quanto ela, mas trocar pelo Chile de Pinochet me parecia, no mínimo, uma loucura. Nessa época eu trabalhava com Natasha, auxiliava em suas pesquisas e cuidava do consultório. Eu havia adquirido uma estranha serenidade, um *não desejo*, como o personagem de Baricco em *Novecento*: poderia navegar eternamente sem desembarcar, ele tinha a sua música, eu os meus livros; os dois, nenhuma ambição. Meu casamento, como tantos da nossa geração — a primeira que se

separou maciçamente —, já tinha terminado. (“O casamento é uma instituição criminosa”, escreveu Piglia, “com os laços matrimoniais algum dos cônjuges sempre termina enforcado”.) No meu caso, tínhamos decidido nos separar antes do enforcamento.

Sem filhos e com meus irmãos espalhados pelo mundo, concluí que o mais próximo que eu tinha de uma família era Natasha e que, se ela partisse, eu ficaria bastante órfã na Argentina. Uma vida ao seu lado parecia muito melhor que uma vida sem ela. Mas não fechei meu apartamento nem tomei nenhuma decisão definitiva. Vim ao Chile para ver se resistia. Acho que a casa na praia de Isla Negra que o amigo psiquiatra de Natasha alugava foi um fator importante na minha decisão de ficar. Estou falando da Isla Negra de então, antes de se transformar num fetiche de Neruda com turistas e ônibus e estampinhas. Era um lugar solitário, visitado por um tipo de gente muito específico, gente que dava gosto encontrar no boteco onde comíamos peixe frito. Costumávamos passar os fins de semana lá e, como chegamos no inverno, meu encontro com o mar chileno foi poderoso. Aquele mar na Isla Negra, sua escuridão, sua força, sua inacessibilidade, me transpassou o coração com uma força inesperada. Fora os bosques de pinheiros e as rochas imensas. Não levou muito tempo para eu dizer a Natasha que a água marrom do rio da Prata não me fazia nenhuma falta.

No ano seguinte voltei para Buenos Aires, vendi meu apartamento em Belgrano e comprei outro em Providencia. Natasha por seu lado comprou um pequeno terreno à margem do rio Aconcagua. Reformou a casa antiga que existia lá e pudemos continuar desfrutando os bosques de pinheiros, acrescentando as magnólias, os abacateiros, os mamoeiros, os pés de nêspera, fruta-do-conde e sapoti e os resedás brancos e rosa. E os cachorros. Natasha tem dois bóxers, Sam e Frodo, ambos castanhos, enormes — o tamanho tem a ver com o fato de se alimentarem basicamente de abacate —, e parecem assustadores para um eventual intruso. É sugestiva a contradição viva entre a ferocidade que aparentam e como são dóceis na verdade. Vou passear e brinco com eles o suficiente para não ceder à tentação de ter um no meu apartamento. Assim, nós duas nos transformamos em santiaguinas, reclamando o tempo todo, é a poluição, é o trânsito, é o transporte, é a falta de estímulos, mas no fundo estamos felizes. Basta um dia limpo depois de uma chuva em que se veja a majestosa e incrível cordilheira, logo ali, ao ladinho, bem à mão, para esquecermos todo o ódio à cidade e nos apaixonarmos de novo.

Mas falta Hanna. Voltemos à obsessão de Natasha.

Durante nossos anos no Chile, ela continuou fazendo o impossível para descobrir algo sobre a irmã e, mesmo com um fracasso atrás do outro,

prosseguia com os seus esforços. Meu medo era que a reconstrução permanente da sua fantasia acabasse dissolvendo-a. Que a ideia de Hanna — porque Hanna não era mais do que isso, uma ideia — ficasse frágil, intangível, e que a natureza, que não perdoa, simplesmente a apagasse. Algumas vezes, quando estávamos no campo, Natasha me perguntava se eu pensava que ela havia morrido. Eu não pensava nada. Mas, claro, evidentemente Hanna podia ter morrido. Às vezes eu lembrava a Natasha que sua irmã já tinha passado dos trinta anos quando ela começou a famosa *Recherche*, que não era muito provável que continuasse presa ao destino do pai, poderia muito bem ter se casado, adotado o nome do marido e ser uma boa comunista, sã e salva. Pode morar na Mongólia, eu sugeria, na Armênia ou no Báltico, a URSS é tão enorme e impossível.

Um dia o Muro de Berlim caiu.

E um ano depois a URSS se desmanchou, espatifando o sistema, pulverizando-se.

No seu consultório, Natasha acompanhava minuciosamente os acontecimentos. Até que foi possível e razoável embarcar num avião e ir para lá. Que força e energia ela revelou. Num momento de fraqueza achei que tinha o dever de acompanhá-la, mas depois entendi que aquela tarefa cabia somente a ela. A ela e a mais ninguém. E para que tudo desse certo, rezei ao Deus em que não acredito.

Já em Moscou, ela foi se hospedar num hotel relativamente barato, disposta a ficar ali o tempo que fosse necessário. Percorreu casa por casa dos nomes ligados a Marlene e ao marido, supondo, claro, que ela já estava morta. Só um deles era um parente longínquo, mas com distância suficiente para insistir que aquele ramo da família era de Minsk, não de Moscou, que tinham perdido o rastro dela, mas sabiam que ele havia sido executado nos tempos de Stalin. Então Natasha decidiu, como da primeira vez, ir a Minsk. Antes de partir, bateu nas portas de várias embaixadas, a francesa, a argentina, a chilena, chegou até a conversar com os alemães, não eram eles, afinal de contas, os culpados?

Em Minsk viveu momentos de muita emoção conhecendo a cidade e os bairros que haviam pertencido aos seus pais. Encontrou parentes que lhe deram boas-vindas e a homenagearam, mas que não puderam ajudar. Só informaram o que ela já sabia: que a família do empresário têxtil tinha deixado a região depois da guerra e não regressou. Descobriu onde ficava a casa em que tinha vivido tantos momentos com Hanna e voltou lá, mas a encontrou totalmente mudada, sem uma pedra ou madeira que recordasse a antiga casa. Só algumas árvores antigas, umas fruteiras lhe provocaram um eco na memória.

Até que um dia, estando em Minsk, um funcionário da embaixada da França,

conhecido de Jean-Christophe, telefonou e lhe deu, por fim, uma notícia.

Hanna não era uma ideia abstrata. Tinha casado havia muitos anos com um funcionário do Partido, um russo, engenheiro industrial, que foi enviado ao Vietnã no final da guerra. Após a unificação, sua tarefa era dar cooperação técnica aos vencedores. Natasha sentiu-se muito bem-sucedida, já tinha um nome, o do marido de Hanna, se bem que a notícia incluía a morte deste em Hanói alguns anos antes. Não se sabia se a esposa tinha voltado para a então URSS, não havia registro disso.

Vietnã.

De Moscou foi para Paris. Jean-Christophe achou-a exausta, mas em hipótese alguma desanimada. Sua reação foi: outro país socialista, *mon Dieu*, que pesadelo. Combinaram que Natasha voltaria para o Chile (o trabalho se ressentia enormemente, "há limites para tanta ausência", eu lhe mandara dizer). Em Paris visitaram a embaixada do Vietnã e começou a nova busca. Como era de se esperar, o nome do marido de Hanna constava nos registros, mas não o dela. Jean-Christophe se comprometeu a continuar pesquisando. Os franceses ainda se sentem um pouco *chez eux* na antiga Indochina, disse ele, e você não está mais em idade de ficar andando de povoado em povoado, de casa em casa. Assim que ele tivesse umas férias ou algum tempo livre, ele partiria para o Oriente. Com essa promessa Natasha voltou ao Chile.

Jean-Christophe fez inúmeras viagens ao Vietnã, acabou virando um verdadeiro especialista nesse país que chegou a amar profundamente. Claro que ao pisar em Hanói sua primeira iniciativa foi visitar a embaixada russa. Não era mais embaixada da União Soviética: com essa desculpa disfarçaram o caos e a profunda apatia que viu, uns burocratas displicentes e um pouco moles que não estavam ligando a mínima para uma viúva perdida, fosse ou não fosse russa. Além do mais, disse um dos funcionários com certo senso do humor, os vietnamitas não eram os búlgaros, sempre foram mais autônomos, nós não tínhamos controle sobre eles.

Quando Jean-Christophe soube que a expectativa de vida das mulheres no Vietnã era de setenta e dois anos, decidiu se apressar. O tempo urgia.

Numa das suas viagens conheceu uma militante e dirigente do Partido, uma mulher cheia de garra que havia conhecido Hanna e o marido nos tempos da cooperação. Chegaram a ser amigos e ela sabia que Hanna tinha um dom: um interesse profundo por crianças e uma capacidade extraordinária de se comunicar com elas. Soube que na URSS ela havia estudado para ser professora, mas não pôde exercer o magistério quando morava em Hanói. Após a morte do marido, desapareceu. Ninguém a viu mais. Num país socialista as pessoas não desaparecem assim, contestou Jean-Christophe, há controles, tem que existir

algum registro dela. Se depois de ficar viúva ela voltou a se casar com um vietnamita, responderam, não teríamos como saber, porque figuraria com outro nome e nacionalidade. Se fosse um *irmão* seu e não uma *irmã*, mamãe, já o teríamos encontrado, queixava-se Jean-Christophe, porque não perderia o nome como as mulheres perdem. Se ela deixou o país com um estrangeiro, sugeriram, não há pista possível. O senhor não vai imaginar, disseram a Jean-Christophe com certa ironia, que nós conservamos cada ficha de cada pessoa que saiu do país durante os últimos vinte anos. E os registros de casamento? Olharam para ele como se fosse um menino que pede o impossível sem saber: nossos funcionários estão ocupadíssimos, o senhor acha que temos pessoal suficiente para mandar alguém procurar registros de casamento? Pelo menos a amiga vietnamita deu a Jean-Christophe uma coisa muito valiosa: uma fotografia (que hoje está numa bonita moldura no quarto de Natasha, ao lado de uma de Lou Andréas-Salomé). Nela, Hanna parece ter cerca de cinquenta anos e um rosto claro e limpo, como o de Natasha quando a conheci. A foto é em branco e preto, mas se nota o azul dos seus olhos. Ela está ao lado do marido, em alguma recepção oficial, com um conjunto escuro e malcortado, embora a fotografia só mostre a jaqueta. Está com o cabelo penteado para trás num coque antiquado. Mesmo assim, é uma mulher linda.

Como Jean-Christophe precisava voltar para o trabalho na França, contratou um detetive para começar a busca com a foto nas mãos. Encontrar uma pessoa perdida há anos entre mais de oitenta milhões de habitantes não é tarefa fácil. Hanói foi vasculhada de ponta a ponta, cada escola, cada jardim de infância, cada hospital. Nada. A antiga Saigon também, o que levou um tempo considerável. O centro do país foi o objetivo seguinte, e Natasha se prontificou a cobri-lo. A ideia do detetive não a entusiasmava, desde o começo foi cética em relação aos resultados, como se no fundo, sem dizê-lo, achasse que só o afeto teria força suficiente para encontrar a irmã, nunca uma investigação. Tirou férias e se encontrou com Jean-Christophe em Da Nang. Depois de várias buscas infrutíferas seguiram para Hué. Já um pouco frustrados, os dois se instalaram na costa do mar da China Meridional, em Hoi An. Pelo menos, o lugar tinha encanto e beleza suficientes para distraí-los um pouco das agruras. Foi lá, numa escola, que o diretor, pegando nas mãos a fotografia e observando-a com atenção, informou: nos subúrbios de Hoi An, no meio de uns campos de arroz, há uma escola muito pequena onde umas mulheres brancas ensinam.

Não foi fácil encontrar o enclave, a escola de fato era insignificante, quase perdida no campo, no meio de um casario miserável, rodeada de arrozais e umas vacas cinzentas, magras e ossudas. Só com muita tenacidade conseguiram dar com ela. Era uma construção baixa dividida em três aposentos, com um grande

pátio coberto com piso de terra. Num canto um grupo de crianças pequenas brincava em volta de uma mulher, fazendo uma roda. Outro grupo estava sentado no chão em torno de outra professora, praticando um exercício com umas pedras pequenas e bicudas. Uma terceira, junto com três crianças, ocupava uma mesa baixa no meio do pátio em cuja superfície se viam dois livros abertos. Todas tinham uns enormes chapéus de palha na cabeça, os típicos chapéus cônicos vietnamitas, o que as tornava praticamente invisíveis. Natasha se adiantou e andou até o pátio. Pedindo desculpas, interrompeu a mulher da mesa que, ao levantar a cabeça para olhá-la, mostrou sua tez branca. Seus olhos e o que aparecia de cabelo sob o chapéu eram escuros, mas se tratava de uma mulher branca. Sorriu para ela.

Hanna, disse Natasha, com um fio de voz, estou procurando Hanna.

A mulher voltou a sorrir e num francês rudimentar respondeu: não, não tem nenhuma Hanna aqui.

Natasha apontou para as outras duas mulheres que, mais à frente, rodeadas de meninos, se concentravam em suas tarefas, indiferentes àquela ocidental que falava com a sua companheira.

Phuong e Linh, disse a mulher da mesa, enfatizando as palavras com a cabeça. Levantou-se girando o corpo e pegou de leve no braço da interlocutora para guiar seus passos em direção à saída.

Natasha não se deu por vencida. Mesmo passando por mal-educada, escapou do contato e caminhou sob o teto do pátio escolar rumo aos outros dois grupos que estavam trabalhando ali, com Phuong e com Linh. Jean-Christophe, que me relatou tudo mais tarde, observava a cena debaixo de um sol abrasador, do lado de fora, como se não achasse adequado intervir.

Natasha se aproximou da segunda mulher, a que brincava de roda com as crianças, e olhou-a direto no rosto. Tinha muita idade, cabelo branco e olhos claros. Assim como a terceira, a que observava o exercício das pedras sentada no chão. Mas a pele de ambas era escura, tingida pelo ar e pelo sol, ao contrário das vietnamitas, que se cuidam para deixá-la clara. Nenhuma das duas parecia uma mulher russa de Minsk. Muda, Natasha foi de uma para a outra, observando-as. Então viu o reflexo verde-azulado. A mulher sentada no chão estava usando uma túnica de gola alta e os dois primeiros botões estavam desabotoados. Uma luz se insinuou, a luz de uma pedra preciosa. Natasha se agachou e tocou na pedra. Então abriu a blusa e tocou na sua própria alexandrita. A mulher sentada no chão olhava para ela com muita curiosidade. Natasha disse o seu nome real e ela, assombradíssima, confirmou com a cabeça.

Sim, Hanna.

A *Recherche* tinha sido concluída.

Marlene nunca contou a Hanna sobre o seu verdadeiro pai, e por isso a existência dessa irmã foi uma novidade completa. Ela não tinha se esquecido dos dias passados no sítio durante a guerra e se lembrava com muita ternura daquela menina chamada Natasha com quem compartilhou momentos tão terríveis e cruciais. Também não tinha se esquecido de Rudy, de quando ele deu às duas a corrente com a alexandrita que, a pedido da sua mãe, sempre usara no pescoço. Era uma coisa tão familiar que nem a via mais, nunca pensou que terminaria sendo o sinal de reconhecimento mais irrefutável.

Ela era uma anciã frágil e muito magra que morava numa cabana perto do mar e ensinava idiomas às crianças. Seu nome era outro, de fato tinha se casado com um vietnamita com quem viveu por muitos anos, um pescador, e usava o sobrenome dele. E não havia trocado o nome de batismo porque quisesse se esconder e sim porque Linh era mais fácil para os aldeãos.

Não vou contar aqui a história de Hanna. Só digo, para que vocês entendam os próximos passos de Natasha, que Hanna tem hoje setenta e cinco anos, que sua existência foi dura e que o seu corpo se ressentiu disso. Estragada, foi a palavra que Natasha usou para descrevê-la. Uma judia errante, como todas nós. Senão, como se explica que não tenha voltado para a Rússia quando ficou viúva? Ela não acredita nas raízes?, perguntava-se Natasha, e eu tive que responder: não, tanto quanto você.

Natasha quis trazê-la para o Chile, mas a recusa de Hanna foi terminante: não ia sair do Vietnã por nada no mundo, sua terra era aquela, nenhuma outra.

Agora Hanna está agonizando. A pobreza e a frugalidade, as condições de vida dos seus últimos vinte anos a consumiram. Está velha e cansada, pronta para partir, se é que alguma vez a gente está pronto para isso. E a irmã vai acompanhá-la e fechar seus olhos.

Eu não tenho uma Hanna. Mas tenho os meus livros. Eles possuem uma qualidade maravilhosa: acolhem bem qualquer pessoa que os abrir. Vários dos meus autores foram envelhecendo comigo e para mim são mais reais que as pessoas de carne e osso que posso apalpar. Muitas vezes Natasha chegava ao meu cubículo, cansada, depois de um longo dia de trabalho, e me dizia:

— Conte-me da vida lá fora.

— Se *lá fora* quer dizer os personagens dos meus romances...

— Sim, eles..., conte o que eles fazem, o que dizem, o que pensam.

É que a literatura, como a psicanálise, luta com a complexa relação entre saber e não saber.

Edward Said, esse escritor palestino tão admirável, falou do *late style*, o estilo

tardio. É aplicável aos artistas em geral: trata-se da etapa final, quando o criador se solta e começa a fazer o que bem entende, sem nenhuma consideração nem coerência com sua obra anterior. Dessa ruptura às vezes nascem obras muito valiosas.

Acho que Natasha entrou no seu *late style* como psiquiatra e vai viver isso como quiser (uma boa prova é que me permitiu contar sua história a vocês). Está indo para o Vietnã e só voltará depois de enterrar os ossos de Hanna. O hospital, suas pesquisas, seu consultório, seus pacientes, tudo se relativiza a partir de agora. A ideia fixa por fim encontrou sua ondulação. Ela fará o que tem que fazer. E fará com a solenidade que corresponde.

Quando Gabriela Mistral foi para o México, o escritor Pedro Prado escreveu aos seus amigos mexicanos: não façam barulho em volta dela; porque está em batalha de silêncio.

Eu me atreveria a dizer o mesmo a vocês.

Epílogo

De costas eretas, cabeça erguida, Natasha abre a cortina da janela e pousa o olhar no grupo de mulheres que entram uma por uma na caminhonete que veio buscá-las. Está entardecendo e o parque, lânguido, mas também majestoso, ficou vazio, os trabalhadores foram descansar e as enormes árvores emolduram as nove figuras contra a cordilheira. Em mais um instante não estarão mais ali.

Tinha se despedido de cada uma delas. Abraçou-as e soltou-as com um murmúrio.

Lembra quando, na sua infância em Buenos Aires, a cadela de Rudy pariu. Passava horas ajoelhada no chão observando os cachorrinhos e o que mais chamava a sua atenção era como precisavam uns dos outros para sobreviver. O que procuravam era calor: eles se amontoavam, apinhando os corpos, aconchegando-se uns nos outros. Um dia levou um por um para a sala onde a lareira estava acesa e colocou todos eles em volta do fogo. Não se entusiasme com esta imagem, Natasha, disse Rudy quando a encontrou deitada no chão abraçada com os cachorros, o valor dos seres humanos é a sua capacidade de separação, de ser independentes, pertencer a si mesmos e não à manada.

Natasha deixa a cortina cair. Já foram embora. Agora as imagina caminhando longe dela, com o passo mais leve, debaixo das estrelas: não as já conhecidas, mas as que estão nascendo, produto da morte das outras.

Afinal, pensa, saindo da janela, afinal todas nós, de um modo ou de outro, temos a mesma história para contar.

Boco, março de 2011

Agradecimentos

A Ana María Gómez, Sol Serrano, Isabel Santa María, Elena Serrano, Antonia Forch, Margarita Maira e Lidia Schavelzon.

Table of Contents

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
As doidas, lá vêm as doidas
Francisca
Mané
Juana
Simona
Layla
Luisa
Guadalupe
Andrea
Ana Rosa
Natasha
Epílogo
Agradecimentos